



8 FPMU

FÓRUM PERMANENTE
DE MUSEUS
UNIVERSITÁRIOS

Coleções, museus
universitários e sociedade:
elos entre ciência, cultura
e comunidade

FORTALEZA/CE

**Tecendo Memórias, Construindo Futuros:
Fórum Permanente de Museus Universitários**



8º FÓRUM PERMANENTE DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS

Tecendo Memórias, Construindo Futuros:

8º Fórum Permanente de Museus Universitários

(E-book) - Copyright © 2026 by Graciele Karine Siqueira, Jéssica Tarine Moitinho Lima,
Saulo Moreno Rocha (organizadores)

Todos os direitos reservados

Museu de Arte da UFC (Mauc/UFC)

Av. da Universidade, 2854 – Benfica – Fortaleza – Ceará

Organização

Graciele Karine Siqueira

Jéssica Tarine Moitinho de Lima

Saulo Moreno Rocha

Identidade Visual e Comunicação Visual

Rodrigo Luiz dos Santos

Norton Falcão

Editoração e Diagramação

Rodrigo Luiz dos Santos

Textos

Adriana Mortara Almeida	Ludmila Ribeiro
Aline Escandil de Souza	Maria Célia Teixeira Moura Santos
Ana Carolina Gelmini de Faria	Maria Cristina Oliveira Bruno
Ana Luiza Souza Carvalho	Marianna de Souza Soares
Andrea Oxley da Rocha	Maurício Candido da Silva
Athelson Stefanon Bittencourt	Noris Mara Leal
Barbara de Lima Lucas	Paola Haber Maués
Bruno Melo de Araújo	Pedro Augusto Resende Amorim
Damiane Daniel Silva Oliveira dos Santos	Rafaela Lima
Dilamar Candida Martins	Regina Márcia Moura Tavares
Elis Marina Mota	Ricardo Alfredo de Carvalho Rosa
Emanuela Sousa Ribeiro	Rita de Cássia de Mattos
Fábio Guimarães Rolim	Rodrigo Luiz dos Santos
Giulia Vilela Giovani	Rosélia Adriana Rocha
Graciele Karine Siqueira	Saulo Moreno Rocha
Jéssica Tarine Moitinho de Lima	Simone Mitsumori
Leonardo Neves Batista	Tatiana Alves de Almeida
Luciana Menezes de Carvalho	Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes

Fotografias

Flávio Almeida

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Larisse Macêdo de Almeida CRB-3/1276

As opiniões e conteúdos apresentados nos textos deste Caderno de Memórias são de responsabilidade exclusiva de suas autoras e seus autores.



Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Larisse Macêdo de Almeida CRB-3/1276

F745t Fórum Permanente de Museus Universitários (8. : 2025 : Fortaleza, CE)
Tecendo Memórias, Construindo Futuros: 8º Fórum Permanente de
Museus Universitários / Graciele Karine Siqueira, Jéssica Tarine
Moitinho Lima, Saulo Moreno Rocha, orgs. – Fortaleza, CE : Mauc
Edições, 2026.

252 p. : il., color.

Vários autores.

Inclui referências.

ISBN: 978-65-85071-11-6

1. Museus. 2. Museologia. 3. Memória. I. Siqueira, Graciele Karine,
org. II. Lima, Jéssica Tarine Moitinho, org. III. Moreno Rocha, Saulo,
org. IV. Título.

CDD 069



Presidente da República

Luís Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação

Camilo Sobreira de Santana

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

Reitor

Prof. Custódio Luís Silva de Almeida

Vice-Reitora

Prof^a. Diana Cristina Silva de Azevedo

PRÓ-REITORIA DE CULTURA

Pró-Reitor

Prof. Sandro Thomaz Gouveia

Pró-Reitora Adjunta

Prof^a. Glícia Maria Pontes Bezerra

MUSEU DE ARTE DA UFC - MAUC

Diretora

Graciele Karine Siqueira



**8º FÓRUM PERMANENTE DE MUSEUS
UNIVERSITÁRIOS - 8FPMU**

COMISSÃO ORGANIZADORA NACIONAL

Coordenação Geral

Graciele Karine Siqueira (UFC)

Saulo Moreno Rocha (UFC)

Região Centro-Oeste

Renato Fonseca de Arruda (UNEMAT)

Região Nordeste

Allyson Pontes Pinheiro (URCA)

Cristiane Xerez Barroso (UFC)

Márcia Pereira de Oliveira (UFC)

Rebeca Gadelha (IFCE)

Roberto Moreira Chaves (UFC)

Tatiana Alves de Almeida (UFBA)

Vinicius Melquíades dos Santos (UFPI/
Universidade Lusófona)

Região Norte

Jéssica Tarine Moitinho de Lima (UFPA)

Gerson Rodrigues de Albuquerque (UFAC)

Região Sudeste

Maurício Candido da Silva (USP/RBCMU)

Rodrigo Luiz dos Santos (PUC-Campinas)

Região Sul

Ana Luisa de Mello Nascimento (UFPR)

Eliane Muratore (UFRGS)

Tamara Fernanda Carneiro Evangelista (UFPR)

Bolsistas

Ana Júlia de Souza Neves Ladislau

Américo Silvestre Costa Filho

Carlos Eduardo Barbosa de Sousa

Francisco Clenival da Silva Filho

Guilherme da Silva Linhares

Iury Nobre de Sousa

Joana de Medeiros Isidio

Joyce Oliveira da Silva

Júlia Assunção Amado de Oliveira

Larissa Medeiros Rodrigues

Lilian de Sousa Leitão

Nathan de Brito Leitão

Sophia Ferreira Gomes de Oliveira e Silva

Thaiana Barros dos Santos





Comissão Organizadora Nacional: Tatiana Almeida, Maurício Candido, Ana Luisa Nascimento, Eliane Muratore, Tamara Evangelista, Cristiane Xerez, Ana Júlia Ladislau, Graciele Siqueira, Jessica Tarine, Rodrigo Luiz dos Santos, Renato Fonseca, Saulo Moreno Rocha
Fotógrafo: Flávio Almeida



Comissão Organizadora Nacional e Bolsistas do 8ºFPMU
Fotógrafo: Flávio Almeida

COMISSÃO CIENTÍFICA

Coordenação

Jéssica Tarine Moitinho de Lima (UFPA)

Região Centro-Oeste

Andrea Fernandes Considera (UnB)
Carlos Augusto Ribeiro Jotta (UFG)
Cláudia Landin Negreiros (UNEMAT)
Renato Fonseca de Arruda (UNEMAT)
Rossana Klippel de Souza José (UFG)
Ryanddre Sampaio de Souza (UFMT)

Região Sudeste

Adriana Mortara Almeida (UFMG)
Aline Cristina Gomes Ramos (UFES)
Aline Rocha de Souza Ferreira de Castro (UFRJ)
Giulia Villela Giovani (UFMG)
Luciana Menezes de Carvalho (Unirio)
Maurício Candido da Silva (USP)

Região Nordeste

Allyson Pontes Pinheiro (URCA)
Amanda Aline Pinheiro (UFC)
Ana Cláudia de Araújo Santos (UFPE)
Elane Santos Gonçalves (UFBA)
Henrique de Vasconcelos Cruz Ribeiro (FUNDAJ)
Isabela Marques Leite de Souza (UFBA)
Joana Angélica Flores Silva (UFRB)
Saulo Moreno Rocha (UFC)
Simone Almeida Gavilan (UFRN)
Tatiana Alves de Almeida (UFBA)
Vinícius Melquíades dos Santos (UFPI)

Região Sul

Aline Escandil de Souza (UFRGS/COREM 3R)
Aline Portella Fernandes (UFRGS)
Ana Luisa de Mello Nascimento (UFPR)
Bruna Marina Portela (UFPR)
Diego Lemos Ribeiro (UFPEL)
Eliane Muratore (UFRGS)
Elias Palminor Machado (UFRGS)
Idemar Ghizzo (FEBAVE)
Keila Cristina A. Villamayor Gonzalez (UDESC)
Tamara Fernanda Carneiro Evangelista (MAE-UFPR)

Região Norte

Guilhermina de Melo Terra (UFAM)
Paola Haber Maués (UFPA)
Jones da Silva Gomes (UFPA)
Lilian Débora Lima de Oliveira (UFAM)
Wanessa Pires Lott (UFPA)
Doriene Monteiro Trindade (UFPA)

Internacional

Luis Pablo Orozco Varela (Universidad Nacional Costa Rica - UNA)
José da Graça (Museu da Universidade de Cabo Verde)



COMISSÃO ORGANIZADORA - REUNIÕES TEMÁTICAS

Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários (RBCMU)

Bruna Marina Portela (MAE-UFPR)

Elane Santos Gonçalves (EBA-UFBA)

Giulia Vilela de Giovani (UFMG)

Marianna de Souza Soares (DDC-DEX-UnB)

Mauricio Candido da Silva (MAV-FMVZ-USP/RBCMU)

COMISSÃO ORGANIZADORA - I SEMINÁRIO DE FISCALIZAÇÃO MUSEAL

Instituto Brasileiro de Museus (Ibram)

Ana Carolina Gelmini de Faria

Fabio Guimarães Rolim

Leonardo Neves Batista


















Ricardo Alfredo de Carvalho Rosa

Simone Mitsumori














Comissão Organizadora Nacional + Comissão Científica + Comissão RTs + Bolsistas
Fotógrafo: Flávio Almeida

Sumário

APRESENTAÇÃO		15
PARTE I		
CONSTRUIR JUNTOS: MEMÓRIAS DO 8º FÓRUM PERMANENTE DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS		16
HISTÓRICO DO FÓRUM		24
UMA HISTÓRIA PARA O FÓRUM PERMANENTE DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS		25
MEMÓRIA DO FÓRUM		43
ENTRE PASSADO E AGORA: APRENDIZADOS DO PRIMEIRO FÓRUM		45
PARTE II		
CONTRIBUIÇÕES ESPECIAIS		51
POR UMA NOVA CONCEITUAÇÃO DE MUSEUS IMPLICAÇÕES NO ANTROPOCENO		53
MUSEUS UNIVERSITÁRIOS: ESPAÇOS CRÍTICO-EDUCATIVOS		63
PARTE III		
PROGRAMAÇÃO CIENTÍFICA		66
PROGRAMAÇÃO REALIZADA		67
APRESENTAÇÕES: COMUNICAÇÕES E PÔSTERES		80
PARTE IV		
HOMENAGENS		102
HOMENAGEADOS		103
HOMENAGEM À PROFA. EDNA LUÍSA DE MELO TAVEIRA		110
MUSEU DO ÍNDIO: UMA HISTÓRIA SEM FIM		112
LÍDIA MARIA MEIRELLES, PRESENTE!		115

TEXTO DE AGRADECIMENTO À HOMENAGEM NO 8º FPMU: PROF ^a . MARIA CÉLIA MOURA SANTOS TEIXEIRA		117
TEXTO DE AGRADECIMENTO À HOMENAGEM NO 8º FPMU: PROF. ^a REGINA MÁRCIA MOURA TAVARES		121
OS ENCONTROS, AS MEMÓRIAS E O FUTURO DOS MUSEUS UNIVERSITÁRIOS		122
PARTE V		
PRÊMIO EDNA TAVEIRA		124
HOMENAGEM À PROFA. EDNA LUÍSA DE MELO TAVEIRA		125
TRABALHOS INDICADOS		126
TRABALHOS PREMIADOS		130
PARTE VI		
MESAS E PALESTRAS		133
MESA DE ABERTURA		134
ENTRELAÇANDO O PASSADO, PRESENTE E FUTURO DAS COLEÇÕES E MUSEUS UNIVERSITÁRIOS		135
MESA REDONDA I		140
GESTÃO E FINANCIAMENTO DE COLEÇÕES E MUSEUS UNIVERSITÁRIOS - DESAFIOS E PERSPECTIVAS: UMA SÍNTESE DOS DEBATES NO 8º FPMU		141
RELATÓRIO DE APRESENTAÇÃO - TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO (TCU)		148
MESA REDONDA II		155
TRAJETÓRIAS, TERRITÓRIOS E INOOVAÇÃO: EXPERIÊNCIAS TRANSFORMADORAS NOS MUSEUS UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS		156
O CASO DA GALERIA DE ARTE E DA COLEÇÃO AMAZONIANA DE ARTE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ		160

MESA REDONDA III		163
PREFÁCIO		164
CÓDIGO DE ÉTICA PARA OS MUSEUS		165
CÓDIGO DE ÉTICA PARA OS MUSEUS: UMA REFLEXÃO SOBRE RESILIÊNCIA MUSEAL		172
PARTE VII		
REUNIÕES TEMÁTICAS		184
REUNIÕES REALIZADAS		185
CONSERVADORES-RESTAURADORES EM MUSEUS E COLEÇÕES UNIVERSITÁRIAS		187
O ICOM, AS COLEÇÕES E OS MUSEUS UNIVERSITÁRIOS		192
COLEÇÕES E MUSEUS DE ANATOMIA		196
COMISSÃO PERMANENTE E MULTIDISCIPLINAR SOBRE MUSEUS FEDERAIS NO ÂMBITO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO		200
MUSEÓLOGAS(OS) NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR		204
ACERVOS E PLATAFORMAS DIGITAIS: PRINCÍPIOS, GOVERNANÇA E PRESERVAÇÃO DIGITAL EM MUSEUS UNIVERSITÁRIOS		210
PARTE VIII		
I SEMINÁRIO DE FISCALIZAÇÃO MUSEAL		215
SEMINÁRIO DE FISCALIZAÇÃO MUSEAL: DIALOGANDO COM OS MUSEUS UNIVERSITÁRIOS SOBRE GESTÃO DE RISCOS		216
PARTE IX		
DEPOIMENTO		222
MOÇÕES		224
PROPOSTA PARA REGIMENTO INTERNO DO FÓRUM PERMANENTE DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS		226

PARTE X		
AGRADECIMENTOS		230
PARTE XI		
ANEXOS		236
ANEXO 1 - INSTITUIÇÕES DOS INSCRITOS		237
ANEXO 2 - MUSEUS PARTICIPANTES		238
ANEXO 3 - RESULTADO PESQUISA DE SATISFAÇÃO		240
ANEXO 4 - ALCANCE DE MÍDIA E <i>CLIPPING</i>		243



"Cidade Queimada de Sol"

Antonio Bandeira
Artista visual cearense
(1922-1967)

"Bom dia
Fortaleza
Te ofereço
êsse carinho de viajor
do filho
que não sabe
se vem ou se vai
o que olha e medita
indo e voltando
à sua cidade
envelhecendo e remoçando
com ela (ela és tu)
Fortaleza
te ofereço
êsse carinho de gente
para outra gente
(porque é gente a que
nasce de teu ventre)
de corpo e alma também
ofereço
cadinho de ferro e bronze
(uma lembrança de meu pai)
cadinho de corpo e alma
êsse cadinho de raças
Fortaleza"

**Tecendo Memórias, Construindo Futuros:
Fórum Permanente de Museus Universitários**

O Caderno de Memórias “Tecendo Memórias, Construindo Futuros: 8º Fórum Permanente de Museus Universitários” constitui um registro coletivo que reúne textos produzidos por diferentes participantes desta edição, além de breves relatos que recuperam momentos significativos da programação realizada. Mais do que uma compilação documental, este material se afirma como uma memória histórica do encontro, preservando reflexões, experiências e caminhos construídos de forma colaborativa no campo das coleções e dos museus universitários.

Organizado em onze partes, o documento foi estruturado de modo a apresentar tanto a trajetória do Fórum quanto os desdobramentos desta edição. A primeira e a segunda partes trazem a memória da 8ª edição e das anteriores, com textos escritos por Graciele Siqueira, Saulo Moreno Rocha, Marianna de Souza Soares e Jéssica Tarine, além de duas importantes contribuições de Ulpiano Bezerra de Meneses e Regina Marcia Tavares. A terceira e a quarta partes apresentam a programação realizada, assim como os textos dedicados às pessoas homenageadas nesta edição. As partes V e VI reúnem os textos das mesas-redondas e o detalhamento dos trabalhos indicados ao Prêmio Edna Taveira, bem como aqueles reconhecidos como destaques pelos avaliadores. Nas partes VII e VIII encontram-se os relatos das Reuniões Temáticas e do I Seminário de Fiscalização Museal. As partes IX e X são dedicadas a depoimentos, moções e agradecimentos. Por fim, a parte XI reúne os anexos, contemplando: instituições dos inscritos; museus participantes; resultado da pesquisa de satisfação; e alcance de mídia e clipping.

Ao reunir vozes diversas, o Caderno de Memórias evidencia a pluralidade de perspectivas que atravessaram o Fórum e contribuí para a continuidade dos debates e articulações iniciados neste espaço. Agradecemos, de maneira especial, a todas as autoras e todos os autores que prontamente atenderam ao chamado e compartilharam seus registros, tornando possível a construção deste documento.

Os Organizadores

Graciele Karine Siqueira
Jéssica Tarine Moitinho de Lima
Saulo Moreno Rocha

CONSTRUIR JUNTOS: MEMÓRIAS DO 8º FÓRUM PERMANENTE DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS

O 8º Fórum Permanente de Museus Universitários (8FPMU), realizado na cidade de Fortaleza (Ceará), por meio da Universidade Federal do Ceará (UFC), da Pró-Reitoria de Cultura (Procult) e do Museu de Arte da UFC (Mauc/UFC), entre os dias 25 e 29 de agosto de 2025, em formato presencial, representou um marco na história dos museus universitários brasileiros. O tema desta edição, **“Coleções, Museus Universitários e Sociedade: elos entre Ciência, Cultura e Comunidade”**, propôs refletir sobre o papel estratégico das coleções e dos museus universitários como espaços de salvaguarda, experimentação, produção e difusão do conhecimento.



Participantes do 8FPMU - Plenária Final
Fotógrafo: Flávio Almeida

Reunindo **gestores públicos, profissionais de museus, professores, pesquisadores e estudantes** de todo o país, o evento consolidou-se como um espaço de diálogo, memória, articulação e fortalecimento do campo museal no âmbito das instituições de ensino superior. Desde sua idealização e, mais recentemente, com a retomada em 2018, o Fórum busca aprofundar discussões sobre as dimensões técnicas e especializadas da atuação museológica no ambiente universitário, abordando aspectos como coleta, conservação, segurança, documentação, pesquisa, difusão, educação e gestão de acervos.

Ao fomentar o intercâmbio entre diferentes agentes (acadêmicos, profissionais, instituições e sociedade civil), o 8FPMU consolidou-se como um **espaço de construção de redes, compartilhamento de metodologias e fortalecimento das conexões entre arte, ciência e cultura**, contribuindo diretamente para o desenvolvimento social e para a democratização do conhecimento. O Fórum configurou-se ainda como um ambiente propício ao debate, à inovação e à construção de elos que ligam a pesquisa acadêmica às demandas e expressões da sociedade contemporânea, estabelecendo diálogos duradouros entre ciência, cultura e comunidades.

Esta edição, sediada no Nordeste após 23 anos da edição de 2001, realizada no Museu Câmara Cascudo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (MCC/UFRN), concretizou um sonho coletivo e reafirmou o compromisso da comunidade museal com a preservação, a pesquisa, a formação e a inovação nos museus universitários. A programação diversificada, a presença de instituições estratégicas e a realização do **I Seminário de Fiscalização Museal** evidenciam o caráter histórico e propositivo do encontro. A realização do 8º FPMU só foi possível graças à dedicação das equipes envolvidas, ao apoio institucional da Universidade Federal do Ceará, aos parceiros nacionais e aos patrocinadores que tornaram viável uma produção de excelência.

O 8º Fórum Permanente de Museus Universitários reuniu **511 inscritos**, dos quais **300 se credenciaram** presencialmente, vivenciando intensamente cinco dias de programação na cidade de Fortaleza. O evento contou com representantes das cinco regiões brasileiras na Comissão Organizadora Nacional e com o apoio essencial de **14 bolsistas**, cuja atuação foi decisiva nas frentes de credenciamento, suporte técnico e acolhimento aos participantes.

Como parte do compromisso com a formação acadêmica e a integração entre ensino, pesquisa e extensão, foi realizada uma chamada pública para inscrição de estudantes das universidades públicas cearenses e do Instituto Federal do Ceará (IFCE), com o objetivo de compor o corpo discente de bolsistas do 8º Fórum Permanente de Museus Universitários. A participação desses estudantes foi fundamental para o bom desenvolvimento do evento, atuando em ações de acolhimento das pessoas participantes, encaminhamentos, suporte às atividades e apoio à organização e produção das diferentes etapas da programação. Para além da dimensão operacional, a experiência representou uma importante oportunidade formativa, possibilitando a aproximação direta com um evento setorial relevante do campo das coleções e dos museus universitários, favorecendo a troca de saberes, o aprendizado prático e o fortalecimento de trajetórias acadêmicas e profissionais.

SINTESE INTERPRETATIVA

511

Total de inscritos

300

Total de credenciados

59%

Taxa de participação efetiva

+70

Representação institucional
(universidades/instituições congêneres):
mais de 70 instituições

+60

Representação museológica:
mais de 60 museus



Estados representados:
todas as regiões brasileiras

PANORAMA GERAL DE PARTICIPAÇÃO

Estudantes de graduação
(incluindo bolsistas)

149
69

Estudantes de
pós-graduação

68
44

Profissionais, professores
e pesquisadores

280
175

Público geral

14
12

INSCRITOS
CRENCIADOS

A **presença discente** teve papel especialmente relevante nesta edição, evidenciada pela crescente participação de estudantes da graduação e da pós-graduação, que contribuíram de forma ativa e qualificada para os debates, atividades e ações do Fórum. Para além da participação como público, as e os estudantes atuaram como apresentadores de trabalhos, debatedores e articuladores de diálogos interinstitucionais, trazendo perspectivas críticas e inovadoras que enriqueceram as discussões. Ao partilharem suas experiências em ensino, pesquisa e extensão, reafirmaram o caráter formativo do evento e a centralidade da universidade como espaço de produção e circulação de conhecimento, troca intergeracional e construção coletiva no campo dos museus e das coleções universitárias. A presença discente evidenciou, ainda, a vitalidade e o crescimento do campo, demonstrando como novas gerações têm se engajado na reflexão e na prática museológica, contribuindo para o fortalecimento das redes de colaboração e para a renovação teórica e metodológica das ações desenvolvidas nas instituições universitárias.

Nesta 8ª edição, tivemos a honra de homenagear 6 personalidades de destaque no campo museal brasileiro: Edna Taveira e Lídia Meirelles (in memoriam), Cristina Bruno, Regina Márcia, Maria Célia e Ulpiano Meneses, reconhecendo suas trajetórias e relevantes contribuições à museologia brasileira. A Comissão Científica, composta por professores, técnicos e pesquisadores de todas as regiões do país, garantiu diversidade e rigor acadêmico na análise e seleção dos trabalhos submetidos. Foram 167 trabalhos submetidos, 160 aprovados e 130 apresentados, culminando na entrega de 10 Prêmios Edna Taveira aos melhores trabalhos.

Como parte do compromisso com a preservação e difusão da memória científica do evento, foram organizados os Cadernos de Resumos dos trabalhos apresentados durante o Fórum, estruturados em 3 volumes, que serão também lançados em formato online, ampliando o acesso público às reflexões, pesquisas e experiências compartilhadas. A iniciativa reforça o papel do Fórum como espaço de circulação do conhecimento e fortalecimento do campo dos museus e das coleções universitárias. Destaca-se, ainda, a parceria com a Revista Museologia e Interdisciplinaridade, da Universidade de Brasília (UnB), que acolheu a proposta de organização de um dossiê com os trabalhos completos submetidos, com publicação prevista ao longo de 2026, consolidando mais um importante produto acadêmico resultante das pesquisas, práticas e estudos apresentados. Soma-se a esse conjunto o ineditismo da criação do Prêmio Edna Taveira de Excelência e Inovação, cuja relevância se expressa como estímulo à produção, à qualificação e à partilha acadêmica, reconhecendo iniciativas que contribuem para o avanço crítico e inovador do campo.

Na programação, destacaram-se **mesas-redondas** e **painéis estratégicos** com representantes do Tribunal de Contas da União (TCU), da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), do Ministério da Educação (MEC), do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), além de uma mesa dedicada à Ética em Museus, realizada em parceria com o Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus (ICOM Brasil) e o Conselho Federal de Museologia (COFEM). A Mesa Panorâmica reuniu experiências de museus universitários de instituições públicas (federais e estaduais) e privadas das cinco regiões do país, ampliando o diálogo e a representatividade institucional.

Tanto as Reuniões Temáticas quanto o I Seminário de Fiscalização contaram com a articulação institucional da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários (RBCMU), fundamental para a viabilização dessas atividades nesta edição. Ao todo, foram propostas 7 Reuniões Temáticas, das quais 6 foram efetivamente realizadas, incluindo a Reunião com o Ministério da Educação (MEC). Soma-se a esse conjunto a realização do I Seminário de Fiscalização Museal, promovido pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), que ampliou o debate sobre normativas, responsabilidades e desafios da fiscalização no campo museal. O Fórum consolidou-se, ainda, como um espaço de celebração e de produção de conhecimento, marcado pelo pré-lançamento e pelo relançamento de duas publicações, além da abertura de 13 museus e coleções universitárias para visitas técnicas, das quais 7 foram efetivamente realizadas, fortalecendo o intercâmbio de experiências, práticas e saberes entre as instituições participantes.

Destaca-se, ainda, a preparação de um Guia de Acolhimento da Pessoa Participante, elaborado com o objetivo de situá-la quanto aos aspectos locais, contemplando informações sobre geografia, clima, programação cultural da cidade e do estado, opções de hospedagem, alimentação, lazer, entre outros elementos relevantes para a vivência do evento. O Fórum reafirmou, igualmente, seu compromisso com a responsabilidade social e a sustentabilidade, ao priorizar a contratação de fornecedores locais, com especial destaque para mulheres e empreendedoras(es) de projetos periféricos, formadas(os) em Gastronomia pela UFC. Soma-se a isso a presença de intérpretes de Libras e de uma equipe de registro audiovisual composta por estudantes, egressas(os) e ex-bolsistas de museus universitários, fortalecendo a integração entre formação acadêmica e prática profissional, bem como o compromisso com a acessibilidade e a inclusão.

O 8º Fórum Permanente de Museus Universitários foi marcado ainda por **momentos musicais** que enriqueceram a programação e reforçaram o diálogo entre museus, cultura e universidade. Na abertura, a apresentação da professora de canto da UFC, Maria Juliana Linhares, acompanhada da estudante Sthefany Alves da Silva, proporcionou um momento sensível e potente de acolhimento do público. A noite de recepção e boas-vindas aos convidados contou com a apresentação do sanfoneiro Jair Dantas e banda, celebrando a cultura musical nordestina e fortalecendo o caráter afetivo e integrador do encontro. Destaca-se, ainda, a apresentação da Camerata de Cordas da UFC, projeto de extensão coordenado pela professora Liu Man Ying, também docente do curso de Música da UFC, que evidenciou a excelência artística e o papel da extensão universitária na articulação entre formação, produção cultural e fruição estética.

As memórias da 7ª e da 8ª edição do FPMU encontram-se reunidas em um único site, fortalecendo a continuidade histórica do evento e facilitando o acesso público aos seus registros. Toda a documentação gerada será, igualmente, preservada no **repositório da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários (RBCMU)**, parceira de primeira e grande ordem na realização deste importante encontro, reafirmando o compromisso com a salvaguarda, a difusão e o compartilhamento do conhecimento produzido no campo.

Destaca-se, ainda, a utilização e relevância dos canais de comunicação nas redes sociais, Instagram e Facebook (**@forumdemuseusuniversitarios**), como espaços permanentes de diálogo com o campo museal, somando-se ao grupo de e-mail já existente e ao recém-criado grupo de WhatsApp, que têm possibilitado a troca contínua de informações, conteúdos e experiências entre as pessoas participantes. Por meio da transmissão integral das atividades no canal do YouTube, o 8º FPMU ampliou significativamente o alcance dos debates, garantindo acesso público às discussões e reflexões a todas as pessoas interessadas. As imagens oficiais do evento estão disponíveis em link próprio, organizadas por dia e por atividade, constituindo um valioso registro da memória deste encontro.

Reafirmou-se, nesta edição, a continuidade do compromisso com uma Comissão Organizadora de caráter nacional, composta por representantes de todas as regiões do país, princípio que também se refletiu na constituição da Comissão Científica. Essa opção política e institucional valoriza as diferentes categorias que atuam e pesquisam os museus e as coleções universitárias, além de assegurar um processo de articulação mais democrático, ampliando a participação de agentes que, em edições anteriores, estavam majoritariamente restritos à condição de participantes.

A importância da circulação regional do Fórum também se evidencia ao longo de sua trajetória recente, com edições realizadas em diferentes contextos institucionais e territoriais após a retomada: em 2018, na região Sudeste, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); em 2021, na região Sul, na Universidade Federal do Paraná (UFPR), em formato virtual; em 2023, novamente no Sudeste, com realização conjunta da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); e em 2025, no Nordeste, na Universidade Federal do Ceará (UFC).

A **diversidade de perfis presentes** — docentes, técnicas e técnicos, pesquisadoras e pesquisadores, gestoras e gestores, estudantes e demais interessadas e interessados — atesta a amplitude e a vitalidade desta edição, reafirmando o Fórum como um espaço plural, colaborativo e transformador. Na plenária final, foram apresentadas duas propostas de instituições interessadas em sediar a 9ª edição do Fórum Permanente de Museus Universitários: a Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e a Universidade Federal do Pará (UFPA), demonstrando o engajamento contínuo das instituições e o compromisso coletivo com a continuidade do encontro. A existência de proponentes a cada edição revela a consolidação do Fórum como espaço estratégico de articulação nacional, assegurando sua permanência e fortalecimento ao longo do tempo. Com entusiasmo, foi anunciada a próxima sede do evento, a **Universidade Federal do Pará (UFPA)**, que acolherá o 9º Fórum Permanente de Museus Universitários, em 2027, reafirmando a importância da circulação territorial como estratégia de democratização, representatividade regional e aproximação com diferentes realidades institucionais, muitas vezes emergentes, que contribuem para ampliar e renovar o campo dos museus e das coleções universitárias no Brasil.

O 8FPMU reafirmou seu compromisso com a **equidade**, a **diversidade** e a **igualdade** ao contar, de forma preventiva, com a presença de duas representantes da Divisão de Equidade, Diversidade e Inclusão da UFC durante todo o evento. Essa atuação teve como objetivo o acolhimento, o enfrentamento e o assessoramento diante de eventuais situações de discriminação, como casos de homofobia e racismo, assegurando um ambiente ético, seguro e respeitoso para todas as pessoas participantes. A iniciativa reforça a compreensão de que a construção de espaços acadêmicos e culturais democráticos exige não apenas posicionamentos públicos, mas também estruturas institucionais efetivas de cuidado, escuta e responsabilização.



Coordenação Geral: Graciele Siqueira e Saulo Moreno Rocha
Fotógrafo: Flávio Almeida

Registramos nosso sincero agradecimento a todas as pessoas que estiveram presentes e colaboraram para a realização deste encontro, bem como às instituições parceiras que tornaram esta edição possível: a Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários (RBCMU), o Conselho Regional de Museologia – 1ª Região (COREM 1R), o Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus (Icom Brasil), o Conselho Federal de Museologia (COFEM), a Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura (FCPC), a Pró-Reitoria de Cultura (PROCULT) e a Universidade Federal do Ceará (UFC). Registramos ainda um agradecimento especial aos patrocinadores, que aportaram recursos fundamentais para a realização do 8º FPMU: Petrobrás e Instituto Cultural Vale, via Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet) - Ministério da Cultura (MinC); Instituto Brasileiro de Museus (Ibram); e Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), empresa pública do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI).

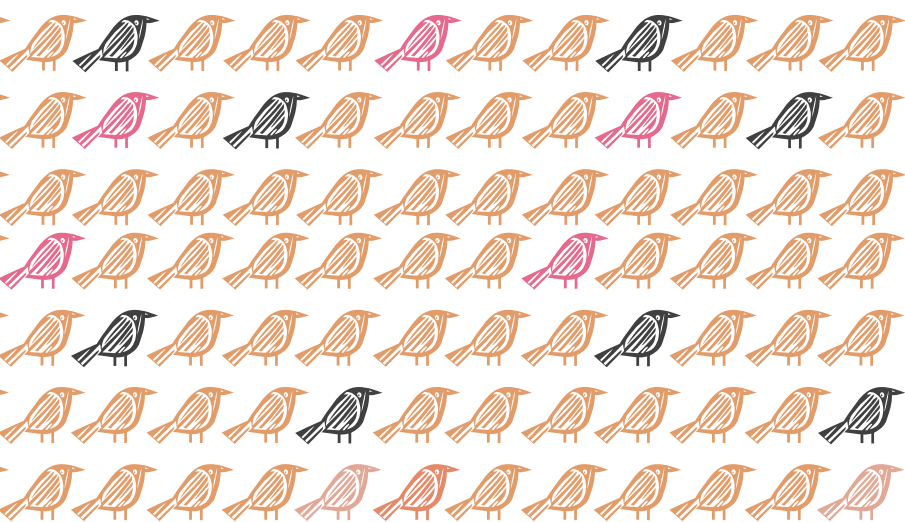
Por fim, este **Caderno de Memórias** reúne o conjunto das ações realizadas, os resultados alcançados e os impactos gerados, expressando o compromisso coletivo com o fortalecimento do campo dos museus, das coleções e de todos os agentes nele envolvidos. O empenho e a colaboração de cada uma dessas instâncias foram fundamentais para o êxito desta edição memorável. **Nos encontramos no 9º FPMU, em Belém. Até breve!**

Graciele Karine Siqueira

Coordenadora-Geral do 8º FPMU
Museóloga e Diretora do Museu de Arte da UFC

Saulo Moreno Rocha

Coordenador-Geral do 8º FPMU
Museólogo do Museu de Arte da UFC



HISTÓRICO DO FÓRUM

UMA HISTÓRIA PARA O FÓRUM PERMANENTE DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS

Marianna de Souza Soares

INTRODUÇÃO

O texto tem como objetivo apresentar um panorama do percurso histórico dos Fóruns Permanentes de Museus Universitários (FPMUs), registrando suas edições a partir das respectivas datas, locais de realização, coordenações responsáveis, e os temas que orientaram as discussões em diferentes momentos.

A elaboração deste texto decorre do convite realizado pela coordenação do VIII FPMU, que solicitou a produção de um registro panorâmico sobre as edições anteriores, a fim de compor os Anais do referido fórum. Nesse sentido, busca-se contribuir para a preservação da memória do evento, sistematizando informações que evidenciam tanto a diversidade temática quanto a relevância dos FPMUs na consolidação de espaços de diálogo e troca de experiências entre museus universitários no Brasil.

O panorama se apoia majoritariamente na pesquisa desenvolvida em meu mestrado, sob orientação da Dra. Maria Margaret Lopes, que teve como objetivo compreender as estratégias de articulação e reconhecimento dos museus universitários, incluindo um capítulo dedicado ao I Encontro Nacional de Museus Universitários (I ENMU), realizado em 1992, e outro capítulo ao conjunto que abrange do II ao V Fórum Permanente de Museus Universitários (V FPMU), este último ocorrido em 2018^[1]. A partir dessa base, o texto amplia o escopo da investigação ao incorporar informações referentes ao VI, VII e VIII Fóruns Permanentes de Museus Universitários, permitindo, assim, oferecer um panorama atualizado das edições já realizadas, sem a pretensão de reconstruir em profundidade o processo histórico desses encontros.

¹ As fontes utilizadas para que se conseguisse compreender a linha cronológica do I Encontro Nacional de Museus Universitários (I ENMU) e posteriores Fóruns Permanentes de Museus Universitários (FPMUs) incluem documentação empírica do Arquivo do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG), obtida por meio de solicitação ao Arquivo Centro de Informação, Documentação e Arquivo (CIDARQ/UFG); no Arquivo Institucional do Museu Câmara Cascudo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (MCC/UFRN), no Setor de Documentação e Memória.

Destaca-se que o entendimento do histórico dos encontros nacionais de museus universitários, especificamente do primeiro até o terceiro encontro, apoia-se em grande parte nas contribuições de pesquisadoras como Edna Taveira (in memoriam), Ana Maria Gantois (in memoriam), e Maria das Graças Ribeiro (in memoriam). Muitas das informações apresentadas na primeira parte da linha cronológica desta pesquisa derivam de suas produções acadêmicas, relatos e documentação elaborada por elas durante a coordenação dos eventos, localizadas no Arquivo do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG), e no Arquivo Institucional do Museu Câmara Cascudo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (MCC/UFRN), que forneceram subsídios essenciais para a análise da primeira parte do panorama dos Fóruns Permanentes de Museus Universitários.

Entre o quarto e oitavo Fóruns Permanentes de Museus Universitários, destaca-se a consulta aos anais, relatórios finais e páginas eletrônicas de divulgação dos eventos, incluindo documentação coletada na sala da Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) referente ao IV FPMU.

Ressalta-se que este panorama busca não apenas contribuir para o estudo do percurso dos Fóruns Permanentes de Museus Universitários, mas também incentivar o desenvolvimento de pesquisas mais aprofundadas sobre o tema.

1. OS ENCONTROS NACIONAIS DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS

O Encontro Nacional de Museus Universitários (ENMU), atualmente denominado Fórum Permanente de Museus Universitários (FPMU), é um evento nacional que reúne profissionais, pesquisadores, estudantes e demais interessados em museus universitários. O Fórum marca os avanços nas discussões sobre esse campo no Brasil, promovendo a troca de experiências, debates e reflexões, consolidando-se como uma das estratégias de articulação e reconhecimento dos museus universitários.

A existência do Fórum foi concretizada a partir do documento conclusivo do I Encontro Nacional de Museus Universitários (I ENMU), intitulado “Conclusões Gerais do I Encontro Nacional de Museus Universitários”, no qual se estabeleceu que os encontros subsequentes passariam a ser denominados Fóruns. Inicialmente foi incluída a palavra “profissionais” no nome definido para o II Encontro – denominado “Fórum Permanente de Profissionais de Museus Universitários” –, no entanto, essa redação não foi utilizada posteriormente.

A constatação sobre a nomenclatura inicial baseia-se em duas moções finais das Conclusões Gerais do I ENMU: a terceira moção, que registra o nome Fórum Permanente de Profissionais de Museus Universitários, cujos membros deveriam organizar o II Encontro e, nos intervalos entre eles, diagnosticar, discutir e sugerir soluções para problemas comuns à área; e a sexta moção, que definia os membros que comporiam este Fórum^[2].

Verificou-se que, embora o documento conclusivo do I ENMU já previsse a adoção da nomenclatura “Fórum”, a terminologia “Encontro” ainda permaneceu em uso em alguns registros institucionais posteriores, refletindo um período de transição conceitual e terminológica. Com o passar do tempo consolidou-se definitivamente a designação Fórum Permanente de Museus Universitários (FPMU), atualmente reconhecida e empregada de forma consistente para identificar o evento.

A moção número quatro do documento conclusivo do I ENMU previa que o evento deveria ocorrer a cada dois anos em diferentes regiões. Contudo, a intenção inicial de realizar os encontros com periodicidade bienal não pôde ser cumprida, evidenciando a dificuldade de manter a regularidade institucionalizada prevista inicialmente.

Maria das Graças Ribeiro (2007) esclarece que, ao longo dos anos, embora várias reuniões tenham sido realizadas, os encontros nacionais não seguiram a regularidade inicialmente proposta, devido a dificuldades financeiras e à falta de estrutura administrativa compatível com as demandas do Fórum (Ribeiro, 2007, p. 36).

Neste sentido, considerando os documentos institucionais, testemunhos orais, e publicações localizadas para esta pesquisa, a sequência cronológica dos eventos consolidados é a seguinte: O I ENMU, foi realizado entre os dias 26 e 30 de julho de 1992, em Goiânia, Goiás; O II FPMU foi realizado após um intervalo de nove anos, entre os dias 29 de novembro e 1 de dezembro de 2001, em Natal, Rio Grande do Norte, embora sejam atribuídas outras datas e locais para este II Encontro em anos anteriores, como será visto adiante no detalhamento deste evento; em relação ao III FPMU, não foram localizados, para esta pesquisa, registros oficiais de sua realização, como será visto no detalhamento deste evento; o IV FPMU ocorreu entre os dias 24 e 28 de julho de 2006, em Belo Horizonte, Minas Gerais, após cinco anos do encontro realizado em Natal/RN; o V FPMU ocorreu após um intervalo de doze anos novamente em Belo Horizonte, Minas Gerais, entre os dias 8 e 11 de outubro de 2018; o VI FPMU deu-se em Curitiba, Paraná, entre 18 e 22 de outubro de 2021, pela primeira vez em formato virtual em razão da pandemia de Covid-19^[3]; o VII FPMU aconteceu no Rio de Janeiro, entre 28 de agosto e 1º de setembro de 2023; e, por fim, o VIII FPMU foi realizado em Fortaleza, Ceará, entre os dias 25 e 29 de agosto de 2025.

Dessa forma, constata-se que os intervalos entre os primeiros encontros foram irregulares, variando entre nove, cinco, e doze anos, o que evidencia a dificuldade em consolidar a periodicidade inicialmente prevista, até sua retomada no V FPMU.

² Foram registrados como membros do Fórum Permanente de Museus Universitários os seguintes profissionais: Ana Maria Gantois, do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA; Edinéa Mascarenhas Dias, do Museu Amazônico da Universidade do Amazonas; Edna Luísa de Meio Taveira, do Museu Antropológico da UFG; Idevar José Sardinha, do Museu Rondon da UFMT; Lídia Maria Meirelles, do Museu do Índio da UFU; Maria Cristina de Oliveira Bruno, do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP; Petronila Rosa Costa Diniz Neta, da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Regina Márcia Moura Tavares, do Centro de Cultura e Arte da PucCamp; e Tarcísio Antônio Costa Taborda, do Museu Dom Diogo de Souza. (Conclusões Gerais do I ENMU, 1992).

³ A pandemia de COVID-19, declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020, foi causada pelo coronavírus SARS-CoV-2. Caracterizou-se por rápida disseminação global, provocando crises sanitária, econômica e social, com impactos significativos na saúde pública, educação, cultura e atividades profissionais em todo o mundo.

1.1 I ENCONTRO NACIONAL DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS (1992)

Entre os dias 26 e 30 de julho de 1992 realizou-se o I Encontro Nacional de Museus Universitários (I ENMU), intitulado “Museu Universitário Hoje”, na Universidade Federal de Goiás (UFG), promovido pela própria UFG e pela Secretaria Nacional de Ensino Superior (SENESU)^[4]

Participaram da reunião representantes de dezenove estados e de vinte e nove universidades, sendo treze federais, dez estaduais e seis privadas. Estiveram presentes trinta diretores ou coordenadores de museus universitários, vinte representantes de museus não universitários, vinte e seis professores, trinta museólogos e técnicos, estudantes, historiadores, geólogos, administradores, pesquisadores e assessores culturais, totalizando cento e cinquenta e quatro participantes por dia. (Relato sobre o I ENMU, Arquivo Institucional do Museu Câmara Cascudo, 2001).

Folder I Encontro Nacional



Fonte: Arquivo do Museu Antropológico da UFG

4 Com apoio do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PucCamp), tendo como patrocinadores o Banco do Estado de Minas Gerais S.A. e o Jockey Clube de Goiás. (Ata I Encontro Nacional de Museus Universitários, Arquivo do Museu Antropológico Da UFG, 1992). Tendo como patrocinadores o Banco do Estado de Minas Gerais S.A. e Jockey Clube de Goiás (Relato sobre I ENMU/Arquivo Institucional do Museu Câmara Cascudo).

O objetivo geral do I ENMU foi “constituir um fórum de debates e reflexões sobre a realidade institucional dos museus universitários brasileiros, sobre suas articulações com as áreas de ensino e de pesquisa, assim como os diversos segmentos da sociedade em geral a fim de subsidiar e sugerir políticas museológicas responsáveis para responder aos desafios e questionamentos da atualidade”.(Programação I ENMU, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992).

A Circular nº 1, elaborada pela comissão organizadora para divulgação do I Encontro, esclarece objetivos adicionais em relação ao que estava previsto na programação do evento. De acordo com o documento, o encontro buscava promover ampla discussão sobre a situação institucional do que chamaram de “órgãos universitários”, suas articulações com o ensino, a pesquisa e a extensão, bem como diretrizes e estratégias voltadas à interação entre universidade e sociedade. A circular destaca ainda que o seminário se configuraria como espaço de reflexão sobre temas como desenvolvimento latino-americano e ação museológica, educação e comunicação em museus, pesquisa e administração, além de fórum para a apresentação e divulgação de experiências em universidades federais, estaduais e privadas (Circular nº 1, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992).

A realização do I ENMU ocorreu nas dependências do Museu Antropológico, tendo sua abertura no Jôquei Clube de Goiás, com a palestra “A Missão dos Museus na América Latina: novos rumos”, proferida por Hérnan Crespo Toral, então Coordenador de Cultura da UNESCO para a América Latina e o Caribe. (Relato sobre I ENMU/Arquivo Institucional do Museu Câmara Cascudo, 2001). A coordenadora geral foi Regina Márcia Moura Tavares, do Centro de Cultura e Arte da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PucCamp), e a coordenadora local foi Edna Luísa de Melo Taveira, então Diretora do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG). O apoio técnico e administrativo era composto de profissionais ligados aos museus e universidades^[5].

Consta, em entrevista publicada no primeiro dia do Encontro, concedida pelas coordenadoras do evento ao jornal “O Popular”, o debate que resultou na realização do I ENMU e a razão pela escolha de Goiás como sede: “este encontro é resultado de uma ampla discussão realizada em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, que reuniu professores e reitores da área de extensão universitária. Lá foi colocada a necessidade de um maior intercâmbio entre os museus universitários”. É informado ainda que “Goiás foi escolhido para sediar o evento devido ao trabalho desenvolvido pelo Museu Antropológico da UFG em Goiás e também no Estado do Tocantins”. (O POPULAR, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992). O evento citado por Regina Tavares é o VI Encontro Nacional do Fórum de Pró-Reitores de Extensão (Forproex) das Universidades Públicas, que teve lugar em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, entre 21 e 25 de abril de 1992.

5 Apoio técnico e administrativo: Profa. Dilamar Cândida Martins (Museu Antropológico), Profa. Judite Ivanir Breda (UFG), Marina Alves de Oliveira Marques (Museu Antropológico), Denise Sodré Abrahão Guadelup (Museu Antropológico), Maria Fátima Vaz de Mattos (PROPLAN/UFG) e Rita de Cássia Xavier (PucCamp).

É importante mencionar que o I ENMU ocorreu apenas alguns meses após o Seminário “A Missão dos Museus na América Latina Hoje: Novos Desafios”, em Caracas, na Venezuela, entre os dias 16 de janeiro e 6 de fevereiro de 1992. Destaca-se que “o evento buscava renovar e atualizar os compromissos assumidos em 1972 na Mesa Redonda de Santiago do Chile” (UNESCO, 1992) e, para isso, foi subscrita a Declaração de Caracas, que trazia em suas recomendações temas que se assemelham aos do I Encontro Nacional de Museus Universitários, conforme apontado por Soares (2020, p.150).

A programação do I Encontro Nacional de Museus Universitários foi organizada em painéis^[6], comunicações^[7] e trabalhos em grupo^[8], abordando temas como a relação dos museus com a universidade, pesquisa, educação, comunicação, cidadania e administração. Os documentos finais elaborados incluíram as conclusões do seminário, reflexões sobre pesquisa e formação em museus, o texto “Subsídios para Estruturação da Área de Museologia” no âmbito do CNPq, e moções aprovadas pelos participantes.

Conforme as Conclusões Gerais do I ENMU, os princípios gerais que orientaram as discussões destacavam a compreensão do museu como espaço educativo não formal, responsável pela investigação, conservação e difusão do patrimônio cultural material e imaterial acumulado pelas sociedades ao longo de sua trajetória. Também foi ressaltado a importância de o museu preocupar-se com a transmissão de conteúdos capazes de conduzir o público e a sociedade a uma percepção integral das relações que o ser humano estabelece: “com o planeta em que vive; com os produtos de sua criatividade, gerados pelos desafios da sobrevivência física, social e psicológica; e com os demais indivíduos e sociedades organizadas”. (Conclusões Gerais do I ENMU, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992).

O documento com as Conclusões Gerais reúne os apontamentos dos grupos de trabalho, seis recomendações especiais, e seis moções.

As recomendações especiais apresentadas no encontro abrangeram: a elaboração de um perfil dos museus universitários brasileiros, com posterior divulgação dos resultados e definição de diretrizes conjuntas; a avaliação, junto a órgãos de fomento, de programas de financiamento para pesquisa e atividades dos museus universitários; a formalização de convênios com cursos de Museologia, para atuação de estagiários em áreas técnicas e educativas; a realização de exposições itinerantes entre os museus universitários acompanhadas de atividades culturais e educativas; a promoção de seminários periódicos entre os museus universitários e os cursos de Museologia, para divulgação do conhecimento produzido, análise e reflexão sobre a museografia; e, por fim, a criação de um periódico específico sobre os museus universitários, com a formação de um conselho editorial. (Conclusões Gerais do I ENMU, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992).

6 Foram realizados quatro painéis, intitulados “O Museu na Estrutura da Universidade: acertos e erros”, “Ação Museológica: educação e comunicação”, “A Pesquisa nos Museus” e “Administração e Museus”. (Programação I Encontro Nacional de Museus Universitários, Arquivo do Museu Antropológico da UFG)

7 As comunicações de todos os painéis giraram em torno de dois temas, sendo o primeiro acerca das experiências em museus e universidades e o segundo sobre as expectativas com relação à ação dos museus universitários. (Programação I Encontro Nacional de Museus Universitários, Arquivo do Museu Antropológico Da UFG).

As moções foram organizadas em seis itens: a necessidade de repensar a comunicação museológica no Museu Nacional da UFRJ, considerando a importância do acervo e da pesquisa; a divulgação das publicações e notícias do ICOM junto às universidades e o incentivo à filiação dos museus universitários à organização; a organização do II Encontro pelo Fórum Permanente de Profissionais de Museus Universitários, que ficaria responsável também por diagnosticar, discutir e propor soluções para problemas comuns nos interstícios; a realização do Encontro Nacional de Museus Universitários a cada dois anos em diferentes regiões; o incentivo ao intercâmbio entre museus universitários da América Latina, Central e Caribe; e a definição dos membros^[9] que constituíram o Fórum Permanente de Museus Universitários.

Conforme registrado na ata final do I ENMU, os membros presentes decidiram encaminhar as conclusões do seminário a todas as reitorias das universidades brasileiras, bem como aos seguintes órgãos: CNPq, CAPES, FINEP, Fórum dos Pró-reitores de Extensão, Secretaria Nacional de Cultura, e a Secretaria Nacional do Ensino Superior. As propostas seriam, posteriormente, enviadas também ao Ministério da Educação (MEC), ao Comitê Internacional de Museus (ICOM-Brasil), ao Conselho Federal de Museologia (COFEM), ao ICOM-Paris e a outras organizações da América Latina.

1.2 II E III FÓRUMS PERMANENTES DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS (1995; 1997; 2001)

As informações reunidas a seguir evidenciam as dificuldades na construção da linha cronológica entre o II e o III Fóruns Permanentes de Museus Universitários. Isso se deve tanto à existência de dados conflitantes sobre as datas e locais de realização desses encontros quanto ao fato de não terem sido localizados os documentos finais relativos ao III Fórum, como ata da plenária, programação e encaminhamentos, que comumente estão disponíveis para os demais eventos. Como veremos, essa inconsistência pode estar relacionada ao fato de algumas reuniões preparatórias terem sido consideradas, em determinados registros, como o próprio II Encontro.

Segundo Ribeiro (2007), o II Encontro Nacional de Museus Universitários, já organizado como Fórum Permanente de Museus Universitários (FPMU), teria ocorrido em 1997, durante a I Semana de Museus da Universidade de São Paulo (USP), enquanto o III FPMU teria sido realizado em 2001, em Natal, Rio Grande do Norte, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), no Museu Câmara Cascudo (MCC). Por outro lado, a documentação dos anais referentes ao FPMU

8 Os trabalhos em grupo e a elaboração de propostas abordaram os temas "A Pesquisa em Museus", "Museus e Cidadania" e "Museus e sua Relação com a Universidade" (Programação, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992).

9 Constituem membros do Fórum Permanente de Museus Universitários: Ana Maria Gantois (Museu de Arqueologia e Etnologia/MAE da UFBA); Edinéa Mascarenhas Dias (Museu Amazônico da Universidade do Amazonas); Edna Luísa de Meio Taveira (Museu Antropológico da UFC); Idevar José Sardinha (Museu Rondon da UFMT), Lídia Maria Meirelies (Museu do Índios da UFU), Maria Cristina de Oliveira Bruno (Museu de Arqueologia e Etnologia), Petronila Rosa Costa Diniz Neta (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Regina Márcia Moura Tavares (Centro da Cultura e Arte da PucCamp), Tarcísio Antônio Costa Tabor da (Museu Dom Diogo de Souza). (Conclusões Gerais do I Encontro Nacional de Museus Universitários, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, transcrição, 1992).

realizado em Natal, localizada no Arquivo Institucional do MCC, registra que o evento realizado em 2001, no próprio Museu, corresponde ao II FPMU, sem apresentar qualquer referência à realização de um III Fórum.

Foi localizada ainda documentação que indica a realização, em São Paulo, entre 22 e 25 de novembro de 1995, de um II Encontro vinculado ao Conselho Internacional de Museus (ICOM), intitulado "A Museologia Brasileira e o ICOM: Convergências ou Desencontros?". O Ofício Circular 153/95, de 5 de junho de 1995, consiste em um convite para este II evento: "na qualidade de Presidente em exercício do Fórum Permanente de Museus Universitários Brasileiros (FPMUB) e membro do Conselho Consultivo do ICOM-BR tenho a grata satisfação de convidá-lo (a) a participar, no período de 22 a 25/11/95, de nosso II Encontro, o qual acontecerá simultaneamente com o Encontro do ICOM-SP". (Ofício Circular, Rede de Museus da UFMG).

Ainda em relação ao ano de 1995, foi localizada a Circular nº 284/95, na qual consta uma mensagem de Regina Tavares, endereçada a destinatário não identificado, repassando a programação do encontro do ICOM/SP e solicitando a confirmação de comunicação, pois "estaremos realizando conjuntamente o II Encontro Nacional de Museus Universitários" (Ofício Circular, Rede de Museus da UFMG, 1995).

A entrevista pública Memória do Fórum Permanente dos Museus Universitários, concedida por Cristina Bruno (USP) e Lídia Meireles (UFU) durante o V FPMU, esclarece que, em 1995 e 1997, ocorreram apenas reuniões preparatórias na USP para o II FPMU, o qual se efetivou apenas em 2001, no Museu Câmara Cascudo da UFRN (Entrevista pública "memória do fórum permanente dos museus universitários", 2018).

Na mesma direção, a museóloga Ana Maria Gantois, responsável pela coordenação do evento de 2001 em Natal, declarou, durante a sessão de abertura, que o encontro realizado em São Paulo, em 1997, foi, na realidade, uma assembleia com a finalidade de organizar o II FPMU, que inicialmente estava previsto para ocorrer em Salvador (Sessão de Abertura II FPMU, Setor de Documentação e Memória Do MCC/UFRN, 2001).

Portanto, foram identificadas publicações e documentos empíricos que sugerem datas distintas para a realização do II e do III Fóruns Permanentes de Museus Universitários no Brasil, ao mesmo tempo em que outros registros evidenciam percalços que podem corresponder a tentativas inconclusas ou encontros não oficiais. Em alguns casos, tais eventos podem ter sido considerados oficiais por alguns, enquanto para outros constituíram apenas reuniões preparatórias para encontros futuros. O fato é que o intervalo entre o II e o III Fóruns Permanentes de Museus Universitários apresenta as maiores lacunas para o estabelecimento de uma cronologia precisa, sobretudo em razão da não localização de documentos, como conclusões gerais, atas ou ofícios, que façam referência explícita à um III FPMU.

Em todo caso, cabe apresentar brevemente o II [III] Encontro ocorrido no Rio Grande do Norte. Este Encontro ocorreu entre os dias 29 de novembro e 1 de dezembro de 2001, em Natal, no Museu Câmara Cascudo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), com o tema "Museus: desafios do milênio".

As informações a seguir foram obtidas no Setor de Documentação e Memória do Arquivo Institucional do Museu Câmara Cascudo, cuja documentação faz referência ao II Fórum Permanente de Museus Universitários, e não ao III Fórum Permanente de Museus Universitários, mas o período de realização, documentação e o tema confirmam tratar-se do mesmo evento.

A organização deste encontro foi resultado da parceria entre a Presidência do Fórum Permanente de Museus Universitários, exercida à época pela professora Ana Maria Gantois da Universidade Federal da Bahia (UFBA), e o Museu Câmara Cascudo, sob a direção de Jerônimo Rafael Medeiros.

A presidente deste encontro foi Wani Fernandes Pereira, do Museu Câmara Cascudo, com apoio de uma comissão organizadora^[10] e uma temática^[11].

Na apresentação deste encontro, registrada nos anais do evento, a comissão organizadora informa que a temática do I ENMU, Museus: Desafios do Milênio, propõe a articulação entre cultura, educação, turismo e preservação do patrimônio, visando à troca de experiências e à reafirmação do museu como agente pedagógico, cultural, ético, estético e lúdico. (Anais II FPMU, Setor de Documentação e Memória do MCC/UFRN, 2001).

Consta, nos anais deste encontro, que a programação foi organizada em seis painéis^[12], cinco comunicações^[13] e mesas redondas. Estão registradas dezessete mesas-redondas que abordaram temas como o papel e desafios dos museus universitários e da museologia no milênio, o relato da realização do I ENMU, a organização e gestão de museus, as formas de administração diante das exigências econômicas e sociais, experiências de gestão na América Latina e no Caribe, a educação patrimonial, ressaltando a importância do conhecimento para a preservação, a preservação do patrimônio edificado na UFBA e da experiência da Escola Oficina de Salvador, coleções afrodescendentes na promoção da cidadania, patrimônio cultural, memória social e museus, museus universitários, cultura e patrimônio, rotas do Potengi e das Monções, e a importância do sal do Rio Grande do Norte.

10 Comissão organizadora: Prof.^a Ana Maria Gantois (FPMU/UFBA), Prof.^a Wani Fernandes Pereira (MCC/UFRN), Prof. Jerônimo Rafael Medeiros (MCC/UFRN), Prof.^a Romeica de França Flôr (MCC/UFRN), Prof.^a Eurilene Santana Balbi (ANPAE/NE) e Restaurador Hélio de Oliveira (FJA/RN). (Anais, Museu Câmara Cascudo)

11 Comissão temática: Prof.^a Wani Fernandes Pereira (MCC/UFRN), Prof.^a Maria de Fátima C. F. dos Santos (MCC/UFRN), Prof.^a Eurilene Santana Balbi (ANPAE/NE) e Restaurador Hélio de Oliveira (FJA/RN). (Anais, Museu Câmara Cascudo)

12 Painéis: A Fotografia na Documentação de Acervos – Leandro Nunes Renovato dos Santos; Revitalização e Ampliação do Museu Câmara Cascudo/UFRN – Thaysa Fernandes Teixeira; A Importância da Documentação Museológica para a Preservação dos Acervos e Bens Culturais – Pelizéia de Souza Silva e Maria das Graças Cavalcanti Pereira; Júlio Cassiano: Perfil de um Escultor Imaginário – Juliana Rocha de Azevedo, Janny Cibelly Silva Costa; Esculturas Votivas: uma leitura plástica – Fábio Giovanni dos Santos Rebouças, Wagner do Nascimento Rodrigues; Documentação e História Regional: Gestão e Gerenciamento de Arquivos – Jorge Tavares de Moraes Filho; Catalogação dos Processos Criminais da Comarca de Caicó (Séc. XIX) – Erivan Ribeiro de Farias.

13 Comunicações: Museus e Universidades na América Latina: Recuperar Memórias, Re-pensar Trajetórias – Maria Margarete Lopes; Vila Feliz: Uma Intervenção Museal Auto Sustentável – Hélio de Oliveira; Museu, Educação, Patrimônio – Wani Fernandes Pereira; O Centro de Documentação do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA – Rosana Andrade Dias do Nascimento, Veruska Uchda Rebello; A História e a Memória: A Perspectiva da Construção de uma História Local em São Gonçalo do Amarante/RN – Jaqueline de Almeida Dantas.

1.3 IV Fórum Permanente de Museus Universitários (2006)

O IV Fórum Permanente de Museus Universitários se deu entre 24 e 28 de julho de 2006, em Belo Horizonte, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com o tema "Museus universitários: ciência, cultura e promoção social", sob coordenação de Maria das Graças Ribeiro. (Ribeiro, 2007, p. 38). Na época, o centro de interesse era a constituição de uma Associação do Fórum Permanente de Museus Universitários (AFPMU), e muitas possibilidades foram consideradas para formá-la. O Estatuto da Associação do Fórum Permanente de Museus Universitários foi apresentado e discutido no IV Fórum, e detalhes sobre este documento podem, entre outros, ser consultados em Soares (2020, p.210).

Consta, na ata final deste IV Fórum, que Maria das Graças Ribeiro foi eleita, por unanimidade, como Presidente da Associação do Fórum Permanente dos Museus Universitários, contudo, não foram localizados documentos para aprofundamento da pesquisa sobre a continuidade da referida associação.

Segundo Maria das Graças, a programação do encontro, a integração alcançada, o apoio dos órgãos de fomento, em especial da UFMG, somados aos resultados dos trabalhos expostos, atestaram um momento privilegiado de encontro, debates e reflexões, de troca de ideias e experiências, mas, sobretudo, de enriquecimento e ampliação de horizontes, uma vez que estiveram presentes museus universitários vinculados a instituições públicas ou privadas das regiões Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste brasileiras, da América Latina e Europa. (Ribeiro, 2007, p. 38).

Embora não tenha sido localizado documento específico com recomendações finais^[14], foram aprovadas quatro moções constantes da ata da Assembleia Geral do IV FPMU: 1) Moção de protesto ao MEC, pela ausência de representação no IV Encontro do Fórum Permanente de Museus Universitários; 2) Ao MEC e às universidades públicas e privadas, solicitando a criação de cursos de museologia para atender às necessidades de profissionalização dos museus universitários, tendo em vista o desenvolvimento do campo da museologia no país; 3) Ao MEC pela abertura de concursos para provimento e recomposição dos quadros funcionais dos museus universitários brasileiros; 4) Contra a remoção do Museu de Mineralogia da Praça da Liberdade, face às iminentes perdas do espaço cultural e seu entorno, e dos prejuízos ao patrimônio científico e cultural nele depositado. (Ata Assembleia Geral IV FPMU, Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais, 2006)

14 Em 16 de dezembro de 2019, foi solicitado à Rede de Museus da UFMG o documento com as recomendações finais do IV FPMU, que informou, depois de consultados os arquivos do FPMU, não ter sido identificado tal documento, apenas a ata da Assembleia Geral - mensagem recebida por correio eletrônico <rededemuseus@proex.ufmg.br>, em 18 dez. 2019.

1.4 - V FÓRUM PERMANENTE DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS (2018)

O V Fórum Permanente de Museus Universitários foi realizado entre os dias 8 e 11 de outubro de 2018, na cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais, após um intervalo de 12 anos desde o IV FPMU. Este evento foi coordenado por Letícia Julião, apoiada por uma comissão organizadora^[15] e uma comissão local^[16].

Em entrevista concedida para a UFMG, Letícia Julião esclareceu que a organização deste V Fórum foi interrompida em 2015, com o falecimento de sua presidente, a professora Maria das Graças Ribeiro. A rearticulação teve início em 2016, durante a I Jornada de Museus Universitários da UFMG, com apoio do UMAC/ICOM, e ganhou continuidade em encontros realizados no 7º Fórum Nacional de Museus (2017), em Porto Alegre, e em São Paulo no mesmo ano (Julião, 2018).

As atividades do Fórum foram estruturadas em torno de três eixos temáticos: (1) diagnóstico dos museus universitários no Brasil; (2) gestão e formação de profissionais em museus universitários; e (3) conformação e dinâmica de redes de museus universitários, envolvendo a Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários e o Comitê Internacional para Coleções e Museus Universitários. A programação foi concluída com uma plenária destinada à apreciação das proposições dos Grupos de Trabalho (GTs): (1) Gestão dos Espaços de Tutela do Patrimônio Universitário; (2) Salvaguarda do Patrimônio Universitário e suas interfaces com o ensino, a pesquisa e a extensão; (3) Comunicação do Patrimônio Universitário e suas interfaces com o ensino, a pesquisa e a extensão; e (4) O Fórum Permanente de Coleções e Museus Universitários e a criação de redes.

O Fórum foi importante pela possibilidade de ouvir o depoimento sobre os processos de criação de redes de museus universitários internacionais e nacionais –, incluindo a Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários, coordenada por Maurício Cândido da Silva –, de profissionais que atuam em museus universitários do Brasil e exterior, e a memória de participantes dos encontros nacionais de museus universitários no Brasil.

Neste encontro, foi produzido um documento intitulado “Diretrizes para uma Política de Museus e Coleções Universitárias”, que reconheceu que as coleções e os museus universitários são responsáveis pela preservação de parte significativa do patrimônio cultural brasileiro, constituído por evidências de todos os campos do conhecimento; que também se configuram como importantes fontes e referências para o ensino, a pesquisa e a extensão; que são igualmente fundamentais para a memória e o

15 Comissão Organizadora: Claudia Rodrigues Carvalho (Museu Nacional/UFRJ); Cristina Bruno (MAE/USP); Letícia Julião (UFMG); Lídia Meirelles (Sistema de Museus/UFU); Lucia Glicério Mendonça (Vel/Uporto); Mauricio Candido da Silva (MAV/FMVZ/USP); Simone Flores (PUC-RS); Thomaz Xavier Carneiro (UEPA); Vera Regina Barbuy Wilhelm (UFG).

16 Comissão Local: Ana Martins Panisset (ECI/Acervos Artísticos); Carolina Ruoso (Escola de Belas Artes/Departamento de Artes Plásticas); Cássia Gomes (Escola de Veterinária/Centro de Memória da Veterinária); Flávia Santos Faria (ICB/Museu de História Natural e Jardim Botânico); Gleydes Gambogi Parreira (ICB/Museu de Ciências Morfológicas); Jezulino Lúcio Mendes Braga (ECI/Colegiado do Curso de Museologia); Letícia Julião (ECI/Rede de Museus UFMG); Lívia Lage Garcia (Rede de Museus UFMG); Lucinéia Bicalho (ECI/Curso de Museologia); Meily Assbú Linhales (EEFFTO/Centro de Memória da Educação Física, Esporte e Lazer); Marcus M. G. Silveira (Rede de Museus UFMG); Verona Campos Segantini (Escola de Belas Artes/Centro Virtual de Memória da Extensão).

desenvolvimento das universidades e da sociedade, atendendo aos anseios científicos e culturais tanto das comunidades locais quanto da comunidade mundial; e que, em razão desses fatores, torna-se imprescindível a adoção de uma política de preservação desse patrimônio no Brasil, formulada com a participação da comunidade universitária, amplamente publicizada e periodicamente revista, em conformidade com princípios e diretrizes recomendados. A iniciativa também retomou debates sobre a gestão de coleções e museus universitários e a rearticulação de uma rede de pessoas e instituições comprometidas com a formulação de uma política para a área no âmbito das universidades brasileiras.

Esta edição do Fórum disponibiliza, em ambiente virtual^[17], os documentos finais, contemplando o referido documento *Diretrizes para uma Política de Museus e Coleções Universitárias*, a Ata da Sessão Plenária, as imagens do evento e informações sobre os membros das comissões organizadora e local.

1.5 - VI FÓRUM PERMANENTE DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS (2021)

Esta foi a primeira edição em que o Fórum Permanente de Museus Universitários ocorreu no formato virtual. Originalmente previsto para setembro de 2020, na Universidade Federal do Paraná (UFPR), o evento foi realizado em plataforma virtual entre os dias 18 e 22 de outubro de 2021. O adiamento se fez necessário em razão da pandemia de Covid-19, em atendimento às normas sanitárias vigentes.

O Fórum foi realizado pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná (MAE/UFPR) e pela Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários (RBCMU), coordenada por Maurício Cândido da Silva, com o tema central “Patrimônio Museológico Universitário: experiências e olhares diversos”, e contou com a participação de 360 pessoas de todo o Brasil e do exterior (Anais, Vol. 1, VI Fórum Permanente de Museus Universitários).

O evento teve como coordenadora Ana Luisa de Mello (UFPR) e como vice-coordenadora Maria Josiane Vieira (UFC). O objetivo deste Fórum foi agregar, debater e propor a elaboração de uma Política Pública para os Museus Universitários Brasileiros, a partir do estímulo às discussões sobre a identificação, a organização, a preservação e a pesquisa dos acervos e das coleções universitárias, apoiando os distintos processos museológicos em andamento nas instituições brasileiras e, sobretudo, contribuindo para a valorização e divulgação dos acervos nacionais (Anais, Vol. 1, VI Fórum Permanente de Museus Universitários).

A programação do evento foi estruturada em diferentes formatos de atividades organizadas em reuniões temáticas, sessões de comunicações, e mesas-redondas. As reuniões temáticas abordaram questões ligadas à criação e funcionamento de museus universitários, aos acervos e sua relação com a arqueologia, às políticas de

17 Disponível em: <<https://www.ufmg.br/rededemuseus/forum2018/>> Acesso em: 10 out 2025.

afirmação e suas interações com coleções, ao papel e desafios enfrentados pelos técnicos, ao patrimônio cultural de ciência e tecnologia e suas estratégias de pesquisa e análise, às possibilidades de integração digital dos acervos em rede e, por fim, à acessibilidade e inclusão no contexto museológico universitário. As mesas-redondas trataram de debates sobre a nova definição de museus proposta pelo ICOM, sobre o fomento e as políticas públicas voltadas aos museus universitários, e discussões a respeito do patrimônio museológico universitário e da diversidade como potencialidade nesse contexto. As sessões de comunicações reuniram apresentações de pesquisas e experiências em diferentes eixos: gestão de coleções e acervos universitários, organização e comunicação da informação museológica, conservação de acervos e coleções, processos educativos e expográficos, e as redes de cooperação entre museus (MAE, Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR, 2021).

Consta na ata da Plenária Final do VI Fórum que foram aprovadas a criação de um GT de Sustentabilidade dentro da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários, com o objetivo de buscar diálogo com diferentes instituições; foi lido e aprovado o documento elaborado na Reunião Temática “Acervos de museus universitários e a Arqueologia”; a criação de um GT sobre a atuação dos técnicos de museus universitários; e a elaboração de uma carta direcionada às universidades para evidenciar as características e especificidades do trabalho desses profissionais. Também foram aprovadas a criação de um evento e de um GT das redes e sistemas de museus universitários; a retomada da Política Nacional de Acervos Digitais e a inserção do tema dos acervos digitais para coleções e museus universitários; e a elaboração de uma carta do FPMU em apoio aos museus de História Natural do Nordeste, destacando sua importância estratégica global na pesquisa, na gestão do território, na bioeconomia, no ensino abrangente e inclusivo, na divulgação e no letramento científico (VI FPMU, Documentos finais).

Esta edição do Fórum disponibiliza, em ambiente virtual^[18], os documentos finais, contemplando: os Anais do Fórum de Museus Universitários, Volumes 1 e 2; a Ata da Sessão Plenária Final do VI FPMU; a Carta Acervos de Museus Universitários e a Arqueologia; a apresentação e a programação do evento; e informações sobre os membros das comissões organizadora e local.

1.6 - VII FÓRUM PERMANENTE DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS (2023)

O VII Fórum Permanente de Museus Universitários (VII FPMU), ocorreu em formato presencial, no Instituto Benjamin Constant, entre os dias 28 de agosto e 01 de setembro de 2023, e teve como tema: “30 anos depois... para que(m) ainda serve(m) os museus e coleções universitárias? Panoramas históricos, provocações reflexivas, perspectivas empíricas e proposições metodológicas para o século XXI”.

17 Disponível em: <<https://www.ufmg.br/rededemuseus/forum2018/>> Acesso em: 10 out 2025.

18 Disponível em: <<https://vifmu.ufpr.br/portal/>> Acesso em: 11 out 2025.

O evento foi co-organizado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), representadas pelas servidoras Aline Rocha, do Museu da Geodiversidade (UFRJ) e Andréa Costa, do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPG-PMUS UNIRIO-MAST); pelo Museu Nacional (UFRJ) e pela Escola de Museologia (UNIRIO).

A proposta temática do evento consistiu em refletir sobre o papel dos museus e coleções universitárias no século XXI, considerando suas peculiaridades e particularidades em relação ao século anterior, à luz dos aspectos históricos e sociais que emergiram das discussões e construções desde o I Encontro Nacional de Museus Universitários, realizado em 1992.

A programação contou com conferências, apresentações orais, sessões de pôsteres, painéis de debate, reuniões temáticas e visitas técnicas realizadas em instituições museais vinculadas à UFRJ e à UNIRIO.

No programa científico do evento, foram encorajadas reflexões em torno de quatro áreas temáticas: em síntese, os *Panoramas Históricos* retomaram o marco do I Encontro Nacional de Museus Universitários, em 1992, revisitando seus eixos temáticos à luz dos desafios atuais, como a fragilidade institucional, a inclusão e a valorização da pesquisa; as *Provocações Reflexivas* questionaram a neutralidade dos museus universitários, a importância de processos inclusivos e reflexivos, e o debate em torno da definição de museu do ICOM proposta no ano de 2022; as *Perspectivas Empíricas* buscavam reunir experiências inovadoras em comunicação, expografia, uso de tecnologias, educação museal e ações de diversidade, incluindo iniciativas desenvolvidas durante e após a pandemia; e as *Proposições Metodológicas* destacaram práticas de catalogação, documentação, gestão participativa e inclusão de coletivos diversos, enfatizando o papel democrático e social dos museus universitários.

O Caderno de Resumos relativo às áreas temáticas propostas foi disponibilizado em ambiente virtual^[19].

No Relatório Final do VII FPMU^[20], apresentado à Secretaria de Educação Superior (Sesu) e ao Ministério da Educação (MEC), consta que as principais demandas coletivas do campo discutidas no evento foram a ampliação dos prazos para cumprimento do Acórdão 1243/2019 TCU/Plenário; a constituição de uma instância no âmbito do Ministério da Educação, para que fosse institucionalizada uma política que os reconheça, valorize, lhes dê visibilidade e potencialize o seu desempenho; a discussão sobre a necessidade de se ter um orçamento exclusivo para as coleções e museus no âmbito das universidades; e a ajuda do Ministério da Educação no

19 Disponível em <<https://img1.wsimg.com/blobby/go/a0ef7a66-8c72-4206-bc2a-9a27acf3907c/downloads/Caderno%20de%20Resumos%20-%20FPMU.pdf?ver=1693125259287>>. Acesso em: 07 out. 2025

20 O relatório foi disponibilizado por Aline Rocha (Museu da Geodiversidade/UFRJ), uma das coordenadoras do VII FPMU e enviado a Maurício Cândido da Silva, coordenador da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários, que posteriormente o repassou à autora, em outubro de 2025.

reconhecimento dos museus como um espaço próprio para o desenvolvimento de ações de ensino, pesquisa e extensão, onde, portanto, seus profissionais, em especial aqueles com curso superior, possam ter sua atuação reconhecida, independentemente de serem técnicos administrativos em educação ou docentes. (Relatório Final do VII Fórum Permanente de Museus Universitários, 2023).

Destaca-se que o relatório final encaminhado ao MEC inclui o Documento Unificado^[21], aprovado por aclamação durante a plenária final do evento, com as principais reivindicações do campo, elaborado pela Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários (RBCMU), coordenada por Maurício Cândido da Silva.

1.7 - VIII FÓRUM PERMANENTE DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS (2025)

O VIII Fórum Permanente de Museus Universitários foi realizado entre os dias 25 e 29 de agosto de 2025, e teve como sede a Universidade Federal do Ceará (UFC), reunindo profissionais, pesquisadores, professores e estudantes de diferentes tipologias de coleções e museus universitários de todo o Brasil. A Coordenação Geral do evento foi realizada por Graciele Karine Siqueira e Saulo Moreno Rocha, ambos da Universidade Federal do Ceará (UFC), com apoio de comissões organizadoras e científicas^[22] distribuídas pelas regiões Centro-Oeste, Nordeste, Norte, Sudeste e Sul, incluindo a participação de representantes internacionais.

Com o tema “Coleções, Museus Universitários e Sociedade: Elos entre Ciência, Cultura e Comunidade”, o evento constituiu um espaço de diálogo sobre a interação dos museus universitários com a sociedade, movimentos sociais e instituições de ensino e pesquisa.

O programa da edição foi diversificado, incluindo conferências, apresentações orais, sessões de pôsteres, painéis de debate, reuniões temáticas e visitas técnicas, e uma homenagem especial a profissionais que dedicaram suas carreiras ao campo das coleções e museus universitários.

Nesta edição, o evento incluiu duas novidades: pela primeira vez, foi realizado o Seminário de Fiscalização de Museus, em parceria com o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), com o objetivo de orientar os profissionais sobre práticas de gestão e preservação dos acervos; e foi realizada a entrega do Prêmio Edna Taveira, em homenagem a pesquisadores que contribuíram para o desenvolvimento museológico, perpetuando seu legado de dedicação e inspiração. Foram premiados os projetos nas categorias Comunicação oral (Pesquisa), Comunicação oral (Relato de experiência), Pôster, Ensaio fotográfico e Apresentação artística.

21 O Documento Unificado da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários é resultado de um processo de pesquisas e consultas que busca expressar de forma ampla as demandas necessárias para a organização institucional, salvaguarda, pesquisa e realização da divulgação acessível do patrimônio museológico universitário para a comunidade universitária e de toda a sociedade. Devendo ser constantemente renovado e aprimorado, este documento pretende contribuir para o grande esforço realizado por profissionais, docentes, estudantes e pesquisadores comprometidos com a preservação das coleções e museus universitários existentes nas diversas instituições brasileiras de educação superior. O processo metodológico de trabalho levou em conta o histórico dos esforços empreendidos até o momento, por meio da fusão entre o resumo do Relatório da Andifes e duas consultas realizadas aos membros da RBCMU, com vistas à apresentação no VII Fórum Permanente de Museus Universitários para sua validação. (Relatório Final do VII Fórum Permanente de Museus Universitários, 2023).

REFERÊNCIAS

ATA ASSEMBLÉIA GERAL IV FPMU. Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais. **Fundo Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)**. 3 p. 2006. Acesso em: 18 dez. 2019.

ATA DA SESSÃO PLENÁRIA DO V FÓRUM PERMANENTE DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS. **V Fórum Permanente de Museus Universitários**. Belo Horizonte, [2018]. Disponível em: https://www.ufmg.br/rededemuseus/forum2018/wpcontent/uploads/2019/02/ata_versao_final.pdf. Acesso em: 03 dez. 2019.

ATA I ENCONTRO NACIONAL DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS. Arquivo do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG). **Livro encadernado Museus Universitários Hoje - I Encontro Nacional de Museus Universitários**. Livro encadernado 283 p. 1992. Ata I ENMU p. 252. Acesso Arquivo Centro de Informação, Documentação e Arquivo (CIDARQ/UFG), em 29 abr. 2019.

ATA IV FPMU. **Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários**. Google Groups. 2 p. 2019. Mensagem recebida por em 16 dez. 2019.

CARTA CIRCULAR GANTOIS; CUNHA. **Circular para membros do Fórum de Museus Universitários e Profissionais de Museus - Considerações acerca do adiamento do II Encontro de Museus Universitários**. Fundo Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). 1 p. Salvador, 1998. GANTOIS, Ana; CUNHA, Marcelo. [Carta Circular] 08 mai. 1998, Salvador. Acesso em: 27 jul. 2018.

CIRCULAR Nº 1. Arquivo do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG). **Livro encadernado Museus Universitários Hoje - I Encontro Nacional de Museus Universitários**. Livro encadernado 283 p. 1992. Circular nº 1 p. 38. Acesso Arquivo Centro de Informação, Documentação e Arquivo (CIDARQ/UFG) em 29 abr. 2019.

CONCLUSÕES GERAIS DO I ENCONTRO NACIONAL DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS. Arquivo do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG). Livro encadernado Museus Universitários Hoje - I Encontro Nacional de Museus Universitários. Livro encadernado 283 p. 1992. Conclusões Gerais p. 260-266. Acesso Arquivo Centro de Informação, Documentação e Arquivo (CIDARQ/UFG) em 29 abr. 2018.

ENTREVISTA PÚBLICA “MEMÓRIA DO FÓRUM PERMANENTE DOS MUSEUS UNIVERSITÁRIOS. **V Fórum Permanente de Museus Universitários**. Belo Horizonte, [2018]. Disponível em: <https://www.facebook.com/rededemuseusdaufmg/videos/264937540692200/>. Acesso em: 14 dez. 2019.

EQUIPE ORGANIZADORA I ENMU. Arquivo do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG). **Livro encadernado Museus Universitários Hoje - I Encontro Nacional de Museus Universitários**. Livro encadernado 283 p. 1992. Acesso Arquivo Centro de Informação, Documentação e Arquivo (CIDARQ/UFG) em 29 abr. 2018.

FÓRUM PERMANENTE DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS, 2001, Natal. Anais II FPMU[...]. Natal: **Arquivo Institucional do Museu Câmara Cascudo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte**; Setor de Documentação e Memória do MCC/UFRN, 2001.

FÓRUM PERMANENTE DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS. **Relatório final do VII Fórum Permanente de Museus Universitários**. [S.l.]. Apresentado à Secretaria de Educação Superior (Sesu) e ao Ministério da Educação (MEC), 2023.

FPMU. Comissões. Site: **Fórum Permanente de Museus Universitários**, [s.d.]. Disponível em: <https://fpmu.com.br/comiss%C3%B5es>. Acesso em: 14 out. 2025.

GANTOIS, Ana Maria. **O papel do museu universitário no milênio**. II Encontro Nacional de Museus Universitários. Fundo Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) 2001.

INFORMATIVO UFG. Arquivo do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG). **Livro encadernado Museus Universitários Hoje - I Encontro Nacional de Museus Universitários**. Livro encadernado 283 p. 1992. Informativo p. 276. Acesso Arquivo Centro de Informação, Documentação e Arquivo (CIDARQ/UFG) em 29 abr. 2018.

JULIÃO, Letícia. **UFMG abriga o V Fórum Permanente de Museus Universitários. Semana do Conhecimento**. [Entrevista cedida a] Bárbara Gonçalves.Proex/UFMG, Belo Horizonte, outubro. 2018. Disponível em: <https://www.ufmg.br/semanadoconhecimento/2018/noticia/ufmg-abriga-o-v-forum-permanente-de-museus-universitarios/>. Acesso em: 11 out. 2025.

MAE, **Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR. VI Fórum Permanente de Museus Universitários disponibiliza seus Anais em 2 volumes**. 2021. Disponível em: <https://mae.ufpr.br/vi-forum-permanente-de-museus-universitarios-disponibiliza-seus-anais-em-2-volumes/>. Acesso em: 14 out. 2025.

MOÇÕES I ENMU. Arquivo do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG). **Livro encadernado Museus Universitários Hoje - I Encontro Nacional de Museus Universitários**. Livro encadernado 283 p. 1992. Acesso Arquivo Centro de Informação, Documentação e Arquivo (CIDARQ/UFG) em 29 abr. 2018.

O POPULAR. Clipping Assessoria de Comunicação Social da UFG. Arquivo do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG). **Livro encadernado Museus Universitários Hoje - I Encontro Nacional de Museus Universitários**. Livro encadernado 283 p. 1992. Guardiã da identidade dos povos, editoria Caderno Dois, 30 jul. 1992. Acesso Arquivo Centro de Informação, Documentação e Arquivo (CIDARQ/UFG) em 29 abr. 2019.

OFÍCIO CIRCULAR 153/95. Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais. **Fundo Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)**. 2 p. 1995. Acesso em 27 jul. 2018.

PROGRAMAÇÃO I ENCONTRO NACIONAL DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS (I ENMU), Arquivo do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG). **Livro encadernado Museus Universitários Hoje - I Encontro Nacional de Museus Universitários**. Livro encadernado 283 p. 1992. Programação p. 4. Acesso Arquivo Centro de Informação, Documentação e Arquivo (CIDARQ/UFG) em 29 abr. 2019.

RIBEIRO, Maria das Graças. **Universidade, museus, e o desafio da educação, valorização e preservação do patrimônio científico cultural brasileiro**. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário de Souza; SANTOS, Myrian Sepúlveda dos (Org.). *Museus, coleções e patrimônios: narrativas polifônicas*. Rio de Janeiro: Garamond, p. 20-47, 2007.

SESSÃO DE ABERTURA II FPMU. Arquivo Institucional do Museu Câmara Cascudo (MCC). Setor de Documentação e Memória. **Documentação relativa à organização e realização do II Encontro Nacional de Museus Universitários - "Museus: desafios do milênio"**, 47 p. 2001. Acesso em: 12 dez. 2019.

SOARES, Marianna de Souza. **Museus universitários, encontros e redes de museus: estratégias de articulação e reconhecimento**. 2020. 248 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, Brasília 2020.

UFRJ. **VII Fórum de Museus Universitários recebe resumos até amanhã**. Site: Conexão UFRJ, 14 mar. 2023. Disponível em: <https://conexao.ufrj.br/2023/03/vii-forum-de-museus-universitarios-recebe-resumos-ate-amanha/>. Acesso em: 14 out. 2025.

VI FPMU, **Documentos finais. VI Fórum de Museus Universitários**. Site: VIFMU, [s.d.]. Disponível em: <https://vifmu.ufpr.br/portal/documentos-finais/>. Acesso em: 14 out. 2025.

O Museu Universitário Hoje

Museu Antropológico
Universidade Federal de Goiás (UFG)
1º FPMU - 1992

Os museus universitários e suas principais questões

Museu de Arqueologia e Etnologia
Universidade de São Paulo (USP)
2º FPMU - 1997

Museus: Desafios do Milênio

Museu Câmara Cascudo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
3º FPMU - 2001

Museus Universitários: Ciência, Cultura e Promoção Social

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
4º FPMU - 2006



Em defesa do patrimônio cultural e científico dos museus universitários

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

5º FPMU - 2018

Patrimônio Museológico universitário: experiências e olhares diversos

Museu de Arqueologia e Etnologia
Universidade Federal do Paraná (UFPR)

6º FPMU - 2021

30 anos depois... para que(m) ainda serve(m) os museus e coleções universitárias? Panoramas históricos, provocações reflexivas, perspectivas empíricas e proposições metodológicas para o século XXI

Museu de Geologia / Museu Nacional e Escola de Museologia
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

7º FPMU - 2023

Coleções, Museus Universitários e Sociedade: elos entre Ciência, Cultura e Comunidade

Museu de Arte
Universidade Federal do Ceará (UFC)

8º FPMU - 2025



ENTRE PASSADO E AGORA: APRENDIZADOS DO PRIMEIRO FÓRUM

Jéssica Tarine Moitinho de Lima (UFPA)

jessicatarine@ufpa.br

Neste ano, o 8ºFPMU assumiu como fio condutor a homenagem ao primeiro fórum, recuperando sua memória, suas pautas fundadoras e o espírito colaborativo que o originou. A programação reuniu depoimentos de quem ajudou a erguer a iniciativa, mostras documentais com cartazes, atas e registros fotográficos, além de uma linha do tempo que destacou marcos, desafios e conquistas. Assim, o encontro conectou trajetórias, reativou debates que permanecem atuais e reafirmou o compromisso com a Museologia como campo crítico e socialmente engajado.

Para fortalecer esse tributo, o 8ºFPMU promoveu mesas de conversa intergeracionais, oficinas de preservação de acervos do próprio fórum e atividades de escuta com participantes de diferentes edições. As ações valorizaram o legado dos pioneiros, apontaram caminhos para novas articulações e incentivaram a continuidade de redes de apoio entre instituições, cursos e coletivos. Ao celebrar o passado e projetar o futuro, o evento transformou a homenagem em prática viva de formação, troca e cuidado.

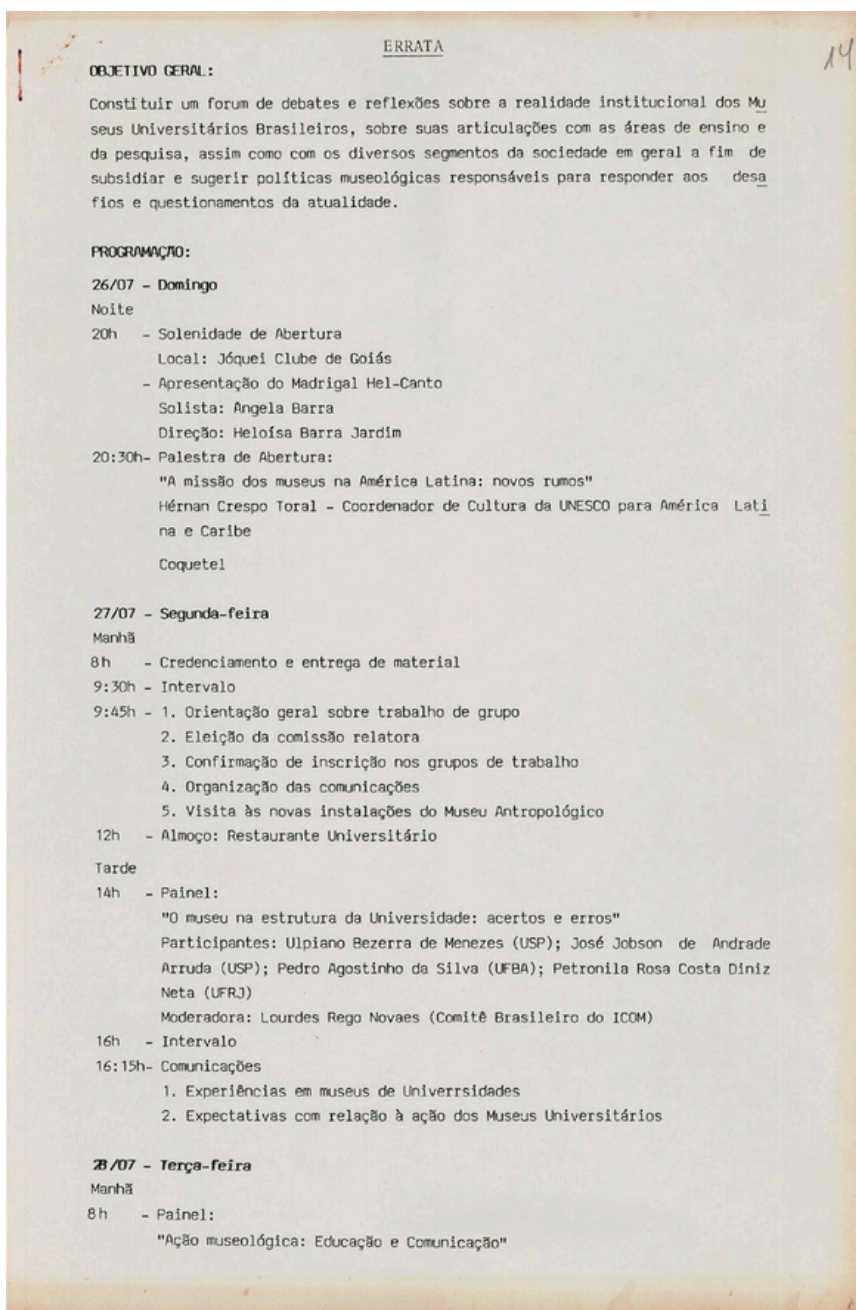
O primeiro fórum estruturou uma programação intensa entre 26 e 30 de julho de 1992, abrindo com solenidade no Jôquei Clube de Goiás e a conferência “A missão dos museus na América Latina: novos rumos”, proferida por Hérnan Crespo Toral (UNESCO). Ao longo da semana, organizou painéis que atravessaram os eixos centrais da museologia universitária: “O museu na estrutura da Universidade: acertos e erros”; “Ação museológica: Educação e Comunicação”; “A pesquisa nos museus”; e “Administração e museus”. Também houve credenciamento, orientações para trabalhos em grupo, eleição da comissão relatora, visitas às novas instalações do Museu Antropológico, sessões de comunicações e a preparação/aprovação de documentos finais em plenária. Uma feira de artesanato ocupou as tardes no térreo do Museu Antropológico, integrando comunidade e universidade.

A dimensão cultural esteve presente todos os dias com apresentações de corais, a encenação de *“The Zoo Story”* (“História do Zoológico”, de Edward Albee) pelo Teatro Universitário e um concerto da Orquestra de Violeiros, sempre às 18h30. Essas ações reforçaram o caráter público e plural do encontro, ampliando o diálogo com diferentes públicos para além das mesas técnicas.

Nas comunicações, destacaram-se experiências que aproximavam ensino, pesquisa, extensão e acervo. O Projeto Educação Básica articulou o Museu Antropológico da UFG com escolas públicas (1982–1988), levando acervos de Etnologia e Arqueologia às salas de aula, promovendo semanas temáticas e oficinas, e envolvendo estudantes do 3º grau na prática docente e museal. Outra experiência veio do Museu da Cultura (PUC-SP), iniciativa transdisciplinar do Departamento de Antropologia que integrou produção acadêmica, multimídia e ação cultural para públicos universitários e não universitários.

Também houve a apresentação do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA (MAE), com ênfase na história institucional, na arquitetura do edifício, na organização museográfica e em coleções arqueológicas e etnográficas como amostras do Alto Xingu, reforçando o papel da pesquisa científica e do patrimônio do Centro Histórico de Salvador.

Ao recuperar essa programação, o nosso fórum deste ano reafirma um legado: museus universitários como espaços de formação, produção de conhecimento, cidadania e interlocução cultural. Ao homenagear o primeiro encontro, atualizamos seus eixos: estrutura universitária, educação/comunicação, pesquisa e gestão, para os desafios contemporâneos, fortalecendo redes, práticas colaborativas e o compromisso público que inspirou aquela edição inaugural e que orienta o tema do nosso fórum neste ano.



Participantes: Maria Célia Moura Santos (UFBA); Tereza Scheiner (UnIRio);
Lenir Magalhães (UFG); Maria Regina Mattos (UFPR)
Moderadora: Magali Cabral (COFEM)

10h - Intervalo

10:15h- Comunicações

1. Experiências em museus de Universidades
2. Expectativas com relação à ação dos Museus Universitários

12h - Almoço: Restaurante Universitário

Tarde

14h - Painei:

"A pesquisa nos museus"

Participantes: Maria Cristina de Oliveira Bruno (USP); Lydia Poleck (UFG);
Carlos Arguelo (UNICAMP); Peter Fischer (UFG)

Moderadora: Marlene de Oliveira (CNPq)

16h - Intervalo

16:15h- Comunicações

1. Experiências em museus de Universidades
2. Expectativas com relação à ação dos Museus Universitários

18:30h- Atividade Cultural

29/07 - Quarta-feira

Manhã

8h - Painei:

"Administração e museus"

Participantes: Ana Mae Barbosa (USP); Volney Lobato (UFMG); Regina Márcia
Moura Tavares (PUCCAMP); Roque de Barros Laraia (UNB); Edna Luísa de Melo
Taveira (UFG)

Moderadora: Ismênia de Lima Martins (UFF)

10h - Intervalo

10:15h- Comunicações

1. Experiências em museus de Universidades
2. Expectativas com relação à ação dos Museus Universitários

12h - Almoço: Restaurante Universitário

Tarde

14h - Trabalho em grupo

Temas:

1. A pesquisa em museus
2. Museus e Cidadania
3. O museu e sua relação com a Universidade

18:30h- Atividade Cultural

30/07 - Quinta-feira

Manhã

8h - Trabalho em grupo / Elaboração de propostas

10h - Intervalo

11:30h- Entrega das sínteses ao grupo relator

12h - Almoço: Restaurante Universitário

Tarde

14h - Preparação dos documentos finais pelo grupo relator

1. Conclusões do seminário

2. A pesquisa e a formação em museus

16h - Plenária de encerramento / Aprovação dos documentos

18:30h- Atividade Cultural

21:30h- Jantar de Confraternização (adesão)

OBS.: Todos os dias, no período vespertino, funcionará no andar térreo do Museu An-
tropológico uma Feira de Artesanato.

17

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

"MUSEU UNIVERSITÁRIO HOJE: 1 ENCONTRO CULTURAL"

DIA 28/JULHO/1992 (terça-feira)

HORÁRIO: 18h 30m

ATIVIDADE CULTURAL

APRESENTAÇÃO DE CORAIS

- 1- "Coro de Câmara da Catedral de Goiânia"
Regente - Rita Mendonça
Acompanhador - Caroline Campos
- 2- "Coral Vozes da Experiência"
Regente e Acompanhador - Marta Martins
- 3- "Por In Cantos"
Regente - Júlio Melo
Acompanhador - Vanessa Oliveira

APOIO:

Instituto de Artes da UFG
NUCAIC/UFG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
"MUSEU UNIVERSITÁRIO HOJE: I ENCONTRO NACIONAL"

DIA 29/JULHO/1992 (quarta-feira)

HORÁRIO: 18h 30m

ATIVIDADE CULTURAL

TEATRO UNIVERSITÁRIO

apresenta

"A HISTÓRIA DO ZOOLOGICO"
(The Zoo Story)

de

EDWARD ALBEE

Tradução: Maria Lúcia Félix de Sousa

ATORES

Jorge Aziz Lacerda

Vanderlan Marques

PERSONAGENS

Peter

Jerry

FICHA TÉCNICA

Cenário

Execução de objeto cênico

Seleção Musical

Iluminação

Direção

Fernando Costa Filho

Gilmar Camillo

Wladimir Araújo

Luiz Rangel

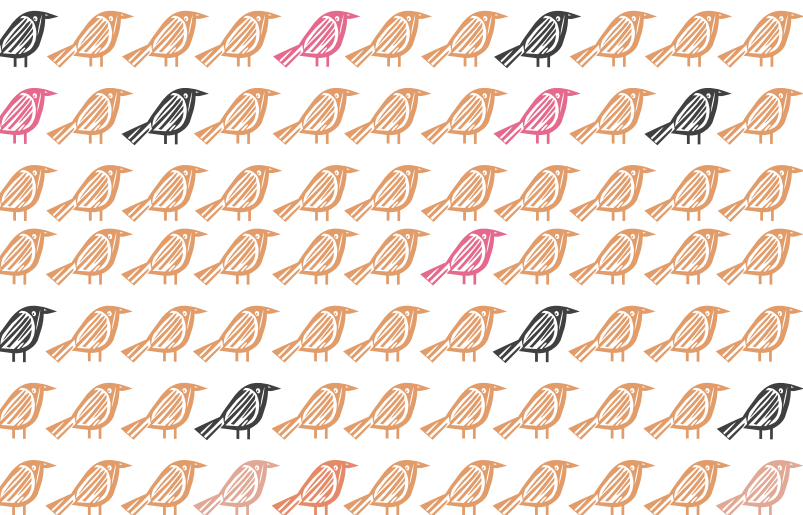
Carlos Fernando Magalhães

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
-MUSEU UNIVERSITÁRIO HOJE: I ENCONTRO NACIONAL-
DIA 30/JULHO/1992 (quinta- feira)
HORÁRIO: 18h 30m

ATIVIDADE CULTURAL

"ORQUESTRA DE VIÓLEIROS"

da
Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira
Regente - Mara Santos



CONTRIBUIÇÕES ESPECIAIS

Este conjunto de textos prolonga o 8º Fórum Permanente de Museus Universitários. O que nasceu em mesas, visitas e conversas se reabre aqui em páginas que acolhem experiências, dúvidas e soluções praticadas. Ao ler, o encontro continua: cada contribuição cria pontes entre pesquisa, gestão, ensino e o cotidiano dos acervos. Há relatos que atravessam reservas técnicas e salas expositivas; outros se debruçam sobre políticas, documentação, comunicação e participação social. Chegam vozes de diferentes regiões, instituições e trajetórias. Algumas partem do campo, outras do laboratório, da biblioteca ou da sala de aula. Juntas, elas revelam a pluralidade dos museus universitários e a força de quem os mantém vivos.

A edição preserva a linguagem de cada autoria e valoriza contextos e escolhas terminológicas. A organização favorece percursos por temas, mas convida a leituras cruzadas: é possível entrar por qualquer seção e encontrar ressonâncias adiante. Mantemos referências e créditos para que o uso em aulas, projetos e pesquisas seja simples e responsável. Registramos agradecimento às pessoas que escreveram, revisaram e compartilharam tempo e conhecimento. Que este livro sirva como ferramenta de trabalho, convite à colaboração e estímulo a práticas mais justas, participativas e sustentáveis. Que fortaleça redes e encoraje novas parcerias entre cursos, coleções e comunidades.

Boa leitura.

Comissão Organizadora do 8ºFPMU



Joana Medeiros, Larissa Medeiros e Guilherme Linhares
Fotógrafo: Flávio Almeida

POR UMA NOVA CONCEITUAÇÃO DE MUSEUS IMPLICAÇÕES NO ANTROPOCENO

Ulpiano T. Bezerra de Menezes

Professor Emérito da FFLCH/USP

After such knowledge, what forgiveness? (T.S.Eliot, Gerontion)

Após tal conhecimento, que perdão é possível?

As relações entre homem e natureza sempre foram de confronto. Convém notar que, já no relato da Bíblia hebraica, consta que Adão, o primeiro homem, foi modelado com pó da terra; portanto, era um ser da natureza, assim como sua companheira, Eva, derivada de uma costela sua. No Jardim do Eden, ambos desfrutavam do que a natureza lhes oferecia, até que se dá a primeira narrativa de uma crise fatal entre o homem e a natureza: a decisão de comer do fruto proibido da árvore da sabedoria do bem e do mal. Esta narrativa mítica contém uma extraordinária justificativa da existência do mal no mundo, associada ao saber. É nessa linha que o poeta Eliot se referia aos diversos saberes que alimentaram os horrores da Segunda Guerra Mundial. Haveria perdão para o saber? O verbo saber significa saborear, sentir o gosto, doce ou ácido, venenoso ou saudável. Aliás, a própria Bíblia associa, na árvore da sabedoria, o bem e o mal. A serpente, ser da natureza, sugeriu o mal para uso da sabedoria. O saber em si nunca foi um mal. Os usos são escolhas nossas.

Na evolução cultural, esse confronto original se revela com o surgimento da agricultura e do pastoreio, que põem a natureza definitivamente a serviço do homem. Posteriormente, a indústria e, ainda bem mais tarde, agora, o surgimento das grandes corporações (e da I. A. corporativa e dos algoritmos) jogam mais lenha na fogueira.

Humanismo

Desde a Antiguidade, no Ocidente, surgiram várias concepções do humano – sempre em oposição ao não-humano, isto é, os animais, as plantas, as matérias e paisagens naturais, as coisas em geral. Com o Cristianismo consolida-se uma concepção da dignidade da pessoa humana, distinta de todo o restante da criação.

Tal concepção – o Humanismo -- foi reciclada ao longo da história, do Renascimento ao Iluminismo, da Revolução Industrial ao Cientificismo e ao Capitalismo e assim por diante... Parecia, sempre, que nunca fizéramos parte da natureza. Seríamos apenas exploradores e vizinhos urbanos, embora envoltos por ela.

No ápice desta toada está a Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 1948. Sem dúvida alguma, benéfica, necessária e, mesmo, indispensável, sobretudo como contraponto à crueldade da II Guerra Mundial, cuja desumanidade estava mais que presente nas mentes e corações. Era preciso proteger os humanos -- que são todos aqueles indivíduos da espécie do *Homo sapiens sapiens*, independentemente da etnia, cor, nacionalidade, crença, condição social ou intelectual, etc.

Entretanto, como lembra Michel Serres, nunca nossa espécie admitiu a necessidade de uma Declaração Universal dos Direitos da Natureza, já que a natureza não integrava a família do *sapiens*, estava aí apenas para nos servir. Onde a conclusão de que, não sendo parte dela, apenas estando por ela cercados, nada lhe devíamos. Pelo contrário sendo, por direito natural, seus senhores, ela estaria à nossa inteira disposição. Afinal, nós é que somos seres dotados de sabedoria, de mente e mando, por decisão em causa própria. Claro que a dignidade da pessoa humana nos garantia passe livre. Por outro lado, o Humanismo renascentista havia produzido um legado de obras artísticas, filosóficas, históricas, científicas que enriqueceram o arsenal espiritual de nossa espécie.

A exceção eram os povos ditos “primitivos”, considerados exóticos seres da natureza. A dicotomia entre natureza e cultura produzia, assim, barreiras difíceis de contornar. E foi o alibi para a escravização de seres humanos.

Foi também o antropocentrismo dos “civilizados” que legitimou a espécie humana como predadora autorizada da natureza, por sua vez transformada em objeto de uso e abuso e despojada de qualquer benefício. Hoje, estamos chegando aos extremos. Basta lembrar os desmatamentos florestais, a poluição industrial, a demanda extraordinária de energia para todos os fins – com taxas extremadas de produção de gases de efeito estufa, a perda de espécies animais e vegetais, em terra, nos oceanos e rios, toda uma vasta gama de agressões à biosfera. Somem-se a isso as iniquidades extraordinárias derivadas do acesso diferencial aos recursos naturais da parte de grandes massas populacionais, muitas vezes obrigadas a deslocamentos de escala, fome, doenças ou morte prematura.

Contudo, a natureza tardou em reagir, mas não falhou: o aquecimento dos oceanos, o derretimento do gelo polar e dos altos cumes, o comprometimento da biodiversidade, as secas e inundações catastróficas, tempestades de areia, fenômenos atmosféricos altamente destrutivos, desertificações que já estão reduzindo a produção agrícola e provocando escassez de alimentos e danos à saúde em várias partes do mundo: eis alguns sintomas de um grave descontrole em passo contínuo e progressivo.

Responsável por todo esse descontrole, O Homo sapiens sapiens não tem motivo nenhum para se orgulhar. Sua atitude é suicida. O homem não é mais o rei da criação, mas seu algoz -- algoz de si mesmo, pois ele é parte da natureza que ele mesmo maltrata, por ganância.

O Antropoceno é a resposta da natureza se defendendo. A denominação representa uma era geológica com características próprias – mesmo sem ainda sem a denominação e natureza cientificamente confirmadas, a definir, inclusive sua cronologia e características específicas. De qualquer modo, o prefixo antropo (do grego anthropos, ser humano) assinala uma condição criada pela ação humana. O paradoxo é que o Antropoceno revela o poder dessa ação destrutiva de nossa espécie, e, ao mesmo tempo, nossa fragilidade diante da reação da natureza.

Já existe uma boa soma de pesquisas e publicações sobre as consequências climáticas, políticas, sociais e econômicas da ação antropocênica. No entanto, está apenas no início o interesse por questões de viés filosófico e antropológico, como o golpe profundo sofrido pelo antropocentrismo, a ponto de o Antropoceno, na ótica das ciências sociais, ser também chamado de período pós-humano – em que o humano se vê compelido a dialogar com o não-humano, também denominado como um novo materialismo ou Capitaloceno. Em suspenso: qual o futuro dos humanos destronados, no Antropoceno?

COMPROMISSOS DOS MUSEUS

Ora, os museus, cuja identidade e atuação se inserem profundamente no processo histórico, não poderiam, agora, existir à margem do Antropoceno. Assim, qualquer conceituação forçosamente teria que explicitar tal vínculo. Valeria a pena repensar agora a própria natureza dos museus, incluindo novas exigências criadas e impostas pelo Antropoceno, e que não se limitam às graves questões do clima, aquecimento global, sustentabilidade, etc, etc, mas à concepção de uma nova ontologia pertinente às relações do homem com a natureza, sob as condições inescapáveis do Antropoceno.

PROPOSTA DE CONCEITUAÇÃO DE MUSEU

Nesses termos é que proponho, experimentalmente, uma conceituação que não pretende ser definição, muito menos em substituição à definição adotada pelo ICOM. Trata-se, em suma, de uma perspectiva de trabalho, que serve ao exame da situação que estamos vivendo. Não estou preocupado com definições porque, como o termo indica, definir é demarcar, portanto limitar, apontar um fim para o amplo espectro de natureza e funções que os museus poderiam exercer em uma situação de crise, como a nossa, em que o conhecimento científico e, mais ainda, a imaginação criadora são recursos prioritários.

Nesta perspectiva é que proponho a seguinte conceituação:

Museus são arenas sensoriais estáveis e sem fins lucrativos, profissionalmente comprometidas com a salvaguarda e operação de recursos de todos os tipos, considerados como processos de mediação entre realidades materiais e imateriais, a fim de tornar nosso conhecimento e experiência da vida – humana e não-humana, em interação – mais sensível, extensa, compartilhável, confiável, gratificante e capaz de aprofundar visões de mundo e alimentar a ação social responsável.

Vale a pena testar a versão para o inglês, língua franca:

Museums are stable non-profit sensorial arenas, professionally committed to safeguarding and operating resources of all kinds as mediation processes between material and immaterial realities, to make our knowledge and experience of life – human and non-human, in interaction – more susceptible, extensive, reliable, sharable, gratifying, and able to nurture responsible social action.

JUSTIFICATIVA

Reduzi ao máximo as invariáveis do museu e procurei, antes, imaginar o efeito de certos domínios de ação. Em outras palavras, optei por salientar mais os resultados a atingir que os caminhos a percorrer.

I – ARENA SENSORIAL

Conceito básico, arena é um lugar de encontro (uma das mediações fundamentais é a de presença física). Arena é também um lugar de confronto, não de verdades únicas e definitivas. Não se trata de relativismo cultural, porque, justamente, é só no confronto que se pode produzir aquela confiabilidade que os museus podem suscitar. Dito com outras palavras: museu é um lugar de perguntas, mais que de respostas prontas, lugar em que se pode aprender a formular perguntas pertinentes. Ora, o museu é um extraordinário espaço de leitura crítica e de formação do espírito crítico, capaz de ensinar a distinguir, separar, sopesar, avaliar os comportamentos e as coisas da vida.

Esta arena é sensorial, pois a comunicação do museu – e seu grande privilégio costumeiramente ignorado -- é a sensorialidade. É por intermédio da percepção multissensorial que o ser humano (cuja condição básica é ser um corpo, mais que ter um corpo, como dizem os antropólogos) sai da gaiola da sua interioridade e se comunica com a natureza, seus semelhantes e até mesmo o transcendente. O antropólogo David Howes diz que as normas sociais são basicamente normas sensoriais e lembra que a palavra ‘consenso’, ingrediente do jogo social, significa socialmente juntos’. As formas da vida social, assim, dependem de nossos sensores, das distâncias e proximidades, das extensões e circunscrições, dos aromas e dos sabores, das cores e dos sons, da tutilidade das coisas...

Não há, na realidade humana, o que escape da condição corporal. Qualquer objeto, de um sapato a uma joia, de uma tela a uma fotografia de natureza morta, não há variáveis que não digam respeito ao corpo, ao menos como variáveis de percepção, envolvendo, no museu, os agrupamentos, e separações e prioridades, expressas na linguagem expositiva que é, sobretudo, visual e espacial. As formas de vida social dependem de nossos sensores. São eles, inclusive, um dos responsáveis pela discriminação social.

O caso humano é complexo, pois não deriva de um programa biológico prévio, mas de um hardware que vai se configurando ao longo do aprendizado e das experiências individuais e coletivas. Hoje, já são numerosos os museus que trabalham com as percepções sensoriais mas mesmo aqueles que se consideram “museus sensoriais”, no esforço de tornar sensível (isto é, corporalmente perceptível) aquilo que, de tão basicamente indispensável à nossa existência, como a atuação dos nossos sete sensores prioritários, passam, no geral, paradoxalmente despercebidos.

II - RECURSOS DE TODO TIPO

A radicalidade de nossa condição corporal, ignorada na vida cotidiana, tem no museu talvez a principal oportunidade de enfrentar a falsa antinomia material / imaterial, que é dialética, mas não excludente. Num mundo em processo acelerado de desmaterialização, o museu se apresenta como um dos baluartes em que sempre haverá estimulação dos sentidos para suscitar a capacidade de ver, observar o que se expõe e extrair inferências: do visível para desvelar o invisível. Quanto ao museu virtual, eu o vejo como uma degradação do museu sensorial. Os recursos virtuais, sem sombra de dúvida, são indispensáveis e bem-vindos, porém o virtual deve produzir resultados para os objetivos do museu, ao invés de se apresentar como shows tecnológicos. O mesmo vale para os projetos imersivos. Convém lembrar que imersão sem emersão gera morte por asfixia. E, apesar da progressiva desmaterialização da sociedade, a presença corporal não perdeu suas funções.

É preciso, ainda, ter em mente que recursos englobam uma articulação de todas as categorias: materiais, simbólicas, humanas, financeiros, de imagem e assim por diante.

III - PROCESSOS DE MEDIAÇÃO / VIDA COMO EIXO

A mediação do museu com a sociedade comporta uma interação ampla, diversificada e indispensável das práticas materiais e simbólicas que constituem o campo da cultura. No entanto, penso que se deve ir além. A mediação que me parece essencial é a do museu com a vida. Vida em todos os seus significados. Por exemplo, não há peça que se exponha em um museu, que não tenha uma história de vida, mais a vida de quem a produziu ou que dela se serviu. Ou que também não tenha um papel direto ou indireto na vida de quem visita o museu.

Vida, entendo aqui como experiência consciente do existir. E ela me parece ser um ponto central no cotidiano do museu. O museu tem a capacidade de tornar sensível o que é a vida em todas as suas dimensões, fracassos, retomadas e sucessos. É preciso, pois, aprender a ler a vida. No museu isso é possível com a leitura de objetos, imagens e textos, tratados como interlocutores que sempre têm a nos dizer algo sobre as interações que compõem o emaranhamento da vida.

IV - EDUCAÇÃO

A educação no museu muitas vezes é tratada como transferência de informações. Ora, para mim, a educação tem a ver com o aprofundamento da visão de mundo e consequente responsabilidade social, ancorada no conhecimento da vida e vida como experiência, repito.

Esta perspectiva, sem dúvida, precisa ser esclarecida. Vale a pena começar pela etimologia do verbo “educar”. A etimologia sempre me pareceu um caminho fecundo para conhecer o surgimento de uma nova necessidade social e o testemunho da criação de um termo para sua identificação coletiva. Além disso, as palavras são substitutas da ação, como ensina Freud.

Educo / educare e educeo/ educere: eis dois verbos latinos contemporâneos, ambos nascidos do mesmo tronco dux: conduzir. Ambos com sentidos semelhantes, a despeito de usos diferentes: educare era preferido para significar conduzir, criar, cuidar, informar, sendo a concepção de educação como ‘modelagem’, adaptação a um modelo prévio. Já educere, tem no “e” inicial o sufixo ex, que significa “para fora”, marcando significativa mudança de sentido: introduz uma virada, no caso da educação uma ruptura com as acomodações do cotidiano, saída para o exterior de si próprio. Educação não pode ser concebida como mera transmissão de conhecimento, embora o conhecimento seja indispensável. Essa saída de si, enfim

essa mudança consciente de vida lembra Paulo Freire, para quem educação era um processo de humanização, como capacidade de definir-se permanentemente e capacitar-se para agir na sua realidade da vida e transformá-la, visando a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

O antropólogo Tim Ingold trata a antropologia como uma prática de educação (por acompanhar a vida no seu desenrolar) e de mudança e completa ao associá-la à atenção. Cita vários colegas que mudaram sensivelmente o modo de pensar o mundo após suas pesquisas de campo, que “os educaram”, e termina com uma aguda mensagem do filósofo Richard Rorty: (trata-se de) “abrir espaço para a sensação de encantamento que os poetas às vezes provocam – encantamento de que há sim, algo de novo debaixo do sol, que não seja uma representação precisa de algo que já está lá, algo que (ao menos por ora) não pode ser explicado e apenas precariamente descrito”. Emoção, encantamento, descoberta, imaginação, paciência, atenção: produtos indutores de mudança. Assim é que se torna ciência do mundo e da vida.

Recomendação prática

Sendo a educação um processo que se desenvolve no tempo, que necessita de reiteração e decantação para criar hábitos, e, que, sem dúvida, exige o conhecimento prévio mínimo dos educandos, penso que sua eficácia seria mais garantida se os educadores de museu tivessem a eles próprios como educandos em cursos de formação. Por sua vez, a atividade de guias de exposição é muito relevante, não deve ser desativada, mas tem limite na informação, isto é, transmissão de dados básicos de conhecimento de objetos de exposição ou acervo.

V- RESPONSABILIDADE SOCIAL DO MUSEU

Não tenho dúvidas: a principal e urgente necessidade do museu, aqui e agora, é determinada pelos problemas postos em curso pelo Antropoceno e, ao mesmo tempo, pelo extraordinário potencial de futuro humano que ele promete. E o museu, claro, é uma plataforma apta a dar a conhecer as diversas dimensões do problema do clima – coisa que muitos deles já fazem, com maior ou menor competência. Resta agora colocar em foco o problema mais radical que o Antropoceno nos coloca: o antropocentrismo foi destronado. Rei morto, rei posto? Qual o perfil desse novo ser humano, sem o fermento de malefícios que ele produziu? Em suma: que era pós-humana estamos projetando?

DIANTE DO ANTROPOCENO, QUE FAZER?

Trata-se de um tema muitíssimo complexo e não haveria sentido em desenvolvê-lo aqui. Basta dizer que é muito amplo o campo de especialidades envolvidas: geologia, pedologia, climatologia, epidemiologia, antropologia, sociologia, economia, direito, psicologia etc., etc., etc. Por isso só cabe apontar algumas posturas que são urgentes e se referem a novas condições ontológicas – questões de máxima importância.

Teríamos que colocar o sapiens no cadafalso, para combater o antropocentrismo? Assimilar os hábitos dos objetos, das árvores e plantas, dos animais? Dar-lhes a regência de nossa sociedade? Não é por aí, claro. Os humanos merecem respeito. Todos eles.

*Nenhum homem é uma ilha
Inteiro por si só.*

*Porque estou envolvido pela humanidade,
Nunca procuro saber
Por quem os sinos dobram
Eles dobram por ti
(John Donne)*

Nenhum homem é uma ilha, quer dizer, não existe vida a não ser num trançado de linhas e trocas permanentes. Vida é interação. Por isso, minha vida se confunde com outras vidas ao longo de minha existência. Temos que nos convencer de que somos filhos da mesma natureza, embora nela tenha vigência o princípio da diversidade. Mas é da natureza que deriva nossa unidade humana. Porém, ela só existe se a cultivarmos. Nem por isso devemos desprezar as ontologias diferentes da nossa, como a ameríndia, que, ao contrário do que prevalece no Ocidente, desde o Iluminismo - a crença de uma única natureza e várias culturas - propõe uma única cultura e várias naturezas. (Trata-se do perspectivismo, assim nomeado pelo antropólogo Eduardo Viveiros de Castro). É uma visão de mundo que devemos respeitar porque sua lógica, embora diversa da nossa, é capaz de ordenar vidas dignas.

“Quando juntos aqui... somos capazes de experimentar de novo essa espécie de contato com a teia da vida na sua expressão de maravilhamento, nós tangenciamos esse lugar do sonho”. Teia da vida, que nos faz solidários e nos faz sonhar: a fala é do cacique e membro da Academia Brasileira de Letras, Ailton Krenak.

Como filhos da natureza, não podemos agir como se dela fôssemos senhores. Na natureza, reina o princípio da diversidade, portanto, das múltiplas maneiras de viver, em linhas que nos amarram ao emaranhado da vida. Unidade na diversidade. Diversidade de ontologias.

Por isso, convém aceitar que a inteligência humana – capaz de tantos benefícios, quanto malefícios — não é atributo exclusivo nosso. Sob outras formas, a inteligência também equipa os animais, as árvores, as plantas – e até mesmo matérias supostamente inertes, todos capazes de cognição, para se defender, memorizar, adaptar-se e cumprir suas missões.

RESPONSABILIDADE DOS MUSEUS

Parece-me evidente, diante do quadro apresentado, que os museus já estão imersos no contexto do Antropoceno, porém conscientes apenas de seus efeitos sobre a biosfera. Resta, assim, preparar-se para agir no campo principal, aquele de comportamento bem mais sensível e complexo: o combate ao antropocentrismo. Nesse sentido, os museus universitários serão privilegiados, pois podem receber, dos diversos campos de conhecimento, os insumos necessários para mais essa tarefa. Além de combater o antropocentrismo é preciso também projetar o futuro.

Mas como fica a expografia que, afinal, é uma das linguagens específicas de museus?

Não vou discorrer sobre o assunto, mas, para encerrar esta minha fala, gostaria de apresentar dois casos em que pressupostos do Antropoceno foram tratados com imaginação e eficácia.

O primeiro poderia ter-se desenvolvido num museu de ciências ou da música, mas ocorreu num laboratório em Chicago. Trata-se de uma experiência levada a cabo por Steingo Gavin, intitulada "*Sound and music beyond humanity*", em 2014. O objetivo era tentar comunicação com não-humanos pela música, com gravações do canto das baleias, projetado no espaço cósmico em busca de possível comunicação com *aliens*. Gavin procurou modos de ouvir o oceano e o espaço cósmico, dois reinos anteriormente inacessíveis aos sentidos e à investigação empírica, cruzando os sons das profundidades oceânicas. Espaço externo cruzando a borda / limite. E disso tudo procurando extrair uma biosemiótica.

O segundo exemplo está registrado no catálogo editado por Thiery Dufrène, Emmanuel Grimaud, Denis Vidal, Anne Cristine Tygor, em Paris, 2016, no *Musée du Quai Branly*. A exposição se intitulava *Persona, étrangeté humaine*. O propósito era interrogar as condições formais e os dispositivos situacionais utilizados pelas mais diversas culturas, para injetar "persona" nos objetos e os mecanismos pelos quais um objeto acede ao estatuto de "pessoa", arte, artefato, estatuto dos objetos, agência, objeto animado, humano-não-humano, antropomorfismo, robótica, máquinas, ontologias, fantasmas infantis, presença, atração, repulsa, metamorfose, árvores, inteligência artificial, tornar-se pássaro, presença, atração, repulsa, metamorfoses, árvores, inteligência artificial, armaduras, xamã amazônico, fabricação das pessoas, relação personalizada...

Naturalmente, trata-se de um caso excepcional, mas, sem as imagens do catálogo, não se pode ter ideia do partido tomado pela exposição. O temário, entretanto, tem a propriedade de listar quase todas as categorias fundamentais do Antropoceno, salientando, sobretudo, a garantia da diversidade e sua especial relevância. Com efeito, como diz ainda Eduardo Viveiros de Castro, “promover a diversidade é aumentar o número de possibilidades no planeta, na vida. É fazer mais coisas se tornarem possíveis”.

O Antropoceno cobrou dos humanos um passado, mas abriu perspectivas de um futuro humano mais integrado. Depende de nós.

20/08/2025

“Educar é garantir ao indivíduo condições para que ele continue a educar-se.” — John Dewey

I. Três Décadas de Reflexão e Compromisso

O **8º FÓRUM PERMANENTE DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS** realizado na Universidade Federal do Ceará neste agosto de 2025 representa um marco na história da museologia universitária brasileira. Criado em 1992 por Edna Luísa de Melo Taveira- antropóloga e museóloga, Maria Cristina Oliveira Bruno-museóloga e eu, Regina Márcia Moura Tavares- antropóloga, o então “**I Encontro Nacional de Museus Universitários**” nasceu do anseio por integrar a ação museológica às urgências da educação, da cidadania, além da pesquisa.

A história do Fórum reflete o enfrentamento a um cenário recorrente em nossa Cultura: **o da negligência com a Memória, com o Patrimônio Material e Imaterial e, sobretudo, com a formação crítica do sujeito brasileiro.** Tendo em vista a precariedade institucional que por décadas marcou os museus universitários – muitos deles sem sede adequada, sem acervos organizados ou pessoal técnico estável – a criação do Fórum se deu como um gesto de resistência, articulação e esperança.

II. Museus Universitários: Espaços de Interrogação e Transformação

Ao assumir a direção do Museu Universitário da PUC-Campinas, na segunda metade da década de 80, tive em mãos um acervo valioso, porém pouco estruturado, e um grande desafio: dar sentido e funcionalidade àquele espaço. Minha diretriz foi clara — **fazer do Museu não um local de respostas prontas, mas de perguntas essenciais. Um lugar em que as comunidades intra e extramuros pudessem refletir criticamente sobre si mesmas, seus tempos, seus símbolos e ausências.** Envidei esforços nesta direção e fortaleci minha convicção em contato com a vanguarda do pensamento museológico nacional e internacional. A experiência vivida no CONDEPHAAT, como conselheira, também fortaleceu em mim a convicção de que estava no caminho certo.

Em 1992, esta nova concepção de Museu já antecipava debates que ganham novo fôlego nos dias de hoje: o papel dos Museus na promoção do bem-estar, da sustentabilidade, da educação cidadã e da justiça social. **Mais do que mostrar objetos, os museus precisam interrogar a história oficial, iluminar os silêncios, expor os conflitos e estimular formas alternativas de existência.**

III. A Crítica ao Modelo Colonial de Educação e Cultura

É impossível compreender o lugar ambíguo da Memória no Brasil sem revisitar nosso processo de formação histórica. O projeto colonial implantado a partir do século XVI — vinculado à expansão da burguesia europeia e à ação do clero — estruturou uma Cultura da alienação em nosso país. A educação foi moldada para formar sujeitos submissos, incapazes de reconhecer sua realidade e intervir nela com autonomia.

Como escreveu Fernando de Azevedo^[1], a inteligência local foi, durante séculos, deliberadamente malformada. E, mesmo no século XX, com o advento de nacionalismos e movimentos culturais como o Modernismo de 1922, a ruptura foi parcial. O olhar do “outro” – europeu ontem, norte-americano hoje – segue moldando nosso espelho. **A Educação formal continua conservadora, e os Museus muitas vezes apenas replicam o discurso dominante, sem questioná-lo.**

IV. Os Museus como Ferramentas de Reconhecimento e Recriação

O desafio dos Museus universitários, portanto, é imenso. **Preservar o Patrimônio Cultural não é tarefa neutra: exige contextualizar, criticar, provocar.** Os objetos que guardamos e expomos não são eticamente inofensivos. Como bem lembra Ulpiano Bezerra de Menezes^[2], são portadores de visões de mundo, de hierarquias simbólicas, de escolhas políticas.

Cabe aos Museus universitários proporem mostras temáticas, ações educativas e projetos de pesquisa que levem o público a reconhecer-se nos acervos, a elaborar sua história com autonomia, a projetar futuros alternativos. **Mais que espaços de fruição estética ou apoio didático, nossos museus devem ser laboratórios vivos de pensamento, ação e reinvenção.**

V. Fórum Permanente: Memória, Compromisso e Futuro

Ao completar mais de 30 anos, **o FPMU comprova a vitalidade de sua missão: manter aceso o debate sobre o papel dos museus universitários no desenvolvimento cultural, científico e ético do país.** O que começou como um pequeno encontro entre profissionais inquietos, hoje constitui uma rede que precisa se fortalecer institucionalmente, com mais investimento, visibilidade e integração.

[1] Bezerra de Menezes, Ulpiano: Palestra na Casa Oswaldo Cruz, 2011.

[2] Azevedo, Fernando; A Cultura Brasileira; Cia Editora Nacional, 2ª.ed., 1944.

As Universidades brasileiras têm, por vocação, o compromisso com a produção do conhecimento. **Que não se esqueçam que a Memória é também conhecimento, e que o esquecimento, ainda que institucional, pode ser forma de violência.**

O Brasil de 2025, ferido por desigualdades, incertezas e apagamentos, precisa mais do que nunca de lugares onde se possa sonhar com lucidez. Que os Museus universitários se ofereçam como espelhos e faróis, lugares de desconstrução e reconstrução, onde nossos jovens e homens comuns possam se reconhecer, repensar e ousar.

Regina Márcia Moura Tavares é Antropóloga, professora universitária aposentada, ex-consultora do CNPq, ex-conselheira dos CONDEPHAAT e CONDEPACC, co-fundadora FPMU, escritora, palestrante e consultora.



PROGRAMAÇÃO CIENTÍFICA

Ao longo de cinco dias de atividades, o 8º Fórum Permanente de Museus Universitários desenvolveu uma programação ampla e diversificada, articulando espaços de debate, formação, celebração e intercâmbio de experiências. Toda a programação concentrou-se na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará (Fadir/UFC), espaço histórico e simbólico para a trajetória de criação e consolidação da própria universidade, cuja relevância institucional contribuiu para fortalecer o caráter reflexivo e representativo do encontro. A agenda contemplou mesas de abertura, mesas-redondas, homenagens, reuniões temáticas, sessões de apresentação de trabalhos, visitas técnicas a museus e coleções universitárias, momentos culturais e atividades de integração entre as pessoas participantes.

Destacaram-se as reuniões temáticas voltadas à articulação institucional e ao fortalecimento do campo, incluindo o diálogo com representantes do Ministério da Educação, bem como a realização do I Seminário de Fiscalização Museal, promovido pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). A programação incluiu ainda lançamentos editoriais, apresentações artísticas e musicais, ações de acolhimento e iniciativas voltadas à acessibilidade, à equidade e à sustentabilidade. Ao reunir diferentes perfis - docentes, técnicas e técnicos, estudantes, pesquisadoras(es), gestoras(es) e demais interessadas(os) -, o Fórum consolidou-se como um espaço plural de reflexão crítica, construção coletiva e fortalecimento das redes de colaboração entre museus e coleções universitárias no Brasil.

PROGRAMAÇÃO REALIZADA



25/08/2025

DIA 1 - SEGUNDA-FEIRA

Auditório da Faculdade de Direito

MANHÃ

08:00 - 09:00 horas

Credenciamento



09h00 - 10h00

Mesa Institucional de Abertura

A Mesa contou com a presença de autoridades acadêmicas e institucionais que representam instituições parceiras e apoiadoras do evento.



Apresentação Artística

Maria Juliana Linhares e
Sthefany Alves da Silva



1. **Sandro Thomaz Gouveia** - Pró-Reitor de Cultura da UFC, representando o Magnífico Reitor da Universidade Federal do Ceará (UFC), Custódio Luís Silva de Almeida
2. **Lúcia Campos Pellanda** - Coordenadora Geral da Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (SESU/MEC), representando o Excelentíssimo Senhor Ministro de Estado da Educação, Camilo Santana
3. **Inácio Arruda** - Secretário de Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento Social do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI)
4. **Sandro Amadeu Cerqueira** - Reitor da Universidade Federal de Alfenas (Unifal)
5. **Josealdo Tonholo** - Reitor da Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
6. **Pedro Augusto Resende Amorim** - Auditor Federal de Controle Externo, representante do Tribunal de Contas da União (TCU)
7. **Michel Correia** - Chefe da Assessoria de Relações Institucionais do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), representando a Presidenta do Ibram, Senhora Fernanda Castro
8. **Cejane Pacini Leal Muniz** - Diretora do Departamento de Articulação, Fomento e Educação do Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional (Iphan), representando o Presidente do Iphan, Senhor Leandro Grass
9. **Guilherme de Lacerda Turle Moreira** - Gerente do Departamento de Infraestrutura e Tecnologias Sociais da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), representando o Presidente da Finep, Senhor Luiz Antonio Elias
10. **Damiane Daniel Oliveira dos Santos** - Presidenta da Comissão Permanente e Multidisciplinar de Museus Federais do Ministério da Educação
11. **Graciele Karine Siqueira** - Museóloga, Diretora do Museu de Arte da UFC e Coordenadora Geral do 8FPMU
12. **Saulo Moreno Rocha** - Museólogo, Presidente do Conselho Regional de Museologia - 1ª Região e Coordenador Geral do 8FPMU
13. **Rita de Cássia de Mattos** - Presidenta do Conselho Federal de Museologia (COFEM)
14. **Luciana Menezes de Carvalho** - Vice-Presidenta do Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus (ICOM BR)

15. **Maurício Candido da Silva** - Coordenador da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários (RBCMU)

16. **Alessander Wilckson Cabral Sales** - Procurador da República da 4ª Câmara de Coordenação e Revisão do Ministério Público Federal (MPF)

17. **Luzimar Araújo de Oliveira e Érica Cavalcante Lima** - Integrantes da Divisão de Equidade, Diversidade e Inclusão da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas da UFC.





10:00 - 12:00 horas

Mesa de Abertura

Entrelaçando o passado, presente e futuro das Coleções e Museus Universitários

Entrelaçando o passado, presente e futuro das Coleções e Museus Universitários
A conferência de abertura abordou a trajetória histórica, os desafios contemporâneos e as perspectivas futuras das coleções e museus universitários, ressaltando seu papel estratégico no tripé universitário (ensino, pesquisa e extensão) e no campo museológico (preservação, pesquisa e comunicação).

Palestrante

Mauricio Candido da Silva

Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários (RBCMUI) e Museu de Anatomia Veterinária da Universidade de São Paulo (MAV/FMVZ/USP)

Mediação

Jéssica Tarine Moitinho Lima

Docente do Curso de Museologia da Universidade Federal do Pará (UFPA)

TARDE

14:00 - 16:30 horas

Mesa Redonda 1

Gestão e Financiamento de Coleções e Museus Universitários - Desafios e Perspectivas

A mesa propôs uma apresentação e análise crítica sobre os modelos de gestão e as estratégias de financiamento de coleções e museus universitários, discutindo desafios estruturais, normativos e orçamentários, além de apontar caminhos possíveis para sua sustentabilidade e fortalecimento institucional.

Palestrantes

Michel Correia

Chefe da Assessoria de Relações Institucionais do Ibram

Pedro Augusto Resende Amorim

Auditor Federal de Controle Externo do Tribunal de Contas da União (TCU)

Lúcia Campos Pellanda

Representante da Secretaria da Educação Superior / Ministério da Educação (SESU/MEC)

Cejane Pacini Leal Muniz

Diretora do Departamento de Articulação, Fomento e Educação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)

Guilherme de Lacerda Turle Moreira

Superintendente da Área de Infraestrutura e Pesquisa Básica / Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP)

Mediação

Saulo Moreno Rocha

Museólogo do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (MAUC/UFC) / Presidente do Conselho Regional de Museologia 1ª Região (COREM 1R)

17:00 - 18:30 horas

Homenagens

1ª geração dos organizadores do FPMU

A homenagem reconhece a trajetória e a contribuição da primeira geração de profissionais que organizaram o primeiro fórum de museus universitários, reunindo representantes de instituições federais, estaduais e particulares. Tratou-se de um momento de valorização da memória e do pioneirismo que fundamentaram o fortalecimento do campo no Brasil.

Edna Luisa de Mello Taveira *in memoriam*

Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (MA/UFG) - Representada pela Profª. Dilamar Candida Martins e pela conservadora-restauradora Ana Cristina Santoro (UFG)

Lídia Maria Meirelles *in memoriam*

Museu dos Povos Indígenas da Universidade Federal de Uberlândia (MUPI/UFU)

Maria Célia Teixeira Moura Santos

Curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Maria Cristina Oliveira Bruno

Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP)

Regina Márcia Moura Tavares

(Academia Campineira de Letras - ACL e Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Campinas - IHGG-Campinas)

Ulpiano Bezerra de Meneses

Universidade de São Paulo (USP) - Representado pelo filho João Manoel Suano Bezerra de Meneses

Mediação

Graciele Karine Siqueira - Museóloga e Diretora do Museu de Arte da UFC e Coordenadora Geral do 8FPMU

Saulo Moreno Rocha - Museólogo e Presidente do Conselho Regional de Museologia - 1ª Região e Coordenador Geral do 8FPMU

NOITE

18:30 - 20:00 horas

Confraternização de boas-vindas

A confraternização de boas-vindas constituiu um momento especial de conagraçamento entre as pessoas participantes, promovendo o acolhimento e fortalecendo os laços de convivência desde o início do evento. Pensada como um espaço de encontro e integração, a atividade favoreceu a troca informal de experiências, aproximando diferentes trajetórias e regiões representadas no Fórum.

A ocasião contou ainda com a apresentação artística de Jair Dantas e banda, cuja música contribuiu para criar uma atmosfera festiva e afetiva, valorizando a cultura local e celebrando coletivamente o início das atividades do 8º Fórum Permanente de Museus Universitários.

Apresentação Artística

Jair Dantas e Banda





26/08/2025

DIA 2 - TERÇA-FEIRA

Auditório da Faculdade de Direito

MANHÃ

09:00 - 12:00 horas

Mesa Redonda 2

Experiências Transformadoras: Trajetórias, Desafios e Inovações nos Museus Universitários

A mesa reuniu profissionais de museus universitários das cinco regiões do Brasil, vinculados a instituições federais, estaduais e privadas. A proposta foi compartilhar experiências inspiradoras, abordando trajetórias institucionais, desafios enfrentados e práticas inovadoras que fortalecem o papel das coleções e dos museus universitários no cenário nacional.

Palestrantes

Paola Haber Maués

Museóloga da Coleção Amazoniana da Universidade Federal do Pará (UFPA)

Adriana Helena S. Moreira

Professora e Vice-Reitora de Extensão e Comunidade Universitária da Universidade de Fortaleza (Unifor)

Ana Cristina Santoro

Conservadora-restauradora do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (MA/UFG)

Marília Xavier Cury

Professora do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP)

Noris Mara Leal

Professora do Curso de Museologia e Diretora do Museu do Doce da Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Mediação

Rodrigo Luiz dos Santos

Museólogo e Coordenador do Museu Universitário da PUC/Campinas | Comissão Organizadora Nacional 8ºFPMU

12:00

Lançamento do Livro "Guia para Manuseio e Transporte de Coleções", de autoria da museóloga Verônica Cavalcante.

TARDE

14:00 - 16:00 horas

Reuniões Temáticas (RTs)

Organização: Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários

As Reuniões Temáticas são espaços de diálogo entre profissionais que atuam em coleções e museus universitários, organizados por áreas de interesse comum. Com coordenação própria, essas sessões têm como objetivo levantar questões relevantes, propor encaminhamentos e contribuir com deliberações no âmbito do Fórum.

Conservadores-Restauradores em Museus e Coleções Universitárias

Coordenadoras: Elis Marina Mota (Museu de Arte Sacra da UFBA) e Giulia Vilela Giovanni (UFMG)

O ICOM, as Coleções e os Museus Universitários

Coordenadores: Mauricio Candido da Silva (MAV FMVZ USP) e Adriana Mortara Almeida (UFMG)

Coleções e Museus de Anatomia

Coordenadores: Athelson Stefanon Bittencourt (Museu de Ciências da Vida UFES), Bárbara de Lima Lucas (Museu de Anatomia Humana UnB) e Andréa Oxley da Rocha (Museu de Anatomia da UFCSPA)

Popularização da Ciência em Museus Universitários (CANCELADA)

Coordenadoras: Simone Almeida Gavilan (UFRN) e Renata Swany Soares do Nascimento (UFRN)

Acervos e Plataformas Digitais: Princípios, Governança e Preservação Digital em Museus Universitários

Coordenadores: Bruno Melo de Araújo (UFPE), Rosélia Adriana Rocha (Secretaria Estadual de Cultura - Pernambuco), Rafaela Lima (Instituto Brasileiro de Museus) e Emanuela Sousa Ribeiro (UFPE).

Museólogas(os) nas Instituições de Ensino Superior

Coordenadores: Saulo Moreno Rocha (MAUC UFC) e Tatiana Alves de Almeida (MHNBA UFBA)

16:30 - 18:30 horas

Comissão Permanente sobre Museus Federais (MEC)

Coordenadoras: Damiane Daniel Silva Oliveira dos Santos (Ministério da Educação - Secretaria de Educação Superior), Ana Luiza Souza Carvalho e Noris Mara Leal (Integrantes da Comissão Permanente sobre Museus Federais - MEC)



27/08/2025

DIA 3 - QUARTA-FEIRA

Auditório da Faculdade de Direito

MANHÃ

09:00 - 12:00 horas

Apresentação Artística:
Camerata de Cordas da UFC



Seminário de Fiscalização Museal
Organização: Departamento de Processos Museais / Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM)

O Seminário de Fiscalização Museal teve como objetivo apresentar o tema em sua natureza educativa e preventiva e contextualizá-lo nas ações institucionais recentes. Também foram apresentados os resultados da Pesquisa de Gestão de Riscos para os Museus Universitários, aplicada em nível nacional entre os meses de maio a julho visando identificar os riscos mais frequentes nos museus universitários. Ao final, um diálogo qualificado sobre os dados possibilitou encaminhamentos acerca das responsabilidades e desafios institucionais no campo museal universitário.

MANHÃ

09:00 - 12:00 horas

Introdução: O Instituto Brasileiro de Museus - Ibram - **Ana Carolina Gelmini de Faria** - Diretora do Departamento de Processos Museais

O Sistema Brasileiro de Museus (SBM) - **Vera Mangas** - Ibram

Contextualização (objetivo deste Seminário; o Acórdão TCU nº 1.243/2019; o PAF 2025; a pesquisa sobre gestão de riscos; a aproximação com a RBCMU) - **Ana Carolina Gelmini** (DPMUS) e **Fábio Guimarães Rolim** (Divisão de Fiscalização do DPMUS)

Fiscalização Museal:

- Base legal (Lei de Crimes Ambientais, Estatuto de Museus, Lei nº 11.906/2009, Decreto nº 8.124/2013);
- RN nº 19/2022 (sua construção e seu procedimento);
- Estudos de caso (execução dos PAF até o momento, com seleção de casos mais representativos);

Fábio Guimarães Rolim (Divisão de Fiscalização do DPMUS)

Aspectos do Programa de Gestão de Riscos do Ibram - **Leonardo Neves Batista** (Divisão de Proteção do DPMUS)

Inventário Nacional de Bens Culturais Musealizados (INBCM) - **Ricardo Alfredo de Carvalho Rosa** (Coordenador de Acervos do Ibram)

TARDE

14:00 - 18:00 horas

Apresentação dos resultados da pesquisa sobre Gestão de Riscos - **Ana Carolina Gelmini, Fabio Rolim e Simone Mitsumori** (Coordenadora de Gestão de Riscos e Fiscalização Museal)

Debate (Todas as pessoas participantes)

Proposição de encaminhamentos (Todas as pessoas participantes)

Pré-lançamento da publicação "Subsídios para Elaboração e Gestão de Documentação Museológica"



28/08/2025

DIA 4 - QUINTA-FEIRA

Faculdade de Direito

MANHÃ/TARDE

9:00 - 12:00 horas / 14:00 - 18:00 horas

Apresentações orais de pesquisas acadêmicas, relatos de experiências institucionais, pôsteres e ensaios fotográficos.

Ao longo do dia, em sessões pela manhã e à tarde, foram realizadas apresentações orais de pesquisas, relatos de experiências, pôsteres e ensaios fotográficos, alguns dos quais identificados pelo ícone de medalha foram indicados ao prêmio de reconhecimento Edna Taveira para trabalhos em museus e coleções universitárias.



29/08/2025

DIA 5 - SEXTA-FEIRA

Auditório da Faculdade de Direito

MANHÃ

8:00 - 10:30 horas

Café da Manhã de Despedida

O Café da Manhã de despedida marcou o encerramento das atividades presenciais do evento, constituindo-se como um momento de partilha, avaliação informal e fortalecimento dos vínculos construídos ao longo do Fórum. Em uma atmosfera acolhedora, as pessoas participantes puderam trocar impressões finais, celebrar as experiências vividas e projetar futuras articulações e parcerias, encerrando o encontro de forma afetuosa e coletiva, em sintonia com os princípios de colaboração e diálogo que orientaram toda a programação do 8º Fórum Permanente de Museus Universitários.



Código de Ética para os Museus

A mesa propôs uma reflexão sobre os princípios éticos que orientam a atuação dos museus e de seus profissionais, a partir dos fundamentos previstos no Código de Ética do ICOM e no Código de Ética do Museólogo. Foram discutidos seus desdobramentos no contexto brasileiro e os desafios contemporâneos para uma prática museológica ética, responsável e socialmente comprometida.

Palestrantes

Luciana Menezes de Carvalho

Vice-presidenta do Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus (ICOM-BR)

Rita de Cássia Mattos

Presidenta do Conselho Federal de Museologia (COFEM)

Mediação

Aline Escandil

Museóloga e Presidenta do Conselho Regional de Museologia 3ª Região (COREM 3R)

10:30 - 12:30 horas

Plenária Final

A Plenária Final foi dedicada à apresentação dos relatos das Reuniões Temáticas, aos encaminhamentos do 8º FPMU, às Moções de apoio e repúdio, e à escolha da sede do 9º FPMU. Também foram realizadas o reconhecimento aos melhores trabalhos nas categorias: comunicação oral (pesquisa), comunicação oral (relato de experiência), pôster, ensaio fotográfico e apresentação artística.

Homenagens aos melhores trabalhos

(Comunicação oral - Pesquisa; Comunicação oral - Relato de experiência; Pôster; Ensaio Fotográfico; e Apresentação artística)

Relatos das Reuniões Temáticas

Encaminhamentos RBCMU

Moções de Apoio e Repúdio

Escolha da próxima sede - 9º FPMU

TARDE

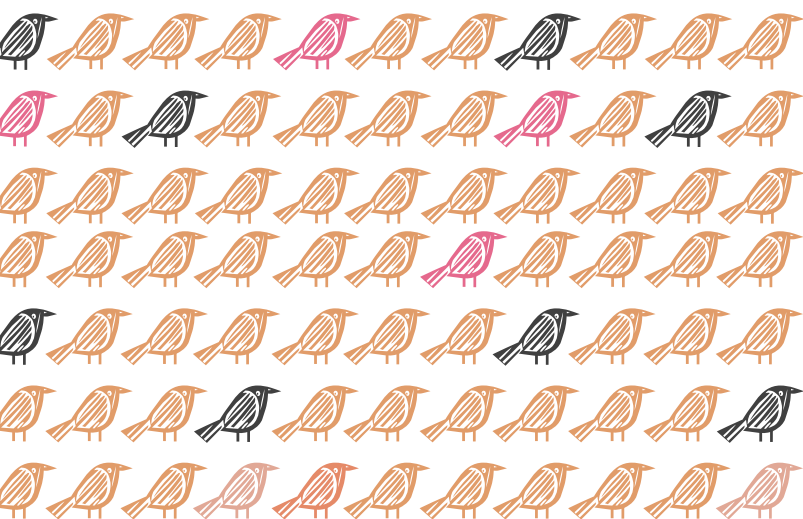
14:00 - 18:00 horas

Visitas Técnicas

Durante o 8º FPMU, foram realizadas visitas técnicas a museus, centros de ciência, coleções visitáveis e espaços culturais vinculados à UFC e UNIFOR. As visitas tiveram como objetivo, promover a troca de experiências, apresentar diferentes modelos de atuação museológica e aproximar os participantes da diversidade institucional e temática dos museus universitários do Ceará.

- 🐦 Museu de Arte da UFC
- 🐦 Memorial da UFC / Reitoria
- 🐦 Seara da Ciência + Núcleo Regional de Ofiologia da UFC (Nufof)
- 🐦 Museu Itinerante de Paleontologia e Arqueologia
- 🐦 Espaço Cultural Unifor
- 🐦 Casa de José de Alencar





APRESENTAÇÕES: COMUNICAÇÕES E PÔSTERES

Todos os trabalhos foram apresentados em 28/08/2025, em diversas salas da Faculdade de Direito da UFC, evidenciando a amplitude de temas e formatos do 8ºFPMU. As modalidades de submissão incluíram Comunicação Oral – Pesquisa, Comunicação Oral – Relato de Experiência, Pôster, Ensaio Fotográfico e Apresentação Artística; e as áreas temáticas abrangeram: Gestão e Administração de Museus; Conservação e Restauro de Acervos; Documentação e Catalogação; Educação e Mediação Cultural; Comunicação, Exposição e Divulgação de Patrimônio; Inovação e Tecnologias Digitais em Museus; Memória e História do Patrimônio; Pesquisa Museológica, Políticas Culturais e Museologia Crítica; e Sustentabilidade, Acessibilidade e Inclusão em Museus. A seguir, apresentamos a lista de trabalhos aprovados. Todos os trabalhos sinalizados com o símbolo de asterisco (*) não foram apresentados em razão do não comparecimento de suas autoras e/ou autores ao evento.

Moderadora: Tatiana Alves de Almeida
Avaliador (a) dos trabalhos indicados à premiação: Ana Luisa de Mello Nascimento (UFPR)

MANHÃ

Horário	Título	Autores
09:00 às 12:00	Núcleo de Memória da Museologia no Brasil: coleções universitárias a serviço do ensino, pesquisa e extensão.	Ivan Coelho de Sá Ludmila Leite Madeira da Costa
09:00 às 12:00	Entre a produção e o público: vivência na exposição USP 90 anos, uma jornada imersiva pelos nossos Museus	Mariana Shinohara
09:00 às 12:00	Herbário Prisco Bezerra - EAC: Missão, Acervo e Contribuições para o conhecimento da flora nordestina	Hugo Pereira do Nascimento, Maria Iracema Bezerra Loiola, Sarah Souza
09:00 às 12:00	Implementação do padrão Darwin Core em coleções científicas: o caso da Coleção Zoológica Delta do Parnaíba.	Marianne Gonçalves Martins, Caroline Ferreira Amorim, Isabella Vieira de Carvalho, Carlos Germano Vieira de Brito, Pedro Bastos de Macêdo Carneiro
09:00 às 12:00	Do Silêncio à Voz: O Museu da Resistência como Palavra da Comunidade da Boa Esperança, Teresina Piauí	Vinicius Melquíades, Vivian Camylly de Melo Santos
09:00 às 12:00	Prêt-à-porter: a coleção Amazoniana UFPA - seção moda e o acervo documental do estilista André Lima ✳	Jonathan Oliveira, Fabiola Felício Santa Rosa, Julia Isabela Do Nascimento Silva, Lucia Gabriele Malato Santos, Taynara Nogueira Fernandes
09:00 às 12:00	Memória e Patrimônio Amazônico: criação da Cartilha Educacional para o MUFPA	Raul de Azevedo Carvalho, Raquel do Rosario de Figueiredo Cunha, Luiz Tadeu Costa, Wanderson Amorim Costa
09:00 às 12:00	A Função Educativa nos Museus: A Experiência do MAUC	Ruth Milla Gomes da Silva
09:00 às 12:00	Memória e Matéria: Triagem e Registro da Coleção do Departamento de Patologia da FMUSP	Gabriel Rodella, José Guilherme Veras Closs
09:00 às 12:00	Gênero e sexualidade: um retrato da inclusão no MHNCE	Ivina Castro Beserra, Leonny Gomes Leal, Lidia Silva De Lima, Rodrigo Castellari Gonzalez, Thabata Cavalcante dos Santos
09:00 às 12:00	Exposições interativas e inclusivas: tecnologias e sentidos como ferramentas de inovação ✳	Fabiola Felício Santa Rosa, Jonathan Oliveira, Julia Isabela Do Nascimento Silva, Lucia Gabriele Malato Santos, Taynara Nogueira Fernandes
09:00 às 12:00	Criação da Coleção Ictiológica do Museu de História Natural do Ceará Prof. Dias da Rocha/UECE	Ana Beatriz Rodrigues Monteiro, Antonio Alyson Ripardo de Lima e Silva, Marco Aurélio Crozariol

09:00 às 12:00	A importância da Coleção Malacológica Prof. Henry Ramos Matthews (UFC) no estudo e conservação dos moluscos heterobrânquios da REBio Atol das Rocas ✱	Carlos Meirelles, Helena Matthews-Cascon, Maurizélia de Brito Silva
09:00 às 12:00	Coleções científicas de invertebrados da Universidade Federal do Ceará: testemunhos da biodiversidade regional	Cristiane Xerez Barroso, Helena Matthews-Cascon
09:00 às 12:00	Diagnóstico Microclimático na Conservação Preventiva de acervos em museus	Anna Laura Canuto Rocha de Andrade
09:00 às 12:00	Entre mídias e museus: a comunicação museológica na prática e formação discente ✱	Thais Nunes Nascimento, Jéssica Tarine Moitinho de Lima

TARDE

14:00 às 17:00	Diversidade e Representatividade Espacial dos Anfíbios da Coleção Zoológica Delta do Parnaíba	Sofia Holanda Carvalho, Isann Carvalho De Oliveira, Pedro Bastos de Macêdo Carneiro, Carlos Germano Vieira de Brito, Wanderson Braga Franco
14:00 às 17:00	Coleções Científicas e o tripé ensino, pesquisa e extensão: uma abordagem crítica do acervo da Coleção Zoológica Delta do Parnaíba	Carlos Germano Vieira de Brito, Irla Francisca De Assis, Pedro Bastos de Macêdo Carneiro, Rayssa Dos Santos Silva, Sofia Holanda Carvalho
14:00 às 17:00	Seridó Por Lentes: Imagens que Contam Nossa História	Rogério de Araújo Lima, Hyally Carvalho Dutra Pereira, Kaio Oliveira De Azevedo, Anna Claudia dos Santos Nobre
14:00 às 17:00	Projeto Sons do Seridó	Kaio Oliveira De Azevedo, Hyally Carvalho Dutra Pereira, Anna Claudia dos Santos Nobre, Rogério de Araújo Lima
14:00 às 17:00	Da coleção científica ao espaço museológico: a transformação da coleção zoológica delta do Parnaíba em centro de educação e divulgação da biodiversidade	Ana Sther Santos Lima, Pedro Bastos de Macêdo Carneiro, Wanderson Braga Franco
14:00 às 17:00	"Diagnóstico do acervo do Museu Didático de História Natural Prof. Dr. Luiz Dino Vizotto - UNESP/IBILCE: gestão e reconhecimento do material museal."	Ana Helena Cruciol
14:00 às 17:00	O Acervo de Aracnídeos do Museu de História Natural Prof. Dias da Rocha da Universidade Estadual do Ceará	Fláildo Da Silva Araújo, Jaderson Jales Martins, Rodrigo Castellari Gonzalez, Ruth da Silva Mendes, Wesley Jonnas Da Costa Silva
14:00 às 17:00	Coleções zoológicas como um ambiente de ensino-aprendizagem: Relato de experiência das visitas a Coleção Zoológica Delta do Parnaíba	Rayssa Dos Santos Silva, Leticia Lira Rodrigues, Pedro Bastos de Macêdo Carneiro, Carlos Germano Vieira de Brito
14:00 às 17:00	Causos Gerais: documentando memórias e tradições na Zona da Mata Mineira	Pablo Henrique Ferreira de Melo
14:00 às 17:00	Conhecendo as rendeiras da Casa de José de Alencar	Márcia Pereira De Oliveira
14:00 às 17:00	Serviço de Conservação e Restauração do Museu de Arte Sacra da UFBA: a busca por um setor técnico-científico	Adiane dos Santos Candeias, Sandra Teles dos Santos, Elis Marina Mota, Claudia Maria Guanais Aguiar Fausto
14:00 às 17:00	O uso de géis nanoestruturados na conservação de bens culturais científicos: O projetor do fazedor de fitas	Camilla Henriques Maia de Camargos, Joao Vitor Monteiro Moreira, Jussara Vitoria de Freitas

14:00 às 17:00	O Acervo do Museu de História Natural do Ceará Prof. Dias da Rocha (MHNCE/UECE)	Daniel Cassiano Lima, Eliseu Marlônio Pereira de Lucena, Marco Aurélio Crozariol, Rodrigo Castellari Gonzalez, Sheila Patricia Carvalho Fernandes; Aldo Caccavo
14:00 às 17:00	A descrição do Acervo Pessoal de Heliton Santana *	Alexandre Jose Goncalves Costa, Francisca Luana Rolim Abrantes, Hertha Cristina Carneiro Pessoa, Marco Antonio Almeida Llarena, Valdir Efun Lourenço e Lima de Santa Rita
14:00 às 17:00	Museu do Barro - UFSJ: um espaço onde as "Jandiras" fazem uma revolução com os tecidos, as linhas e as agulhas	Dalva Rejani dos Reis Pereira, Regilan Deusamar Barbosa Pereira
14:00 às 17:00	A documentação da coleção Amazoniana (UFPA): análise parcial da digitalização do acervo na plataforma Tainacan *	Antonio Magno Alves Araujo, Doriene Monteiro Trindade, Erisson Pinheiro Nascimento, Jonathan Oliveira, Orlando Franco Maneschy
14:00 às 17:00	Museu universitário de arte - MUnA: ensino, pesquisa e extensão	Ana Helena da Silva Delfino Duarte
14:00 às 17:00	Museu do jogo da UFPB: missão e mediação cultural *	Profº Dr. Pierre Normando Gomes-da-Silva, Elizara Carolina Marin

MANHÃ

SALA 01 - COMUNICAÇÃO, EXPOSIÇÃO E DIVULGAÇÃO DE PATRIMÔNIO

MODERADORA: Luciana Menezes de Carvalho

Avaliador (a) dos trabalhos indicados à premiação: Rodrigo Luiz dos Santos
(PUC-Campinas)

Horário	Título	Autores
09:00	Acervo Imagens de Minas: da conservação de coleções universitárias de bens culturais científicos à formação discente.	Bianca Leiva Rosa, Clara Maria Ferreira, Julia Cachoeira Castro, Jussara Vitoria de Freitas, Maryana Sayuri da Silva Okuma
09:20	Orgânica: A Interface Arte e Ciência no Museu de Anatomia - UFRJ [ENSAIO FOTOGRÁFICO]	Juliana Theberge dos Santos de Oliveira, Ludmila Ribeiro de Carvalho
09:40	Museus e Trapiches: As presenças ribeirinhas numa Universidade na Amazônia	Jones da Silva Gomes
10:00	Discussão	
10:20	O uso de biscuit em modelos para divulgação científica na temática da evolução de tartarugas e mamíferos marinhos *	Alline Dayanne, Ana Bernadete Lima Fragoso, Jamily Vitória Soares Rodrigues, Matheus Luiz de Almeida Lemos, Naftali Camilly Fernandes De Lima
10:40	Patrimônio e Resistência no Museu Casa Borges (MuCB): A exposição "Balatiponé Umutina: Passado, Presente, Futuro" como ativação cultural	João Mário de Arruda Adrião, Renato Fonseca de Arruda, Marcio Monzilar Corezomae, Helena Cunha de Uzeda, Márcio Ferreira Rangel
11:00	Jogos Interdisciplinares no Ensino de Ciências: Experiências no Museu de Anatomia da Universidade Federal do Ceará	Charlline Vladia Silva de Melo
11:20	O uso das coleções científicas do Laboratório de Invertebrados Marinhos do Ceará para a produção de conteúdo para as redes sociais	Helena Matthews-Cascon, Isabela De Mesquita Ferreira, Maiara Maia Borges, Maria Alícia de Almeida Vieira
11:40	Discussão	

TARDE

SALA 01 - COMUNICAÇÃO, EXPOSIÇÃO E DIVULGAÇÃO DE PATRIMÔNIO

MODERADORA: Eliane Muratore (UFRGS)

Horário	Título	Autores
14:00	Espaços de Divulgação Científica do Instituto de Física da UnB: Um relato de experiência em andamento	André Luís Miranda de Barcellos Coelho, Cássio C. Laranjeiras, Joyce da Silva Santana
14:20	A invisibilidade museológica no contexto universitário: um estudo sobre o Museu de Anatomia da UFPA	Jéssica Tarine Moitinho de Lima, Julia Soares
14:40	Descobrimo a UFRGS: difusão e catalogação da coleção Imagens da UFRGS	Eliane Muratore, Lucas Quadros Petry, Maura Bombardelli
15:00	Discussão	
15:20	Museus e a democratização do acesso ao conhecimento na área das ciências biológicas: um estudo de caso acerca do Museu de Ciências Naturais da UFPR	Bruna Andaiara Galvão, Andre Fabricio Silva
15:40	Coleção do Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi (BMPEG): disponibilização da Coleção digital e ampliação da visibilidade do periódico ✱	Benedita Luvinda da Silva Almeida, Jimena Felipe Beltrao
16:00	Nosso Museu: primeiros passos para um museu da UNIRIO	Luciana Menezes de Carvalho, Rodrigo Fortes Mello, Brunna Ellen de Almeida Santos, Luiza Chouin, Rafaela Gomes
16:20	Discussão	
16:40	Ecos de transformação: a trajetória do museu de anatomia humana da UFCSPA	Ana Paula da Silva, Andréa Oxley da Rocha, Henrique Silva Lovera, Isabela Karina Vilas Boas, Morgana Silveira Bartz
17:00	A exposição sobre o legado de Vital Brazil (1865-1950) na Bahia	Abel D' Vargas Mescena, Rejane Maria Lira-da-Silva
17:20	Patrimônio de Barro: Diálogos entre a Cultura Popular e o Museu de Arqueologia e Paleontologia da Universidade Federal do Piauí	Abel D' Vargas Mescena, Rejane Maria Lira-da-Silva
17:40	Discussão	

TARDE

SALA 02 - COMUNICAÇÃO, EXPOSIÇÃO E DIVULGAÇÃO DE PATRIMÔNIO

MODERADORA: Elane Santos Gonçalves (UFBA)

Horário	Título	Autores
14:00	(A)mostras de memória: exposições realizadas pelo acervo histórico de um campus do Instituto Federal Sul-rio-grandense *	Raquel Salomão, Fabíola Mattos Pereira, Bruna Ferreira
14:20	Do laboratório ao corredor: Proposta de Extroversão da Coleção de Espécimes de Anatomia Patológica da FMUSP	José Guilherme Veras Closs, Mariana Matera Veras, Jéssica Tarine Moitinho de Lima
14:40	Exposição "Babá Loduncynê Tayandô: Memória em Arte" um processo museal experiencial para com a memória afro-amazônica	Diogo Melo, Cássio Alexandre Souza Dos Santos, Gisele Nascimento Barroso, Marcelo Coelho Campos, Ramon Alcantara
15:00	Discussão	
15:20	Memórias edificadas: experiências curatoriais e comemorativas nos 75 anos da Escola de Ciência da Informação da UFMG	Jezulino Lúcio Mendes Braga
15:40	Comunicação museológica online: Estratégias comunicacionais no Museu Universitário de Arte (MUnA/UFU)	Humberto Torres Gonzales
16:00	Acervo do MUnA: aquisição, organização, acondicionamento e conservação das obras de arte	Luan Pisqueda Luis
16:20	Discussão	
16:40	Design Popular: Novas Estruturas Expositivas para a Representação da Cultura Popular no Museu de Arte da UFC	Ana Júlia de Souza Neves Ladislau, Graciele Karine Siqueira
17:00	Arte, Patrimônio e Acontecimento: pautas no Museu Casa do Sertão UEFS sobre territórios e memórias	Cristiano Silva Cardoso
17:20	Extroversão e conservação "Cinema da Boca": movimento social e comunidade	Beatriz Barradas Cordeiro, Jussara Vitoria de Freitas
17:40	Discussão	

MANHÃ

SALA 03 - SUSTENTABILIDADE, ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO EM MUSEUS

MODERADORA: Keila Cristina Arruda Villamayor Gonzalez (UDESC)

Horário	Título	Autores
09:00	Acolhimento	
09:20	Visitas a Museus no Pós-Pandemia: Estudo de Públicos no Espaço do conhecimento UFMG	Sibelle Diniz, Marcela Nascentes Possato
09:40	Agenda MAC USP 2030: Sustentabilidade Museal em suas dimensões culturais, sociais, econômicas e ambientais	Juliana De Lucca
10:00	10 Anos de ações acessíveis realizadas no Espaço do Conhecimento UFMG	Priscila Gabriele Martins Silva, Wellington Luiz Silva, Jonathan Philippe
10:20	Discussão	
10:40	Limitações e possibilidades de inclusão e acessibilidade em museus instalados em patrimônio histórico: estudo de caso no museu de ciência e técnica da Escola de Minas - UFOP	Gilson Antonio Nunes, Lourdes Lorena Diniz Coelho Lopes, Ranielle Menezes De Figueiredo
11:00	Interações entre os museus universitários federais e as comunidades de baixadas: compreensões e possibilidades	Ana Cláudia da Cruz Melo, Andreza Lennon Oliveira Melo, Carmen Lucia Souza da Silva
11:20	Contribuições do Museu da Geodiversidade para a democratização do acesso ao patrimônio geológico	Adriana Vicente da Silva de Souza, Aline Rocha de Souza Ferreira de Castro, Damiane Daniel Silva Oliveira dos Santos
11:40	Discussão	

TARDE

SALA 03 - INOVAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM MUSEUS

MODERADORA: Rossana Klippel de Souza José (UFG)

Avaliador (a) dos trabalhos indicados à premiação: Saulo Moreno Rocha (UFC)

Horário	Título	Autores
14:00	Acolhimento	
14:20	Panorama dos Repositórios Digitais Brasileiros de Acesso Aberto Desenvolvidos com o Software Tainacan	Tiago Silva de Carvalho, Ana Cecília Rocha Veiga
14:40	Gestão Inclusiva da Cibersegurança, Privacidade de Dados e Inteligência Artificial nos Museus e Universidades	Ana Cecília Rocha Veiga
15:00	Museu Digital UNILA	Ingrid Lopes de Souza
15:20	Seridó Revela: o Museu do Seridó na palma da mão	Anna Claudia dos Santos Nobre, Kaio Oliveira De Azevedo, Relyson Medeiros de Lucena, Rogério de Araújo Lima, Thaysa Karla Alves dos Santos
15:40	Intervalo	
16:00	Educação e Tecnologia na Extensão Universitária: o caso do Museu Virtual Surrupira de Encantarias Amazônicas ✱	Lidiane da Costa Monteiro
16:20	Museus virtuais são efêmeros? desafios de sustentabilidade no caso do museu das Coisas Banais (2014-2025)	Adson Rodrigo Silva Pinheiro, Rafael Teixeira Chaves
16:40	Conectando Memória e Inovação: Inteligência Artificial, Humanidades Digitais e a Democratização de Acervos no Contexto Museológico Paranaense	Niltonci Chaves, Renê Wagner Ramos, Edson Armando Silva, Julia Graciela Machado, Robson Laverdi
17:00	Curadoria pública e mediação estética da obra de Panzeri no Museu Deolindo Mendes Pereira (Brasil)	Michel Kobelinski
17:20	Discussão	

MANHÃ

SALA 04 - EDUCAÇÃO E MEDIAÇÃO CULTURAL

MODERADORA: Adriana Mortara Almeida (UFMG)

Horário	Título	
09:00	Acolhimento	
09:20	O potencial do agendamento de visitas: estratégias para a formação de novos públicos para os museus	Jonathan Philippe, Adriana Mortara Almeida
09:40	Curso de Extensão do MAE UFPR - Povos Originários em território paranaense	Bruna Marina Portela, Tamara Fernanda Carneiro Evangelista
10:00	Um jogo acessível, ao ar livre, em um museu universitário: o Jogo dos Polinizadores do MHNJB-UFMG	Adriana Mortara Almeida
10:20	Discussão	
10:40	Museu do barro: fomento de arte e cultura em São João Del Rei	Zandra Coelho De Miranda
11:00	Chico da Silva entre muros e mares: mediação crítica e memória social	Nágila Gonçalves Lima
11:20	Museus e Formação de Professores: estratégias para o desenvolvimento profissional docente	Cristina Carvalho, Patricia Regina Santos Garcia
11:40	Discussão	

TARDE

SALA 04 - EDUCAÇÃO E MEDIAÇÃO CULTURAL

MODERADORA: Adriana Mortara Almeida (UFMG)

Avaliador (a) dos trabalhos indicados à premiação: Tamara Fernanda Carneiro Evangelista (UFPR)

Horário	Título	Autores
14:00	Acolhimento	
14:20	Escritas e visualidades do imaginário da cabocla encantada Mariana: arte e ancestralidade na Museologia Social Amazônica	Cássio Alexandre Souza Dos Santos, Diogo Melo, Gisele Nascimento Barroso
14:40	Guia do/a Educador/a do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG	Wellington Luiz Silva, Adriana Mortara Almeida
15:00	Na primavera dos museus o florir de experiências culturais inclusivas e formativas	Katielle Costa de Souza, Artur Martins de Oliveira, Jose Gevidio Viana, André Felipe Barros e Queiroz, Valéria Inajara Costa Fernandes
15:20	Discussão	
15:40	Acolher para humanizar: o trabalho educativo do acolhimento no Museu de Anatomia da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre	Pedro Hernandez Lopes, Andréa Oxley da Rocha, Henrique Silva Lovera, Morgana Silveira Bartz, Ana Paula da Silva
16:00	Ferramentas para a Educação Museal: Oficinas, atividades e materiais dialógicos e sua aplicabilidade no contexto de um museu de Anatomia	Morgana Silveira Bartz, Andréa Oxley da Rocha, Mathias Parussolo Boniati, Ana Paula da Silva, Pedro Hernandez Lopes
16:20	Questão Racial e Mediação Cultural: Perspectivas Museais entre dois Museus Universitário (Brasil-Argentina)	Antonio Marcos de Oliveira Passos
16:40	Discussão	

MANHÃ

SALA 05 - CONSERVAÇÃO E RESTAURO DE ACERVOS

MODERADORA: Amanda Aline Pinheiro (UFC)

Avaliador (a) dos trabalhos indicados à premiação: Henrique de Vasconcelos Cruz Ribeiro (FUNDAJ)

Horário	Título	Autores
09:00	Acolhimento	
09:20	Revitalização da Infraestrutura de Guarda das Coleções do CEDOC-FaE Pela Rede de Museus-UFMG	Ana Beatriz Silva Vieira, Daniel Vitor Pereira de Siqueira, Emily Maria Bianchi Rossi, Marcello Guimarães Rodrigues da Cunha, Ryan de Araújo Freitas
09:40	Bem te vi: plumária, patrimônio universitário e sua preservação em rede	Aimée de Oliveira Fonseca, Jéssica Tarine Moitinho de Lima
10:00	Museus universitários do Brasil e os efeitos da Pandemia de COVID-19: resultados parciais	Lúcia Glicério Mendonça, Marcus Granato, Zenilda Brasil
10:20	Discussão	
10:40	Protocolos de gestão de risco para museus e acervos universitários	Gabriela de Lima Gomes
11:00	Decolonização da Conservação museológica: reflexões sobre integridade conceitual e material de acervos culturais.	Bruna Maria Araújo de Melo Maranhão
11:20	Cartilha de boas práticas gerais para conservação de obras de arte do Acervo Artístico da Universidade Federal de Minas Gerais	Giulia Villela Giovani, Dina Marques Pereira Araújo, Ana Carolina M R Montalvão, Nathália Pereira dos Santos Ferreira
11:40	Discussão	

TARDE

SALA 05 - CONSERVAÇÃO E RESTAURO DE ACERVOS

MODERADORA: Amanda Aline Pinheiro (UFC)

Horário	Título	Autores
14:00	Acolhimento	
14:20	Revitalização da Infraestrutura Expográfica do Centro de Memória da Odontologia da Universidade Federal de Minas Gerais	Alice Cota Marques, Ana Júlia de Carvalho Soares, Gabriela de Souza Souto
14:40	A revitalização do mobiliário do Herbário da UFMG como estratégia de preservação	Camila Brandão Pereira Silva, Gustavo Santos Silva, Enrico Nolasco Ferreira, Rafaela Barbosa Fonsato
15:00	A coleção Solenopsis: gavetas que guardam histórias	Brenda Miranda de Moraes
15:20	Discussão	
15:40	Parâmetros técnicos e metodológicos para a digitalização de filmes fotográficos como documentos do patrimônio cultural e científico: estudo aplicado ao acervo do Festival de Inverno da UFMG.	Vitor Marques de Assis, Jussara Vitoria de Freitas
16:00	Impactos Dos Incêndios Nos Acervos Museológicos: o caso das cerâmicas do Vale do Jequitinhonha do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG.	Agesilau Neiva Almada
16:20	Discussão	

MANHÃ

SALA 06 - GESTÃO E ADMINISTRAÇÃO DE MUSEUS

MODERADOR: Allyson Pinheiro (URCA)

Horário	Título	Autores
09:20	Acolhimento	
09:40	Gestão financeira em museus universitários e políticas institucionais de patrimônio: um estudo a partir da Universidade Federal de Pernambuco	Bruno Melo de Araújo, Emanuela Ribeiro
10:00	Ecomuseu Ilha Grande e ecologia de saberes: Identificação, representação, reconhecimento e transformação	Gelsom Rozentino de Almeida
10:20	Discussão	
10:40	A experiência de elaboração do regimento interno do Laboratório de Antropologia Arthur Napoleão Figueiredo *	Camila Millena Pereira Lopes, Mariana Corrêa Velloso, Jéssica Tarine Moitinho de Lima
11:00	Mediação planejada: a importância do agendamento escolar no Museu Antares de Ciência e Tecnologia *	Gisele da Fonseca Machado, Lise Marcelino Souza, Saladina Amorim Amoedo
11:20	A competência em informação e interlocuções: O Plano estratégico do Centro de Memória da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais	Cláudia Maria Alves Vilhena, Ana Paula Meneses Alves, Beatriz De Godoy Gomes Salgueiro
11:40	Discussão	

TARDE

SALA 06 - GESTÃO E ADMINISTRAÇÃO DE MUSEUS

MODERADOR: Maurício Candido da Silva (USP/RBCMU)

Avaliador (a) dos trabalhos indicados à premiação: Maurício Candido da Silva (USP/RBCMU)

Horário	Título	Autores
14:00	15 anos do MICInense: Popularização da Ciência no Sul Fluminense *	Christine Ruta, Luciano Gustavo Oliveira da Silva, Meriane dos Santos Paula, Jhenifer Oliveira De Lima, Ingrid Castro Bertoldo
14:20	Um modelo didático para Planos museológicos: gestão museal e participação social na UFPA	Maíra de Oliveira Dias
14:40	Parceria entre a Rede de Coleções e Museus da UFPA e o Labetno: relato de experiência na formalização de regimento interno *	Diene Araújo Gomes, Jéssica Tarine Moitinho de Lima, Camila Millena Pereira Lopes
15:00	Discussão	
15:20	Políticas Institucionais e Patrimônio Universitário: Reflexões a partir da Rede de Coleções e Museus da UFPA	Yasmin Corrêa, Wanessa Lott, Jéssica Tarine Moitinho de Lima
15:40	Da Coleção à Universidade: acervos, histórias e disputas do colecionismo de arte na Universidade Federal do Pará *	Maíra Santana Airoza
16:00	A gestão do patrimônio cultural universitário: um estudo a partir da Universidade Federal da Bahia	Celina Rosa Santana
16:20	Discussão	
16:40	Rede de Museus e Acervos da UnB: experiências iniciais	Raniel da Conceição Fernandes
17:00	A eficácia das políticas de financiamento nos museus universitários: um estudo a partir dos museus da USP	José Machado Netto
17:20	Rede Mineira de Conservação de Coleções e Museus: Diagnóstico de Gestão de Risco e Protocolos de Gestão de Conservação	Yacy Ara Froner Gonçalves
17:40	Discussão	

MANHÃ

SALA 07 - DOCUMENTAÇÃO E CATALOGAÇÃO

MODERADOR: Carlos Augusto Ribeiro Jotta (UFG)

Horário	Título	Autores
09:00	Pinacoteca Barão de Santo Ângelo da UFRGS: Catalogação, Documentação e Visibilidade do Acervo ✱	Gabriela Kremer da Motta, Paula Viviane Ramos
09:20	Diagnóstico de Acervo Arqueológico: Um Estudo de Caso no MAP-UFPI	Lívia Thiciane Viana Almeida, Kaio Hellanno da Costa Santana Araújo, Vinicius Melquiades
09:40	Inventário do acervo de bens móveis da Escola de Belas Artes: documentação para valorização do design de mobiliário brasileiro	Emyle dos Santos Santos, Milena Sardinha, Soane Vitória Silva Almeida Alves, Sofia Lais Costa Santana, Arthur Thiago Thamay Medeiros
10:00	Discussão	
10:20	Inventário analítico documental do acervo da Confeitaria Nogueira	Antônio Luciano, Noris Mara Pacheco Martins Leal
10:40	Museu de tecnologia da SATC: proposta de catalogação no formato MARC 21	Vania Medeiros Ribeiro, Anderson Daleffe, Jovani Castelan , Solange Silverio Bianchini
11:00	Inventário de acervos de jogos: experiência do museu do jogo da Universidade Federal da Paraíba	Betânia do Carmo Rodrigues Gomes, Elizara Carolina Marin, Maria do Perpetuo Socorro Campos Fernandes, Profº Dr. Pierre Normando Gomes da Silva
11:20	Protocolos de documentação de Museus de Antropologia e Arqueologia: O guia de inventário do Museu Arqueológico da Lapinha	Cíntia da Silva Xavier, Francisco Abrahão Gonzaga, Marcio Junio Rodrigues Cardoso, Maria Lúcia Coimbra Scalabrini, Samara Romão Ferreira
11:40	Discussão	

TARDE

SALA 07 - DOCUMENTAÇÃO E CATALOGAÇÃO

MODERADORA: Aline Cristina Gomes Ramos (UFES)

Avaliador (a) dos trabalhos indicados à premiação: Paola Haber Maués (UFPA)

Horário	Título	Autores
14:00	Relato sobre a documentação museológica digital no Projeto "Memória Cultural das Infâncias na Amazônia - MRE"	Luiz Tadeu Costa, Samara Carolina Ferreira Da Silva, Tiago Miguel Vilhena Sarmento de Souza
14:20	Museu do jogo da UFPB: categorização de acervo à luz da Pedagogia da Corporeidade	Elizara Carolina Marin, Laura Rodrigues, Profº Dr. Pierre Normando Gomes-da-Silva
14:40	Documentação integral do patrimônio industrial: protocolos museológicos para incorporar a memória social e a história oral	Andre Luis Maragno
15:00	Preservação e documentação de acervo artístico-acadêmico no PPGARTES/UFPA: relato de experiência ✱	Larissa Lima da Silva, Luana Andressa Lima Silva, Paola Carolina Oliveira dos Santos
15:20	Discussão	
15:40	Inventário e Resgate do Acervo do Núcleo de Arte Contemporânea da UFPB	Marisa Pires Rodrigues, Maycon José Alves de Andrade Albuquerque
16:00	Documentação Museológica e Gestão de Acervos de Ictiologia: A Experiência com a Coleção de Patrimônio Natural da UFPA ✱	Alessandra Torres Pinho, Jéssica Tarine Moitinho de Lima, Kayla Eduarda Santos Evangelista
16:20	Entre a Técnica e a Comunicação: A Requalificação da Documentação Museológica no Museu de Ciência e Técnica da Escola e Minas/UFOP	Anderson Vital Sales, Igor Alves de Souza, Lourdes Lorena Diniz Coelho Lopes, Ranielle Menezes De Figueiredo, Vitória Luiza Roque
16:40	Discussão	

MANHÃ

SALA 08 - PESQUISA MUSEOLÓGICA, POLÍTICAS CULTURAIS E MUSEOLOGIA CRÍTICA

MODERADORA: Maurício Cândido da Silva (USP/RBCMU)

Horário	Título	Autores
10:00	Acolhimento	
10:20	Um olhar reflexivo sobre os acervos de sítios arqueológicos históricos do MAP/UFPI e do NAP/UFPI	Kaio Hellanno Da Costa Santana Araújo, Vinicius Melquíades
10:40	Construção de políticas públicas para museus federais vinculados ao Ministério da Educação: contribuições de Consultoria Especializada	Damiane Daniel Silva Oliveira dos Santos, Mariana Ramos Reis Gaete, Nicóly Ayres Da Silva, Noris Mara Pacheco Martins Leal
11:00	Coleção Amazoniana de Arte da UFPA: tradições míticas amazônicas e ecofeminismo queer em “Uiaras defendendo o Paraíso”	Orlando Franco Maneschky, Paola Haber Maués
11:20	Aspectos éticos na exposição de corpos humanos: uma experiência no Museu de Anatomia Humana da UFCSPA	Mathias Parussolo Boniati, Andréa Oxley da Rocha, Cássio de Oliveira Vidal, Ana Paula da Silva, Morgana Silveira Bartz
11:40	Discussão	

TARDE

SALA 08 - PESQUISA MUSEOLÓGICA, POLÍTICAS CULTURAIS E MUSEOLOGIA CRÍTICA

MODERADOR: Renato Fonseca de Arruda (UNEMAT)

Avaliador (a) dos trabalhos indicados à premiação: Rodrigo Luiz dos Santos (PUC-Campinas)

Horário	Título	Autores
14:00	SIMAP, museus e entes museais, algumas reflexões.	Claudia Rodrigues Carvalho, Christine Ruta, Patricia Regina Garcia
14:20	Museus universitários em perspectiva comparada: Os casos do Museu de Cultura Popular da UNA (Costa Rica) e do Museu do Vale do Arinos da UNEMAT (Brasil)	Luis Pablo Orozco Varela, Renato Fonseca de Arruda, Saulo Augusto de Moraes, Márcio Ferreira Rangel, Jairo Luis Fleck Falcão
14:40	O Museu de Anatomia Patológica de Manguinhos nas correspondências entre Henrique da Rocha Lima e Oswaldo Cruz (1902-1909)	Barbara Cristina Euzébio Pereira Dias De Oliveira, Márcio Ferreira Rangel, Maria Karla Belo da Silva Tavares
15:00	Discussão	
15:20	Museu dos Dinossauros e seu entorno: tensões e negociações em partilha de espaços.	Maria Betania Moreira Carvalho Silva, Pedro Donizete Colombo Junior
15:40	Tiradentes Passado Presente: uma expografia para um Museu em movimento	Fabricio José Fernandino, Patricia Franca-Huchet, Dina Marques Pereira Araújo, Fernando Antonio Mencarelli, Lorena Mello Martins
16:00	Museu de História Natural da Universidade de Brasília: levantamento sobre gestão e coleção dos núcleos museológicos de ciências naturais*	Marijara Souza Queiroz
16:20	Discussão	
16:40	Quando o museu universitário encontra a museologia social? A experiência da criação do Museu Indígena Pyulaga Waudja	Renato Fonseca de Arruda, Saulo Augusto de Moraes, Kamarariwé Raôry Waurá, Yanahin Matala Waurá, Umejitawana Tuhu Waurá
17:00	Acervo e decolonialidade: Sidney Amaral no MAC USP	Vitória Passos Viana
17:20	Discussão	

MANHÃ

SALA 09 - PESQUISA MUSEOLÓGICA, POLÍTICAS CULTURAIS E MUSEOLOGIA CRÍTICA

MODERADORA: Aline Escandil (COREM 3R)

Horário	Título	Autores
09:00	Acolhimento	
09:20	Decolonialidade do Saber: os saberes amazônicos em um museu universitário *	Andrey Leão
09:40	Coleções Etnográficas, Documentação Museológica: Questões e Perspectivas *	Renato Athias
10:00	Conhecer para preservar: levantamento preliminar das Coleções e Museus de Anatomia no Brasil	Bianca Scofano Barbosa, Barbara Cristina Euzébio Pereira Dias De Oliveira, Marcelo Pelajo Machado, Maria Karla Belo da Silva Tavares, Maurício Candido da Silva
10:20	Discussão	
10:40	O museu como espaço cultural acadêmico: ações e vivências no Museu de Cultura Sertaneja - MCS/CAPF/UERN	Valéria Inajara Costa Fernandes, Artur Martins de Oliveira, Jose Gevildo Viana, André Felipe Barros e Queiroz, Victor Rafael do Nascimento Mendes
11:00	Olhares multissemióticos por meio de fotografias do Museu de Cultura Popular de Francisco Dantas/RN: arte popular em linguagens museais	André Felipe Barros e Queiroz, Artur Martins de Oliveira, Jose Gevildo Viana, Valéria Inajara Costa Fernandes, Victor Rafael do Nascimento Mendes
11:20	Denilson Baniwa no MAC USP: musealização de arte indígena	Ariane Heloíse de Carvalho
11:40	Discussão	

TARDE

SALA 09 - EDUCAÇÃO E MEDIAÇÃO CULTURAL

MODERADORA: Keila Cristina Arruda Villamayor Gonzalez (UDESC)

Horário	Título	Autores
14:00	Expografia arqueológica "Que Sítio é este?": o museu universitário em diálogo com Waldisa Rússio *	Saladina Amorim Amoedo, Gisele da Fonseca Machado, Lise Marcelino Souza
14:20	Educação patrimonial itinerante: o museu vai à escola	Antônio Sílvio Teixeira dos Santos
14:40	Como somos por dentro do corpo? Educação museal e valorização do patrimônio universitário no Museu de Anatomia da UFRJ	Ludmila Ribeiro de Carvalho
15:00	Discussão	
15:20	Visitas desenhadas: observar, entender e criar	Aline Teresinha Basso, Joyce Kelly De Almeida Mendes
15:40	Uma Experiência Surrupira: o Curso Online Museologia, Educação Popular e Pensamento Freiriano na UFPA *	Gisele Nascimento Barroso, Diogo Melo, Lidiane da Costa Monteiro
16:00	Extensão universitária à serviço da comunidade: o impacto do Programa de Doação de Corpos no Museu de Anatomia UFCSPA *	Laura Cortezi Rottoli, Andréa Oxley da Rocha, Ana Paula da Silva, Morgana Silveira Bartz, Vitória Copatti
16:20	Discussão	
16:40	Museu, Mediação e Ciência: Um recorte das ações educativas no Museu Antares como facilitador cultural e científico *	Lise Marcelino Souza, Gisele da Fonseca Machado, Saladina Amorim Amoedo
17:00	Na Trilha do Patrimônio - Memória e Pertencimento	Claudia Porcellis Aristimunha, Celso Alegriani
17:20	Imaginários sobre animais peçonhentos de jovens de comunidades rurais na Bahia: A experiência de ações educativas de um Museu Universitário Itinerante	Maria Cilene Freire de Menezes, Paula Campelo Barbosa, Rejane Maria Lira-da-Silva
16:40	Discussão	

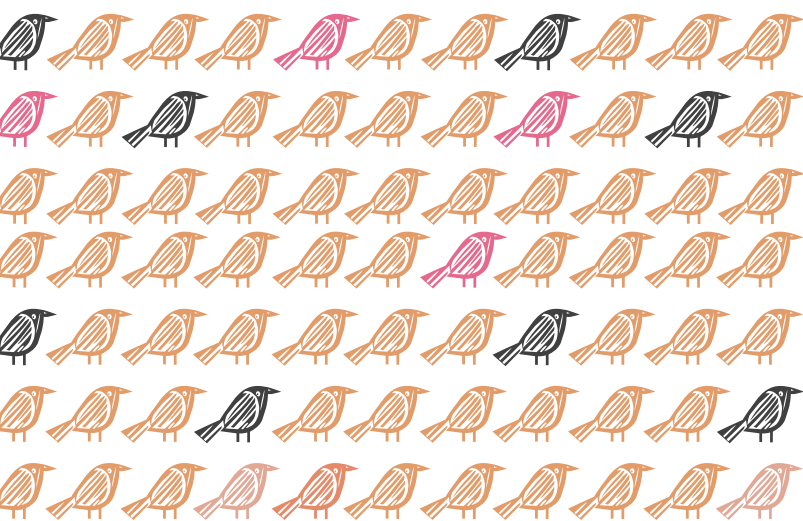
TARDE

SALA 10 - MEMÓRIA E HISTÓRIA DO PATRIMÔNIO

MODERADOR: Jones da Silva Gomes (UFPA)

Avaliador (a) dos trabalhos indicados à premiação: Bruna Marina Portela (UFPR)

Horário	Título	Autores
14:00	Acolhimento	
14:20	Museu de Cultura Popular: caminhos percorridos	Franciane Lúcia da Silva Zimmermann
14:40	Sociogênese do campo museal na Universidade Federal da Bahia	Amélia Pereira Costa
15:00	Museus e colecionismo: formação do acervo do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo	Joana Soster Lizott
15:20	Discussão	
15:40	Pátio da Ciência da UFG: resultados parciais sobre a divulgação das coleções nos museus universitários de C & T.	Carlos Augusto Ribeiro Jotta
16:00	MADHIS da UFAC: relato de uma experiência interdisciplinar para a preservação e popularização de coleções científicas e culturais *	Gerson Rodrigues de Albuquerque
16:20	Discussão	



HOMENAGENS

O 8º Fórum Permanente de Museus Universitários celebrou, por meio de uma homenagem especial, junto à comunidade acadêmica brasileira, a primeira geração de profissionais que idealizou e organizou o encontro inaugural de museus universitários no Brasil, realizado em 1992, reconhecendo seu papel fundamental na construção das bases que hoje sustentam este espaço coletivo de articulação e reflexão. Ao reconhecer aquelas e aqueles que abriram caminho, reafirmamos a memória como fundamento do trabalho museológico e como elemento estruturante das práticas institucionais, valorizando trajetórias que contribuíram decisivamente para a consolidação do campo.

O pioneirismo dessa geração possibilitou a criação de redes de colaboração, o fortalecimento do diálogo interinstitucional e a construção de uma agenda comum entre instituições federais, estaduais e particulares, ampliando o reconhecimento dos museus e das coleções universitárias como espaços estratégicos de produção de conhecimento, preservação patrimonial e ação educativa. Mais do que um gesto simbólico, a homenagem representou o compromisso do Fórum com a continuidade histórica, a valorização das experiências acumuladas e o reconhecimento das pessoas que, com dedicação e visão coletiva, impulsionaram e seguem inspirando o desenvolvimento do campo no presente e no futuro.



Edna Luísa de Mello Taveira (in memoriam) — Universidade Federal de Goiás (UFG)
Representada por Dilamar Candida Martins e Ana Cristina Santoro

Antropóloga, arqueóloga, museóloga e pesquisadora, Edna marcou a história dos museus universitários por sua dedicação e compromisso com o campo. Foi uma das idealizadoras e realizadoras da primeira edição do Fórum Permanente de Museus Universitários, durante sua gestão como diretora do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG). Graduada em Ciências Sociais pela UFG, mestre em Ciências Sociais pela USP e com diversas especializações em Antropologia e Arqueologia, uniu diferentes campos em sua trajetória múltipla e de referência. Pioneira da Arqueologia e da Museologia no Centro-Oeste do Brasil, atuou durante décadas como docente e gestora junto à UFG, notabilizando-se como uma das mais importantes profissionais do campo museológico.



Lídia Maria Meirelles (in memoriam) — Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Etnóloga, professora e pesquisadora, Lídia integrou a geração fundadora do FPMU. A sua partida recente entristeceu a todas as pessoas que foram alcançadas por sua generosidade e sabedoria. Atuou como Técnica em Assuntos Educacionais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), onde foi criadora e durante mais de duas décadas diretora do Museu dos Povos Indígenas da UFU. Graduiu-se em Ciências Sociais pela UFRJ, com mestrado em Educação e Doutorado em História, ambos títulos obtidos na UFU, sua querida Universidade, que tanto deve à sua ação diligente, comprometida, apaixonada e construtora. Defensora incansável da educação e dos museus como instrumentos de transformação social e combate ao preconceito, Lídia foi pioneira na formação de educadores para o ensino das culturas indígenas, ainda antes de marcos legais como a Lei 11.645/2008. Foi também responsável por impulsionar a criação do Sistema de Museus da UFU (SIMU) e por defender a institucionalização de uma política museal na universidade. Sua memória e legado permanecerão vivos e conosco, sempre! Nossa eterna gratidão, Lídia! Esta edição é para você!



Maria Célia Teixeira Moura Santos — Curso de Museologia, Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Professora, museóloga e pesquisadora, Maria Célia notabiliza-se por sua dedicação e amor à Museologia e à Educação. Da união desses dois campos, ela apresentou contribuições inovadoras e fundamentais ao pensamento museológico contemporâneo. Formada na primeira turma do Curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), construiu sua trajetória em estreita sinergia entre os museus universitários, as comunidades e a Universidade. Desenvolveu projetos pioneiros, que abriram novos horizontes para o fazer museológico, sendo uma das principais pensadoras da Museologia brasileira e internacional. Mestre e Doutora em Educação pela UFBA, coordenou o Eixo 3 da Política Nacional de Museus (PNM), decisivo para a capilarização e consolidação dessa política a nível nacional. Autora de inúmeros livros e artigos, inspirou e segue inspirando gerações de profissionais com o seu compromisso inquebrantável com uma Museologia comprometida com as comunidades e com a vida.



Maria Cristina Oliveira Bruno — Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo (MAE/USP)

Museóloga e professora, Cristina é mais uma das baluartes da Museologia universitária. Ao longo de sua trajetória, vem aportando contribuições decisivas e marcantes na Teoria da Museologia e da Arqueologia, além de ser fundadora e coordenadora do Curso de Especialização em Museologia do MAE USP (CEMMAE) e do Programa de Pós-Graduação em Museologia da USP (PPGMus), Universidade em que atua como professora titular no Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) e nos Programas de Pós-Graduação em Arqueologia e em Museologia. Licenciada em História pela Universidade Católica de Santos, com três especializações em Museologia pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo; Mestre em História Social / Pré-História (1984) e Doutora em Arqueologia pela Universidade de São Paulo (1995). Atuou como diretora do MAE/USP entre 2014 e 2018 e vice-diretora entre 2005 e 2009. A sua história confunde-se com a trajetória da estruturação do campo museológico universitário, para o qual dedica-se com amor e compromisso. Referência para gerações de profissionais e instituições, Cristina merece todo o nosso reconhecimento e aplausos.



Regina Márcia Moura Tavares — Museu Universitário, PUC-Campinas

Professora e pesquisadora, Regina é mais uma de nossas referências fundamentais. Graduiu-se em Ciências Sociais pela USP, com pós-graduação em Antropologia. Dedicou-se com afinco e enorme esforço à realização do 1º FPMU. Estruturou e dirigiu o Instituto de Artes e Comunicações, o Centro de Cultura e Arte e o Museu Universitário da PUC Campinas. Atuou como consultora do MEC e do CNPq, membro do CONDEPHAAT, CONDEPACC e ICOM-Br, autora de livros e da cartilha “Memória e Patrimônio”, e idealizadora do programa latino-americano “Brinquedos e Brincadeiras Tradicionais”, reconhecido pela Unesco em 1990. Referência em patrimônio e museus, atuou como consultora em diversas instituições, bem como deu contribuições fundamentais em colegiados do patrimônio. Dedicou-se com afinco aos museus universitários, construindo um legado sólido e potente. As suas ideias originais e a sua defesa da educação revelam uma mulher de compromissos duradouros e marcantes.



Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses — Universidade de São Paulo (USP)

Representado por João Manoel Bezerra de Meneses

Professor, arqueólogo, historiador e museólogo, Ulpiano é um nome imprescindível na história dos museus universitários brasileiros. A sua trajetória é marcada por gestões virtuosas e estruturantes à frente do Museu Paulista e do Museu de Arqueologia e Etnologia, ambos da USP. Pesquisador dedicado e rigoroso, tem dado contribuições centrais para o nosso campo desde a década de 1960. Sua atuação e contribuições vão muito além dos museus universitários: fomos formados por suas reflexões e por seu engajamento em diferentes frentes de exercício profissional. É doutor em Arqueologia Clássica pela Universidade de Sorbonne, na França. Professor Emérito da USP e Pesquisador Emérito pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Ulpiano já recebeu as principais honrarias do campo museológico, como a Medalha do Mérito Museológico do Conselho Federal de Museologia (COFEM) e a Medalha Waldisa Rússio, entretanto, faltava a nossa homenagem: temos a alegria de outorgar-lhe esse reconhecimento no 8º FPMU em reconhecimento à sua trajetória singular e pioneira.

Esta homenagem é um gesto de gratidão e compromisso: celebramos quem sedimentou a estrada que hoje percorremos e renovamos o dever de seguir adiante, com rigor, diálogo e cooperação. Às pessoas lembradas, às famílias e às instituições parceiras, nosso muito obrigada.



Homenageados da esquerda para direita: João Manoel Bezerra de Meneses (representando Ulpiano Bezerra de Meneses); Maria Célia Teixeira Moura Santos; Regina Márcia Moura Tavares; Maria Cristina Oliveira Bruno; Dilamar Candida Martins e Ana Cristina Santoro (representando Edna Luísa de Mello Taveira). **Fotógrafo:** Flávio Almeida

HOMENAGEM À PROFA. EDNA LUÍSA DE MELO TAVEIRA (03.01.1945 – 17.10.2017), NO 8º FÓRUM PERMANENTE DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS REALIZADO EM FORTALEZA (CE), EM 25 DE AGOSTO DE 2025.

Dilamar Candida Martins

Doutora em Arqueologia (USP)
Professora Aposentada da Faculdade de Ciências Sociais
da Universidade Federal de Goiás.

Ao cumprimentar os componentes dessa Mesa e os demais participantes desse evento, agradeço e preciso esclarecer que não sou a homenageada. Esse lugar não é meu! Como gostaria de estar na plateia, assistindo minha grande amiga sendo merecidamente homenageada! O Universo não quis assim! Estou aqui pelas circunstâncias, triste, porém honrada, e representando as famílias Melo e Taveira, alicerces da Profa. Edna Luísa de Melo Taveira, as quais agradecem aos organizadores desse evento e à homenagem à nossa “Dama da Museologia Goiana”, como era, carinhosamente, chamada.

Dizem que perder uma amiga é ganhar saudades. Saudades convividas e compartilhadas. Saudades de fases boas e difíceis. Saudades de estórias que ainda posso contar, porém que paguei e continuo pagando pelo privilégio de ter conhecido e convivido por quatro décadas, com alguém tão especial e que deixou em mim tantas saudades.

De Edna ganhei saudades de quando a conheci, numa relação competente e calorosa de professora e aluna. Sim, fui sua aluna de diferentes maneiras, a começar no curso de graduação em Ciências Sociais/UFG – turma 1977 -, quando fez me encantar pela Antropologia, Etnografia, Etnologia e pelas coisas da Museologia. Entretanto, trilhei pela Arqueologia. Ganhei saudades de quando nos tornamos colegas de Departamento, na Faculdade de Ciências Sociais da UFG, e nos tornamos amantes do viver intenso e responsável com o Museu Antropológico/UFG. Essa saudade me traz lembranças e muitas memórias de momentos diversos, de exigência máxima da nossa força e dos testes nos nossos limites, principalmente quando me incentivou para me tornar uma arqueóloga, no caso, a primeira arqueóloga goiana, e depois diretora do Museu Antropológico/UFG, por dois mandatos, em oito anos de desafios e muitas conquistas.

Na tapeçaria que tecemos com os fios do tempo compartilhado, me lembro sempre dos instantes de convivência familiar, de nossos estudos coletivos – incluindo as professoras Edna, Judite e eu –, dos momentos de reflexão, de risadas, parcerias e de decisões que marcaram nossas vidas acadêmicas e pessoais.

Entre saudades, lembranças e memórias afirmo, com profundo respeito e imenso carinho que Edna não esteve aqui a passeio, esteve a serviço. Por isso, construiu sua história de honestidade, amor e dedicação para com sua família, amigos e profissão. Deixou marcas profundas, brilhou e se destacou por onde passou e atuou.

Vale lembrar que, estando em uma UTI Humanizada, Edna fez suas últimas observações, emitiu reflexões, dialogou com a Antropologia e a Museologia e resumiu ações por ela levadas a efeito nos seus 16 anos como gestora do Museu Antropológico/UFG. Nesse processo de criação fui parceira e recebi seu último manuscrito dois dias antes de sua partida.

Coube a mim, em minha segunda gestão do Museu Antropológico/UFG materializar e divulgar suas últimas reflexões nessas áreas. Ficando assim sua última publicação: Museu Antropológico da UFG: uma viagem pelo tempo e no realce da memória de seu percurso (Martins, Dilamar Candida. Museu Antropológico: uma viagem pelo tempo e no realce da memória de seu percurso / Dilamar Candida Martins, Edna Luísa de Melo Taveira; organização Dilamar Candida Martins. – Goiânia: Gráfica UFG, 2017), que foi uma homenagem das autoras da coleção Memórias e Acervos (Dilamar Candida Martins, Ana Cristina de Menezes Santoro e Tatyana Beltrão de Oliveira) à Profa. Edna (03.01.1945 – 17.10.2017).

Assim, estará sempre nas lembranças e nas saudades daqueles que a conheceram e com ela tiveram a regalia de conviver. As futuras gerações a ouvirão pelos seus feitos, pelas suas ações, pelos seus escritos, os quais serão lembrados, contados e recriados por nós, seus sucessores e amigos que estaremos sempre ganhando saudades.

Lembrei que não dá para apagar isso...

MUSEU DO ÍNDIO: UMA HISTÓRIA SEM FIM

Clever Zárate (esposo de Lídia Maria Meirelles)
Rômulo Meirelles e Julia Caparelli (seus filhos)

Lídia Maria Meirelles, mineira, completaria 67 anos nesta quarta-feira, 27 de agosto. Em bom mineirês, se perguntaria: *“É filha de quem?”*. Filha da uberlandense Maria e do friburguense Othomar. Talvez seus primeiros contatos com museus tenham acontecido durante visitas a parentes em Petrópolis.

Na juventude, chamava-lhe muito a atenção aquele povo que passava pela cidade junto com os migrantes europeus. Os primeiros, povos originários, caminhavam sem rumo e não eram acolhidos como os segundos. Lídia começou a admirar aquele povo que, apesar de rejeitado, mantinha-se firme e altivo, no melhor sentido das palavras.

No final da década de 1980, o Museu do Índio nasceu na Universidade Federal de Uberlândia, a partir da doação de peças de diversos grupos originários por uma pessoa da comunidade local. Desde então, muitas foram as lutas de Lídia pelo reconhecimento do museu. Ouvia-se, dentro e fora da universidade, comentários como: *“Aqui não tem índio”* ou *“Museu é depósito de coisas velhas e sem uso”*. Na prática, Lídia já exercia o papel de coordenadora. Em 1991, o museu, que inicialmente integrava um núcleo dentro de um instituto, foi transferido para um espaço dentro da universidade. O local, entretanto, era muito pequeno para o acervo, que crescia com novas doações. Nesse mesmo ano, realizou pesquisa de campo junto ao povo Apyãwa/Tapirapé, no Mato Grosso, com o objetivo de corroborar informações do acervo existente. Em 1995, fez nova pesquisa de campo, desta vez com o povo Maxakali, em Minas Gerais.

Em 1992, com a posse do primeiro reitor eleito pela comunidade universitária, Lídia assumiu a Coordenação de Cultura da UFU. Até o final de 1995, os campi fervilhavam de projetos e eventos culturais. Nessa etapa, ela não deixou de coordenar o museu e participou da criação do embrião da FPMU, em Goiânia. Com seu incentivo, foram criados vários museus dentro da universidade. No final da gestão, o Museu do Índio foi transferido para um espaço alugado fora da universidade, adequado ao seu funcionamento como museu.

No início da gestão seguinte, em 1996, a nova administração universitária extinguiu os projetos e eventos culturais nos campi. Considerando que *“qualquer local”* poderia abrigar o museu, a administração propôs alternativas inviáveis, mas Lídia se manteve firme contra elas. Naquele ano, o museu permaneceu fechado em seu espaço recém-alugado. No ano seguinte, foi transferido novamente para um local mais amplo, fora da universidade, onde voltou a abrir as portas à comunidade.

Em 1997, Lídia recebeu uma bolsa integral do governo espanhol para cursar Museologia e Museografia Americana, em Sevilha. Aproveitou a oportunidade para visitar o Museo de América, em Madri, e percebeu que muitas peças brasileiras estavam expostas com descrições equivocadas. Ao retornar ao Brasil, entrou em contato com os dirigentes do museu espanhol. Eles enviaram fotografias do acervo com informações incorretas e concordaram em ser assessorados. Muitas peças, inclusive, eram de povos originários de países amazônicos vizinhos ao Brasil. Após longas conversas e insistência, Lídia conseguiu financiamento integral do Ministério da Cultura do Brasil para revisar a catalogação das coleções etnográficas brasileiras do Museo de América, trabalho realizado em Madri entre março e abril de 1999.

Em 2001, foi convidada a assumir a Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia, o que a afastou da coordenação do Museu do Índio. Sua atuação foi marcada pelo mesmo ímpeto que imprimira na universidade. Lutou pela preservação do patrimônio histórico da cidade e pela reativação de diversos equipamentos culturais. Criou a Lei Municipal de Incentivo à Cultura e, apesar de enfrentar ameaças, levou adiante diversos projetos. Deixou o cargo no final de 2003, por decisão política.

Ao sair da Prefeitura, foi surpreendida pela impossibilidade de reassumir a coordenação do Museu do Índio. O instituto responsável não sabia ao certo o destino do museu. Após várias indefinições, em 2007 a universidade decidiu vinculá-lo a um órgão superior. Na época, Lídia foi chamada para assessorar a Diretoria de Comunicação Social da UFU.

Em 2008, ao retornar à coordenação do museu, confirmou as más notícias que já havia recebido. Antes de sua volta, a administração central da UFU nomeou uma comissão que constataria a situação precária do acervo. Entre 2000 e 2007, a coordenação foi desastrosa: peças emprestadas sem controle, perdas por descuido, catalogação comprometida, biblioteca desfalcada e omissão de instâncias da universidade diante da negligência.

A recuperação do museu exigiu um trabalho hercúleo. A primeira preocupação de Lídia foi com o acervo. Realizou a conferência das peças, separando as irrecuperáveis, e providenciou a dedetização completa, feita por um especialista de São Paulo. Muito mobiliário foi perdido por uso inadequado. A conferência da biblioteca revelou livros danificados e outros retirados sem registro.

Em 2009, o museu mudou novamente de sede. A prioridade de Lídia continuou sendo o acervo, seguido da aplicação do Regulamento do Museu do Índio, que havia sido desrespeitado pela coordenação anterior. A partir daí, promoveu a interlocução com a comunidade interna e externa à UFU, organizando cursos, encontros, seminários, oficinas e palestras com grupos originários, indigenistas, linguistas, educadores e outros profissionais. Muitos registros dessas atividades estão disponíveis na internet. Frequentemente, Lídia com argumentos que só ela era capaz de transmitir, conseguia apoio voluntário de padarias, restaurantes e hotéis para viabilizar eventos sem custos para a universidade. No campo educacional, buscou parcerias com a Secretaria Municipal, propondo novas formas de trabalhar a temática indígena em sala de aula.

Em 2012, coordenou o Grupo de Trabalho para elaboração do Projeto de Criação do Centro Cultural da UFU, que abrigaria até três museus universitários. Apesar da ampla escuta à comunidade acadêmica e externa, a mudança na gestão universitária impediu sua concretização.

Entre 2002 e 2012, também foi coordenadora de Extensão e Pesquisa e docente da Faculdade Católica de Uberlândia, lecionando disciplinas na graduação e pós-graduação, sempre voltadas para a antropologia e a preservação do patrimônio cultural. Nesse período, realizou visitas técnicas com seus alunos a Goiás Velho, à aldeia Tapuio (Carretão), a Paraty — onde muitos estudantes viram o mar pela primeira vez — e a Ouro Preto, chamada por eles de “cidade-museu”. Nessa ocasião, Ângelo Oswaldo, então prefeito, abriu espaço em sua agenda para palestrar aos estudantes, por conhecer Lídia dos tempos em que ela fora secretária de Cultura. Sua preocupação constante era transmitir o respeito ao Patrimônio Histórico na sala de aula.

Em 2017, Lídia decidiu se aposentar, motivada pelo receio das mudanças políticas da época e pela possibilidade de perda de direitos. No entanto, sua aposentadoria não significou afastamento: continuou atuando voluntariamente como coordenadora do Museu do Índio até 2024. Esse período trouxe desafios, sobretudo diante da burocracia universitária, que pouco reconhece o trabalho de quem não possui vínculo formal. Ainda assim, Lídia manteve firme o compromisso com o museu, organizando inúmeras exposições e recebendo dois prêmios de reconhecimento institucional.

Desde 2023, o museu passou a se chamar Museu dos Povos Indígenas (MuPI). A participação de Lídia nunca cessou. Ao contrário: permaneceu intensa, marcada pela dedicação e pelas lutas constantes para assegurar a vitalidade do Museu Universitário.

Nos meses finais de 2024, aconteceu nova mudança do museu. Com carinho, ela preparou a mudança do acervo. Procuo que cada uma das peças, independentemente de sua importância, seja preparada para um transporte seguro. O novo local pertence à universidade, foi prometido um ambiente próprio para ser museu. Só quem convivia diuturnamente com Lídia sabe que a luta não tinha acabado.

Era hora de viajar pelo Brasil e conhecer suas belezas, uns dias antes de sua partida passou pelo sul de Minas e já preparava as seguintes viagens. NÃO ESTA!

De seu esposo Clever Zárate, de seus filhos Rômulo Meirelles e Julia Caparelli, a saudade eterna!

“Eu não te peço que me traga uma estrela azul, só te peço que o meu espaço preenchas com a tua luz.”

Da música *Yo no te pido*, de Pablo Milanés.

LÍDIA MARIA MEIRELLES, PRESENTE!

Nayana Camurça (Professora de Artes Visuais no Instituto Federal do Ceará - IFCE)

Túlio Muniz (Professor na Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFRSA)

Amigos e parceiros de Lídia Meirelles em diversos momentos no MUPI-UFU

Lídia Maria Meireles nasceu em Uberlândia-MG, há 66 anos.

Formada em Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), também tinha mestrado em Museologia, Educação e doutorado em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), instituição a qual dedicou grande parte de sua vida, e na qual foi Diretora de Cultura, idealizadora e Coordenadora do Sistema de Museus da UFU e, principalmente, onde esteve na direção do Museu dos Povos Indígenas por cerca de até o ano passado.

Era membro do Conselho Internacional de Museus (ICOM/UNESCO) e da Associação Brasileira de Museologia, do Conselho Gestor do Sistema Estadual de Museus de Minas Gerais (2013/2020), Consultora da Organização dos Estados Ibero Americanos (OEI) 2021/2022; e foi Secretária Municipal de Cultura de Uberlândia (2001/2003). Nos últimos anos, colaborava com o Museo de America, de Madri, Espanha. No campo da Etnologia, Museologia e Museus, teve diversos artigos, capítulos e livros publicados nestas áreas.

Para além deste currículo técnico, Lídia era Antropóloga apaixonada e engajada, desde seus contatos iniciais com o povo Maxacali do Norte de Minas Gerais, quando de sua graduação (em 1981).

Lídia seguia a máxima de Darcy Ribeiro, de quem foi aluna na UFRJ: ninguém volta da mesma maneira a partir de um contato com o cotidiano da aldeia de um povo originário. Ela ampliou esse campo afetivo e, embora tivesse atuação interdisciplinar, jamais deixou de lutar, defender e fortalecer a luta dos povos originários do Brasil, e do mundo.

E o fazia com um traço pessoal característico seu, um tom de voz suave como um beija flor, mas, quando necessário, potente como um gavião.

Voz essa que nos fará falta, bem como o seu compartilhamento das críticas que, de certo, elaborava a essa época obscura, quando a sanha fascista avança contra os Museus Públicos, como vimos cá, no Brasil em período nefasto recente, nos desgovernos Temer e Bolsonaro, em cuja transição, de um período anti-democrático para outro ainda mais obscuro, foi emblemático o incêndio do Museu Nacional, no Rio de Janeiro, em 2018.

Talvez um prenúncio dos anos que se sucederam, de ataque ao Pensamento, ao Patrimônio Cultura e à Memória nacionais, e no estrangeiro, com o atual ataque do governo norte-americano às suas próprias universidades e instituições museológicas.

Lídia partiu na época do ano da qual talvez mais gostava, no enlace do Inverno para Primavera, quando se inicia a florada das jabuticabeiras que ela cultivava em seu quintal, carinhosa e saborosamente. Não teve tempo de ver as flores deste ano darem lugar aos frutos, mas nos deixou com um aroma de lavanda no ar, sua fragrância preferida.

Lídia adoraria estar aqui, planejava há meses a estadia em Fortaleza para além deste encontro, pois era cidade que não conhecia e na qual tinha amigas e amigos queridos a planejar um roteiro afetivo alternativo.

Portando, saudemos:
Lídia Meireles, presente.

TEXTO DE AGRADECIMENTO À HOMENAGEM NO 8º FPMU: PROF.^a DR.^a MARIA CÉLIA TEIXEIRA MOURA SANTOS

Autoridades presentes ou representadas
Caras/os Colegas,

Início minha fala agradecendo e parabenizando a Universidade Federal do Ceará, em especial à equipe organizadora do 8º Fórum de Museus Universitários, por acolhê-lo e realizá-lo, tarefa nada fácil, em tempos tão difíceis para todos nós. A força, a coragem e a motivação de vocês nos hora e nos deixa emocionadas/os. **Muito obrigada** pela generosidade, pelo companheirismo, pelo carinho e atenção de cada uma/um que se dedicou à organização deste evento. A você Saulo, um agradecimento especial por me atender com paciência e presteza, durante todo o período em que me preparava para estar com vocês, neste momento.

No processo de preparação para receber esta homenagem fomos surpreendidas/os com a perda de nossa colega Lídia Maria Meirelles, que deveria estar conosco, neste momento. Esta notícia me deixou triste e fragilizada a ponto de pensar em não vir a Fortaleza. Assim que recebemos o convite para a homenagem, eu e Lídia nos falamos várias vezes por telefone, quando demos nossa alegria com o encontro que se aproximava. Trabalhei e continuo trabalhando essa perda; nesse processo de aprendizagem difícil e doloroso, me apoiei na possibilidade de estarmos aqui, criando um ambiente no qual poderíamos conversar, nos emocionar e compartilhar, com amorosidade e cooperação, acreditando ser esta a melhor forma que teríamos para homenagear Lídia. Assim, decidi construir este pequeno texto de agradecimento e de memórias de nosso Fórum, a partir de alguns recortes da produção de Lídia ao longo de nosso caminhar.

No período de 26 a 30 de julho de 1992, ou seja, há 33 anos, sob o patrocínio da Universidade Federal de Goiás, foi realizado em Goiânia, no Museu Antropológico, o I Encontro de Museus Universitários, em nosso País, com o objetivo de "*construir um Fórum de debates e reflexões sobre a realidade institucional dos museus universitários.*" Não posso deixar de registrar e reconhecer que este evento só foi possível pela iniciativa de duas mulheres guerreiras, compromissadas e dedicadas à educação e à cultura, *Edna Luísa Taveira e Regina Márcia Moura Tavares*, companheiras que hoje também recebem as homenagens conferidas por vocês e às quais devemos muito - pelo profissionalismo, generosidade, companheirismo e dedicação a nosso campo de atuação.

O encontro de Goiânia foi, para mim, um sinal indicador de que estávamos tentando sair do imobilismo, do isolamento ao qual estivemos confinados por um longo tempo, consequência, talvez, de uma prática universitária isolacionista que era refletida nas atividades acadêmicas que desenvolvíamos nas instituições nas quais atuávamos, quando, sequer, sabíamos das pesquisas e das demais atividades que estavam sendo desenvolvidas por nossos pares, nos diversos departamentos.

Assim, preocupada, também, com a rigidez normativa adotada na maioria de nossos encontros, naquele período, registrava no texto elaborado para minha palestra¹:

“Aqui estamos, com a esperança de que este não seja simplesmente mais um encontro como tantos outros dos quais temos participado, onde a rigidez normativa nos conduz à reprodução dos hábitos e dos sistemas de pensamento e de ação do clássico professor universitário, como tão bem registrou Rene Barbier, ao fazer uma avaliação desses eventos: *"a racionalidade impera, mas é a racionalidade "científica" própria da pesquisa universitária que – como percebeu Bachelard – exclui o sentido da imaginação poética."*

O Fórum de Goiânia foi marcante para mim, em muitos aspectos, dentre os quais o de vencer a racionalidade científica e deixar fluir a imaginação poética, preenchendo o abismo da falta com a construção de belas e duradouras amizades, dentre as quais quero destacar a construída com Lídia Meireles.

Durante 33 anos compartilhamos nossas experiências, nossas produções de conhecimento, refletimos sobre nossas atuações nas universidades, e, sobretudo, sobre nossas carências e dificuldades em relação à gestão dos museus universitários, atividade na qual ela esteve envolvida durante boa parte de sua vida.

Assim, foi iniciado um percurso de trocas e de aprendizado, com várias idas a Uberlândia para ministrar cursos sobre museu e educação, ou para participar de eventos na Universidade Federal de Uberlândia-UFU e no Museu do Índio. Ali, tive o prazer de observar, de perto, sua garra e determinação no sentido de aprimorar sua atuação como gestora e com o trabalho técnico daquela instituição, envidando esforços no sentido de estreitar, cada vez mais seu relacionamento com outros segmentos da UFU e com a sociedade.

Em maio de 2002 lá estive para participar de sua banca de conclusão do Mestrado, quando Lídia elegeu como objeto de estudo analisar e identificar os impactos e as possíveis mudanças ocorridas com professores e alunos, em relação às questões indígenas, ocorridas a partir dos processos de interação desenvolvidos entre o Museu e as escolas, pelo setor educativo do Museu. Naquela ocasião, busquei motivá-la para dar continuidade às suas pesquisas, ampliando o leque para uma análise mais aprofundada sobre os museus Universitários, no Brasil.

1 Texto apresentado no “Museu Universitário Hoje” – I Encontro Nacional, realizado em Goiânia, Museu Antropológico, de 26 a 30 de julho de 1992. Disponível em: mariaceliatms@gmail.com.br

Em 2015, com muita alegria, fui a Uberlândia para participar de sua banca de doutorado. Em sua tese, intitulada *Museus Universitários e Políticas Públicas: gestão, experiências e dilemas na Universidade Federal de Uberlândia, 1986 –2010*, Lídia assume o risco de ser ao mesmo tempo, sujeito e objeto, o que não a isentou de avaliar sua prática e a de seus pares, sentindo-se comprometida com o exercício da ação-reflexão, o que é relevante, pois o percurso histórico tem nos mostrado que é assim que estamos avançando, em nosso campo de atuação. Lídia demonstrou, mais uma vez, que a postura cômoda de criticar, e não se envolver, não condiz mais com as dinâmicas da sociedade contemporânea, cuja participação tem propiciado conquistas históricas.

A tese de Lídia traz contribuições importantes para uma melhor compreensão sobre os contextos dos Museus Universitários Brasileiros, para a formulação e implantação das políticas para a área da cultura, em nosso país, e, em especial, a Política Nacional de Museus. Em relação a esta última, não posso deixar de destacar a importância da análise e da avaliação de sua aplicação apresentada no capítulo 4 da tese, com o título – Museus Universitários Federais e a PNM: realidade, contradições e impasses. A partir da narrativa sobre a realidade dos museus da UFU e das reflexões apresentados nesse capítulo, constatamos que a construção participativa de uma Política não assegura sua eficácia, e que são necessários envolvimento, ação continuada, determinação, vontade de ousar e de criar programas, projetos, instrumentos de acompanhamento e avaliação, com destinação de recursos e prazos para execução. A tese de Lídia nos indica que a PNM deva ser um estímulo para construção conjunta de políticas universitárias, com a inserção dos museus nesse contexto, buscando novas perspectivas de ação entre a comunidade acadêmica, os museus e a sociedade.

Penso que a produção de Lídia será, sempre, um referencial importante para a memória da Universidade Federal de Uberlândia e de seus Museus, bem como para nosso processo de ação-reflexão junto aos museus universitários, foco principal de nosso Fórum.

Sei que, infelizmente, ainda não temos as condições necessárias para sanar os problemas que envolvem as instituições museológicas e, conseqüentemente, os museus universitários. Entretanto, penso que nunca é demais reconhecer o grande potencial que têm os Museus Universitários como ferramentas fundamentais no sentido de colaborar para que as Universidades cumpram suas missões de forma responsável, compromissada com o desenvolvimento humano sustentável, sensível e criador, contemplando a interprofissionalidade colaborativa, tendo como referencial a integração dos saberes e fazeres.

Nesse sentido, acredito que é importante lembrar nosso Mestre Paulo Freire, quando afirma que devemos olhar e conceber a História como possibilidade e não como determinação. Assim, continuo acreditando em nossa capacidade de ousar e de criar novas perspectivas para a ação conjunta, compreendendo este Fórum como espaço de abertura e de possibilidades, um estímulo para construção de políticas universitárias, com a inserção dos museus nesse contexto, buscando novas perspectivas de ação entre a comunidade acadêmica, os museus e a sociedade. ABRIR AS JANELAS DAS UNIVERSIDADES E DOS MUSEUS PARA A SOCIEDADE NÃO É SÓ NECESSÁRIO, É UMA URGÊNCIA.

Finalizando, permitam-me mais um reconhecimento e agradecimento aos companheiros e companheiras que também estão sendo homenageadas/os neste momento, aos/as quais tenho a dívida de poder dar, pessoalmente, um forte abraço, cheio de afeto e alegria. Aos que não estão mais conosco – Edna Taveira, Tarcísio Taborda, Ana Gantois, Graça Sardinha e Lídia Meirelles, suas presenças e suas obras estarão sempre em nossos corações e em nossas memórias, como exemplos e estímulos para superar barreiras e atuarmos tendo como referencial os contextos social, cultural e emocional.

Também quero dividir esta homenagem com a UFBA, Universidade na qual fiz toda minha formação acadêmica e a todas/os que estão ou estiveram comigo nessa longa caminhada, estejam certos de que sem vocês teria sido mais difícil ou impossível chegar até aqui.

A minha família, esteio de minha existência, meu muito obrigada por me encherem de vida e de amorosidade.

Sim, em nossa existência, tudo é passageiro, inclusive nossas vidas. Por isso, registro, mais uma vez, que podemos homenagear Lídia e os demais colegas que não estão mais entre nós, produzindo, durante este evento, encontros inspiradores, com trocas afetivas, alegres e criativas, dando sentido a nossa *imaginação poética*. Foi a certeza de que aqui encontraria a estrutura que favoreceria "*o choque da diferença no abismo da falta*" que me fez atender ao convite de vocês.

MUITO OBRIGADA.

Profa. Dra. Maria Célia T. Moura Santos
Fortaleza, 25 de agosto de 2025.

TEXTO DE AGRADECIMENTO À HOMENAGEM NO 8º FPMU: PROF.^a REGINA MÁRCIA MOURA TAVARES

Senhoras e senhores, queridas e queridos colegas:

Recebo esta homenagem com profunda gratidão e emoção.

Quando penso na trajetória que me trouxe até aqui, volto aos anos 1980, quando assumi a direção do Museu da PUC-Campinas. Minha formação em Antropologia, com especial atenção à Paleontologia Humana e à História da Cultura, foi o alicerce para uma diretriz clara: o Museu não poderia ser apenas um espaço de respostas prontas, mas sim um lugar de perguntas essenciais. Queria que cada visitante fosse provocado a refletir sobre sua própria realidade, sua história e suas possibilidades de futuro diante do que estava exposto.

Assim compreendi o Museu Universitário como laboratório vivo, onde Ciência, Cultura e Educação se entrelaçam. Foi dessa concepção que nasceu, junto com colegas igualmente inquietos, a ideia de articular nacionalmente essas instituições.

Em 1992, ao lado de Cristina Bruno, da USP, e de Edna Taveira, da UFG, lançamos o I Fórum de Museus Universitários. Nosso objetivo era simples e desafiador: afirmar que os Museus Universitários são fundamentais não apenas para preservar coleções, mas para impulsionar a pesquisa, o ensino, a extensão e a democratização do conhecimento.

Hoje, ao ver este Fórum em sua 8ª edição, sinto que aquela semente germinou e se fortaleceu. Esta homenagem, portanto, não é apenas minha: pertence a todos e todas que acreditaram nesse caminho, que transformaram utopia em prática. Lembro com emoção de Edna Taveira, cuja ausência física não apaga sua presença intelectual, e rendo homenagem a Cristina Bruno, cuja dedicação tem sido essencial para a continuidade desta rede.

Acredito, com ainda mais convicção, que Museus não são somente guardiões de patrimônio móvel, mas lugares de transformação — lugares que nos ajudam a compreender quem somos e a projetar futuros possíveis.

Muito obrigada por este reconhecimento, que recebo como parte de uma caminhada coletiva, que continua.

Regina Márcia Moura Tavares
reg3mar@gmail.com
Fortaleza, agosto de 2025

OS ENCONTROS, AS MEMÓRIAS E O FUTURO DOS MUSEUS UNIVERSITÁRIOS

Maria Cristina Oliveira Bruno

Participar do 8º Fórum Permanente de Museus Universitários, realizado em Fortaleza em agosto de 2025, foi sem dúvida uma experiência muito singular e auspiciosa.

Por um lado, a possibilidade de criarmos sinergias com o tema gerador do fórum – Coleções, Museus Universitários e Sociedade: Elos entre Ciência, Cultura e Comunidade – permitiu de imediato que esse evento, reunindo profissionais e estudantes do campo dos museus universitários, desvelasse um conjunto expressivo de apresentações e discussões muito precisas e potentes, indicando o quanto estes museus estão ativos e dispostos a dialogar, aprender, realizar, em todas as regiões do país.

Por outro lado, a organização do fórum, extremamente bem cuidada e atenta a todos os detalhes da programação, alavancou as bases para que o cotidiano do evento transcorresse de forma adequada, possibilitando a discussão de ideias, a análise sobre diferentes pontos que têm relevância para este momento das instituições universitárias que, entre outras responsabilidades, cuidam da memória, do patrimônio e da educação, entrelaçadas com suas funções de ensino, pesquisa e extensão.

O evento reiterou que os museus universitários existem em todas as regiões do país, têm perfis muito distintos, estão inseridos de diversas formas nas próprias universidades e contam com novas gerações, estimulando experiências inovadoras que têm despertado o interesse dos órgãos públicos, mantenedores destas instituições museológicas. Sobretudo, este fórum demonstrou que há diálogo entre os museus universitários.

A realização desse evento permitiu, ainda, que muitos encontros fossem realizados, possibilitando acompanhar novos projetos a partir das comunicações de trabalhos acadêmicos e dos painéis que abordaram os nossos dilemas contemporâneos. Mas cabe destaque para um aspecto muito sensível da programação, que foi a homenagem aos pioneiros do Fórum de Museus Universitários que desde 1992 têm atuado nesses certames. Com esta iniciativa, a organização do evento sinalizou para um encontro com a memória, com a rememoração das iniciativas que sempre olharam com entusiasmo para os museus universitários.

Particularmente, por estar entre as pessoas homenageadas, para além de muito agradecida, experimentei um forte sentimento e a clara percepção de que as nossas iniciativas de décadas atrás deram frutos muito reais e, todas as pessoas que estavam compartilhando esse evento, sinalizavam que os caminhos da utopia podem ser percorridos. Foi possível vivenciar uma aproximação entre o encontro de profissionais e estudantes e as memórias precedentes.

Gostaria de sublinhar que dedico esta homenagem recebida aos meus colegas profissionais, com os quais tenho compartilhado muitos trabalhos e, em especial, aos estudantes, que nos mostram cotidianamente que é possível e necessário sonhar por um cenário museológico mais inclusivo e participativo.



PRÊMIO EDNA TAVEIRA

A premiação do 8º Fórum Permanente de Museus Universitários celebrou realizações que aproximaram pesquisa, gestão e ações educativas no âmbito das coleções e dos museus universitários, evidenciando a potência e a diversidade das iniciativas desenvolvidas em diferentes instituições do país. Nesta edição, marcada pela alta qualidade dos trabalhos submetidos, a Comissão Científica enfrentou o desafiador processo de seleção das propostas que concorreriam ao reconhecimento, diante de uma produção consistente, inovadora e socialmente relevante. A criação do prêmio reafirmou a importância de conhecer, valorizar e reconhecer projetos desenvolvidos por estudantes, técnicas e técnicos, pesquisadoras(es) e docentes, cujas práticas contribuem diretamente para o fortalecimento do campo.

A produção científica apresentada revelou um crescimento vertiginoso, refletindo o amadurecimento das pesquisas e o impacto significativo dessas iniciativas para a inovação nas áreas de gestão, preservação, comunicação, educação museal e articulação em rede. Nesse contexto, pela primeira vez na história do Fórum Permanente de Museus Universitários, realizou-se o **PRÊMIO EDNA TAVEIRA DE EXCELÊNCIA E INOVAÇÃO EM COLEÇÕES E MUSEUS UNIVERSITÁRIOS**, marco simbólico e institucional que destacou iniciativas exemplares e homenageou trajetórias inspiradoras, reafirmando o compromisso do encontro com a qualidade acadêmica, a criatividade, a responsabilidade pública e a construção coletiva de novos caminhos para os museus e coleções universitárias.

A forma como premiamos

Foram destacados trabalhos nas categorias comunicação oral (pesquisa), comunicação oral (relato de experiência), pôster e ensaio fotográfico, evidenciando a diversidade de formatos com que o patrimônio é estudado, preservado e compartilhado. A seleção considerou apresentação presencial e avaliação por pares, com critérios de originalidade, relevância, rigor, clareza e contribuição efetiva para a prática museológica. No total dos 167 trabalhos submetidos para apresentação no 8ºFPMU, 43 foram indicados ao Prêmio Edna Taveira de Excelência e Inovação.

HOMENAGEM À PROF.^a EDNA LUÍSA DE MELO TAVEIRA

Por quase meio século, a professora Edna Luísa de Melo Taveira percorreu terras indígenas e a Universidade Federal de Goiás, fazendo do Museu Antropológico (MA/UFG) seu lugar de criação e cuidado. Pioneira na articulação entre Antropologia e Museologia em Goiás, tornou-se referência nacional em cultura material indígena, com destaque para a longa parceria com o povo Karajá. Sua obra maior, “Etnografia da cesta Karajá”, permanece como marco de rigor e sensibilidade.

À frente do MA/UFG por 16 anos, consolidou a instituição como centro de pesquisa, ensino, extensão e documentação, formou equipes diversas, promoveu cursos de especialização e ampliou redes no país e no exterior. Em 1992, ajudou a impulsionar o campo ao promover, em Goiânia, o I Encontro de Museus Universitários. Seu arquivo pessoal, com textos, desenhos e milhares de fotografias, guarda trajetórias, objetos e memórias que iluminam práticas e pessoas.

Sua atuação foi decisiva para a primeira edição do Fórum Permanente de Museus Universitários: mobilizou pessoas e instituições, ajudou a definir escopo e metodologias, e defendeu pautas que hoje são estruturantes: respeito aos povos originários, documentação rigorosa, qualificação das equipes e cooperação entre universidades e comunidades. O Fórum herdou dessa visão o compromisso com a formação, a ética e o trabalho em rede.

Elegante, discreta e exigente, foi carinhosamente chamada de “Dama da Museologia goiana”. Dar seu nome ao Prêmio de Excelência e Inovação reconhece uma vida dedicada ao respeito aos povos originários, à formação de profissionais e à valorização do patrimônio. Que este prêmio projete adiante o legado que ela nos deixou.



Comunicação Oral — Pesquisa

- Museu dos Dinossauros e seu entorno: tensões e negociações em partilha de espaços. — Maria Betania Moreira Carvalho Silva; Pedro Donizete Colombo Junior
- Entre a Técnica e a Comunicação: A Requalificação da Documentação Museológica no Museu de Ciência e Técnica da Escola e Minas/UFOP — Anderson Vital Sales; Igor Alves de Souza; Lourdes Lorena Diniz Coelho Lopes; Ranielle Menezes De Figueiredo; Vitória Luiza Roque
- Patrimônio e Resistência no Museu Casa Borges (MuCB): A exposição "Balatiponé Umutina: Passado, Presente, Futuro" como ativação cultural — João Mário de Arruda Adrião; Renato Fonseca de Arruda; Marcio Monzilar Corezomae; Helena Cunha de Uzeda; Márcio Ferreira Rangel
- Questão Racial e Mediação Cultural: Perspectivas Museais entre dois Museus Universitário (Brasil-Argentina) — Antonio Marcos de Oliveira Passos
- Protocolos de gestão de risco para museus e acervos universitários — Gabriela de Lima Gomes
- Acervo e decolonialidade: Sidney Amaral no MAC USP — Vitória Passos Viana
- Conectando Memória e Inovação: Inteligência Artificial, Humanidades Digitais e a Democratização de Acervos no Contexto Museológico Paranaense — Niltonci Chaves; Renê Wagner Ramos; Robson Laverdi
- Museu do jogo da UFPB: categorização de acervo à luz da Pedagogia da Corporeidade — Elizara Carolina Marin; Laura Rodrigues; Pierre Normando Gomes-da-Silva
- Educação e Tecnologia na Extensão Universitária: o caso do Museu Virtual Surrupira de Encantarias Amazônicas — Lidiane da Costa Monteiro
- Museus virtuais são efêmeros? desafios de sustentabilidade no caso do museu das Coisas Banais (2014-2025) — Adson Rodrigo Silva Pinheiro; Rafael Teixeira Chaves
- Escritas e visualidades do imaginário da cabocla encantada Mariana: arte e ancestralidade na Museologia Social Amazônica — Cássio Alexandre Souza Dos Santos; Diogo Melo; Gisele Nascimento Barroso
- Decolonização da Conservação museológica: reflexões sobre integridade conceitual e material de acervos culturais. — Bruna Maria Araújo de Melo Maranhão

- Documentação integral do patrimônio industrial: protocolos museológicos para incorporar a memória social e a história oral — André Luis Maragno
- Museu de História Natural da Universidade de Brasília: levantamento sobre gestão e coleção dos núcleos museológicos de ciências naturais — Marijara Souza Queiroz
- Políticas Institucionais e Patrimônio Universitário: Reflexões a partir da Rede de Coleções e Museus da UFPA — Yasmin Corrêa; Wanessa Lott; Jéssica Tarine Moitinho de Lima
- Da Coleção à Universidade: acervos, histórias e disputas do colecionismo de arte na Universidade Federal do Pará — Maíra Santana Airoza
- A gestão do patrimônio cultural universitário: um estudo a partir da Universidade Federal da Bahia — Celina Rosa Santana

Comunicação Oral — Relato de Experiência

- Guia do/a Educador/a do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG — Wellington Luiz Silva; Adriana Mortara Almeida
- Inventário e Resgate do Acervo do Núcleo de Arte Contemporânea da UFPB — Marisa Pires Rodrigues; Maycon José Alves de Andrade Albuquerque
- Museus e Trapiches: As presenças ribeirinhas numa Universidade na Amazônia — Jones da Silva Gomes
- Preservação e documentação de acervo artístico-acadêmico no PPGARTES/UFPA: relato de experiência — Larissa Lima da Silva; Luana Andressa Lima Silva; Paola Carolina Oliveira dos Santos
- Um modelo didático para Planos museológicos: gestão museal e participação social na UFPB — Maíra de Oliveira Dias
- O uso de biscuit em modelos para divulgação científica na temática da evolução de tartarugas e mamíferos marinhos — Alline Dayanne; Ana Bernadete Lima Fragoso; Jamilly Vitória Soares Rodrigues; Matheus Luiz de Almeida Lemos; Naftali Camilly Fernandes de Lima
- 15 anos do MICInense: Popularização da Ciência no Sul Fluminense — Christine Ruta; Luciano Gustavo Oliveira da Silva; Meriane dos Santos Paula; Jhenifer Oliveira de Lima; Ingrid Castro Bertoldo
- Cartilha de boas práticas gerais para conservação de obras de arte do Acervo Artístico da Universidade Federal de Minas Gerais — Giulia Villela Giovani; Dina Marques Pereira Araújo; Ana Carolina M R Montalvão; Nathália Pereira dos Santos Ferreira

- Tiradentes Passado Presente: uma expografia para um Museu em movimento — Fabricio José Fernandino; Patricia Franca-Huchet; Dina Marques Pereira Araújo; Fernando Antonio Mencarelli; Lorena Mello Martins
- Curadoria pública e mediação estética da obra de Panzeri no Museu Deolindo Mendes Pereira (Brasil) — Michel Kobelinski
- Acervo Imagens de Minas: da conservação de coleções universitárias de bens culturais científicos à formação discente — Bianca Leiva Rosa; Clara Maria Ferreira; Julia Cachoeira Castro; Jussara Vitoria de Freitas; Maryana Sayuri da Silva Okuma
- Parceria entre a Rede de Coleções e Museus da UFPA e o Labetno: relato de experiência na formalização de regimento interno — Diene Araújo Gomes; Jéssica Tarine Moitinho de Lima; Camila Millena Pereira Lopes
- Museu de Cultura Popular: caminhos percorridos — Franciane Lúcia da Silva Zimmermann
- Documentação Museológica e Gestão de Acervos de Ictiologia: A Experiência com a Coleção de Patrimônio Natural da UFPA — Alessandra Torres Pinho; Jéssica Tarine Moitinho de Lima; Kayla Eduarda Santos Evangelista
- Na primavera dos museus o florir de experiências culturais inclusivas e formativas — Katielle Costa de Souza; Artur Martins de Oliveira; Jose Gevildo Viana; André Felipe Barros e Queiroz; Valéria Inajara Costa Fernandes
- Acolher para humanizar: o trabalho educativo do acolhimento no Museu de Anatomia da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre — Pedro Hernandez Lopes; Andréa Oxley da Rocha; Henrique Silva Lovera; Morgana Silveira Bartz; Ana Paula da Silva
- Ferramentas para a Educação Museal: Oficinas, atividades e materiais dialógicos e sua aplicabilidade no contexto de um museu de Anatomia — Morgana Silveira Bartz; Andréa Oxley da Rocha; Mathias Parussolo Boniati; Ana Paula da Silva; Pedro Hernandez Lopes
- Quando o museu universitário encontra a museologia social? A experiência da criação do Museu Indígena Pyulaga Waujá — Renato Fonseca de Arruda; Saulo Augusto de Moraes; Kamarariwé Raôry Waurá; Yanahin Matala Waurá; Umejitawana Tuhu Waurá

Pôster

- Núcleo de Memória da Museologia no Brasil: coleções universitárias a serviço do ensino, pesquisa e extensão — Ludmila Leite Madeira da Costa
- Entre a produção e o público: vivência na exposição USP 90 anos, uma jornada imersiva pelos nossos Museus — Mariana Shinohara
- Herbário Prisco Bezerra - EAC: Missão, Acervo e Contribuições para o conhecimento da flora nordestina — Hugo Pereira do Nascimento; Maria Iracema Bezerra Loiola; Sarah Souza
- Implementação do padrão Darwin Core em coleções científicas: o caso da Coleção Zoológica Delta do Parnaíba — Marianne Gonçalves Martins; Caroline Ferreira Amorim; Isabella Vieira de Carvalho; Carlos Germano Vieira de Brito; Pedro Bastos de Macêdo Carneiro
- Do Silêncio à Voz: O Museu da Resistência como Palavra da Comunidade da Boa Esperança, Teresina Piauí — Vinicius Melquíades; Vivian Camylly de Melo Santos
- Prêt-à-porter: a coleção Amazoniana UFPA - seção moda e o acervo documental do estilista André Lima — Jonathan Oliveira; Fabiola Felício Santa Rosa; Julia Isabela Do Nascimento Silva; Lucia Gabriele Malato Santos; Taynara Nogueira Fernandes
- Memória e Patrimônio Amazônico: criação da Cartilha Educacional para o MUFPA — Raul de Azevedo Carvalho; Raquel do Rosario de Figueiredo Cunha; Luiz Tadeu Costa; Wanderson Amorim Costa

Ensaio Fotográfico

- Orgânica: A Interface Arte e Ciência no Museu de Anatomia - UFRJ — Juliana Theberge dos Santos de Oliveira; Ludmila Ribeiro de Carvalho

Premiados na categoria Comunicação Oral — Pesquisa

- Patrimônio e Resistência no Museu Casa Borges (MuCB): A exposição "Balatiponé Umutina: Passado, Presente, Futuro" como ativação cultural — João Mário de Arruda Adrião; Renato Fonseca de Arruda; Marcio Monzilar Corezomae; Helena Cunha de Uzeda; Márcio Ferreira Rangel
- Conectando Memória e Inovação: Inteligência Artificial, Humanidades Digitais e a Democratização de Acervos no Contexto Museológico Paranaense — Niltonci Chaves; Renê Wagner Ramos; Robson Laverdi
- Museu do jogo da UFPB: categorização de acervo à luz da Pedagogia da Corporeidade — Elizara Carolina Marin; Laura Rodrigues; Pierre Normando Gomes-da-Silva



Comemoração dos autores Elizara Carolina Marin; Laura Rodrigues; Pierre Normando Gomes-da-Silva do trabalho Museu do jogo da UFPB: categorização de acervo à luz da Pedagogia da Corporeidade, premiados na categoria Comunicação Oral (Pesquisa) - Fotografia: Flávio Almeida.

Premiados na categoria Comunicação Oral — Relato de Experiência

- Tiradentes Passado Presente: uma expografia para um Museu em movimento — Fabricio José Fernandino; Patricia Franca-Huchet; Dina Marques Pereira Araújo; Fernando Antonio Mencarelli; Lorena Mello Martins
- Acervo Imagens de Minas: da conservação de coleções universitárias de bens culturais científicos à formação discente — Bianca Leiva Rosa; Clara Maria Ferreira; Julia Cachoeira Castro; Jussara Vitoria de Freitas; Maryana Sayuri da Silva Okuma
- Quando o museu universitário encontra a museologia social? A experiência da criação do Museu Indígena Pyulaga Waujá — Renato Fonseca de Arruda; Saulo Augusto de Moraes; Kamarariwé Raôry Waurá; Yanahin Matala Waurá; Umejitawana Tuhu Waurá

Premiados na categoria Pôster

- Núcleo de Memória da Museologia no Brasil: coleções universitárias a serviço do ensino, pesquisa e extensão — Ludmila Leite Madeira da Costa
- Entre a produção e o público: vivência na exposição USP 90 anos, uma jornada imersiva pelos nossos Museus — Mariana Shinohara
- Do Silêncio à Voz: O Museu da Resistência como Palavra da Comunidade da Boa Esperança, Teresina Piauí — Vinicius Melquíades; Vivian Camylly de Melo Santos

Premiados na categoria Ensaio Fotográfico

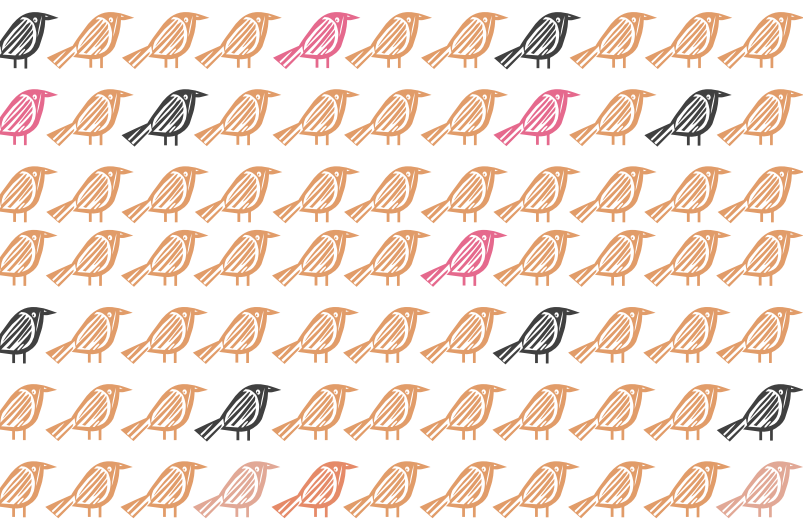
- Orgânica: A Interface Arte e Ciência no Museu de Anatomia - UFRJ — Juliana Theberge dos Santos de Oliveira; Ludmila Ribeiro de Carvalho



Convidados e autores dos trabalhos premiados no Prêmio Edna Taveira de excelência e inovação e paraninfos que entregaram o prêmio

Fotógrafo: Flávio Almeida

Agradecemos a participação e o empenho de todas as pessoas envolvidas, autoras e autores, avaliadoras e avaliadores, equipes, instituições parceiras, estudantes e público, que tornaram esta premiação possível e significativa.



MESAS E PALESTRAS

Nesta seção, reunimos textos que ampliam e aprofundam as discussões apresentadas durante o evento, compondo um panorama sobre as múltiplas abordagens em torno das coleções e museus universitários. A proposta foi oferecer um espaço para que os palestrantes pudessem registrar, em formato escrito, reflexões que dialogassem com suas falas e experiências compartilhadas ao longo das mesas e conferências. Os textos aqui reunidos mantêm a diversidade temática e institucional que marcou o encontro, refletindo diferentes perspectivas sobre gestão, conservação, comunicação e ética museológica. Cada contribuição reafirma o compromisso coletivo com o fortalecimento das coleções universitárias e com o papel social dos museus no contexto acadêmico e cultural brasileiro.

Nem todas as participações puderam ser registradas por escrito, mas as ideias e debates apresentados em cada mesa continuam ressoando neste material, representados pelas sínteses e pelas trocas que inspiraram a produção desta publicação. Assim, o conjunto de textos não busca encerrar as discussões, mas sim prolongá-las, oferecendo novos caminhos para reflexão e diálogo. Esperamos que esta seção sirva como fonte de referência e incentivo para novas iniciativas, fortalecendo redes de colaboração e promovendo a valorização do patrimônio científico, artístico e cultural das universidades brasileiras.

MESA DE ABERTURA

Entrelaçando o passado, presente e futuro das Coleções e Museus Universitários
A conferência de abertura abordou a trajetória histórica, os desafios contemporâneos e as perspectivas futuras das coleções e museus universitários, ressaltando seu papel estratégico no tripé universitário (ensino, pesquisa e extensão) e no campo museológico (preservação, pesquisa e comunicação).

Palestrante

Maurício Candido da Silva - Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários (RBCMU) e Museu de Anatomia Veterinária da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de São Paulo (MAV/FMV/USP)

Mediação

Jéssica Tarine Moitinho Lima - Docente do Curso de Museologia da Universidade Federal do Pará (UFPA)



Maurício Candido e Jéssica Tarine
Fotógrafo: Flávio Almeida

ENTRELAÇANDO O PASSADO, PRESENTE E FUTURO DAS COLEÇÕES E MUSEUS UNIVERSITÁRIOS

Maurício Cândido da Silva (maumal@usp.br – Museu de Anatomia Veterinária da FMVZ USP & Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários)

Resumo

A comunicação da mesa de abertura do 8º FPMU foi estruturada a partir de dados coletados da plataforma digital da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários, com base no conjunto de evidências documentais e textuais que narram o entrelaçamento entre passado, presente e futuro. Objetivamos apresentar uma reflexão que partiu do reconhecimento das múltiplas identidades em direção a uma síntese, que apontou para as características inerentes do conjunto que constitui o patrimônio museológico universitário. Argumentamos que os Núcleos Museológicos Universitários que compõem este conjunto patrimonial se configuram como uma consistente base de conhecimento, com particularidades próprias, com características interdisciplinares e com especificidades endógenas no território cultural brasileiro. Concluímos que as ações em Rede que evidenciam um ecossistema museal composto por tais Núcleos é a síntese de um Fenômeno Museal de ampla magnitude e que merece olhares atentos, sendo ela determinada pela historicidade da sociedade brasileira.

Palavras-chave: Coleções universitárias. Museus universitários. Redes de museus. Universidade. Patrimônio universitário.

Apresentação

O presente texto é resultado de consultas a diferentes fontes de estudos e busca apresentar argumentos com base em dados verificáveis que reforçam a proposição de que as Coleções e os Museus Universitários constituem uma parcela significativa do que se entende oficialmente como Patrimônio Cultural Brasileiro (BRASIL, 1988). A ênfase temporal deste estudo está nas três primeiras décadas do século XXI, assim como no território nacional, no qual acreditamos haver aspectos que precisam ser melhor entendidos para o desenho de um quadro geral (*big picture*), que sintetize a historicidade dos processos museais nas Universidades. Pretendemos lançar um olhar para um grande quebra-cabeça e entender a imagem completa, levando em consideração suas peças individuais. O objetivo de tal reflexão é de contribuir para a compreensão, o reconhecimento e a valorização dos processos de musealização que ocorrem no ambiente universitário, entendidos aqui como um campo de conhecimento museal com especificações próprias e em construção. Não buscamos modelos importados do norte a serem seguidos pelo sul global, mas desenvolver um exercício franco de busca pelo entrelaçamento dos processos locais em desenvolvimento pois, como nos ensinou Milton Santos, precisamos compreender a natureza do espaço para poder transformá-lo, como agentes históricos (SANTOS, 2006). Isso se torna ainda mais válido nesses tempos de verdadeira luta pela nossa soberania.

Na busca de métodos e estratégias para a compreensão desta complexa realidade, buscamos ampliar a perspectiva do multifacetado conjunto das coleções e museus universitários (LOURENÇO & WILSON, 2013) na forma de uma interface representativa significativa (HALL, 2016) denominada Núcleos Museológicos Universitários (SILVA, 2023), não por equacionar, mas por acolher e abrigar as variações presentes no conjunto e isso é feito na tentativa de nominar e reconectar as especificidades. Transitamos através da complexidade do sistema em busca da sua singularidade. No conjunto de dados e informações levantadas, referendamos que tanto os museus como as universidades são instituições estruturantes da sociedade brasileira, com desenvolvimento histórico peculiar (LOPES, 1997). Segundo Garcia Canclini, a nossa historicidade social está situada em um território híbrido, vivemos dentro de uma zona de transição, onde as tradições ainda não se foram e a modernidade não terminou de chegar (GARCIA CANCLINI, 2015: 17). Pretendo com este exercício, contribuir com o conjunto de análises e artigos que estão edificando um debate bastante produtivo em torno do patrimônio museológico universitário no Brasil.

Rede de Cooperação e a Megadiversidade do Patrimônio Museológico Universitário

A Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários foi criada em 2017 dentro do sétimo Fórum Nacional de Museus, promovido pelo IBRAM, em uma reunião paralela que ocorreu no Museu de Ciência e Tecnologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Figura 1). Sincronisticamente, o tema central do Fórum foi "Recomendação da UNESCO: caminhos para museus e coleções"^[1]. Desde o princípio da Rede, os Núcleos Museológicos Universitários foram compreendidos a partir da sua inserção na relação umbilical com a pesquisa, ensino, extensão universitária e inclusão.



Figura 1: Grupo de profissionais, pesquisadores e docentes que participaram da primeira reunião da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários, na sede do MC PUC RS. Fonte: MCT PUC RS, agosto de 2017.

1 Faço aqui um agradecimento especial a Simone Flores, Coordenadora de Projetos Museológicos do MCT PUC RS, que incentivou e criou todas as condições operacionais para que essa reunião ocorresse e, conseqüentemente, a RBCMU passasse de fato a existir.

De acordo com o mapeamento da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários, com os dados ativos disponíveis e verificáveis em seu repositório digital, até agosto de 2025, foram mapeados 900 Núcleos Museológicos Universitários. Avançamos neste momento ao adotar mais um conceito emprestado da biologia e passamos a considerar o Ecosistema Museal Universitário Brasileiro como Megadiverso, no mesmo sentido que Russell e Cristina Mittermeier empregam em sua abordagem conservacionista das áreas com alta biodiversidade biológica, como o Brasil (MITTERMEIER, R; MITTERMEIER, C., 1997). Com isso, pretendemos reafirmar que faz parte da caracterização dos Núcleos Museológicos Universitários a sua definição pela heterogeneidade e que o Fenômeno Museal existente nas instituições de ensino superior está diretamente sob a influência dos processos históricos constitutivos, da natureza do espaço e das especificidades administrativas que transitam entre potências, desafios e limites nos cumprimentos das atribuições institucionais. Até onde pesquisamos, em nenhum outro lugar do mundo temos esta paisagem museal, o que reforça a pertinência do termo de Megadiversidade museal nas universidades brasileiras, no contexto de um ecossistema específico, fortemente marcado pelo endemismo sedimentado na interdisciplinaridade entre a museologia e todas as áreas possíveis do conhecimento. Os desafios para se pensar uma política pública têm as mesmas dimensões das suas potencialidades, como expoentes do que significa o patrimônio cultural brasileiro. De fato, a base comum que une os Núcleos Museológicos Universitários é a tutela administrativa das Universidades, mas isso nos parece a porta de entrada de um universo em expansão, densamente povoado por estrelas, pela qual já identificamos e acessamos a entrada e, agora, precisamos olhar e compreender melhor essa constelação.

Considerações gerais

A pluralidade de identidades da sociedade brasileira (ORTIZ, 1986), está expressa nas universidades e, conseqüentemente, nos Núcleos Museológicos Universitários. A base de dados referencial com 900 cadastros é um retrato momentâneo, pois a natureza do Núcleo Museológico Universitários é heterogênea e fluida. Temos Núcleos mais duradouros, os medianos que passam por diferentes ressignificações e os voláteis que se integram a outros ou desaparecem, por diferentes razões. Por meio destes dados, inferimos que vivemos um importante momento e é necessário ter essa percepção. Consideramos necessário o fortalecimento da atuação da Rede (Figura 2) para o alcance da implantação de ações concretas no âmbito de políticas públicas, tais como o reconhecimento institucional, investimentos financeiros e contratação de recursos humanos especializados, dos mais diferentes perfis de profissionais que atuam no campo museal, sendo este um dos maiores desafios para o desenvolvimento do setor – sem especialistas efetivamente contratados não há desenvolvimento, talvez estagnação e, certamente, retrocesso.



Figura 2- Pessoas presentes na Reunião Autogestionada da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários, realizada no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (MAUC), como parte da programação do 8º Fórum Nacional de Museus do IBRAM, em Fortaleza, Ceará. Cabe mencionar que essa reunião aprovou o encaminhamento da “Carta de Intenções da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários ao IBRAM”, elaborada e encaminhada pelos membros da Rede em fevereiro de 2025. Fonte: MAUC UFC, 27 de novembro de 2024.

Agradecimentos

Gratidão a Comissão Organizadora do 8º FPMU, a Universidade Federal do Ceará, ao Comitê Brasileiro do Conselho Internacional do ICOM, ao Museu de Anatomia Veterinária da FMVZ USP e a participação colaborativa de diferentes pessoas em prol da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários.

Referências

BRASIL. Constituição (1988). Artigo 216. In: BRASIL. Constituição (1988). Constituição [da] República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.

GARCIA CANCLINI, Nestor. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

HALL, Stuart. Cultura e representação. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio; Apicuru, 2016.

LOPES, Maria Margaret. O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX. São Paulo: Hucitec, 1997.

LOURENÇO, Marta C.; WILSON, Lydia. *Scientific heritage: reflections on its nature and new approaches to preservation, study and access. Studies in History and Philosophy of Science Part A*, v. 44, n. 4, p. 744-753, Dec. 2013.

MITTERMEIER, Russell A.; MITTERMEIER; Cristina G. Megadiversity: Earth's biologically wealthiest nations. Mexico: CEMEX, 1997.

ORTIZ, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. (Coleção Milton Santos; 1).

SILVA, Maurício Candido da. Universidades, coleções, museus universitários e sociomuseologia: rede híbrida de diálogos. *Cadernos de Sociomuseologia*, v. 66, n. 22, p. 17-26, 2023.

Mesa Redonda I

Gestão e Financiamento de Coleções e Museus Universitários - Desafios e Perspectivas

A mesa propôs uma apresentação e análise crítica sobre os modelos de gestão e as estratégias de financiamento de coleções e museus universitários, discutindo desafios estruturais, normativos e orçamentários, além de apontar caminhos possíveis para sua sustentabilidade e fortalecimento institucional.

Palestrantes

Michel Correia - Chefe da Assessoria de Relações Institucionais do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram)

Pedro Augusto Resende Amorim - Auditor Federal de Controle Externo do Tribunal de Contas da União (TCU)

Lúcia Campos Pellanda - Coordenadora Geral da Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (SESU/MEC)

Cejane Pacini Leal Muniz - Diretora do Departamento de Articulação, Fomento e Educação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)

Guilherme de Lacerda Turle Moreira - Gerente do Departamento de Infraestrutura e Tecnologias Sociais da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep)

Mediação

Saulo Moreno Rocha - Museólogo do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (MAUC/UFC) / Presidente do Conselho Regional de Museologia 1ª Região (COREM 1R)



Saulo Moreno Rocha, Guilherme Turle, Cejane Pacini, Lúcia Pellanda, Pedro Augusto Amorim, Michel Correia - Fotógrafo: Flávio Almeida

GESTÃO E FINANCIAMENTO DE COLEÇÕES E MUSEUS UNIVERSITÁRIOS - DESAFIOS E PERSPECTIVAS: UMA SÍNTESE DOS DEBATES NO 8º FPMU

Saulo Moreno Rocha¹

1. INTRODUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO

A mesa redonda intitulada "Gestão e Financiamento de Coleções e Museus Universitários: desafios e perspectivas" foi uma das atividades centrais do 8º Fórum Permanente de Museus Universitários. A sessão foi aberta por Graciele Siqueira, coordenadora geral do evento, que destacou a importância estratégica do debate ao reunir, no mesmo palco, representantes de instâncias cruciais para o fortalecimento e desenvolvimento dos museus: gestão (MEC e IBRAM), controle (TCU), patrimônio (IPHAN) e financiamento (FINEP).

A mesa foi composta pelas(os) seguintes convidadas(os): Michel Correia (Chefe da Assessoria de Relações Institucionais do Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM), Pedro Augusto Resende Amorim (Auditor Federal de Controle Externo do Tribunal de Contas da União - TCU), Lúcia Campos Pellanda (Coordenadora da Secretaria de Educação Superior / Ministério da Educação - SESU/MEC), Cejane Pacini Leal Muniz (Diretora do Departamento de Articulação, Fomento e Educação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN) e Guilherme de Lacerda Turle Moreira (Superintendente da Área de Infraestrutura e Pesquisa Básica / Financiadora de Estudos e Projetos - FINEP).

A mediação foi conduzida pelo museólogo Saulo Moreno Rocha, que introduziu os convidados e ressaltou a relevância de discutir caminhos sustentáveis para as instituições universitárias. Registra-se que é a primeira vez que uma mesa com esse foco e com o espectro de representações institucionais tão significativo esteve na programação do fórum permanente, o que demonstra não somente a importância do evento para os rumos dos museus universitários no Brasil, mas também a relevância dos diálogos interministeriais, interinstitucionais e intersetoriais na construção e implementação de políticas públicas efetivas para o setor.

¹ Museólogo (COREM 1R 0510-I). Bacharel em Museologia (UFSC, 2016), Mestre (2018) e Doutorando (2023-) em Museologia e Patrimônio pelo Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST). Museólogo vinculado ao Museu de Arte da UFC (Mauc), atuou como um dos coordenadores gerais do 8º FPMU.

Este relato documenta os principais tópicos apresentados pelos convidados(as), consolidando uma memória das apresentações e das questões apresentadas. Se o tema é espinhoso e de difícil enfrentamento, é fundamental que o tratamento qualificado, a transparência e o compromisso público das instituições envolvidas se traduza em ações concretas e em diretrizes efetivas para o enfrentamento do subfinanciamento, da invisibilidade orçamentária e da ausência de horizontes de institucionalização. As intervenções realizadas no Fórum e, especialmente esta mesa redonda, demonstraram que está em curso um esforço inédito e virtuoso de atenção aos museus e coleções universitárias. O acompanhamento atento e contínuo dos fluxos de trabalho em curso garantirão o futuro do patrimônio museológico universitário, sendo imperativo que, no presente, nosso compromisso seja cada vez mais ampliado, adensado e multiplicado.

As apresentações aqui sintetizadas apontam caminhos possíveis, ações em curso e por realizar, mas que demonstram que efetivamente estamos avançando. Num país de tantas descontinuidades e rupturas, oxalá consigamos seguir pavimentando caminhos duradouros para nosso futuro, aprendendo com as lições dos que nos antecederam e mantendo acesa a chama do compromisso ético e político que assumimos com a sociedade e seu patrimônio. A seguir, apresentamos os principais tópicos discutidos pelas pessoas que compuseram a mesa, agradecendo pela colaboração e pelo trabalho que tem sido desenvolvido em cada uma das instituições representadas.

2. SÍNTESE DAS FALAS DOS CONVIDADOS(AS)

2.1. MICHEL CORREIA (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS - IBRAM)

Michel Correia, Chefe da Assessoria de Relações Institucionais e Presidente Substituto do IBRAM, iniciou sua fala contextualizando o momento de "reconstrução" do Ministério da Cultura (MinC) e do próprio IBRAM no atual governo (2023-2026). Ele enfatizou que o IBRAM enfrenta desafios estruturais significativos, operando com apenas 44% do quadro de pessoal ideal, o que impacta a capacidade de execução de políticas públicas em todo o território nacional. Entretanto, apesar do cenário desafiador, apresentou caminhos e alternativas que têm sido construídas para o fortalecimento do setor museal brasileiro.

Principais pontos abordados:

- **Política Nacional de Museus (PNM):** Michel reforçou a necessidade de atualização da PNM para refletir a realidade contemporânea dos museus, especialmente os universitários, que possuem especificidades de gestão híbrida (vinculados à educação e à cultura).

- **Economia dos Museus:** Um dos focos centrais de sua apresentação foi a "Economia dos Museus". Michel discutiu a importância de mensurar o impacto econômico das atividades museais para justificar investimentos. Ele argumentou que museus não são apenas "gastos", mas vetores de desenvolvimento econômico e social.
- **Arcabouço Legal e Fomento:** O representante do IBRAM abordou as novas possibilidades trazidas pelo Marco Regulatório do Fomento à Cultura. Ele explicou como as instituições podem se beneficiar de mecanismos como fundos patrimoniais (*endowments*) e emendas parlamentares, mas ressaltou que a *institucionalização* formal dos museus é um pré-requisito essencial para acessar esses recursos. Sem um CNPJ ou uma formalização clara dentro da estrutura universitária, o acesso a verbas diretas torna-se burocraticamente inviável.
- **Modelos de Gestão:** Foi discutida a possibilidade de parcerias com Organizações Sociais (OS) e fundações de apoio universitário como caminhos para agilizar a gestão financeira e a captação de recursos, superando a rigidez da administração direta. Entretanto, são múltiplos os caminhos para fortalecer a gestão dos museus e, portanto, cada instituição deve encontrar a que melhor se adequa à sua realidade.

2.2. PEDRO AUGUSTO RESENDE AMORIM (TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO - TCU)

Pedro Amorim, auditor federal, trouxe uma perspectiva técnica e fiscalizatória, apresentando o papel e a missão do TCU, seus instrumentos e mecanismos de atuação, bem como detalhando o histórico e os desdobramentos da auditoria realizada pelo órgão nos museus federais, em especial os universitários (Acórdão 1243/2019).

Contexto da Auditoria: A auditoria teve origem após o trágico incêndio do Museu Nacional em 2018. O TCU iniciou uma fiscalização abrangente para avaliar a segurança, a gestão e a preservação do patrimônio museológico sob guarda das universidades federais.

O Acórdão 1243/2019 e as 7 Metas: Pedro detalhou que o trabalho do TCU resultou na determinação de elaboração de um Plano de Ação, por parte do Governo Federal, elaborado e apresentado ao órgão e que as universidades precisam cumprir:

1. **Diagnóstico:** Realizar um mapeamento completo da situação dos museus e coleções universitárias. O diagnóstico revelou um cenário de precariedade e informalidade.
2. **Orçamento:** Criar mecanismos para identificar e garantir recursos específicos para os museus na matriz orçamentária das universidades. Pedro destacou a dificuldade de rastrear o gasto com museus, pois muitas vezes ele está diluído em rubricas gerais de "manutenção" ou "extensão".

- **Segurança e Prevenção de Incêndios:** Implementar planos de gestão de riscos e obter os alvarás de bombeiros (AVCB). Esta foi apontada como a área mais crítica e de maior risco.
- **Pessoal:** Regularizar a situação da força de trabalho. O diagnóstico apontou que muitos museus funcionam dependendo exclusivamente de bolsistas ou estagiários, sem quadro técnico permanente (museólogos, conservadores, etc.).
- **Institucionalização:** Formalizar a criação dos museus nos conselhos universitários (Consuni). Muitas coleções existem "de fato", mas não "de direito", o que impede o recebimento de recursos formais.
- **Planos Museológicos:** Elaborar e implementar Planos Museológicos conforme o Estatuto de Museus.
- **Monitoramento:** Estabelecer indicadores de desempenho para acompanhar a gestão.

Estado Atual: Pedro informou que o TCU está na fase de monitoramento (TC 016.997/2022-0 – instaurado pelo Acórdão 1608/2022 – TCU – Plenário) e que as universidades já estão recebendo comunicações para atualizar o status de cumprimento dessas metas. Ele enfatizou que o objetivo do TCU não é punir, mas induzir a melhoria da gestão pública, funcionando como um parceiro na busca por regularização.

2.3. LÚCIA CAMPOS PELLANDA (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - SESU/MEC)

Lúcia Pellanda, representando a Secretaria de Educação Superior do MEC, apresentou a resposta do Ministério às demandas do TCU e as ações em curso para apoiar as universidades e o campo museológico universitário.

Ações do MEC:

- **Comissão Permanente:** Lúcia destacou a criação, em 2021, da Comissão Permanente e Multidisciplinar sobre Museus Federais como um marco na interlocução entre o MEC e as instituições. Esta comissão tem trabalhado para dar visibilidade à pauta dentro do ministério.
- **Desafios Orçamentários (Matriz OCC):** A representante do MEC abordou com franqueza a questão orçamentária. Ela explicou a complexidade da "Matriz OCC" (Orçamento de Custeio e Capital), que distribui recursos às universidades baseada majoritariamente no número de alunos. Como os museus não "geram matrículas" diretamente, eles acabam invisibilizados nessa matriz. Lúcia mencionou que o MEC estuda formas de incluir indicadores de cultura e extensão na matriz para garantir financiamento perene aos museus.
- **Ferramentas de Apoio:**

- **Guia de Captação de Recursos:** O MEC, por meio de consultoria especializada, está produzindo um guia para auxiliar os gestores de museus a navegarem pelas diversas fontes de financiamento (leis de incentivo, emendas, editais internacionais).
- **Plano Museológico:** Outro guia em elaboração refere-se aos planos museológicos, com ênfase na consolidação de diretrizes para elaboração e monitoramento desses instrumentos de gestão.
- **Painel de Museus da Rede Federal:** Focado no cadastro e atualização do número de instituições museológicas vinculadas à Rede Federal de Educação, criado em 2022 e atualizado em 2024.

2.4. CEJANE PACINI LEAL MUNIZ (DIRETORA DO DEPARTAMENTO DE ARTICULAÇÃO, FOMENTO E EDUCAÇÃO DO INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN)

Cejane Muniz, Diretora do Departamento de Articulação, Fomento e Educação do IPHAN, trouxe a perspectiva da preservação do patrimônio cultural em sentido amplo. Em sua fala, destacou a relevância das políticas e diretrizes de preservação do patrimônio cultural brasileiro e a contribuição do Iphan como autarquia responsável pela gestão dessas políticas.

Pontos de Destaque:

- **Integração Material e Imaterial:** A diretora ressaltou que a gestão de museus universitários não deve separar rigidamente o acervo físico (material) das práticas, saberes e memórias (imaterial) que eles representam.
- **Fomento e Capilaridade:** Cejane discutiu o papel do IPHAN em fomentar ações educativas e de preservação que tenham capilaridade, ou seja, que atinjam diferentes regiões e contextos sociais, utilizando a rede de universidades federais como parceiras estratégicas na preservação do patrimônio nacional.
- **Formação de Cidadania:** Ela destacou que a preservação de acervos não é um fim em si mesmo, mas um meio para a educação. O Departamento que ela dirige (DAFE) vê os museus universitários como laboratórios privilegiados para a prática da Educação Patrimonial, conectando o conhecimento acadêmico com a comunidade externa.
- **Qualificação Profissional:** Sendo uma profissional com longa trajetória técnica no IPHAN (tendo atuado 15 anos no Tocantins), Cejane reforçou a importância das universidades na formação de novos quadros técnicos (museólogos, conservadores, arquitetos) que o próprio IPHAN e o mercado necessitam.

- **Capilaridade, articulação institucional e redes de colaboração:** Cejane destacou o papel estratégico das universidades na proteção do patrimônio, especialmente em territórios onde a presença física do Iphan é limitada. A diretora enfatizou que os museus universitários são fundamentais para identificar e reconhecer as especificidades do patrimônio local. Nesse sentido, defendeu a urgência de estreitar os laços entre a academia e as superintendências estaduais, visando integrar efetivamente essas instituições ao Sistema Nacional de Patrimônio Cultural.

2.5. GUILHERME DE LACERDA TURLI MOREIRA (GERENTE DO DEPARTAMENTO DE INFRAESTRUTURA E TECNOLOGIAS SOCIAIS DA FINANCIADORA DE ESTUDOS E PROJETOS (FINEP))

A fala de Guilherme Moreira foi uma das mais aguardadas, considerando o papel estratégico desempenhado pela Finep no financiamento e fomento aos museus universitários brasileiros, especialmente a partir do Edital focado em Acervos. Entretanto, cumpre abrir um parágrafo para pontuar que, desde a primeira edição do Fórum, em 1992, a instituição esteve presente nos diálogos sobre esse campo.

A Chamada Pública FINEP: Guilherme detalhou a Chamada Pública "Infraestrutura de Pesquisa - Recuperação e Preservação de Acervos", parte do programa Pró-Infra, lançado pela FINEP em 2024 e com possibilidade de lançamento de nova chamada em 2025.

- **Valores:** O edital totalizou R\$ 500 milhões, sendo que originalmente previa R\$ 250 milhões, mas foi suplementado diante da demanda.
- **Elegibilidade:** Podem participar Instituições Científicas, Tecnológicas e de Inovação (ICTs), tanto públicas quanto privadas sem fins lucrativos.
- **Objetivo dos Recursos:** Os recursos são não-reembolsáveis (a fundo perdido) e destinam-se a obras de infraestrutura, aquisição de equipamentos de segurança, climatização, controle de umidade e mobiliário técnico (arquivos deslizantes, mapotecas, etc.). O foco é garantir a integridade física dos acervos.
- **Histórico:** Guilherme ressaltou que este é o maior investimento da história da FINEP focado exclusivamente em acervos, demonstrando a retomada do investimento em ciência e cultura.

É importante registrar que a FINEP foi uma das patrocinadoras do 8º FPMU e esse aporte financeiro foi fundamental para garantir que o evento fosse realizado com qualidade, pelo que registramos um agradecimento especial a toda equipe da instituição, em especial a Guilherme Turle, Carla Souza e Gustavo Braga.

3. CONCLUSÃO E ENCAMINHAMENTOS

A mesa redonda evidenciou que, embora o cenário dos museus universitários ainda seja de fragilidade orçamentária e institucional, há um movimento coordenado e inédito entre os órgãos federais para reverter esse quadro.

A síntese das discussões aponta para quatro pilares fundamentais para o futuro dessas instituições:

1. **Institucionalização:** A formalização dos museus e coleções nos organogramas universitários é o passo zero. Sem isso, as instituições permanecem invisíveis para o orçamento e para os órgãos de controle e gestão.
2. **Segurança:** A proteção contra incêndios e riscos é a prioridade absoluta de investimento, conforme exigido pelo TCU e financiado pelas chamadas públicas da FINEP.
3. **Capacidade de Gestão:** É necessário qualificar as equipes para a elaboração de projetos e captação de recursos, superando a dependência exclusiva do orçamento das reitorias.
4. **Corpo técnico:** A ampliação das equipes técnicas dos museus é um passo decisivo para que as diretrizes elaboradas sejam alcançadas. A ausência de profissionais especializados resulta em fragilização dos mecanismos de gestão, preservação e de cumprimento da função social e científica das instituições.

O debate encerrou-se com uma perspectiva otimista, marcada pelo anúncio dos recursos da FINEP e pela disposição ao diálogo demonstrada pelo TCU, MEC, IBRAM e IPHAN. Nós, integrantes da Comissão Organizadora do FPMU, agradecemos às(aos) convidadas(os) pela participação e esperamos que os diálogos interinstitucionais e com o campo museológico universitário sejam revertidos em ganhos concretos e duradouros para os museus e coleções, bem como para os profissionais do setor.

RELATÓRIO DE APRESENTAÇÃO - TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO (TCU)

Pedro Augusto Resende Amorim
Tribunal de Contas da União (TCU)

I. INTRODUÇÃO

1. O presente documento visa relatar as principais informações e insights apresentados pelo Tribunal de Contas da União (TCU), por meio do Auditor Federal de Controle Externo Pedro Augusto Resende Amorim, durante sua participação como convidado na mesa redonda "Gestão e Financiamento de Coleções e Museus Universitários - Desafios e Perspectivas" no 8o Fórum Permanente de Museus Universitários, realizado em Fortaleza.

2. A apresentação abordou as competências do TCU, seus instrumentos de fiscalização e sua atuação em fiscalizações relacionadas ao campo museológico, com destaque para os desafios e perspectivas identificados na gestão e financiamento de museus universitários. A participação do TCU reflete o compromisso com o controle externo da administração pública federal e a importância da gestão adequada de instituições culturais que utilizam recursos federais.

II. COMPETÊNCIAS DO TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO (TCU)

3. O TCU atua como órgão de controle externo da União, com suas competências delineadas por importantes marcos legais. A base de sua atuação é encontrada principalmente na Constituição Federal de 1988 (CF/88), mais especificamente entre os Arts. 70 a 75, que estabelecem o escopo e a natureza do controle externo. Complementarmente, a Lei Orgânica do TCU (Lei 8.443/1992), Atos Normativos infralegais e o Regimento Interno do TCU detalham suas atribuições e procedimentos.

4. As competências do TCU possuem um escopo amplo, incidindo precipuamente sobre a administração federal ou em qualquer instância onde haja recursos federais envolvidos. Isso significa que museus universitários que recebem ou gerenciam verbas da União estão sujeitos à sua jurisdição. O Tribunal pode atuar tanto por ofício, ou seja, por iniciativa própria, quanto por provocação, quando acionado por partes legítimas.

5. Destaca-se, ainda, o dispositivo do Art. 74, § 2o da CF/88, que garante a qualquer cidadão, partido político, associação ou sindicato a legitimidade para denunciar irregularidades ou ilegalidades perante o Tribunal de Contas da União, conferindo à sociedade um papel ativo no controle da gestão pública.

III. INSTRUMENTOS DE FISCALIZAÇÃO DO TCU

6. Para cumprir suas competências, o TCU emprega uma série de instrumentos de fiscalização, que podem ser agrupados em diferentes categorias de processos e ações.

III.1. TIPOS DE PROCESSOS

7. Os processos de controle externo que tramitam no TCU incluem:

- a. Contas ordinárias: Avaliação anual da gestão dos administradores públicos;
- b. Tomada de contas: Processo instaurado para verificar a responsabilidade de gestores por atos ou omissões que resultem em dano ao erário;
- c. Tomada de contas especial: Processo para apurar responsabilidade por irregularidades que causem prejuízo ao erário, envolvendo gestores ou responsáveis por recursos públicos.

III.2. DENÚNCIAS E REPRESENTAÇÕES

8. As denúncias e representações constituem importantes mecanismos de provocação para a atuação do TCU, permitindo que a sociedade e outras instituições tragam irregularidades ao conhecimento do Tribunal. Nesses processos, são observados aspectos como:

- a. Legitimidade: corresponde à aptidão jurídica conferida pela Constituição e pela Lei 8.443/1992 a determinados sujeitos para provocar a atuação fiscalizatória da Corte – órgãos e autoridades de controle interno e externo (representações) e qualquer cidadão, partido político, associação ou sindicato (denúncias);
- b. Caráter sigiloso para denúncias: Para proteger os denunciantes e garantir a efetividade da apuração. O sigilo é mantido até a comprovação da procedência da denúncia;
- c. Exame de admissibilidade: Verificação dos requisitos formais para o processamento da denúncia ou representação. Além dos critérios de legitimidade subjetiva, os normativos ainda definem critérios materiais, como, por exemplo, que a peça seja escrita, fundamentada, indique claramente a irregularidade, traga indícios mínimos de comprovação e tenha pertinência com a competência da Corte;
- d. Exame sumário: Análise inicial dos fatos para decidir sobre a necessidade de aprofundamento da fiscalização.

III.3. INSTRUMENTOS DE FISCALIZAÇÃO ESPECÍFICOS

9. Além dos tipos de processo, o TCU utiliza instrumentos de fiscalização com finalidades distintas:

a. Levantamento: Tem como objetivos primordiais conhecer a organização e o funcionamento de órgãos e entidades da administração direta, indireta e fundacional dos Poderes da União, bem como de fundos, instituições jurisdicionadas, sistemas, programas, projetos e atividades governamentais. Abrange aspectos contábeis, financeiros, orçamentários, operacionais e patrimoniais. Serve também para identificar objetos de fiscalização e avaliar a viabilidade da realização de fiscalizações futuras;

b. Auditoria: Pode se dividir em duas modalidades principais:

i. Auditoria de Conformidade: Visa examinar a legalidade e a legitimidade dos atos de gestão dos responsáveis sujeitos à jurisdição do TCU, focando nos aspectos contábil, financeiro, orçamentário e patrimonial;

ii. Auditoria Operacional: Busca avaliar o desempenho dos órgãos e entidades jurisdicionados, bem como de sistemas, programas, projetos e atividades governamentais, sob os aspectos de economicidade, eficiência, eficácia, efetividade e equidade dos atos praticados.

c. Acompanhamento: Similar à auditoria, mas realizada ao longo de um período predeterminado. Examina a legalidade e legitimidade dos atos de gestão (conformidade) e avalia o desempenho dos órgãos e entidades (operacional);

d. Monitoramento: Tem como objetivo verificar o cumprimento das deliberações do TCU e os resultados delas advindos, assegurando que as determinações do Tribunal sejam efetivamente implementadas;

e. Inspeção: Utilizada para suprir omissões e lacunas de informações, esclarecer dúvidas ou apurar denúncias ou representações quanto à legalidade, à legitimidade e à economicidade de fatos da administração e de atos administrativos praticados por qualquer responsável sujeito à jurisdição do Tribunal.

IV. ATUAÇÃO DO TCU NO CAMPO MUSEOLÓGICO

10. A atuação do TCU no campo museológico pode ter diferentes enfoques, tanto em relação à conformidade (observância das normas legais e regulamentares) quanto à operacionalidade (desempenho e resultados alcançados). Adicionalmente, as fiscalizações podem ser nos aspectos meio (focadas nos processos e estruturas) ou finalísticas (focadas nos resultados e impactos das políticas públicas). A seguir, são detalhadas algumas das principais fiscalizações e achados relevantes no contexto de museus, especialmente os universitários federais.

IV.1. PRINCIPAIS FISCALIZAÇÕES NO CAMPO MUSEOLÓGICO

11. A apresentação no 8o Fórum Permanente de Museus Universitários destacou alguns marcos que ilustram a atuação do TCU na área finalística do setor museológico:

12. Em virtude do incêndio no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2018, o TCU determinou a realização de fiscalização de Levantamento com objetivo de verificar as condições de segurança do patrimônio nos museus sob responsabilidade de órgãos ou entidades federais, bem como identificar os principais riscos e oportunidades de melhoria na gestão patrimonial e orçamentária desses equipamentos culturais.

13. Ao final do trabalho de Levantamento (TC 041.083/2018-0), o Acórdão 1243/2019 – TCU – Plenário expediu determinações para que os órgãos responsáveis endereçassem os riscos e fragilidades apontadas pelo Levantamento, bem como apresentassem ao Tribunal um plano de ação para cumprimento das deliberações. Em sequência, o Decreto 10.175/2019 instituiu o Grupo de Trabalho Interministerial (GTI) dos Museus Federais, coordenado pela Casa Civil da Presidência da República. Após a realização de estudos e pesquisas expressivas junto ao setor museológico, o GTI elaborou o respectivo Plano de Ação Geral e o Plano de Ação do Ministério da Educação (MEC).

14. Destaque-se que o MEC é o único órgão que, além de implementar o Plano de Ação Geral, deve também cumprir com um plano de ação específico. Esse fato se dá devido ao número de museus universitários federais existentes, que, conseqüentemente, são vinculados ao MEC e representam a grande maioria dos museus federais como um todo.

15. Isso posto, os referidos planos de ação foram apresentados ao TCU e aprovados pelo Acórdão 2477/2021 – TCU – Plenário, que determinou a instauração de processo de Acompanhamento para a verificação do cumprimento das metas do plano de ação. Atualmente, o processo de Acompanhamento (TC 016.997/2022-0 – instaurado pelo Acórdão 1608/2022 – TCU – Plenário) se encontra no seu 3o ciclo, sendo que o 2o ciclo foi concluído com a expedição do Acórdão 2640/2024 – TCU – Plenário, que atualizou a situação do cumprimento das metas do Plano de Ação.

IV.2. ACHADOS E PERCEPÇÕES DAS FISCALIZAÇÕES NO CAMPO MUSEOLÓGICO

16. Apresenta-se os principais achados do Levantamento realizado em 2018 (TC 041.083/2018- 0) em relação à gestão dos museus universitários federais:

- a. Ausência de Formalização: 26,7% dos museus universitários federais operam sem um instrumento de criação formal, o que gera instabilidade jurídica e administrativa;
- b. Regimento Interno e Organograma: 46,7% não possuem regimento interno e 28,9% não estão no organograma da instituição, contrariando o Decreto 8.124/2013;
- c. Planejamento Museológico: 26,7% dos museus universitários possuem um plano museológico, instrumento essencial para a gestão estratégica de coleções e atividades;

- d. Política de Proteção de Acervo: 29,7% dos museus vinculados a universidades declararam possuir uma política de proteção de reserva técnica, expondo os acervos a
- e. Planos de Segurança e Emergência: 97,8% dos museus universitários não possuem planos de segurança e/ou emergência, deixando coleções e visitantes vulneráveis.

17. Adicionalmente, segue abaixo os achados que tangenciam o financiamento dos museus universitários federais:

- a. Invisibilidade Orçamentária: De forma geral, identificou-se uma ausência de individualização das despesas dos museus em relação às despesas da instituição mantenedora, o que limita a evidenciação, o controle e a transparência dos gastos;
- b. Planejamento Limitado: 62,2% dos museus universitários federais não possuem autonomia para elaborar o próprio planejamento orçamentário, dependendo das prioridades e alocações de suas mantenedoras;
- c. Poucas Unidades Gestoras Responsáveis (UGRs) e insuficiência de Planos Internos (PI): 5,2% dos museus universitários federais são identificados como UGRs, sendo que 7,2% deles individualizam despesas por PI, prejudicando a rastreabilidade e a análise detalhada dos gastos.

18. Diante disso, observa-se que a falta de visibilidade orçamentária pode acarretar sérias consequências para a gestão e o financiamento dos museus, comprometendo sua sustentabilidade, capacidade de operação e segurança. Nesse contexto, essas consequências podem incluir:

- a. Dificuldade na Captação de Recursos: Sem dados claros sobre o uso dos fundos, a captação de recursos externos torna-se mais complexa e menos atrativa para potenciais parceiros e patrocinadores, bem como para os agentes responsáveis pelo planejamento e distribuição de recursos orçamentários;
- b. Tomada de Decisão Prejudicada: Gestores não possuem informações precisas para decidir sobre investimentos, projetos e manutenção, impactando a eficiência e a qualidade dos serviços;
- c. Comprometimento da Autonomia: A dependência orçamentária limita a capacidade dos museus de inovar e de se adaptar rapidamente às necessidades de suas coleções e públicos.

19. Assim, considerando os dados apresentados acima, que foram identificados pela fiscalização de Levantamento em 2018, tem-se que as percepções do processo de Acompanhamento atualmente em curso (TC 016.997/2022-0) indicam que o cenário dos museus federais, sobretudo dos museus universitários federais, ainda se mantém semelhante àquele identificado em 2018. Nesse sentido, apesar do Plano de Ação dos Museus Federais ter sido aprovado pelo TCU em 2021 e se propor a dirimir os riscos e achados apontados no Levantamento de 2018, verifica-se que a implementação do Plano ainda é incipiente, o que pode, de certa forma, explicar a manutenção do panorama apresentado.

IV.3. TERCEIRO CICLO DO ACOMPANHAMENTO DO PLANO DE AÇÃO DOS MUSEUS FEDERAIS

20. A partir da atuação nos dois primeiros ciclos do processo atual de Acompanhamento do Plano de Ação dos Museus Federais, a Unidade Técnica responsável pelo processo tem considerado a invisibilidade orçamentária, a ausência de formalização e a falta de gestão coordenada dos museus federais como pautas prioritárias a serem abordadas nos próximos ciclos do Acompanhamento. Da mesma forma, verifica-se que essas são pautas que devem ser vencidas pelo setor museológico federal com prioridade, uma vez que impedem decisões baseadas em dados, dificulta a justificativa para maiores investimentos, criam insegurança jurídica e falta de representação formal gerando um risco de subfinanciamento, que tem sido a principal queixa registrada pelo setor.

21. Como forma de se debruçar na análise sobre a temática, o 3o ciclo do Acompanhamento do Plano de Ação dos Museus Federais terá como foco a visibilidade orçamentária dos museus federais. A Unidade Técnica planeja verificar a existência de UGRs para os museus federais, conforme a diretriz exarada pela Secretaria do Tesouro Nacional (STN).

22. A referida diretriz se encontra formalizada no subitem 3.2.4.2 da Macrofunção 02.03.22 – Programa de Acompanhamento de Gastos do Governo (SNT) que “as instituições mantenedoras de museus federais deverão instituir UGR própria para cada museu mantido, tornando possível a individualização da execução de despesas relativas a cada museu”. Além do levantamento das UGRs, a Unidade Técnica pretende coletar informações e dialogar com os órgãos responsáveis sobre as práticas, alternativas e possibilidades para a garantia da individualização das despesas de cada museu federal.

23. À vista disso, apesar da visibilidade orçamentária não representar uma garantia de recursos e autonomia orçamentária aos museus, identifica-se que a individualização da despesa das unidades museológicas é um marco inicial estruturante para se evidenciar as eventuais necessidades orçamentárias e possíveis situações de subfinanciamento, permitindo maior transparência, controle, fundamentação e responsabilização quanto ao financiamento dos museus federais.

V. CONCLUSÃO

24. A exposição teve como objetivo apresentar de forma geral as competências e as formas de atuação do TCU, bem como as principais fiscalizações do Tribunal no campo museológico, destacando os achados e percepções que tangem os temas de gestão e financiamento dos museus federais, principalmente os museus universitários federais.

25. O TCU, por meio de seus diversos instrumentos de fiscalização, tem atuado para impulsionar avanços estruturantes no setor museológico, visando aprimorar a transparência, a gestão e a segurança dos museus federais. Os achados sobre a situação de invisibilidade orçamentária, ausência de formalização e falta gestão coordenada em rede são apontados como problemas centrais a serem mitigados, orientando o foco da atuação do Tribunal em suas próximas ações.

26. Dessa forma, o TCU visa cumprir com a sua responsabilidade de contribuir e promover o aprimoramento da Administração Pública em benefício da sociedade, impulsionando a garantia da segurança e da preservação do patrimônio cultural e museológico e a consolidação do papel vital das unidades museológicas na sociedade.

Aud-Educação, 5a DT, em 26 de agosto de 2025.
Pedro Augusto Resende Amorim
AUFC – Mat. 12168-1



Pedro Augusto Resende Amorim
Fotógrafo : Flávio Almeida

Mesa Redonda II

Experiências Transformadoras: Trajetórias, Desafios e Inovações nos Museus Universitários

A mesa reuniu profissionais de museus universitários das cinco regiões do Brasil, vinculados a instituições federais, estaduais e privadas. A proposta foi do compartilhamento de experiências inspiradoras, abordando trajetórias institucionais, desafios enfrentados e práticas inovadoras que fortalecem o papel das coleções e dos museus universitários no cenário nacional.

Palestrantes

Paola Haber Maués - Museóloga da Coleção Amazoniana da Universidade Federal do Pará (UFPA)

Adriana Helena S. Moreira - Professora e Vice-Reitora de Extensão e Comunidade Universitária da Universidade de Fortaleza (Unifor)

Ana Cristina Santoro - Conservadora-restauradora do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (MA/UFG)

Marília Xavier Cury - Professora do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP)

Noris Mara Leal - Professora do Curso de Museologia e Diretora do Museu do Doce da Universidade Federal de Pelotas (UFPeI)

Mediação

Rodrigo Luiz dos Santos - Museólogo e Coordenador do Museu Universitário da PUC/Campinas | Comissão Organizadora Nacional 8FPMU



Paola Maués, Rodrigo Luiz dos Santos, Adriana Helena Moreira, Marília Xavier Cury, Ana Cristina Santoro, Noris Leal - Fotógrafo: Flávio Almeida

TRAJETÓRIAS, TERRITÓRIOS E INOVAÇÃO: EXPERIÊNCIAS TRANSFORMADORAS NOS MUSEUS UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS

Rodrigo Luiz dos Santos - coord.museu@puc-campinas.edu.br
Museólogo Responsável e Coordenador do MUPUC-C

À entrada do museu, os sapatos das crianças indígenas permaneciam do lado de fora. A imagem, partilhada ao final de uma das apresentações da mesa, condensou de modo sensível e incontornável o sentido mais profundo dos debates ali travados: o museu universitário, quando verdadeiramente aberto ao diálogo, ao reconhecimento e à escuta, pode deixar de ser apenas espaço de guarda e interpretação para tornar-se também espaço de acolhimento, confiança e pertencimento. Foi sob essa chave, entre trajetórias institucionais, desafios contemporâneos e práticas inovadoras, que a mesa “Experiências Transformadoras: trajetórias, desafios e inovações nos museus universitários” reuniu experiências de diferentes regiões do Brasil, revelando a potência desses museus como lugares de produção de conhecimento, mediação cultural e transformação social.

Durante a realização do 8º Fórum Permanente de Museus Universitários (FPMU), realizado em Fortaleza, tive a honra de mediar a mesa “Experiências Transformadoras: trajetórias, desafios e inovações nos museus universitários”, espaço concebido para promover o compartilhamento de experiências institucionais capazes de evidenciar os múltiplos caminhos pelos quais os museus universitários brasileiros vêm se reinventando.

A proposta da mesa partiu da compreensão de que os museus universitários ocupam uma posição singular no campo museológico. Inseridos no ambiente acadêmico, esses equipamentos são atravessados simultaneamente pelas dinâmicas da pesquisa, do ensino e da extensão, ao mesmo tempo em que se vinculam diretamente aos territórios sociais, culturais e simbólicos em que se inserem. Nesse contexto, suas trajetórias institucionais frequentemente revelam processos de transformação que articulam inovação museológica, construção de conhecimento e compromisso público com a sociedade.

Reunindo profissionais provenientes das cinco regiões do Brasil, vinculadas a instituições federais, estaduais e privadas, a mesa buscou apresentar um panorama plural de experiências que evidenciam diferentes estratégias de gestão de acervos, desenvolvimento de projetos educativos, construção de redes colaborativas e formulação de novas linguagens museológicas. Participaram do debate Paola Haber Maués (UFPA), Adriana Helena Santos Moreira da Silva (UNIFOR), Ana Cristina de Menezes Santoro (MA/UFG), Marília Xavier Cury (MAE/USP) e Noris Mara Leal (Museu do Doce/UFPel), profissionais cujas trajetórias revelam distintos modos de atuação no campo dos museus universitários.

As apresentações evidenciaram, de maneira complementar, como diferentes contextos institucionais produzem respostas específicas aos desafios contemporâneos da museologia universitária.

A museóloga Paola Haber Maués apresentou o caso da Galeria de Arte e da Coleção Amazoniana de Arte da Universidade Federal do Pará, inseridas no processo de revitalização do Complexo Mercedários, no centro histórico de Belém. Sua exposição destacou como a recuperação do antigo Convento dos Mercedários e da Alfândega possibilitará a constituição de um amplo complexo acadêmico e cultural que abrigará cursos, programas de pós-graduação, laboratórios de conservação e novos espaços expositivos.

Nesse contexto, a Galeria de Arte da UFPA e a Coleção Amazoniana de Arte consolidam-se como plataformas de reflexão e articulação de artistas, pesquisadores e estudantes, constituindo um ambiente de experimentação museológica profundamente conectado às questões e experiências da região amazônica. A apresentação também evidenciou os desafios relacionados ao desenvolvimento e gestão de coleções universitárias, especialmente no que diz respeito à documentação e preservação da arte contemporânea e de acervos de moda, áreas que exigem metodologias específicas de conservação, catalogação e comunicação.

A conservadora-restauradora Ana Cristina de Menezes Santoro, do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, apresentou a pesquisa “Memórias de si, dos outros e das coisas: percursos de Edna Taveira por meio de seu arquivo pessoal”, desenvolvida no âmbito de seu doutorado em Antropologia Social. A comunicação abordou o processo de tratamento e organização da Coleção Edna Luísa de Melo Taveira, constituída por documentos textuais, fotografias, registros sonoros, materiais cartográficos e outros suportes documentais que testemunham a trajetória da antropóloga e sua contribuição para a consolidação da antropologia e da museologia no Centro-Oeste brasileiro.

A apresentação destacou o trabalho interdisciplinar desenvolvido no Museu Antropológico da UFG, que articulou procedimentos provenientes da museologia, da antropologia e da arquivologia, resultando na revisão do sistema de documentação institucional e na criação da coleção “Acervo Arquivístico” no sistema Tainacan do museu. Mais do que um processo técnico de organização documental, a pesquisa revelou o legado intelectual e institucional de Edna Taveira, evidenciando o papel das redes acadêmicas, da formação de profissionais e da atuação feminina na consolidação das instituições museológicas brasileiras.

A professora Noris Mara Leal, diretora do Museu do Doce da Universidade Federal de Pelotas, apresentou a trajetória e os desafios da preservação do patrimônio cultural imaterial associado à tradição doceira da região de Pelotas, reconhecida nacionalmente por seus saberes e práticas culinárias. A comunicação evidenciou como o museu universitário emerge de demandas comunitárias e passa a atuar como espaço de salvaguarda, pesquisa e difusão desse patrimônio.

A partir do inventário realizado pelo IPHAN e de diferentes projetos de pesquisa e extensão, o Museu do Doce vem desenvolvendo iniciativas que ampliam a compreensão dessa tradição cultural, incorporando novos olhares sobre temas como a produção de doces na periferia da cidade, os saberes associados às religiões de matriz africana e os processos contemporâneos de produção e circulação desses alimentos. Entre as ações apresentadas destacaram-se projetos participativos de mapeamento de doceiras e doceiros, atividades educativas, exposições colaborativas e iniciativas que articulam patrimônio cultural e sustentabilidade ambiental.

A professora Marília Xavier Cury, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, abordou o tema “Museologia e museus universitários: pensamentos, estruturas e linguagens”, apresentando experiências de trabalho colaborativo com povos indígenas no processo de requalificação de coleções etnográficas. Sua exposição evidenciou como projetos desenvolvidos em parceria com comunidades Kaingang, Guarani Nhandewa, Terena e Krenak vêm transformando a compreensão das coleções museológicas, ampliando o diálogo entre conhecimento acadêmico e saberes tradicionais.

Esses processos de requalificação têm permitido que pesquisadores indígenas participem ativamente da interpretação e da pesquisa sobre os objetos pertencentes às suas culturas, produzindo novas narrativas museológicas e fortalecendo relações de confiança entre o museu e os territórios indígenas. Ao final de sua apresentação, a professora compartilhou uma imagem particularmente significativa: a entrada do museu repleta de calçados de crianças indígenas, deixados do lado de fora antes da visita. A cena, evocando o gesto de entrar em casa com respeito, tornou-se uma poderosa metáfora da transformação das relações entre museus e comunidades originárias.

Por fim, a professora Adriana Helena Santos Moreira da Silva, vice-reitora de Extensão e Comunidade Universitária da Universidade de Fortaleza, apresentou o percurso institucional da Fundação Edson Queiroz e a formação de uma das mais importantes coleções de arte do país. Sua exposição destacou o papel visionário de Airton Queiroz e Yolanda Queiroz na construção de um acervo que reúne obras fundamentais da arte brasileira e internacional, abrangendo do período colonial à produção contemporânea.

A apresentação também evidenciou as estratégias de democratização cultural desenvolvidas pela instituição, como programas educativos voltados a estudantes da rede pública, exposições de grande alcance e iniciativas de pesquisa e documentação do acervo. Nesse contexto, destacou-se o projeto de criação do Museu Airton Queiroz, atualmente em desenvolvimento como parte do Complexo Yolanda e Edson Queiroz, que reunirá museu de arte, biblioteca de obras raras, espaços educativos e áreas culturais integradas ao campus universitário.

Apesar das diferenças institucionais e regionais, as experiências apresentadas ao longo da mesa convergiram em torno de um ponto comum: os museus universitários brasileiros vêm se afirmando como laboratórios de inovação museológica, onde se experimentam novas formas de gestão de acervos, construção de conhecimento e diálogo com a sociedade.

Seja na revitalização de espaços históricos, na salvaguarda de arquivos e coleções, na valorização de patrimônios imateriais, na construção de curadorias colaborativas ou na formação de grandes coleções de arte, as iniciativas apresentadas demonstram que os museus universitários desempenham um papel estratégico na produção de conhecimento e na mediação cultural.

Mais do que preservar objetos, esses museus preservam memórias, redes e experiências, constituindo espaços de encontro entre saberes acadêmicos, práticas culturais e comunidades.

Nesse sentido, a mesa “Experiências Transformadoras” revelou não apenas trajetórias institucionais distintas, mas sobretudo a potência dos museus universitários como lugares de escuta, experimentação e transformação social.

O CASO DA GALERIA DE ARTE E DA COLEÇÃO AMAZONIANA DE ARTE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Paola Haber Maués - paolamaues@ufpa.br

Museóloga na Galeria de Arte da UFPA

Coleção Amazoniana de Arte da UFPA

O presente texto é o relato da mesa redonda “Experiências Transformadoras: Trajetórias, Desafios e Inovações nos Museus Universitários”, acontecida no dia 26 de agosto de 2025 pela manhã, no Auditório do Instituto de Ciências Jurídicas da Universidade Federal do Ceará, dentro da programação do 8º Fórum Permanente de Museus Universitários. A experiência escolhida para falar nesta ocasião foi acerca das trajetórias, desafios e inovações da Galeria de Arte da Universidade Federal do Pará (GAU-UFPA) e da Coleção Amazoniana de Arte da UFPA, onde atuo como museóloga e responsável técnica pelo acervo.

Início a fala a partir do marco histórico do ano de 2018, quando o antigo Convento dos Mercedários e da antiga Alfândega foi cedido à UFPA à Secretaria do Patrimônio da União (SPU) em 2018 para o funcionamento de um novo complexo acadêmico e cultural em interação com o Centro Histórico e Comercial de Belém. O conjunto arquitetônico em restauração corresponde ao complexo que congrega a Igreja de Nossa Senhora das Mercês (propriedade da Arquidiocese), e o antigo Convento dos Mercedários (propriedade da União), hoje nomeada de unidade Mercedários UFPA. Construído originalmente em 1640 e refeito em 1748, trata-se de um dos mais importantes conventos coloniais da Amazônia, um dos maiores conjuntos arquitetônicos no contexto da Região Norte do Brasil.

Além das atividades acadêmicas e científicas já em andamento no Mercedários UFPA, o espaço abrigará no ano de 2025 a nova Galeria de Arte da UFPA, uma livraria da Editora da UFPA, o Museu de Ciências do Patrimônio Cultural, um projeto de ensino da Escola de Música da UFPA, e um novo auditório com capacidade para 175 pessoas. As obras seguem até junho de 2027, com a etapa de restauro focada na Igreja de Nossa Senhora das Mercês e seus bens integrados.

A Coleção Amazoniana de Arte da UFPA, em breve depositada no novo espaço da GAU, contará com Reserva Técnica museológica, porém hoje está disposta em três espaços universitários: o Museu da UFPA e o Programa de Pós-Graduação em Arte da UFPA, abrigando a Seção Artes Visuais; e a Reserva Técnica do Curso de Museologia, com a Seção Moda. Hoje, a Coleção Amazoniana conta com 160 itens na Seção Artes Visuais, e 729 itens na Seção Moda. A Amazoniana tem como missão estabelecer um ambiente de reflexão e articulação de artistas, obras, metodologias e pensamentos a partir de questões e experiências na/da região amazônica, buscando visibilizar processos e constituir acervo em uma instituição de relevância local, em consonância com a produção artística que se manifesta neste território e sua complexidade, para além dos estereótipos.

A coleção iniciou-se no ano de 2012, com a abertura da exposição “Amazônia, lugar da experiência”^[1], realizada a partir do Prêmio Procultura de Estímulo às Artes Visuais - Categoria D. Prêmio de Artes Plásticas Marcantonio Vilaça 2010. Este prêmio previa contribuir com o incentivo ao pensamento crítico, à produção artística contemporânea, como também às instituições culturais a que se destinam estes prêmios, permitindo a incorporação sistemática de obras às coleções, se configurando como uma política pública do Ministério da Cultura voltada para aquisição e formação de acervos museológicos. Desta maneira, o planejamento da exposição foi o marco para o início do desenvolvimento da Seção Artes Visuais da coleção, com a doação de 63 itens neste momento.

Em 2014, com o fechamento do ateliê do estilista André Lima iniciou-se o processo de musealização do seu acervo pessoal, composto por roupas de desfiles, provas-piloto, acessórios, documentos, imagens, etc., sendo realizado um plano curatorial para doação do acervo em forma de conjuntos direcionados para Anhembi-Morumbi (SP), Museu da FAAP (SP), Museu de Arte do Rio de Janeiro (RJ) e Amazoniana, o que inaugura a Seção Moda da coleção, com a entrada de 729 itens.

Desde o final de 2019, foi iniciada a parceria com a equipe do projeto Tainacan (UnB) para implementação do repositório digital da Amazoniana, que está hospedado no site da UFPA, com previsão para lançamento para o público em geral. Esta parceria foi fundamental para o desenvolvimento dos metadados que estão sendo utilizados em nosso banco de dados, pois foram realizadas reuniões de trabalho com os profissionais multidisciplinares do projeto, que realizaram uma escuta atenta e diagnóstico da coleção de forma complexa, para que então fosse desenvolvida conjuntamente a nossa primeira ficha catalográfica, que naturalmente é atualizada e/ou complementada com o avanço dos trabalhos.

Como forma de dar prosseguimento com o processo de catalogação e digitalização da Seção Moda, em 2022 iniciou-se o projeto de extensão ‘Amazoniana Documenta’, que tem como parceiros docentes e discentes de dentro e fora da universidade, e está promovendo a documentação, salvaguarda e organização do acervo e da sua Reserva Técnica na Escola de Museologia da UFPA.

Com o segundo ano do projeto em andamento, conseguimos recrutar e realizar formação para diversos discentes que atuam como colaboradores voluntários, além da bolsista. Desenvolvida a primeira etapa, que foi crucial para a realização dos objetivos do projeto, pelo menos parcialmente, hoje é possível desenvolver o trabalho de forma mais fluida e com metodologia mais consolidada, percebendo que os colaboradores conhecem todas as etapas empreendidas no processo de conservação preventiva e documentação, sempre sob a supervisão das museólogas coordenadoras do projeto.



Labirintos
Vitória Barros, 2020, Pintura
140 x 90 cm
Acervo da Coleção Amazoniana de
Arte da UFPA

As últimas doações realizadas foram desde a exposição “Delírio tropical”^[2], das quais apresento a obra de Vitória Barros, artista nascida em Araguaína-Tocantins, e que vive em Marabá-Pará. É inspirada nas florestas da mata ciliar dos rios Itacaiúnas e Tocantins, que se encontram poucos metros acima de onde a artista mora há cerca de 40 anos, que Vitória admite que tem se transformado em uma área urbana.

A Coleção Amazoniana tem relevância por agregar processos e obras frutos da experiência de criar e pensar a arte a partir da região, e desdobrar seu conjunto por meio de pesquisa e procedimentos de extroversão, consolidando-se como uma das mais significativas coleções universitárias de arte contemporânea da e sobre a Amazônia, buscando contemplar múltiplas identidades, além da diversidade, cultura, história, patrimônio, memória e experiência estética da região. Com o novo espaço em fase de implementação, a Galeria de Arte e a Coleção Amazoniana serão importantes espaços para reflexão e debate sobre as questões de arte, política, sociedade, ecologia, diversidade e acessibilidade, a partir do viés do pensamento amazônico. Para concluir, afirmo que os maiores desafios enfrentados são, no geral, o desenvolvimento e gestão de coleções e museus nas universidades, e em específico, a documentação e preservação da arte contemporânea e acervos de moda.

^[1] Exposição “Amazônia, lugar da experiência”. Curadoria Orlando Maneschy. Assistente de curadoria Keyla Sobral. Museu da Universidade Federal do Pará, Espaço Municipal Cine Olympia e intervenção urbana na rua da Marinha. Período de 04 de outubro de 2012 a 06 de janeiro de 2013.

^[2] Exposição “Delírio tropical”. Curadoria Orlando Maneschy, Keyla Sobral. Pinacoteca do Estado do Ceará. Período de dezembro de 2024 a junho de 2025.

Mesa Redonda III

Código Ética para os Museus

A mesa propôs uma reflexão sobre os princípios éticos que orientam a atuação dos museus e de seus profissionais, a partir dos fundamentos previstos no Código de Ética do ICOM e no Código de Ética do Museólogo, do COFEM. Foram discutidos seus desdobramentos no contexto brasileiro e os desafios contemporâneos para uma prática museológica ética, responsável e socialmente comprometida.

Palestrantes

Luciana Menezes de Carvalho - Vice-Presidenta do Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus (ICOM BR)

Rita de Cássia Mattos - Presidenta do Conselho Federal de Museologia (COFEM)

Mediação

Aline Escandil de Souza - Museóloga e Presidenta do Conselho Regional de Museologia - 3ª Região (COREM 3R)



Luciana Menezes de Carvalho, Rita de Cássia Mattos e Aline Escandil
Fotógrafo: Flávio Almeida

Aline Escandil de Souza

A Mesa Redonda 3, dedicada ao debate sobre o Código de Ética para os Museus, no 8º Fórum Permanente de Museus Universitários, da qual fui mediadora, constituiu-se como um momento singular de encontro, diálogo e articulação entre instituições fundamentais para o campo da Museologia. Ao reunir, em um mesmo espaço, reflexões sobre a ética nos museus e sobre a ética profissional dos museólogos, o debate evidenciou a importância de compreender essas dimensões de forma integrada e indissociável.

De um lado, os princípios éticos que orientam a atuação dos museus, fundamentados no Código de Ética do Conselho Internacional de Museus (ICOM), reforçam o compromisso dessas instituições com a sociedade, com a preservação do patrimônio e com práticas socialmente responsáveis. De outro, o sistema COFEM/COREMs, por meio de seu Código de Ética, reafirma o papel do museólogo enquanto profissional comprometido com valores éticos, técnicos e políticos que orientam sua atuação nos mais diversos contextos institucionais. A articulação entre essas duas instâncias mostrou-se essencial para pensar a Museologia no cenário contemporâneo brasileiro, especialmente no âmbito dos museus universitários.

A contribuição de Luciana Menezes de Carvalho, vice-presidenta do Comitê Brasileiro do ICOM (ICOM Brasil), e de Rita de Cássia Mattos, presidenta do Conselho Federal de Museologia (COFEM), trouxe densidade, clareza e profundidade ao debate. Suas falas evidenciaram os desafios enfrentados atualmente pelos museus e pelos profissionais da área, ao mesmo tempo em que apontaram caminhos possíveis para uma prática museológica ética, crítica e socialmente comprometida, alinhada às transformações e demandas do tempo presente.

Encerrando o 8º Fórum Permanente de Museus Universitários (FPMU), esta mesa redonda consolidou-se como um espaço agregador e enriquecedor, ampliando horizontes de reflexão e reafirmando a relevância dos museus universitários como territórios de produção de conhecimento, formação profissional e compromisso público. Participar deste encontro e dialogar com referências tão significativas da Museologia contemporânea reforça a necessidade de continuarmos pensando, coletivamente, os rumos da Museologia nos dias atuais, a partir da ética como princípio estruturante de nossas práticas e instituições.

MESA: CÓDIGO DE ÉTICA PARA OS MUSEUS

Rita de Cassia de Mattos – Presidente COFEM

No Brasil há dois Códigos de Ética para a área dos Museus – o Código de Ética do Conselho Federal de Museologia - COFEM e o Código de Ética do Conselho Internacional de Museus – ICOM. O COFEM reconhece e recomenda que os museólogos sigam as normas internacionais com relação às suas funções de trabalho, mas estão pessoal e profissionalmente subordinados ao Código de Ética do Conselho Federal de Museologia, que normatiza e disciplina o exercício da profissão em todo o território nacional.

O enfoque dessa apresentação situa-se na discussão sobre os princípios éticos aos quais o museólogo está submetido ao longo do seu exercício profissional, na observação e cumprimento do Código de Ética do COFEM.

De acordo com Costa e Valente(2008) as entidades de fiscalização profissional atuam em favor da sociedade e não do profissional. No exercício de sua função, os Conselhos de Fiscalização, têm uma responsabilidade social muito grande, pois devem zelar pela preservação de dois aspectos essenciais, que são a ética e a habilitação técnica adequada para o exercício profissional. Com a publicação da Lei 7.287/1984 e do Decreto 91.755/85, que regulamentou, oficialmente, a Museologia como profissão, o Governo Federal, autorizou a criação do Conselho Federal e Regionais de Museologia, e concedeu, por delegação, ao COFEM, a atribuição de órgão normativo, com a missão de orientar e disciplinar o exercício da profissão de Museólogo. Compete aos COREMs, organizados nas suas jurisdições, a responsabilidade pelo registro e pela orientação e fiscalização do profissional museólogo, que atua nas instituições públicas e privadas.

Quais são os desafios contemporâneos para uma prática museológica ética, responsável e socialmente comprometida, nos museus? Museus têm potencial para a construção e desenvolvimento de políticas que contribuam para a qualidade de vida. São agentes facilitadores da reflexão e do pensamento crítico. Os museus, abrigam inúmeras profissões, saberes operativos que trabalham de forma multidisciplinar, garantindo que a instituição alcance sua missão maior, que é preservar e comunicar para a sociedade, o patrimônio sob sua guarda, mas, sob a coordenação do profissional que recebe a formação específica para atuar nessa área - o museólogo. O processo de trabalho do museólogo, desenvolvido de forma ética, o coloca ao lado do sujeito do patrimônio a ser preservado, pois ele está a serviço da comunidade. Essa é a sua maior missão: colaborar na promoção de atividades, de reconhecimento das identidades e das culturas de todos os grupos humanos levando-os a se tornarem sujeitos de sua própria história. O trabalho deve ser realizado através de uma reflexão crítica e questionadora, com a finalidade de levar o indivíduo a sentir-se integrado na sua comunidade.

Os cursos de graduação em Museologia preparam os alunos a tornarem-se profissionais aptos a cumprirem todas as funções previstas no Art. 3º da lei 7287/1984. De posse da sua Certificação de Responsabilidade Técnica, o Museólogo comprova que os projetos ou serviços técnicos de Museologia realizados por ele, possuem um responsável devidamente habilitado e com situação regular perante o Conselho para realizar tais atividades. Não há, nisso, qualquer corporativismo. Respeitar os limites das atuações profissionais também é um dos aspectos da ética profissional.

No Brasil, a maioria dos museus está na esfera pública e cabe ao Governo, em quaisquer das suas instâncias, cumprir a Constituição Federal, uma vez que ela determina que a ascensão aos órgãos públicos se dá por meio da realização de concursos públicos. A Plataforma Museusbr do Ibram apresenta ao público, diariamente, essa realidade. Em consulta, à plataforma[20/08/2025] havia 4024 museus, sendo 3636 abertos e 388 fechados. No indicador museus públicos, existem 420 federais, 635 estaduais e distritais e 1561 municipais. Inseridos nesse Universo, existem centenas de museus universitários. **Mas, na maioria dessas instituições não há museólogos.** Há outro dado preocupante na Plataforma Museusbr: consta que 386 instituições se encontram fechadas. O dado corresponde a 9,64% do total de registros, sem a indicação de sua natureza jurídica, se são públicas ou privadas. Mas, independentemente desse filtro, mesmo que se considere um percentual numérico baixo, esse conjunto é uma parte representativa do patrimônio cultural e museológico brasileiro, cujos acervos estão inadequadamente tratados, o que caracteriza, por parte das instituições a que estão ligados, um agravante à ética profissional, na medida em que não dão cumprimento à legislação específica da área museológica brasileira.

Isto nos traz de volta ao tema desta mesa. Do ponto de vista da ética e da prática profissional como deve ser a atuação do Museólogo?

Ética, palavra de origem grega (*éthike, de ethikós*) diz respeito aos costumes, ao caráter, ao comportamento do homem na sociedade a partir das escolhas que ele faz. Ele é ético quando cumpre com os valores da sociedade em que vive e não ultrapassa esses limites. A função da ética é manter a ordem social. A palavra moral vem da palavra latina, *moris*, e sua função é estabelecer as regras de uma sociedade.

Glock e Goldim (2003), estudiosos da ética social e profissional chamam a atenção para a importância da proximidade e da distinção entre três áreas do conhecimento: Ética, Moral e Direito, distintas, mas interligadas entre si. Moral, do latim *moris* e Direito, *directum*, também de origem latina significam aquilo que é reto. As duas possuem regras que visam estabelecer padrões de comportamento para o homem no meio em que ele se estabelece. Essas normas são de tal importância que não se compreende nenhuma sociedade sem seu conjunto de regras (Aranha e Martins,1993).

E quando se começa a pensar na ética profissional? De acordo com Glock e Goldim (2003) o comportamento ético pessoal deve seguir a vida profissional. O profissional já deve trazer consigo um conjunto de valores que se completam com aqueles adotados no seu local de trabalho. Normalmente, esse cuidado deve iniciar-se na juventude, quando ocorre a fase de escolha das profissões, apoiado num conjunto de práticas que antecedem a sua chegada ao mercado de trabalho. Por isso é essencial que os acadêmicos de Museologia conheçam o Código de Ética de sua profissão e o coloquem em prática durante a vida acadêmica, nos estágios, para que, na formatura, quando pronunciarem o seu Juramento, as palavras estejam plenas de sentido e comprometimento com a sua profissão. A ética profissional é para todos, independentemente de cargo e posição do profissional.

O Código de Ética do Sistema COFEM/COREMs.

Em 28 de agosto 2021, durante a 62ª AGO do Sistema COFEM/COREMs, foi aprovado o novo Código de Ética, substituindo o antigo, de 1992, que estava totalmente defasado. Foi discutido internamente e após a aprovação da última versão, foi levado à Consulta da Classe e as contribuições recebidas foram analisadas por uma Comissão, Aquelas que completavam o texto foram incorporadas à redação final.

O museólogo, ao constatar qualquer situação contrária ao que prevê o Código de Ética do Conselho deve comunicar o problema ao COREM de sua jurisdição. A denúncia deve ser formalizada e o sigilo é garantido ao profissional.

A Comissão de Ética Profissional é convocada quando há situações de desrespeito ao Código, para apreciar e instruir os processos de recursos interpostos das decisões proferidas pelas Comissões Regionais de Ética Profissional ou mesmo do COFEM. O tempo de trabalho dessa Comissão pode variar, de acordo com a situação. Os trabalhos da Comissão são independentes e todos os seus componentes são, obrigatoriamente, Conselheiros Federais, efetivos ou suplentes, sob a coordenação de um efetivo.

Cada COREM tem sua Comissão de Ética que analisa, avalia as situações de desrespeito ao Código de Ética que são levados para julgamento do plenário de seu Regional. O profissional, uma vez julgado, e aplicada a pena, pode ou não entrar com recurso, que é encaminhado para o COFEM, cuja Comissão de Ética analisa e avalia esse recurso, levando o resultado para julgamento do Plenário do Federal. O COFEM é a última instância de recurso administrativo. Caso o profissional não concorde com o julgamento do recurso, poderá, se quiser, entrar na justiça.

Dados confidenciais do Conselho, dos colegas, dos superiores ou quaisquer outras informações relevantes, não devem ser compartilhados fora do Conselho, às vezes nem mesmo dentro dele, apenas entre as pessoas com delegação para tal conversa. Tudo é tratado de forma absolutamente profissional. Alguns assuntos são confidenciais, por segurança. Informações sigilosas estão protegidas por lei e, caso algum profissional quebre este protocolo, está sujeito à Comissão de Ética dos COREMs ou do COFEM. Entre os Conselheiros Federais, como nos regionais há um compromisso de não se reproduzir nada do que é dito sobre quaisquer questões tratadas nas suas reuniões. O Código de Ética Profissional do Museólogo, está disponível no site do COFEM: https://cofem.org.br/wp-content/uploads/2021/09/2021_08_28_Res-63_Codigo-de-Etica.pdf

Os aspectos enfocados se relacionam a:

- **Cap.I e II:** Princípios Fundamentais aos quais o Museólogo deve atender: princípios éticos e morais no exercício da sua profissão, denunciando todo e qualquer ato lesivo à prática museológica, mas sem ser fofoca. O profissional Museólogo deve atuar com liberdade e autonomia na realização de trabalhos a ele confiados, mantendo sempre o compromisso com a qualidade do trabalho prestado em instituições e, conseqüentemente, para com a sociedade. Deve reconhecer e respeitar seu Conselho (COFEM/COREMs) como órgão de regulação e fiscalização do exercício das práticas museológicas.
- **Capítulo III:** Trata dos Deveres do Museólogo: aqueles ligados à sua conduta profissional individual, aos seus deveres para com os colegas(muito cuidado com aqueles comentários aparentemente inofensivos!); em relação à sua conduta com a classe. O Art.10, alerta para o que não é permitido ao Museólogo fazer. O Art.11 normatiza a conduta do Museólogo com o público e por fim, o Art. 12, trata da relação do Museólogo com o patrimônio, demarcando, fortemente, o papel do profissional na defesa do patrimônio, seja em que situação ou instância for.
- **Capítulo IV:** Trata dos Direitos do Museólogo. Esse capítulo tem especial importância pois trata de questões que visam defender o trabalho do Museólogo com um dos itens mais importantes: os assédios, sejam eles de quaisquer modalidades, previstos também em legislação correlata. Muitas vezes o profissional passa por situações de assédio moral, no trabalho com comentários que desmerecem o seu exercício profissional, e, por medo de perder o trabalho, permanece calado, não recorrendo ao seu Conselho, e este só pode se pronunciar se tomar conhecimento do fato.
- **Capítulo V:** Trata das infrações e penalidades, com as dosimetrias para as penas, que devem ser aplicadas nos casos que forem tipificados e para isso conta com uma Comissão de Ética criada e normatizada pelo seu Código, e por legislação apropriada que é a RESOLUÇÃO COFEM Nº 64, de 28 de agosto de 2021 , que “Aprova o Código dos Processos Administrativo, Disciplinar e Ético do Sistema COFEM COREMs.” , disponível no link : [\[https://cofem.org.br/wp-content/uploads/2021/09/2021_08_28_Res-COFEM-64_2021-codigo-proc-etico-disciplinar.pdf\]](https://cofem.org.br/wp-content/uploads/2021/09/2021_08_28_Res-COFEM-64_2021-codigo-proc-etico-disciplinar.pdf)

É muito importante que os museólogos conheçam a legislação da sua profissão (Lei, Decreto, Código de Ética e as Resoluções, entre outros). Ela está inteiramente disponível no site do Conselho (<http://cofem.org.br>).

O museólogo ético respeita a sua legislação. Mesmo assim, após 40 anos de regulamentação do Sistema COFEM/COREMs ainda é comum algumas práticas desrespeitosas entre profissionais. E enquanto essas práticas continuarem a acontecer nós não nos fortaleceremos como profissão, e se essas práticas não chegarem aos COREMs ou ao COFEM sob a forma de denúncia, o Sistema não pode atuar.

Para encerrar, as Diretorias do Sistema COFEM /COREMs têm como meta trabalhar por uma instituição onde o museólogo possa sentir-se valorizado e encontre proteção institucional para sua atividade profissional, mas para isso precisa que o Museólogo colabore com o Conselho. Trabalhar na museologia e com a museologia é um desafio diário para nós, museólogos, e para os demais profissionais de museus. É importante que busquemos atuar de forma ética sem desrespeitar o espaço de atuação do outro. Nós não podemos deixar de ver o caminho e a história que já construímos, mas precisamos olhar para frente e ver o que ainda precisamos e iremos construir. Mas, não nos esqueçamos: museu com museólogo, é legal!

Referências Bibliográficas

ARANHA. Maria Lucia. MARTINS.MARIA HELENA P. Filosofando. Introdução à Filosofia. 2ed.- São Paulo : Moderna,1993, p. 274.

Brasil. CÂMARA DOS DEPUTADOS. COSTA. Beatriz Rezende Marques ; VALENTE, Manoel Adam Lacayo. Responsabilidade social dos conselhos profissionais. Biblioteca Digital, [BSB].DF,2008.

Brasil. CONSELHO FEDERAL DE MUSEOLOGIA. Código de Ética Profissional do Museólogo. Disponível em: https://cofem.org.br/wp-content/uploads/2021/09/2021_08_28_Res-63_Codigo-de-Etica.pdf. Acesso em 18 ago. 2025.

Brasil. CONSELHO FEDERAL DE MUSEOLOGIA. RESOLUÇÃO COFEM Nº 64, de 28 de agosto de 2021, Aprova o Código dos Processos Administrativo, Disciplinar e Ético do Sistema COFEM COREMS. Disponível em: https://cofem.org.br/wp-content/uploads/2021/09/2021_08_28_Res-COFEM-64_2021-codigo-proc-etico-disciplinar.pdf. Acesso em 18 ago. 2025.

Brasil. UFBA. Projeto político Pedagógico Curso de Museologia. Disponível em: http://www.museologia.ffch.ufba.br/sites/museologia.ffch.ufba.br/files/curriculo_museologia_2011-1_p.3.pdf. Acesso: em 07 jul 2019.

Brasil. UFG. Projeto Pedagógico do Curso de Museologia, p. 8. 2014. Disponível em: https://sistemas.ufg.br/consultas_publicas/resolucoes/arquivos/Resolucao_CEPEC_2014_1310.pdf. Acesso em: 07 jul 2019.

Brasil. UNIRIO. Escola de Museologia. Proposta de alteração da matriz curricular do curso de museologia (turno integral) e de implantação do curso de museologia no turno da noite. RJ. 2010.

CASTRO. Ana Lucia S.de. Informação, Ética e Museu: uma aproximação conceitual Data Grama ZERO V.6, N2 2005. Disponível em <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/11605> acesso em 07 jul 2019.

GLOCK, RS, GOLDIM JR. Ética profissional é compromisso social. Mundo Jovem. PUCRS, Porto Alegre), 2003.

GOLDIM. José Roberto. Ética, Moral e Direito. Disponível em : <https://www.ufrgs.br/bioetica/eticmor.htm>. Acesso em 05 jul 2019.

JUPIASSÚ. Hilton, MARCONDES, Danilio. Dicionário básico de Filosofia. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1996.

LEITE. Alice Iana Tavares; Hellen Gomes e Claudino, Sérgio Ribeiro dos Santos. A importância de ser ético na enfermagem: da teoria à prática. In: Cogitare Enferm 2009 Jan/Mar; 14(1):172-7. Acesso em 05 jul 2019.

MARQUES. José Roberto. A importância da conduta ética no trabalho. Postado em 05 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.ibccoaching.com.br/portal/comportamento/importancia-conduta-etica-trabalho/> acesso em 07 jul 2019.

_____. Falta de Ética no Trabalho: como falar sobre o tema com seus profissionais. Postado em 17 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://www.jrmcoaching.com.br/blog/falta-de-etica-no-trabalho-como-falar-sobre-o-tema-com-os-novos-profissionais-da-sua-equipe/>. Acesso em 07 jul 2019.

MORÁS. Nicole Sberse. Reflexões para uma comunicação organizacional museológica alinhada ao Código de Ética para Museus Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Curitiba - PR - 04 a 09/09/2017. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2351-1.pdf>. Acesso em 07 de jul 2019.

CÓDIGO DE ÉTICA PARA OS MUSEUS: UMA REFLEXÃO SOBRE RESILIÊNCIA MUSEAL

Luciana Menezes de Carvalho

Resumo

O ponto de partida desta reflexão remonta a uma palestra proferida na Semana Nacional de Museus, em maio, no Museu Naval, ocasião em que abordamos o tema da resiliência em diálogo com a proposta do ICOM sobre o futuro dos museus em sociedades em rápida e profunda transformação. Ao tratar do Código de Ética de Museus neste fórum, retomamos aquele ensaio inicial sobre resiliência como chave conceitual para pensar os desafios éticos e institucionais do campo museal no século XXI. O conceito é fundamentado em perspectiva psicológica, a partir da dissertação de Juliana Mendanha Brandão (2009), que contribuiu para delimitar suas origens e aplicações. O presente texto se estrutura em três partes: uma introdução à noção de resiliência; uma síntese da última versão do Código de Ética em discussão; e, por fim, uma reflexão que relaciona o conceito de resiliência aos dilemas contemporâneos da prática museológica e às possibilidades de fortalecimento ético das instituições museais.

Palavras-chave: Museu. Resiliência. Código de Ética do ICOM para museus.

Abstract

The starting point of this reflection dates back to a lecture delivered during National Museum Week in May at the Naval Museum, where the theme of resilience was discussed in dialogue with ICOM's proposal on the future of museums in societies undergoing rapid and profound transformation. When addressing the ICOM Code of Ethics for Museums in this forum, that initial essay on resilience was revisited as a conceptual key to thinking about the ethical and institutional challenges faced by the museum field in the 21st century. The concept is grounded in a psychological perspective, based on Juliana Mendanha Brandão's (2009) master's dissertation, which helped delineate its origins and applications. This paper is structured into three parts: an introduction to the notion of resilience, a synthesis of the most recent version of the ICOM Code of Ethics under discussion, and, finally, a reflection connecting the concept of resilience to contemporary dilemmas in museum practice and the ethical strengthening of museum institutions.

Keywords: Museum. Resilience. ICOM Code of Ethics for Museums.

Considerações iniciais

Agradeço imensamente o convite feito ao ICOM Brasil para estabelecer uma parceria para o 8º Fórum Permanente de Museus Universitários, e aqui nomeio em especial os meus colegas de conselho do ICOM Brasil Graciele e Maurício, espaço esse qualificado para tratar de um tema muito importante – e no auge do debate – que é o código de ética do ICOM para museus. Em especial sou grata pelo fato de ser uma profissional que atua em museus universitários, por acaso do destino, mas cuja atuação é constituinte e estruturante da minha atuação profissional. Tenho muito orgulho dessa trajetória que me permitiu alinhar, de maneira particular, com minha outra atuação na Museologia, que é justamente a de quem não consegue parar de pensá-la e como essa disciplina se configura, seus desdobramentos e todas as provocações que tanto a teoria quanto a prática me fazem. E isso fará com que eu siga, aqui, um caminho entre a apresentação da discussão do código de ética do ICOM para museus e minha reflexão e contribuição analítica sobre isso.

Meu ponto de partida começou no mês de maio deste ano, quando eu dei uma palestra na Semana Nacional de Museus, organizada pelo Museu Naval e que aconteceu na Ilha Fiscal, onde eu me detive numa reflexão sobre resiliência para abordar o tema proposto pelo ICOM: o futuro dos museus em sociedades rápida, profunda transformação. E quando eu fui convidada para falar do código de ética de museus para este fórum, eu voltei a esse breve ensaio que eu fiz sobre resiliência, pois percebi que eu poderia retomá-lo aqui para destacar alguns pontos que vem me incomodando – e no sentido positivo, reflexivo – sobre o cenário que vivemos e os desafios do século XXI que invariavelmente esbarram na construção de um código de ética para museus.

Para construir esse ensaio, eu precisei sair um pouco do que o senso comum chama de resiliência e ir para alguma definição que fosse minimamente qualificada (a partir de um olhar científico e acadêmico), principalmente porque estamos num cenário em que essa palavra – apesar de muito recente no nosso vocabulário – tem sido usada de forma desmedida, tanto no cotidiano como no meio acadêmico: já ouvimos falar de resiliência cultural, ambiental, de materiais entre outras. Nessa busca, fui conduzida para leituras do que significa resiliência no âmbito da Psicologia, e encontrei justamente o que eu queria: um trabalho acadêmico que se debruçou sobre esse conceito, traçando suas origens, usos e apontando um caminho para compreensão e pesquisa sobre resiliência para a Psicologia, que é uma dissertação de mestrado intitulada “Resiliência: de que se trata? O conceito e suas imprecisões”, da psicóloga Juliana Mendanha Brandão (2009). A leitura dessa dissertação foi fundamental para a compreensão desse conceito.

A palestra foi estruturada da seguinte forma: 1) apresento, brevemente, esse ensaio sobre a resiliência; 2) em seguida, um breve resumo da última versão para discussão do código de ética^[1]; e, nas considerações finais, trarei uma conexão com a reflexão que traço sobre resiliência, a partir dos atuais desdobramentos desse documento.

1) Sobre resiliência: entre a adaptação e a superação

Brandão (2009) introduz o conceito de resiliência mostrando que ele carrega diferentes sentidos e interpretações: da elasticidade que resiste sem quebrar à ideia de renascer das cinzas. Embora muito difundido em discursos populares e até na autoajuda, no campo acadêmico ainda não há consenso sobre sua definição, o que gera, segundo a autora, interpretações variadas. Alguns a associam à força de quem não se abala diante das adversidades, outros ao processo de superação após dado impacto.

Ela aponta também diferenças regionais: nos países anglo-saxões, resiliência é tratada como um termo cotidiano, sem questionamento de sua origem; já em contextos latinos, buscou-se a etimologia ligada à física, isto é, a ideia de “retornar ao estado anterior”. Essa divergência de visões evidenciava a necessidade de clareza conceitual: afinal, estamos falando de adaptação ou de superação? São esses dois polos que a autora destaca como fundamentais para orientar pesquisas e práticas futuras.

A autora (2009) discute, portanto, os sentidos atribuídos à resiliência a partir desses dois polos: adaptação e superação. O polo da adaptação compreenderia a capacidade de se ajustar às adversidades, desenvolvendo comportamentos socialmente aceitos que permitem a sobrevivência, mas sem gerar mudanças significativas ou crescimento. Esse enfoque, contudo, pode ser problemático: em contextos de violência ou regimes autoritários, a adaptação pode significar conformidade ou até uma “sobrevivência subjugada”. Por isso, ela defende que esses casos sejam chamados e analisados como “robustez” ou *hardiness*, entendida como um traço de personalidade que ajuda a suportar tensões.

Já o polo da superação compreende a resiliência como um processo transformador: não se trata de retornar ao estado anterior, mas de se reconstruir em outro patamar de desenvolvimento, mais preparado para novos enfrentamentos. Aqui, a resiliência é vista como experiência de crescimento diante das crises, elaborando simbolicamente o trauma e dando novos sentidos à vida.

[1] Até o momento, em agosto de 2025. Outra versão foi enviada para discussão em outubro de 2025, no momento do envio do texto para publicação.

Nesse contexto, Brandão (2009) reforça que a resiliência deve ser compreendida como processo e não apenas como característica inata. Ela envolve enfrentamento, abalo e superação, com crescimento posterior. A adaptação, longe de ser descartada, pode até servir como etapa para a resiliência, desde que acompanhada da capacidade de enxergar adversidades como desafios, de se engajar e de assumir algum controle. Assim, a resiliência não é privilégio de poucos: pode ser desenvolvida por qualquer pessoa ou instituição.

Ao relacionar essas ideias ao campo museal, observo que muitos museus se posicionam principalmente no polo da adaptação. Ou seja, buscam se adequar às demandas de um mundo em mudança — nas esferas políticas, sociais, ambientais ou culturais — para não se tornarem obsoletos. Essa postura garante sua sobrevivência, mas nem sempre implica empatia profunda com os sofrimentos sociais ou disposição de se reconhecer como parte dos problemas que atravessam a sociedade. Assim, criam-se instituições “robustas”, voltadas à manutenção, mas raramente abertas a uma transformação estrutural de seu *ethos* e visão de mundo (Geertz, 2008).

Ainda, referenciando Grotberg (2005 apud Brandão 2009), Brandão cita *ipsis litteris* a organização dele de fatores de resiliência ou estratégias de enfrentamento, que incluiriam “habilidades interpessoais e de resolução de conflitos, apoio social e força intrapsíquica” (BRANDÃO, 2009, p. 116-117). Em paralelo proponho, nesta tabela, o meu *check-list* para entender se minha prática museal consegue avançar na direção da resiliência e, portanto, manter-se atual neste cenário de rápidas mudanças.

Indivíduo (Grotberg, 2005, p. 17 apud Brandão, 2009)	Museu (Carvalho, 2025)
“Eu tenho”	
“Pessoas do meu entorno em quem confio e que me querem incondicionalmente”	Instituições – sejam superiores e/ou externas - de confiança e que estão comprometidas com o bem-estar da minha instituição.
“Pessoas que me põem limites para que eu aprenda a evitar os perigos ou problemas”	Instituições reguladoras ou de reflexões sobre práticas museais que orientam sobre os riscos e cenários desfavoráveis para os museus.
“Pessoas que me mostram, por meio de sua conduta, a maneira correta de proceder”	Instituições reguladoras ou de reflexões sobre práticas museais com compromisso ético e profissional.
“Pessoas que querem que eu aprenda a me desenvolver sozinho”	Instituições – sejam superiores e/ou externas – que promovam minha autonomia museal.
“Pessoas que me ajudam quando eu estou doente, ou em perigo, ou quando necessito aprender”	Instituições – sejam superiores e/ou externas – que poderão ser suportes para as crises que a minha instituição possa vir a enfrentar.

"Eu sou"	
"Uma pessoa pela qual os outros sentem apreço e carinho"	Uma instituição reconhecida pelo meu público-alvo ou comunidade.
"Feliz quando faço algo bom para os outros e lhes demonstro meu afeto"	Uma instituição acolhedora e sensível ao meu visitante e/ou coletivo.
"Respeitoso comigo mesmo e com o próximo"	Uma instituição que respeita meu corpo técnico e todos os stakeholders (partes envolvidas).
"Eu estou"	
"Disposto a me responsabilizar por meus atos"	Disposta a me responsabilizar por meus atos, sem terceirizar a minha culpa ou mesmo me justificar.
"Certo de que tudo sairá bem"	Segura que, esperando, posso ser parte de um mundo melhor.
"Eu posso"	
"Falar sobre coisas que me assustam ou inquietam"	Chamar para o debate tudo que foge da minha compreensão institucional, principalmente aquilo que considero polêmico e sensível, dentro do meu recorte.
Procurar a maneira de resolver os problemas	Desenvolver a habilidade de resolução dos problemas, ouvindo todas as partes interessadas.
Controlar-me quando tenho vontade de fazer algo errado ou perigoso	Agir de forma coerente e responsável, evitando deslizes e/ou rotas fáceis.
Procurar o momento certo para falar com alguém	Desenvolver a habilidade de uma comunicação não violenta, seja interna ou externa.
Encontrar alguém que me ajude quando necessito	Ser capaz de reconhecer minhas fragilidades institucionais e recorrer a suportes externos.

Na reta final de sua dissertação, Brandão propõe que "[...] a resiliência não seja tomada como organização durável e estruturada" (BRANDÃO, 2009, p. 118-119), isto é, não como uma fórmula certa, pensando que as estratégias de enfrentamento precisam ser também adaptadas a cada situação; e que novas estratégias podem ser aprendidas. O que apresento acima é um breve resumo de um ensaio, um começo na busca de uma postura que avance da adaptabilidade – que até então pensei ser suficiente ou mesmo resiliente – na direção de uma recuperação/superação de crises que possam promover meu crescimento como profissional de Museologia e responsável por uma instituição museal que, por sua vez, também pode crescer, aprender e ser efetivamente resiliente.

E aqui, eu suspenso temporariamente essa discussão para apresentar brevemente a última versão em debate do código de ética para museus.

2) Por um código de ética para museus para o século XXI

Nas próprias palavras do ICOM (2025), cuja tradução resumida da apresentação do código segue:

“O Código de Ética para Museus é uma pedra angular. Como indicado em seus Estatutos, o ICOM estabelece princípios éticos baseados em valores profissionais amplamente reconhecidos pela comunidade museológica internacional. Práticas fundamentadas na integridade, responsabilidade, equidade, respeito mútuo, abertura, transparência e prestação de contas são essenciais para garantir que os museus protejam e promovam o patrimônio, gerem confiança e prestem serviço ao público. [...]. Todos os membros do ICOM concordam em cumprir este Código como condição para serem membros da instituição. [...] Cada um dos cinco princípios fundamentais do Código de Ética do ICOM para Museus é igualmente importante para a criação e o funcionamento de museus sustentáveis e inclusivos. [...] O Código de Ética do ICOM possui uma história de quase 40 anos, iniciando-se com o Código de Deontologia Profissional do ICOM, aprovado pela 15ª Assembleia Geral do ICOM, realizada em Buenos Aires (Argentina), em 4 de novembro de 1986”.

A necessidade da discussão da atualização do código de ética se deu de forma continuada à discussão e homologação da nova definição de museus, ocorrida em 2022. Desde então, iniciou-se um processo de consulta aos Comitês Nacionais e Internacionais, cuja quarta e última consulta gerou, para análise, a versão aqui discutida. Essa versão foi estruturada em cinco eixos, cujos princípios estão traduzidos, seguidos de uma síntese de cada item:

1. SOCIEDADE: Museus a serviço da sociedade

Princípio: Os museus prestam serviço à sociedade sendo acessíveis e inclusivos, colaborando com comunidades diversas para proteger e interpretar o patrimônio material e imaterial, e preservando seu passado, presente e futuro. Ao adotar diferentes perspectivas sobre o patrimônio, os museus funcionam como espaços de diálogo, defendem os direitos humanos, praticam a justiça social e promovem a paz e a unidade” (ICOM, 2025).

Segue, abaixo, uma síntese de cada item deste princípio:

1.1 – Os museus devem preservar e transmitir o patrimônio material e imaterial em benefício da sociedade, colaborando com todas as comunidades de forma igualitária e sendo espaços de diálogo diante de conflitos culturais.

1.2 – Os museus devem respeitar a autonomia e diversidade de comunidades e povos originários, envolvendo-os nas decisões sobre seu patrimônio, garantindo justiça social e bem-estar.

1.3 – Os museus devem promover colaborações duradouras com profissionais, acadêmicos, comunidades e outras instituições, reconhecendo e remunerando de forma justa as contribuições recebidas.

1.4 – Os museus devem assegurar acessibilidade plena, eliminando barreiras físicas, digitais e sociais, combatendo discriminação e enfrentando o racismo estrutural, sempre respeitando direitos e autodeterminação.

1.5 – Os museus devem representar e valorizar a diversidade cultural, respeitando sensibilidades e protocolos relacionados a objetos sagrados e saberes tradicionais das comunidades de origem.

1.6 – Os museus devem adotar práticas sustentáveis de forma contínua, nas dimensões social, ambiental e financeira, contribuindo para direitos humanos, justiça social e combate às mudanças climáticas.

2. PROFSSIONALISMO: Museus operam e se comunicam com experiência, conhecimento e padrões profissionais

Princípio: Para manter a confiança da sociedade, os museus operam e se comunicam de forma ética e de acordo com padrões profissionais. Isso implica responsabilidades para os profissionais de museus, incluindo aqueles em cargos de liderança, bem como para todas as pessoas que trabalham nos museus ou com eles” (ICOM, 2025).

Segue, abaixo, uma síntese de cada item deste eixo:

2.1 – A direção dos museus deve contratar profissionais e voluntários qualificados, assegurando diversidade e oferecendo formação contínua.

2.2 – A direção deve garantir segurança, bem-estar e remuneração justa ao pessoal e voluntários, com planos de resposta para emergências.

2.3 – O uso de tecnologias digitais, incluindo IA, deve alinhar-se à missão institucional, considerando impactos éticos, ambientais e sobre direitos.

2.4 – Todos os envolvidos devem agir com cortesia, respeito e integridade, seguindo práticas inclusivas e colaborativas.

2.5 – Todos devem conhecer e seguir as políticas e valores do museu; divergências devem ser consideradas antes de decisões finais.

2.6 – Profissionais devem cooperar com colegas, especialistas e comunidades externas quando necessário, buscando decisões fundamentadas.

2.7 – Profissionais devem combater o tráfico ilícito de bens culturais, não participando de saques ou destruição do patrimônio.

2.8 – Informações confidenciais relacionadas a segurança, finanças, doadores e coleções devem ser protegidas.

2.9 – Conflitos de interesse devem ser evitados ou declarados; presentes só podem ser aceitos em nome do museu e nunca para influenciar decisões.

“3. EDUCAÇÃO: Museus oferecem experiências diversas para compartilhar conhecimento e fomentar reflexão

Princípio: As atividades e práticas educativas dos museus devem se basear na troca contínua de conhecimentos e no diálogo permanente” (ICOM, 2025).

Segue, também, uma síntese de cada item deste eixo:

3.1 – Os museus devem alcançar públicos diversos, promovendo diálogo intercultural e valorizando tradições culturais em suas atividades.

3.2 – Devem assegurar a integridade da informação, garantindo precisão, credibilidade e transparência sobre coleções e conteúdos.

3.3 – Devem criar relações de confiança e colaboração duradouras com comunidades, instituições e especialistas, obtendo consentimento livre e informado para uso de patrimônios.

3.4 – Devem garantir acessibilidade e inclusão em programas, exposições e publicações, considerando necessidades e opiniões dos públicos.

3.5 – Devem tratar materiais sensíveis com cuidado, em diálogo com comunidades originárias, respeitando protocolos, pedidos de restrição ou retirada.

3.6 – Devem incentivar a reflexão crítica e o aprendizado contínuo, promovendo o intercâmbio de conhecimentos e experiências.

3.7 – Devem usar tecnologias digitais de forma responsável, evitando falsificação de informações, mitigando impactos ambientais e protegendo o bem-estar do público.

3.8 – Devem educar sobre sustentabilidade e adotar práticas pedagógicas inovadoras que integrem o cuidado com o patrimônio e o planeta.

3.9 – Devem adotar práticas reparadoras, reconhecendo injustiças do passado e apoiando processos de restituição e repatriação como formas de aprendizado e reconexão comunitária.

“4. COLEÇÃO: Museus pesquisam e colecionam

Princípio: Os museus colecionam, salvaguardam e exibem o patrimônio material e imaterial. Devem garantir a segurança, documentação, conservação e restauração das coleções sob sua responsabilidade. Os museus realizam pesquisas e compartilham seus conhecimentos com a sociedade, respeitando perspectivas diversas e os direitos das comunidades originárias” (ICOM, 2025).

Segue, portanto, uma síntese de cada item deste eixo:

4.1 – Os museus devem ter e revisar regularmente uma política de coleções que aborde aquisição, documentação, proteção e uso de patrimônios, com atenção especial a objetos delicados e restos humanos.

4.2 – Devem atuar como administradores responsáveis, garantindo manutenção, preservação, segurança e respeito às coleções, especialmente das comunidades originárias.

4.3 – Devem seguir procedimentos profissionais para aquisição, registro e procedência de objetos, garantindo legalidade e consentimento comunitário; podem atuar como depósitos temporários em emergências.

4.4 – Devem documentar e proteger coleções, garantindo registros completos e seguros, disponibilizando informações ao público quando apropriado.

4.5 – Devem facilitar acesso equitativo ao patrimônio para pesquisa e estudo, publicando resultados de forma transparente.

4.6 – Devem realizar pesquisas colaborativas com comunidades, respeitando conhecimento tradicional, direitos culturais e evitando métodos extrativistas.

4.7 – Devem armazenar e expor objetos delicados com cuidado e respeito, sempre com consentimento das comunidades originárias.

4.8 – Devem criar políticas responsáveis para baixa de coleções e retirada de objetos, utilizando quaisquer recursos exclusivamente para proteger ou renovar a coleção.

4.9 – Devem combater o tráfico ilícito de patrimônios, mantendo inventários detalhados e colaborando com autoridades e outras instituições.

4.10 – Devem responder prontamente a pedidos de restituição, repatriação ou devolução, conduzindo processos com transparência, diálogo contínuo e cooperação com as comunidades originárias.

“5. GOVERNANÇA: Museus são instituições permanentes e sem fins lucrativos

Princípio: Os órgãos de governança e todos os interessados pela direção estratégica e supervisão do museu são responsáveis pela sustentabilidade de longo prazo da instituição, garantindo os recursos profissionais, físicos e financeiros necessários para manter o museu e servir às comunidades” (ICOM, 2025).

Segue, abaixo, uma síntese de cada item deste princípio:

5.1 – O órgão gestor deve manter informações públicas sobre a natureza sem fins lucrativos do museu, missão, políticas e valores, garantindo transparência e responsabilidade.

5.2 – Deve assegurar recursos profissionais, físicos e financeiros necessários para sustentabilidade e funcionamento eficaz do museu, promovendo redes e colaborações, inclusive com comunidades originárias.

5.3 – Deve proteger a integridade e autonomia do museu, garantindo liberdade e autoridade para supervisionar programas educativos, exposições e publicações.

5.4 – Deve garantir que membros do conselho e diretores possuam competências e qualificações adequadas para os cargos e desafios do museu.

5.5 – Deve criar e atualizar políticas escritas sobre coleções, captação de recursos, integridade institucional, emergências e fontes de financiamento, fornecendo um marco claro para decisões.

5.6 – Deve refletir a diversidade das comunidades atendidas, promovendo liderança inclusiva, cocriação, autoridade compartilhada e inovação.

5.7 – Deve facilitar comunicação eficaz e aberta dentro e fora da instituição, equilibrando transparência com confidencialidade e respeito à privacidade.

Considerações finais: reflexões sobre resiliência a partir de um código de ética museal

O novo Código de Ética do ICOM propõe, como vimos, estabelecer princípios sólidos para orientar uma prática museal do século XXI, reafirmando o compromisso dos museus com a sociedade, a profissionalização, a educação, o cuidado com as coleções e a governança responsável. Ele está propondo que os museus sejam espaços acessíveis, inclusivos, colaborativos e comprometidos com a justiça social, a sustentabilidade e os direitos humanos. Cada princípio abre caminhos para que os museus não apenas preservem coleções e acervos, mas também atuem como agentes de diálogo, transformação e reparação histórica.

Contudo, há um desafio: muitos museus, representados por seus comitês nacionais e comitês internacionais do ICOM, diante de tais diretrizes, permanecem no campo da adaptação, buscando se ajustar às exigências do presente sem, de fato, se engajarem em mudanças estruturais. Essa postura os torna robustos – fortes o suficiente para resistir às tensões, mas presos a uma lógica de manutenção que evita rupturas ou reposicionamentos profundos. Assim, continuam funcionando de forma segura, porém distante das transformações necessárias para enfrentar desigualdades, reconhecer injustiças ou redefinir seu papel social. E isso resultou na suspensão temporária da discussão desta versão do código de ética, que estava prevista para ser aprovada em Dubai e agora com previsão para o ano que vem, por falta de consenso.

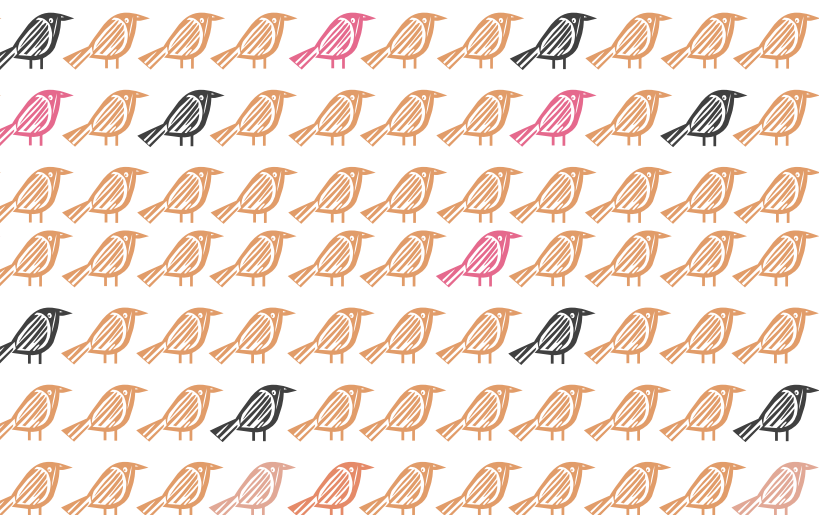
Nesse sentido, a partir desta reflexão sobre resiliência que compartilhei com vocês, considerando o limite de tempo e espaço permitido, penso que seria fundamental que os museus avancem da adaptação para a superação. A ética proposta pelo ICOM só ganhará força plena quando acompanhada de disposição para rever práticas consolidadas, redistribuir autoridade, acolher as vozes historicamente silenciadas e assumir compromissos efetivos com a reparação e a sustentabilidade. Museus que permanecem apenas no nível da adaptação correm o risco de cumprir a letra do Código sem vivê-lo em profundidade; já os que ousam atravessar para a superação podem tornar-se espaços vivos de transformação, abertos à pluralidade e efetivamente a serviço da sociedade e das nossas comunidades.

Referências

BRANDÃO, J. M. Resiliência: de que se trata? O conceito e suas imprecisões. 2009. 136 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das Culturas. 1º Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008, 323p.

ICOM [INTERNACIONAL COUNCIL OF MUSEUMS]. COMITE PERMANENTE DEL ICOM PARA LA DEONTOLOGIA (ETHCOM). Revisión del Código de Ética del ICOM para los museos [4a Consulta, Marzo - Abril 2025]. Disponível em: < <https://icom.museum/en/resources/standards-guidelines/code-of-ethics/> >. Acesso em: 22 ago. 2025.



REUNIÕES TEMÁTICAS

As Reuniões Temáticas constituem espaços qualificados de diálogo e articulação entre profissionais, pesquisadores e estudantes que atuam em coleções e museus universitários, organizados a partir de áreas de interesse comum e demandas específicas do campo. Desde a 6ª edição do Fórum, as Reuniões Temáticas passaram a contar com coordenação geral da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários (RBCMU), que, em cada edição, convida pessoas para colaborar na organização da dinâmica de preparação, seleção e condução dos encontros, em forma de Grupo de Trabalho, atuando na busca de representatividade regional e diversidade de perfis profissionais, fortalecendo a pluralidade de vozes e experiências presentes nas discussões de cada Reunião Temática.

Esses espaços têm se consolidado como instâncias de debate de questões importantes, necessárias e urgentes do campo museal brasileiro, permitindo o levantamento de demandas, a construção coletiva de encaminhamentos e a articulação de estratégias comuns entre instituições e profissionais. Nesta edição, foram propostas 7 Reuniões Temáticas, das quais 6 foram efetivamente realizadas, evidenciando o engajamento das pessoas participantes e a relevância dos temas abordados. Como parte do compromisso com o registro e a difusão das reflexões produzidas, encontram-se aqui disponíveis os relatórios de 6 das Reuniões, reunindo sínteses dos debates, apontamentos e perspectivas para o fortalecimento contínuo das coleções e dos museus universitários.

1. Conservadores-Restauradores em Museus e Coleções Universitárias

Coordenadoras:

Elis Marina Mota (Museu de Arte Sacra - UFBA)

Giulia Vilela Giovanni (UFMG)

2. O ICOM, as Coleções e os Museus Universitários

Coordenadores:

Mauricio Candido da Silva (MAV/FMVZ/USP)

Adriana Mortara Almeida (UFMG)

3. Coleções e Museus de Anatomia

Coordenadores:

Athelson Stefanon Bittencourt (Museu de Ciências da Vida-UFES)

Bárbara de Lima Lucas (Museu de Anatomia Humana - UnB)

4. Comissão Permanente e Multidisciplinar sobre museus federais no âmbito do Ministério da Educação

Coordenadoras:

Damiane Daniel Silva Oliveira dos Santos (Ministério da Educação - Secr. de Edu. Sup.)

Mariana Ramos Reis Gaete (Ministério da Educação - Secretaria de Educação Superior)

5. Acervos e Plataformas Digitais

Coordenadores:

Bruno Melo de Araújo (UFPE)

Rosélia Adriana Rocha (Secretaria Estadual de Cultura - Pernambuco)

Rafaela Lima (Instituto Brasileiro de Museus)

Emanuela Sousa Ribeiro (UFPE)

6. Museólogas(os) nas Instituições de Ensino Superior

Coordenadores:

Saulo Moreno Rocha (Mauc/UFC)

Tatiana Alves de Almeida (MHNBA/UFBA)



Tatiana Almeida, Saulo Moreno Rocha, Athelson Bittencourt, Andrea, Bruna Marina, Elane, Noris, Damiani. Maurício, Marianna, Elis, Adriana, Emanuela, Bruno, Giulia, Barbara - Fotógrafo: Flávio Almeida

Coordenadoras

Elis Marina Mota (Museu de Arte Sacra - UFBA)

Giulia Vilela Giovanni (UFMG)

Resumo

A reunião temática realizada no âmbito do 8º Fórum Permanente de Museus Universitários, teve como propósito criar um espaço de diálogo e articulação coletiva entre conservadores-restauradores atuantes em instituições universitárias brasileiras. O encontro promoveu trocas de experiências e reflexões sobre a atuação profissional, discutindo desafios específicos no contexto público e acadêmico, como a precarização das equipes, a extinção de concursos na área de conservação-restauração, e as dificuldades estruturais enfrentadas nos museus e coleções universitárias. Destacou-se também a importância de fortalecer a capacitação continuada, valorizar institucionalmente o conservador-restaurador e fomentar redes de colaboração interuniversitárias.

Palavras-chave

Conservação-restauração. Museus universitários. Políticas públicas. Valorização profissional. Redes de colaboração.

PROPOSTA DE DISCUSSÃO

A discussão proposta buscou promover uma reflexão crítica sobre a situação atual dos conservadores-restauradores em museus e coleções universitárias, considerando a importância estratégica desses profissionais para a preservação do patrimônio cultural e científico. O debate concentrou-se nos impactos da extinção de cargos públicos da área, nas condições precárias de infraestrutura dos laboratórios, na necessidade de valorização institucional desses profissionais e na ampliação da inserção das atividades de conservação-restauração nas agendas de pesquisa, ensino e extensão.

A ausência de concursos e/ou provimento de vagas para conservadores-restauradores é um dos efeitos diretos dos Decretos nº 9.262/2018 e nº 10.185/2019 (Brasil, 2018; Brasil, 2019), que extinguíram cargos públicos técnicos-administrativos em educação (TAEs) em diversas áreas. Como consequência, observa-se uma tendência de redução progressiva dessas funções devido a aposentadorias e vacâncias. Em 2021, apenas 20 das 69 universidades federais contavam com cargos ativos na área de conservação-restauração (Santana et al., 2021); em 2025, esse número caiu para 18. No caso da carreira de nível superior (Restaurador – Área), havia 21 cargos, dos quais restam 18. Em relação ao nível médio (Técnico em conservação-restauração), o número passou de 42 para 39 (Brasil, 2025). Em aproximadamente três anos, houve uma redução de cerca de 10% no número total de vagas efetivas na área.

Embora os problemas de preservação nos museus universitários antecedam os decretos — incluindo a escassez de estrutura, recursos e políticas institucionais —, o risco de perda e deterioração do patrimônio tem se agravado diante da ausência de políticas públicas de reposição de quadros. Essa conjuntura tem levado ao crescimento de formas de terceirização, muitas vezes sem garantia de financiamento contínuo ou de planos de carreira que assegurem a qualificação e atualização técnico-científica das equipes.

DISCUSSÃO NO FÓRUM

O debate evidenciou a situação crítica da conservação-restauração em museus e coleções universitárias brasileiras, marcada pela redução do quadro de profissionais e pelo agravamento das condições estruturais de trabalho. Foram relatados os impactos diretos dos Decretos nº 9.262/2018 e nº 10.185/2019. Outro ponto recorrente nas falas foi a infraestrutura precária dos espaços de conservação-restauração: falta de equipamentos adequados, materiais básicos e EPIs, além de dificuldades no reconhecimento institucional dos riscos inerentes à atividade e na concessão do adicional de insalubridade.

Diante desse contexto, foram indicados caminhos de ação e estratégias coletivas, entre eles:

- Incidência política para reverter os Decretos nº 9.262/2018 e nº 10.185/2019, bem como para pautar as condições de trabalho junto aos sindicatos de TAEs e docentes, ao IBRAM e ao MEC;
- Fortalecimento de redes interuniversitárias, visando o compartilhamento de protocolos, materiais e insumos excedentes, o mapeamento de laboratórios e infraestruturas, a criação de catálogos de fornecedores, intercâmbios técnicos, promoção de eventos, debates, grupos de pesquisa e elaboração de planos de emergência;
- Reconhecimento da conservação-restauração como atividade de pesquisa, garantindo acesso a editais de fomento e ampliando sua inserção institucional;
- Inclusão de conservadores-restauradores em instâncias de gestão e nos Planos de Desenvolvimento Institucional (PDIs) das universidades, assegurando investimentos e condições adequadas de trabalho.

Os participantes destacaram ainda a importância de que o novo Plano Nacional de Educação (PNE) — atualmente em elaboração e com vigência prevista até 2034 — contemple explicitamente os museus universitários e reconheça seu papel estratégico no ensino, na pesquisa, na extensão e na preservação do patrimônio científico e cultural.

Foi feito também um alerta em relação à Reforma Administrativa, atualmente em pauta no Congresso Nacional, a qual prevê o fim da estabilidade no serviço público, a ampliação de contratos temporários e a desvinculação de áreas essenciais do orçamento. Tais medidas representam um risco significativo para a continuidade das políticas públicas e podem comprometer de forma grave a preservação do patrimônio cultural e científico.

Por fim, ressaltou-se a necessidade de articulação com instâncias institucionais e governamentais para apoiar a regulamentação profissional da categoria, fortalecendo a posição dos conservadores-restauradores no cenário universitário e nacional.

Participantes

A sessão contou com a participação de 40 pessoas, reunindo uma ampla diversidade de perfis e experiências profissionais. Estiveram presentes estudantes, bolsistas, técnicos, professores, gestores e profissionais especializados — entre eles conservadores-restauradores, museólogos, arquivistas, bibliotecários e administradores —, o que favoreceu um debate plural e transversal sobre os desafios da preservação em museus e coleções universitárias.



RT 1 - Conservadores-restauradores em museus e coleções universitárias, 8ºFPMU, ago/2025. Fonte: enviada pelos Coordenadores da RT.

Participaram da reunião

Aimée de Oliveira Fonseca; Aline Cristina Gomes Ramos; Amanda Aline Pinheiro; Ana Beatriz Vieira; Ana Cristina de Menezes Santoro; André Luís Maragno; Anna Laura Canuto R. de Andrade; Anna Nobre; Antônio Silvio Teixeira dos Santos; Auricélia França de Souza Reis; Cássia Regina Gomes; Cássio Vinícius Carvalho de Souza; Cleide de Moura Paixão de Lima; Dalva Rejani dos Reis Pereira; Diana Assis de Oliveira; Dilamar Candida Martins; Diná Marques Araújo; Elis Marina Mota; Franciane Lúcia da Silva Zimmermann; Gabriela de Lima Gomes; Gabriela de Souza Souto; Gelsom Rozentino de Almeida; Gerson Antônio Piannetti; Giulia Villela Giovani; Gustavo Henrique Caixeta Freitas; José Solon Sales e Silva; Kleber T.S. Santos; Luan Lisqueda Luis; Manuel Onofre; Maria Betânia Moreira Carvalho Silva; Maria do P. Socorro C. Fernandes; Maria Júlia Ribeiro; Maria Lúcia Coimbra Scalabini; Otávio Joarez de Abreu Bittencourt; Rafaela Barbosa Fonsato; Rogério A. Lima; Thiago Moreira Lima; Tiago Silva de Carvalho; Vivian Camylly Melo Santos; Zandra Coelho de Miranda.

Considerações finais

A reunião reafirmou a urgência de valorização do conservador-restaurador como servidor público fundamental para a preservação e dinamização do patrimônio universitário. Os participantes defenderam a necessidade de revisão dos decretos que extinguiram cargos da área, investimentos em infraestrutura e reconhecimento institucional das atividades de conservação-restauração como pilares estratégicos das universidades. A articulação em rede e a incidência política foram apontadas como estratégias centrais para garantir condições dignas de trabalho e continuidade das ações de preservação.

Agradecimentos

Aos organizadores do 8º Fórum Permanente de Museus Universitários (FPMU) pela oportunidade de promover este espaço de diálogo e articulação. Ao Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia e ao Núcleo de Capacitação da Pró-Reitoria de Desenvolvimento de Pessoas (NUCAP/PRODEP/UFBA). Ao Espaço Acervo Artístico da Universidade Federal de Minas Gerais e à PROCULT/UFMG.

Referências

BRASIL. Controladoria-Geral da União. Portal da Transparência: servidores públicos – nomes e cargos. Brasília, DF: CGU, 2025. Disponível em: <https://www.portaltransparencia.gov.br/>. Acesso em: 15 ago. 2025.

BRASIL. Decreto nº 9.262, de 9 de janeiro de 2018. Extingue cargos efetivos vagos e que vierem a vagar dos quadros de pessoal da administração pública federal, e veda abertura de concurso público e provimento de vagas adicionais para os cargos que especifica. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 5, 10 jan. 2018. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/decreto/d9262.htm. Acesso em ago. 2025.

BRASIL. Projeto de Lei nº 1183, de 2019a. Dispõe sobre a regulamentação do exercício das profissões de Conservador-Restaurador de Bens Culturais e de Técnico em Conservação-Restauração de Bens Culturais. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2019. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2193266>. Acesso em: ago. 2025.

BRASIL. Decreto nº 10.185, de 20 de dezembro de 2019b. Extingue cargos efetivos vagos e que vierem a vagar dos quadros de pessoal da administração pública federal e veda a abertura de concurso público e o provimento de vagas adicionais para os cargos que especifica. Diário Oficial da União: Seção 1, Brasília, DF, p. 1, 20 dez. 2019. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/d10185.htm. Acesso em ago. 2025.

SANTANA, C. R.; MOTA, E. M. ; VASCONCELOS, M. L. C. Os profissionais de conservação e restauro nas universidades federais: extinção e sobrevivência. In: VI Fórum Permanente de Museus Universitários (VI FPMU), 2021, Curitiba. Anais Fórum de Museus Universitários, v. 1. p.119-133, 2021. Disponível em: https://mae.ufpr.br/docs/vifpmu/forvim_de_museus_universitarios_anais_v1_maeufpr_2022.pdf. Acesso em ago. 2025.

O ICOM, as Coleções e os Museus Universitários

Coordenadores

Maurício Cândido da Silva (maumal@usp.br - MAV FMVZ USP)
Adriana Mortara Almeida (mortaraalmeida@gmail.com - UFMG)

Resumo

A Reunião Temática “O ICOM, as Coleções e os Museus Universitários” buscou apresentar a estrutura organizacional do Conselho Internacional de Museus (ICOM) e de seus Comitês Nacional (Brasil) e Internacional para Museus e Coleções Universitárias (UMAC) aos interessados. Foi tratada a importância da participação brasileira nesses conselhos, os procedimentos de filiação e os benefícios de ser um membro do ICOM. Ao final, foi consensuada a indicação de um membro do Conselho e da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários para concorrer ao board do UMAC, com o objetivo de aproximar o Comitê da comunidade brasileira e do próximo Fórum Permanente de Museus Universitários.

Palavras-chave

ICOM Brasil. ICOM UMAC. Museus Universitários. Rede de cooperação.

Proposta de discussão

O 8º Fórum Permanente de Museus Universitários ocorreu entre os dias 25 e 29 de agosto na Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, e teve como tema "Coleções, Museus Universitários e Sociedade: elos entre Ciência, Cultura e Comunidade". A Reunião Temática “O ICOM, as Coleções e os Museus Universitários”, que ocorreu dentro do 8º FPMU, teve por objetivo explorar o tema central por meio da apresentação do funcionamento do Conselho Internacional de Museus (ICOM), os benefícios e caminhos de filiação, a relevância do Comitê Internacional para Coleções e Museus Universitários (UMAC) e debater as estratégias de aproximação e maior participação da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários (RBCMU) dentro do UMAC. Vale ressaltar que o ICOM Brasil agrega cerca de 900 pessoas que atuam no campo museal, sendo 38 filiadas ao UMAC (membros votantes). Em função da ampliação das ações do FPMU e da RBCMU, os coordenadores partiram do princípio de que, no Brasil, há um grande potencial de ampliação de atuação e contribuição dentro do ICOM. Nesse sentido, a Reunião Temática apresentou um quadro geral da situação atual e estimulou o debate para que as pessoas que atuam com Coleções e Museus Universitários no Brasil ampliem suas atuações no cenário internacional. O ICOM é uma rede mundial composta por quase 60 mil membros, profissionais e estudantes de 129 países e territórios que participam de 120 Comitês Nacionais e 35 Comitês Internacionais. Dentre estes, há o UMAC, cuja missão é atuar em escala global na defesa das coleções e museus universitários, contribuir para o seu desenvolvimento social e contínuo como recursos essenciais à pesquisa, educação, extensão e à preservação do patrimônio cultural, histórico, natural e científico.

Discussão no Fórum

A Reunião Temática foi organizada e desenvolvida em tópicos. A partir de uma apresentação inicial dos coordenadores sobre o ICOM, o ICOM Brasil e o UMAC, procedimentos de filiação e relevância da comunidade brasileira no cenário internacional, ocorreu uma rodada de debates para os esclarecimentos de dúvidas em torno dos seguintes pontos:

- O que é o Conselho Internacional de Museus (ICOM).
- O que é o Comitê Internacional para Museus e Coleções Universitárias (UMAC).
- O que são e como funcionam os comitês.
- Atividades promovidas pelo ICOM.
- Bolsas oferecidas pelo ICOM.
- Quem pode e como se filiar ao ICOM-Brasil.
- Conferências Internacionais.
- Como podemos aumentar a influência brasileira na comissão organizadora do ICOM.

Dentre os diversos pontos tratados, destacaram-se dois: 1) A relevância da participação brasileira nos boards dos Comitês Internacionais, ainda pouco explorada; 2) A indicação de um membro do ICOM Brasil e da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários para concorrer ao board do UMAC. Em relação a este segundo ponto, foi indicado o nome do Mauricio Candido da Silva, coordenador da RBCMU e da presente RT, devendo ser preparada uma campanha para os membros votantes do UMAC apoiarem e votarem em seu nome.

Lista de participantes

Incluindo os coordenares, a Reunião Temática contou com 34 pessoas presentes, representando 18 Instituições Universitárias, de acordo com a seguinte listagem:

Maurício Cândido da Silva (Coordenador) - MAV FMVZ USP / ICOM BR, Adriana Mortara Almeida (Coordenadora) - UFMG / ICOM BR, Lilian de Sousa Leitão - UFC, Luciana Menezes de Carvalho - ICOM BR / UNIRIO, Ana Helena Cruciol - UNESP / IBILCE / FESPSP, Jezulino Lúcio M Braga - UFMG, Humberto Torres Gonzales - UFBA / UFU, Maiara Maia Borge - UFC, Antônio Alyson R. de Lima e Silva - UFC, Ana Beatriz Rodrigues Monteiro - UFC, Jaderson Jales Martins - UFC / MHNCE, Leonny Gomes Leal

- UFC / MHNCE, Jones da Silva Gomes - UFPA, Wellington Luiz Silva - Espaço do Conhecimento / UFMG, André Luís Miranda de Barcellos Coelho - Experimentoteca / UnB, Jéssica Tarine Moitinho de Lima - UFPA, Luiz Tadeu da Costa - UFPA, Kaio Hellanno da Costa Santana Araujo - UFPI, Vitória Passos Viana - USP / PPGMUS, Ariane Heloise de Carvalho - USP / PPGMUS, Lívia Thiciane Viana Almeida - UFPI, José Machado Netto - USP / PPGMUS, Marcelo de Souza Cleto - UFT / Acervo Povos Indígenas, Aline Vargas - UFMS / Divisão de Museus, João Victor Medina da Silva Lira - UFBA / NOAP, Andrea N Amarante Paffaro - UNIFAL, Celina Rosa Santana - UFBA, Daniele Rodrigues Barros Nunes Negrão - UFF, Yasmin Corrêa Coelho - UFPA, Karollyne Ferreira Dantas - UFPE, Rodrigo Oliveira Braga Reis - UFAM, Maria Cilene Freire de Menezes - UNIVASF, Vera Mangas - ICOM BR / Ibram, Marisa Pires Rodrigues - UFPB.

Considerações finais

A filiação ao ICOM está aberta a museus, instituições reconhecidas pelo Conselho, estudantes, profissionais de museus e da área, e apoiadores de acordo com os critérios estabelecidos em seu estatuto, trazendo benefícios como a especialização em suas atividades, apoio em publicações e a visitas nacionais e internacionais e o fortalecimento de redes de comunicação internacional. O Brasil, em sua abundância de instituições e profissionais qualificados, deve buscar maior espaço de reconhecimento global, promovendo cada vez mais a filiação de novos membros e participação nos boards dos Comitês Internacionais.

Disso, resultaram dois encaminhamentos a serem referendados na plenária final do FPMU: 1) indicação de Maurício Cândido da Silva para ser candidato ao “board” do UMAC neste ano, como membro vogal; 2) Sugestão para a Comissão Organizadora do 9º FPMU de que seja incluído o seminário de um dia do UMAC no Brasil.

Agradecimentos

Os coordenadores agradecem o apoio logístico da bolsista Lílian Leitão e de fomento às seguintes instituições: Comissão Organizadora do 8º FPMU; Universidade Federal do Ceará; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional do ICOM; Museu de Anatomia Veterinária da FMVZ USP e Universidade Federal de Minas Gerais.

Referências

ICOM. Código de Ética para Museus: versão lusófona. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 2009.



Registros fotográficos da RT “O ICOM, as Coleções e os Museus Universitários”. Autoria: Luciana Menezes de Carvalho. 26 de agosto de 2025, na sala de aula da Faculdade de Direito da UFC.

Coordenadores

Athelson Stefanon Bittencourt, athelson.bittencourt@ufes.br

(Museu de Ciências da Vida da UFES)

Bárbara de Lima Lucas, lucas.barbara@gmail.com

(Museu de Anatomia Humana da UnB)

Andréa Oxley da Rocha, oxley@ufcspa.edu.br

(Museu de Anatomia da UFCSPA)

Resumo

A anatomia foi proibida por milênios. A obra de Andrea Vesalius, "De Humani Corporis Fabrica", de 1543, é marco da anatomia moderna. Em 1832, o "Ato Anatômico", foi a lei inglesa que legalizou o uso de cadáveres pelas escolas de Medicina, mas até hoje, o conhecimento anatômico é uma ciência de poucos, embora atraia e fascine as pessoas. A Reunião Temática (RT) "Coleções e Museus de Anatomia" aconteceu na Faculdade de Direito da UFC (25 participantes) e foi transmitida pelos canais do youtube do F8FPMU da Câmara Municipal de Jataí, (73 participantes), onde segue disponível com 196 visualizações após 30 dias. A RT promoveu a discussão sobre a relevância e os desafios dos museus de anatomia universitários. Os objetivos iniciais incluíram a análise da demanda social, a importância para a difusão do conhecimento científico, questões legais e éticas do uso de material cadavérico, captação de recursos e estratégias de funcionamento.

Palavras-chave

Museus de anatomia. Coleções Universitárias. Ética. Legislação. Doação de Corpos.

Proposta de Discussão

O tema central que orientou a formação da Reunião Temática (RT) foi a relevância e os desafios dos museus de anatomia universitários no Brasil. Os objetivos motivadores incluíram a discussão sobre a demanda da população por esta área de conhecimento, seja no contexto da educação formal como para o público em geral, a importância na produção e difusão do conhecimento científico e educação em saúde, a procedência do material biológico (doação), questões legais e éticas relativas ao seu uso (metodologia de processamento, uso em exposições, registro e exibição de imagens), possibilidades de captação de recursos, estratégias de viabilidade e atendimento ao público em museus de anatomia.

Discussão no Fórum

Durante as apresentações e transmissão da RT, foram abordados diversos pontos pelos palestrantes. Destacou-se a abertura de museus como uma demanda social com impactos socioculturais e educativos relevantes, mobilizando um expressivo público em torno da anatomia humana e animal. Enfatizou-se a importância desses museus para a produção e difusão do conhecimento científico, educação em saúde e compartilhamento do conhecimento universitário. Foram discutidas a procedência do material biológico humano e animal (doação), questões legais sobre captação de doações e utilização de corpos humanos para ensino, pesquisa e extensão (Lei nº 8.501, de 30 de novembro de 1992), e questões éticas relativas à metodologia de processamento de espécimes (FERNANDES, et. al., 2017), uso de corpos em exposições e registro/exibição de imagens (Decreto Lei 2.848 de 07 de dezembro de 1940. art.212; Portaria nº 1, de 23 de junho de 2010; Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002). Também foram abordadas possibilidades e fontes de captação de recursos e estratégias para a viabilidade de funcionamento e atendimento ao público (da ROCHA, et.al., 2013; LUCAS & ROCHA, 2019; IFAA 2012).

Participação

- Participação presencial: 25
- Visualizações ao vivo no youtube: 73
- Visualizações após 30 dias: 196

Considerações finais

Os objetivos propostos foram alcançados, demonstrando que os museus de anatomia são instituições essencialmente de origem universitária e representam uma modalidade com pouca inserção no ecossistema museal brasileiro. A realização desta RT representa uma mudança nessa realidade, que precisa ser fortalecida e ampliada. Como encaminhamentos, propôs-se fortalecer e ampliar o grupo de discussão sobre Museus de Anatomia, aproximando a Sociedade Brasileira de Anatomia e a Rede de Coleções e Museus Universitários, propiciar mais encontros e debates sobre questões relativas a esses museus (doação de corpos, legislação, ética, trocas de experiências) e promover ampla divulgação sobre a obrigação legal da guarda, preservação e comunicação dos acervos.

Participantes

Athelson Stefanon Bittencourt, athelson.bittencourt@ufes.br (Museu de Ciências da Vida da UFES); Bárbara de Lima Lucas, lucas.barbara@gmail.com (Museu de Anatomia Humana da UnB); Andréa Oxley da Rocha, oxley@ufcspa.edu.br (Museu de Anatomia da UFCSPA); 25 participantes presenciais e 73 participantes virtuais.

Agradecimentos

[CNPq-MCTI, FINEP, UFES, UFCSPA, UNB.]

Referências

BRASIL. Decreto Lei 2.848 de 07 de dezembro de 1940 do Código Penal brasileiro. Dos crimes contra o respeito aos mortos. art.212. Vilipêndio a cadáver. Diário oficial da União: Rio de Janeiro, RJ, ano 119, 7 dez. 1940.

BRASIL. Lei nº 8.501, de 30 de novembro de 1992. Dispõe sobre a utilização de cadáver não reclamado para fins de estudos ou pesquisas científicas. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 1 dez. 1992.

BRASIL. Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. Institui o Código Civil. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 11 jan. 2002.

BRASIL. Portaria nº 1, de 23 de junho de 2010 do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios. Atualiza o protocolo para destinação e utilização de cadáveres e de partes do corpo humano para o ensino e a pesquisa científica. Diário Oficial da União: 28 jun. 2010.

DA ROCHA, A.O; et.al. The Body Donation Program at the Federal University of Health Sciences of Porto Alegre: A Successful Experience in Brazil. American Association of Anatomists, p.455. 2013.

FERNANDES, M.S.; SILLA, L.; GOLDIM, J.R.; MARTINS COSTA, J. Brazilian legal and bioethical approach about donation for research and patents of human body parts. J community Genet. v.8, n.3, p.199-208. 2017. Disponível em: doi: 10.1007/s12687-017-0303-y.

IFAA - International Federation of Associations of Anatomists. Recommendations of good practice for the donation and study of human bodies and tissues for anatomical examination. Plexus: Newsletter of the IFAA. p.4. 2012. Disponível em: http://www.ifaa.net/wp-content/uploads/2017/09/plexus_jan_2012-screen.pdf. Acesso em: ago. 2024.

INGLATERRA. Anatomic Act, CAP LXXV. 1 ago. 1832.

LUCAS, B.L.; ROCHA, A. O. Análise de lacunas e perspectivas sobre programas de doação de corpos: relato de experiência no Brasil. Revista Brasileira De Educação Médica. v.47, n.3, p. e102. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v47.3-2022-0375>. Acesso em: ago. 2019.

VESALIUS, ANDREAS. De Humani Corporis Fabrica. Pádua: Itália: [s.n.]. 1543.



Reunião Temática Coleções e Museus de Anatomia composta por: Athelson Stefanon Bittencourt-UFES, Bárbara de Lima Lucas-UNB e Andréa Oxley da Rocha-UFCSPA.
Fotógrafo: Flávio Almeida



Composição da Coordenação da Reunião Temática Coleções e Museus de Anatomia composta por: Athelson Stefanon Bittencourt-UFES, à esquerda, Bárbara de Lima Lucas-UNB, à direita e Andréa Oxley da Rocha-UFCSPA ao centro da foto. Fotógrafo: Flávio Almeida

COMISSÃO PERMANENTE E MULTIDISCIPLINAR SOBRE MUSEUS FEDERAIS NO ÂMBITO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Coordenadores

Damiane Daniel Silva Oliveira dos Santos (MEC - SESU) - damianesantos@mec.gov.br

Ana Luiza Souza Carvalho (MEC) - anascarvalho@mec.gov.br

Noris Mara P M Leal (UFPEL) – norismara@gmail.com

Resumo

A reunião temática realizada no 8º FPMU teve como propósito central apresentar os resultados do trabalho da Comissão Permanente e Multidisciplinar sobre museus federais no âmbito do Ministério da Educação e debater, de forma democrática, as novas políticas públicas para os museus do MEC. Esse trabalho nasceu a partir do Acórdão 1243/2019 do TCU, que exigiu melhorias na segurança e na gestão dos museus federais. Em resposta, foi criado um Plano de Ação Geral pelo Grupo de Trabalho Interministerial, e o MEC desenvolveu seu próprio plano para aprimorar a supervisão e a coordenação das instituições sob a sua tutela.

Palavras Chaves

Museu Universitário, Universidade Federal, Instituto Federal, Políticas Públicas, Educação Superior

Proposta de Discussão

A reunião foi aberta por Graciele Siqueira, que deu as boas-vindas aos participantes e apresentou os informes gerais e, destacou a presença de representantes do Ibram e do auditor fiscal Pedro Augusto do Tribunal de Contas da União.

A mesa foi composta por membros da Comissão Permanente sobre Museus Federais vinculados ao MEC: Damiane Daniel Silva Oliveira dos Santos (SESu/MEC), Ana Luíza Souza Carvalho (Secretaria-Executiva do MEC), Noris Mara Pacheco Martins Leal (UFPEL e consultora da Unesco), Gabriela de Lima Gomes (UFOP), Sandro Cerveira (UNIFAL), Hildenia Oliveira (UFAL) e Marcelo Cunha (UFBA). Cada membro apresentou sua atuação na comissão e realizou sua autodescrição. A mediação foi conduzida pelo professor Maurício Cândido da Silva, coordenador-geral das reuniões temáticas do Fórum.

Foram apresentados os principais trabalhos da comissão desde 2023, incluindo a criação de grupos técnicos (GTs) voltados à institucionalização, plano museológico, quadro de pessoal e orçamento. Destacou-se a produção de guias técnicos sobre institucionalização de museus, elaboração de planos museológicos e captação de recursos. Também foram apresentados o diagnóstico do quadro de pessoal nos museus federais e as diretrizes para cooperação com órgãos de segurança, ainda em elaboração.

A comissão ressaltou a importância da atualização anual do Cadastro Nacional de Museus, a necessidade de unificação de dados entre MEC, **Ibram** e instituições, e a proposta de matriz orçamentária em discussão desde 2022. Foram mencionadas parcerias com **Ibram**, MCTI, **Minc** e FINEP, além da intenção de realizar seminários, workshops e webinários para ampliar a escuta e o diálogo com as instituições.

DISCUSSÃO NO FÓRUM

Aberta a palavra para a plenária, Rodrigo Arantes Reis questionou a disponibilidade dos produtos apresentados, sendo informado de que estarão no site do MEC em breve. Michele (UNIVASF) destacou a necessidade de criação de vagas para museólogos e de equidade na distribuição de recursos para museus em universidades jovens e interiorizadas. Maíra Dias (UFPB) relatou dificuldades de comunicação entre o MEC e os técnicos, além de pressões para responder ao TCU sem estrutura adequada, solicitando maior participação dos museólogos na construção das diretrizes.

Cláudia Carvalho (UFRJ) fez um apelo pela disponibilização urgente dos materiais e pela discussão presencial da matriz orçamentária, ressaltando a autonomia universitária. Rita de Cássia (Conselho Federal de Museologia) solicitou esclarecimentos sobre o prazo de entrega dos materiais, confirmado para o final de outubro. Bruno Araújo (UFPE) propôs metodologias mais assertivas nas reuniões, com foco temático e objetividade. Andreia (UNIFAL) expressou preocupação com museus pequenos e descentralizados, sugerindo editais específicos e fomento regular.

Como encaminhamentos, o MEC reafirmou o compromisso com a equidade e valorização dos museus universitários, a continuidade das reuniões regionais, a disponibilização dos materiais até dezembro, a discussão da matriz orçamentária em reunião específica e o planejamento de editais conjuntos com FINEP, **Ibram** e **Minc**. A valorização dos profissionais da área museológica foi definida como pauta permanente.

A reunião foi encerrada com agradecimentos à comissão organizadora e aos participantes, reforçando o compromisso com o fortalecimento da Comissão Permanente de Museus Federais.

PARTICIPANTES DA MESA:

Damiane Daniel Silva Oliveira dos Santos (SESu/MEC),
Ana Luíza Souza Carvalho (Secretaria-Executiva do MEC),
Noris Mara Pacheco Martins Leal (UFPEL e consultora da Unesco),
Gabriela de Lima Gomes (UFOP),
Sandro Cerveira (UNIFAL), Hildenia Oliveira (UFAL)
Marcelo Cunha (UFBA).
Mediação: Maurício Cândido da Silva – (USP)

AGRADECIMENTOS

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA
(UNESCO)

REFERÊNCIAS

BRASIL. Acórdão 1243/2019 – TCU – Plenário. Levantamento realizado para verificar as condições de segurança do patrimônio nos museus sob responsabilidade de órgãos ou entidades federais, bem como identificar os principais riscos e oportunidades de melhoria na gestão patrimonial e orçamentária desses equipamentos culturais. Distrito Federal, 2009. Disponível em: <<https://pesquisa.apps.tcu.gov.br/redireciona/acordao-completo/ACORDAO-COMPLETO-2352032>> Acesso: 25 mai 2025.

BRASIL. Decreto nº 10.175, de 13 de dezembro de 2019. Institui o Grupo de Trabalho Interministerial sobre Museus Federais. 2019. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2019-2022/2019/Decreto/D10175.htm> Acesso em: 25 mai 2025.

BRASIL. Acórdão de Relação 2477/2021 - Plenário. Levantamento realizado para verificar as condições de segurança do patrimônio nos museus sob responsabilidade de órgãos ou entidades federais, bem como identificar os principais riscos e oportunidades de melhoria na gestão patrimonial e orçamentária desses equipamentos culturais. Distrito Federal, 2021. Disponível em: <<https://pesquisa.apps.tcu.gov.br/redireciona/acordao-completo/ACORDAO-COMPLETO-2352032>> Acesso: 25 mai 2025



Componentes da Mesa: Maurício Candido, Sandro Cerveira, Gabriela Gomes, Marcelo Cunha, Hildenia Oliveira, Ana Luiza Carvalho, Noris Leal, Damiane Daniel
Fonte: Acervo do 8 FPMU / Fotógrafo: Flávio Almeida

Museólogas(os) nas Instituições de Ensino Superior

Coordenadores

Saulo Moreno Rocha (MAUC UFC)
Tatiana Alves de Almeida (MHNBA UFBA)

Resumo

A trajetória das museólogas e dos museólogos nas instituições de ensino superior brasileiras (IES) é marcada por contribuições decisivas em museus e coleções, departamentos acadêmicos e diversas instâncias voltadas à preservação do patrimônio universitário. A atuação articulada desses profissionais resultou em importantes conquistas, como o reconhecimento do valor científico e sociocultural dos museus e coleções para o ensino, a pesquisa e a extensão; a promoção da integração comunitária nos processos museológicos; a criação de sistemas e redes colaborativas; e a consolidação do Fórum Permanente de Museus Universitários (FPMU), que tem contado com a participação ativa da categoria em sua organização e fortalecimento. A reunião temática teve como objetivo mapear e debater os campos de atuação, os desafios profissionais e as potencialidades do fazer museológico no contexto universitário. A reunião foi um espaço propício à troca de experiências, à construção de parcerias estratégicas e ao fomento de articulações dos profissionais com o Sistema COFEM/COREMs, redes e cursos de Museologia, visando a valorização e a integração da profissão no meio acadêmico, a construção de estratégias para o fortalecimento coletivo da categoria e a superação de desafios compartilhados.

Palavras-chave

Museólogo; Museus universitários; Valorização institucional; Universidades.

Proposta de discussão

A Reunião Temática Museólogas(os) nas Instituições de Ensino Superior: áreas de atuação, desafios profissionais e perspectivas de fortalecimento surgiu do anseio de promover um encontro entre museólogas(os) que atuam no contexto universitário brasileiro, especialmente em cargos técnicos. Trata-se da primeira reunião com esse foco realizada no âmbito do Fórum Permanente de Museus Universitários (FPMU), aspecto que demonstra a importância da iniciativa e também o amadurecimento dessa categoria profissional nas Universidades brasileiras.

Discussão

O encontro foi iniciado com uma rodada de apresentações dos presentes e contextualização da proposta de RT por parte da coordenação. Saulo Moreno apresentou uma perspectiva geral sobre os objetivos, metodologia e principais questões para o debate. Tatiana Almeida apresentou um diagnóstico sobre a presença de museólogos no cargo de Técnico Administrativo em Educação (TAE) nas universidades federais, a partir de levantamento e coleta de dados em portais públicos (maio/2025). A pesquisa revelou a existência de apenas 89 códigos de vagas TAE/Museólogo ocupadas em toda Rede Federal de Ensino/MEC, distribuídas em 30 das 69 universidades federais, quantidade insuficiente, muito aquém do número de museus e coleções mapeados pelo MEC, Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), Tribunal de Contas da União (TCU) e Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários (RBCMU).

Tabela - Quadro comparativo das vagas de TAE Museólogo nas Universidades Federais e o número de museus nas instituições cadastrados na plataforma MuseusBr/IBRAM

Universidade	UF	Vagas	Museus	Universidade	UF	Vagas	Museus
UFAM	AM	2	2	UFMT	MT	2	4
UFPA	PA	3	10	UFES	ES	1	8
UNIR	RO	2	0	UFJF	MG	1	9
UFAL	AL	3	5	UFLA	MG	1	2
UFBA	BA	12	12	UFMG	MG	3	15
UFRB	BA	2	1	UFOP	MG	1	2
UFSB	BA	1	1	UFU	MG	2	5
UFC	CE	4	7	UFRJ	RJ	18	15
UFMA	MA	1	6	UNIRIO	RJ	1	0
UFPB	PB	2	6	UFPR	PR	3	3
UFPE	PE	2	5	FURG	RS	1	6
UFRN	RN	2	3	UFPEL	RS	2	10
UFS	SE	2	3	UFRGS	RS	6	15
UNB	DF	2	9	UFSM	RS	3	9
UFG	GO	2	7	UFSC	SC	2	6

Total de vagas TAE/Museólogo: 89 (Fonte: <https://portaldatransparencia.gov.br/servidores>. Acesso em 13/05/2025)

Total de museus: 186 (Fonte: <https://cadastro.museus.gov.br>. Acesso em 22/05 e 07.09.2025)

* Para fins de comparação, a ordem das universidades na tabela está distribuída por regiões, agrupada por cores:

Laranja: Norte / **Verde: Nordeste** / **Azul: Centro-oeste** / **Rosa: Sudeste** / **Amarelo: Sul**

Após contextualização, a palavra foi franqueada às pessoas presentes, que puderam expor suas contribuições e questões para o debate. Foram apresentadas diferentes visões sobre os problemas, desafios e potencialidades do fazer museológico nas IES:

1) Ausência de formalização de Setores de Museologia nos museus universitários, com consequente ausência dos lugares institucionais de atuação das(os) museólogas(os) nos organogramas institucionais e invisibilização da área;

2) Quantidade insuficiente de cargos TAE/museólogo na Rede Federal de Ensino. Inexistência do cargo TAE/museólogo em 39 das 69 das universidades federais, sendo que 50 possuem museus de acordo com o Painel do MEC; inexistência total do cargo na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPECT) que também possui museus, identificados pelo MEC, IBRAM e RBCMU; sem contar o universo das coleções, fragilizando as instituições e o cumprimento de sua missão;

3) Falta de articulação e diálogo entre profissionais de Museologia que atuam nas IES, como técnicos e docentes, fragilizando o diálogo intra e interinstitucional e a construção de ações conjuntas;

4) Fragilidade nos diálogos com instâncias responsáveis pela regulamentação dos cargos e atribuições, especialmente as comissões nacionais no âmbito do MEC, Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos (MGI), sindicatos e federações, demandando ação urgente para pautar as questões das(os) museólogas;

5) Fragilidade dos museus universitários estaduais e privados, com dificuldade adicional na localização de informações sobre equipe e o quantitativo de museólogos(as) que atuam nesse universo;

6) Ausência de valorização institucional das(os) museólogas(os), com baixo número de profissionais ocupando cargos de gestão e, no geral, submetidos a profissionais leigos e sem formação museológica especializada, o que produz graves lacunas de planejamento e fortalecimento dos museus e coleções;

7) Número significativo de profissionais em desvio de função na Rede Federal de Ensino/MEC, exercendo atribuições de museóloga(o), sem o credenciamento legal exigido pela regulamentação profissional (conforme Lei 7.287/84). Além disso, as propostas de formação a nível de pós-graduação para servidores técnicos de outros cargos, com formação em outras áreas, não podem ser compreendidas como forma de suprir a demanda por museólogo(a), visto que os profissionais adentram as instituições em cargos específicos e não devem ser desviados de suas atribuições e funções;

8) A ausência de qualificação técnica em Museologia e legislação museológica para os profissionais não museólogos que atuam em museus universitários, principalmente gestores, comprometendo o desenvolvimento pleno e planejado dos museus e coleções.

9) Discutiu-se a necessidade de criação de requisitos mínimos para ocupação do cargo de gestor de museu, considerando as especificidades da função e os requisitos necessários de formação. Ventilou-se a possibilidade de adoção de cursos preparatórios como requisito, bem como seleções públicas, a exemplo do que ocorre nos museus federais sob gestão do IBRAM e da Universidade de São Paulo (USP);

10) Discutiu-se o cenário caótico e sem regramento quanto à criação e funcionamento dos museus universitários, fragilizados pela ausência de orçamento, de equipe adequada e de condições estruturais.

Lista de participantes

O encontro reuniu 38 pessoas, a maioria museólogas(os) com atuação em Instituições de Ensino Superior (IES), vinculadas a 22 instituições públicas e privadas de todas as regiões do país^[1] (14 estados e do Distrito Federal), o que permitiu um diálogo ampliado sobre diferentes realidades locais e a identificação de desafios comuns.

Estiveram presentes também a presidenta do Conselho Federal de Museologia (COFEM); a presidenta do Conselho Regional de Museologia - 3ª Região (COREM 3R); a Coordenadora da Comissão Técnica Permanente e Multidisciplinar sobre museus federais no âmbito do Ministério da Educação (MEC/SESU); museólogos vinculados a um museu estadual do Ceará; estudantes de graduação e de pós-graduação em Museologia; profissionais, pesquisadores e estudantes de outras áreas que atuam em museus e coleções universitárias, conforme relação nominal:

Ana Júlia de Souza Neves Ladislau (Discente Arquitetura e Urbanismo UFC/ Bolsista MAUC/UFC); Andrezannatta de Alencar Campos (Geógrafo/ Mestrando PPG-Arqueologia/UFPI); Damiane Daniel Silva Oliveira dos Santos (MEC/SESU / Pedagoga/ TAE/Técnico em Assuntos Educacionais UFRJ); Natally Maria de Oliveira e Silva (TAE/Auxiliar em Administrativo UFPE/ MINTER PPG-PMUS/UNIRIO-UFPE); Lorena Francisca de Oliveira Castro (Arqueóloga/Mestranda do PPG-Arqueologia/UFPI); Paula Campelo Barbosa (Discente Museologia/UFBA); Rejane Maria Lira-da-Silva (Bióloga/Docente IBIO/UFBA); Sonia da Silva Pereira (TAE/Auxiliar de Enfermagem / MINTER PPG-PMUS/UNIRIO-UFPE).

Museólogas(os): Aline Escandil de Souza (Presidenta COREM 3R). Rita de Cassia de Mattos (Presidenta COFEM). Cláudia Maria Alves Vilhena (Pesquisadora Pós-doutorado - PPGCI/UFMG). Michele Ferreira Martins (TAE/Assistente em

[1] Vinculadas a 22 IES: UFPA 01, UFBA 06, UFC 04, UFPB 01, UFPE 02, UFPI 02, UFG 01, UFJF 01, UFOP 01, UFRJ 01, UFPR 02, UFPEL 01, UFRGS 01, UEFS 01, UNEMAT 01, PUC - Campinas 01, UNISATC 01, FUNDAJ 01, COFEM 01, COREM 3R 01, MEC-SESU 01, MIS-CE 02.

Administração UFG); Ranielle Menezes de Figueiredo (Docente do curso de Museologia/UFOP); Vania Medeiros Ribeiro (Bibliotecária UNISATC); Jorge Luís Lopes Junior (MIS-CE); Simone da Invenção Lopes (MIS-CE).

A Reunião Temática no 8º FPMU promoveu outro feito histórico, o 1º encontro nacional de museólogas(os) que atuam em museus de IES. Para fins de registro deste, destacamos, dos demais presentes, os 20 profissionais com cargos técnicos de museólogos nas instituições:

16 TAE/Museólogas(os) que atuam em universidades federais - Norte 01: Paola Haber Maués (Amazoniana/UFPA). Nordeste 08: Antonio Marcos de Oliveira Passos (MAS/UFBA), Elane Santos Gonçalves (EBA/UFBA), Moari Castro Ramos de Oliveira Alfredo (MMB/UFBA), Tatiana Alves de Almeida (MHNBA/IBIO/UFBA); Graciele Karine Siqueira (MAUC/UFC), Márcia Pereira de Oliveira (CJA/UFC), Saulo Moreno Rocha (MAUC/UFC); Maíra de Oliveira Dias (UFPB). Centro-oeste 01: Rossana Klippel de Souza José (Museu Antropológico/UFG). Sudeste 02: Raquel Barbosa da Silva (MAMM/UFJF); Aline Rocha de Souza Ferreira de Castro (MGEO/IGEO/UFRJ). Sul 04: Ana Luisa de Mello Nascimento (MAE/UFPR), Tamara Fernanda Carneiro Evangelista (MAE/UFPR); Eliane Muratore (Museu da UFRGS/UFRGS); Joana Soster Lizott (MALG/UFPEL).

01 museólogo que atua em museu federal vinculado ao MEC - Nordeste: Henrique de Vasconcelos Cruz Ribeiro (Analista em Ciência e Tecnologia MUHNE/FUNDAJ).

02 Museólogos que atuam em museus universitários estaduais - Nordeste: Cristiano Silva Cardoso (Analista Universitário em Museologia – MCS/UEFS). Centro-oeste: Pedro Henrique dos Santos Wolter (UNEMAT).

01 Museólogo que atua em IES privada – Sudeste: Rodrigo Luiz dos Santos (MUPUC-C).

Considerações finais e encaminhamentos

A partir das questões apresentadas, o grupo propôs a continuidade dos diálogos e a importância de que as(os) museólogas(os) das IES desenvolvam estratégias de articulação com diferentes instituições e entre si, de modo a fortalecer a categoria profissional e, conseqüentemente, o campo das coleções e museus universitários no país.

Como principal encaminhamento, foi aprovada a criação da **Articulação Nacional de Museólogas(os) de Instituições de Ensino Superior (Articulamus)**, que será uma instância de reunião, mobilização e representação da categoria profissional a nível nacional. Outras reuniões deverão ser convocadas, a fim de definir o modelo de organização e governança, bem como as diretrizes de ação da nova entidade. Por fim, destaca-se que a Articulamus buscará atuar em estreita sinergia com a Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários (RBCMUI), envidando esforços para fortalecê-la e atuando como um braço especializado do campo da Museologia universitária no país.

As pessoas e instituições presentes comprometeram-se a ampliar o alcance do debate iniciado, por meio do compartilhamento das questões tratadas com outros colegas e nos seus respectivos ambientes laborais. Por fim, agradecemos a participação de todas as pessoas e destacamos que sem museólogas(os), nossas instituições estão impedidas de cumprir plenamente o seu papel social e sua missão institucional. A valorização da Museologia e de seus profissionais significa um passo essencial para a consolidação das coleções e museus universitários como instâncias estratégicas de promoção dos vínculos entre universidade, ciência e comunidades.



Registros fotográficos da RT "Museólogas(os) nas Instituições de Ensino Superior". Autoria: Graciele Siqueira. 26 de agosto de 2025, na sala de aula da Faculdade de Direito da UFC.

ACERVOS E PLATAFORMAS DIGITAIS: PRINCÍPIOS, GOVERNANÇA E PRESERVAÇÃO DIGITAL EM MUSEUS UNIVERSITÁRIOS

Coordenadores

Bruno Melo de Araújo – UFPE – bruno.araujo@ufpe.br
Rosélia Adriana Rocha – SECULT/PE – roseliamuseologa@gmail.com
Rafaela Lima – IBRAM – rafaela.lima@museus.gov.br
Emanuela Sousa Ribeiro – UFPE – emanula.ribeiro@ufpe.br

Resumo

Este relato sistematiza os debates e encaminhamentos da Reunião Temática 06 – Acervos e Plataformas Digitais, realizada em 26 de agosto de 2025, na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará. A reunião teve como objetivo discutir a necessidade de políticas institucionais e diretrizes técnicas para a preservação digital de acervos em museus universitários, considerando fragilidades recorrentes de infraestrutura, descontinuidade de processos e ausência de padrões comuns entre as instituições. A discussão esteve ancorada na proposta de consolidação de uma Carta de Princípios para a preservação de acervos em plataformas digitais, construída de forma colaborativa a partir de experiências nacionais. Como resultados, foram definidos encaminhamentos para o aperfeiçoamento do documento e para a constituição de uma comissão interinstitucional voltada à formulação de recomendações mínimas de infraestrutura tecnológica, organizacional e de pessoal.

Palavras-chave

Preservação digital. Acervos digitais. Museus universitários. Plataformas digitais. Governança da informação.

Proposta de Discussão

A Reunião Temática 06 – Acervos e Plataformas Digitais foi concebida a partir do reconhecimento de que os acervos digitalizados e os dados culturais produzidos pelos museus universitários passaram a constituir parte estratégica do patrimônio cultural e científico brasileiro. Nesse contexto, o tema central da Reunião Temática consistiu na análise das condições institucionais existentes para a preservação digital no âmbito das universidades, com ênfase na necessidade de construção de diretrizes comuns que orientem a criação, a consolidação e a manutenção de repositórios digitais confiáveis, interoperáveis e acessíveis. A proposta de discussão teve como referência estruturante a Carta de Princípios de Preservação para Acervos em Plataformas Digitais, elaborada de forma colaborativa a partir do Seminário

Nacional de Acervos e Plataformas Digitais, realizado em Recife, em abril de 2025, a partir da qual se estabeleceram como objetivos do encontro problematizar a fragmentação das iniciativas de digitalização e de difusão de acervos nas universidades, discutir parâmetros mínimos de governança, infraestrutura e organização institucional, validar, junto à comunidade acadêmica e técnica, os princípios e recomendações preliminares apresentados no documento e, por fim, encaminhar a constituição de um grupo de trabalho voltado ao detalhamento das demandas estruturais comuns aos museus universitários.

Discussão no Fórum

As falas iniciais do RT 06 evidenciaram que, embora se observe uma ampliação do uso de ambientes digitais para a documentação, a difusão e o acesso aos acervos, essa incorporação tem ocorrido de forma desigual e, em grande medida, dissociada de políticas institucionais estruturantes, o que revela a persistência de limitações de natureza técnica, organizacional e conceitual. Ressaltou-se que a preservação digital não pode ser compreendida apenas como uma etapa posterior à digitalização, restrita à manutenção de arquivos ou à adoção de soluções tecnológicas pontuais, mas como um campo de gestão estratégica que articula dimensões informacionais, patrimoniais, éticas e políticas. Nessa perspectiva, a inexistência ou a precariedade da infraestrutura de hardware e software nas instituições, a ausência de políticas permanentes de armazenamento, de rotinas de backup e de estratégias de migração tecnológica foram interpretadas como expressões de uma fragilidade mais ampla da governança da informação nas universidades. Destacou-se que a dependência recorrente de soluções temporárias, vinculadas a projetos de curta duração ou a iniciativas isoladas de grupos de pesquisa, compromete a sustentabilidade dos repositórios e tensiona a própria função social dos museus universitários, na medida em que fragiliza a garantia de acesso continuado, de autenticidade e de integridade dos acervos digitais.

A descontinuidade dos fluxos de digitalização e de disponibilização pública foi debatida como um problema estrutural, que afeta diretamente a confiabilidade dos sistemas de informação e a capacidade das instituições de memória de se afirmarem como produtoras e custodiantes de dados culturais em ambientes digitais. Argumentou-se também que a confiabilidade dos repositórios não se sustenta apenas na existência de plataformas tecnológicas, mas depende também da consolidação de políticas institucionais que definam responsabilidades, protocolos, critérios de qualidade, mecanismos de auditoria e estratégias de preservação de longo prazo.

Outro eixo central do debate foi a carência de padrões mínimos compartilhados, tanto no que se refere à descrição, à organização e à representação dos objetos digitais, quanto aos procedimentos técnicos e administrativos associados à preservação. Os participantes destacaram que, mesmo quando existem plataformas

institucionais, estas tendem a operar de forma isolada, sem interoperabilidade e em limitada articulação com redes nacionais de preservação digital, o que compromete a circulação e a reutilização de dados, e a integração dos acervos universitários a ecossistemas mais amplos de ciência aberta e infraestruturas de pesquisa compartilhada.

Os coordenadores da Reunião Temática reforçaram a centralidade da proposta de consolidação da Carta de Princípios de Preservação para Acervos em Plataformas Digitais. O documento é um marco conceitual orientador, que reconhece os acervos digitalizados como patrimônio cultural, e não apenas como produtos técnicos derivados dos acervos físicos, reafirmando a necessidade de sua inserção no campo das políticas públicas de memória, cultura e ciência. A Carta fundamenta-se na adoção dos princípios FAIR e dos princípios CARE, que introduzem uma dimensão ética e política à gestão dos dados culturais, ao enfatizar o benefício coletivo, a responsabilidade institucional e o respeito a autoridade sobre os dados em suas comunidades de origem.

A discussão evidenciou, ainda, que a implementação efetiva desses princípios demanda a constituição de equipes técnicas multidisciplinares e a formulação de planos institucionais de gestão digital de acervos, alinhados a modelos consolidados de preservação digital e à compreensão da preservação como um processo contínuo, que envolve desde a produção dos dados até sua curadoria, documentação, disseminação, reuso e salvaguarda de longo prazo. Os participantes destacaram que a inexistência de políticas institucionais explícitas de preservação digital fragiliza a inserção dos museus universitários nas agendas de ciência aberta e regulação do uso de dados culturais, limitando sua capacidade de atuação. Ressaltou-se, ainda, que a consolidação dessas políticas integra um processo mais amplo de institucionalização da cultura digital nas universidades, que envolve a sensibilização da alta gestão e a incorporação do tema no planejamento institucional.

PARTICIPANTES

Bruno Araújo (UFPE), Emanuela Ribeiro (UFPE), Edson Armando (UEPG), Marília Xavier Cury (USP), Melian Gaspar (USP), Pedro Augusto Resende Amorim (TCU), Rodrigo César de Araújo Santos (UNESP), Raniel Fernandes (UNB), Rodney Santos (UFPB), Cristiane Xerez Barroso (UFC), Wilson Franklin Júnior (UFC), Pedro Bastos Carneiro (UFDPAR), Claudia Rejane Schavarinski Santos (SETI-PR), Ingrid Lopes de Souza (UNILA), Marcus Marciano Gonçalves (UFMG), Pedro Henrique Ferreira de Melo (UFJF), Bruna Marina Portela (UFPR), Abel de Vargas Mescenas (UFBA), Renê Wagner Ramos (SETI- PR), Laura Rodrigues (UFPB), Antônio Marcos de Souza Barbosa Miranda (UFMG), Marcella Scoczynski (UTFPR), Niltonci Batista Chaves (UEPG), Patricia Regina Santos Garcia (UFRJ), Barbara Rodrigues Nogueira (UFC), Ludmila Leite Madeira da Costa (UNIRIO), Regis Torquato de Araújo (UFC), Erika Bezerra Meneses Pinho (UFC), Thaiana Barros dos Santos (UFC), Hildênia Santos de Oliveira (UFAL), Mariana Shinorara (USP), Gisele Nascimento Barroso (UFPA),

Cássio Alexandre Souza dos Santos (UFPA), Michel Kobelinski (UNESPAR), Maura Coutinho Pessoa (UFPE), Mayara Monteiro (UFG), Cintia Maria do Nascimento (UFAL), Carlos Augusto Jotta (UFG), Patricia Avello Nicola (UNIVASF), Roberto Borges (A.C.D).

Considerações Finais

Os objetivos propostos pela Reunião Temática foram alcançados, na medida em que o encontro possibilitou a validação coletiva dos princípios estruturantes da Carta de Princípios de Preservação para Acervos em Plataformas Digitais e a ampliação do debate sobre a necessidade de políticas institucionais de preservação digital no campo dos museus universitários. Como principal encaminhamento, deliberou-se pelo aperfeiçoamento do documento, responsável por indicar princípios básicos para a preservação de acervos digitais nas universidades; e pela constituição de uma comissão interinstitucional com a finalidade de elaborar um documento técnico que sintetize as demandas mínimas de infraestrutura de hardware, software e de pessoal para a difusão e a preservação digital nos museus universitários.

Agradecimentos

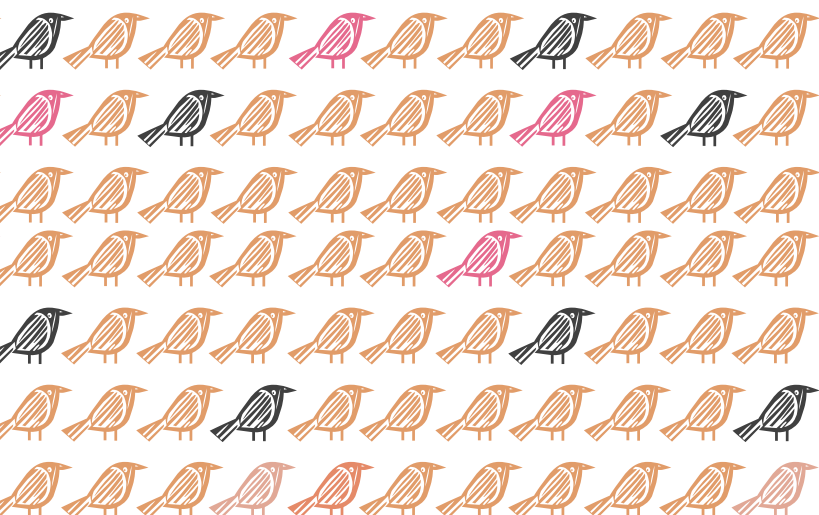
Aos participantes da Reunião Temática 06 – Acervos e Plataformas Digitais e às instituições envolvidas na organização do Fórum de Museus Universitários.



Emanuela Ribeiro e Bruno Melo - RT de Acervos e Plataformas Digitais.
Fotógrafo: Flávio Almeida



Momento de apresentação dos resultados e encaminhamentos das Reuniões Temáticas (RT) realizadas no evento. Fotógrafo: Flávio Almeida



I SEMINÁRIO DE FISCALIZAÇÃO MUSEAL

O I Seminário de Fiscalização Museal constituiu um dos momentos estruturantes da programação do 8º Fórum Permanente de Museus Universitários, consolidando-se como espaço qualificado de diálogo entre gestores, profissionais, pesquisadoras(es) e representantes institucionais sobre os desafios contemporâneos relacionados à regulação, acompanhamento e fortalecimento das práticas museológicas no âmbito das coleções e museus universitários. Articulado pela Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários e promovido pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), o seminário ampliou as discussões sobre responsabilidade pública, gestão de riscos, preservação e conformidade técnica, contribuindo para o alinhamento do campo às políticas nacionais de museus e aos marcos normativos vigentes.

A realização do seminário esteve diretamente articulada à pesquisa conduzida pelo Ibram, entre 23 de maio e 11 de julho de 2025, sobre gestão de riscos em museus universitários, iniciativa que buscou mapear cenários, identificar fragilidades estruturais e compreender as condições institucionais que impactam a salvaguarda dos acervos e a sustentabilidade das ações museológicas. Os resultados apresentados evidenciaram a diversidade de realidades enfrentadas pelas instituições e reforçaram a necessidade de estratégias colaborativas, formação continuada e fortalecimento das redes de apoio técnico, apontando caminhos para políticas públicas mais consistentes e sensíveis às especificidades desse segmento museal.

Ao integrar o seminário à programação do Fórum, reafirmou-se o compromisso com a qualificação do debate técnico e com a construção coletiva de soluções, fortalecendo a articulação entre órgãos federais, redes colaborativas e profissionais que atuam diretamente na preservação, pesquisa e difusão das coleções universitárias brasileiras. Para conhecer a estrutura do Formulário e os resultados da pesquisa: <https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/noticias/ibram-divulga-resultados-de-pesquisa-sobre-gestao-de-riscos-para-museus-universitarios>

SEMINÁRIO DE FISCALIZAÇÃO MUSEAL: dialogando com os museus universitários sobre Gestão de Riscos

Ana Carolina Gelmini de Faria^[1]
Fábio Guimarães Rolim^[2]
Leonardo Neves Batista^[3]
Ricardo Alfredo de Carvalho Rosa^[4]
Simone Mitsumori^[5]

2024 foi um ano importante para a construção de política pública no setor museológico. Elaboramos coletivamente, após um hiato de desmantelamento da área da Cultura, o Plano Nacional Setorial de Museus (PNSM), com vigência de dez anos, com abrangência de 2025 a 2035. Para essa produção metodologias de coleta de subsídios foram implementadas, a exemplo do (re)Conexões, programa que tem por objetivo fomentar de forma ampla e democrática a construção de agendas de trabalho, diretrizes e políticas públicas para o campo museal.

A aproximação do Instituto Brasileiro de Museus com os profissionais que atuam em coleções e museus universitários não é recente, mas tem a conjuntura de 2024 como potencializadora dessa relação (figura 1). Encontros como o (re)Conexões Coleções e Museus Universitários, com o tema “Coleções e Museus Universitários: desafios, perspectivas e contribuições para o Plano Nacional Setorial de Museus”, bem como a reunião autogestionada “Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários”, que compôs a programação do 8º Fórum Nacional de Museus (Fortaleza - CE, 2024), permitiram trocas de experiências e de necessidades que culminaram em produção de documentos históricos de escuta: a “Moção de apoio aos museus universitários” e a “Carta de Intenções da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários ao Ibram” são produtos desse processo. Esses movimentos ampliam a visibilidade das coleções e museus universitários no âmbito das políticas públicas e causam desdobramentos de impacto para o segmento, a exemplo de sua representação em diretrizes do Plano Nacional Setorial de Museus e diálogo direto dos gestores e profissionais de coleções e museus universitários com o Instituto Brasileiro de Museus/Ministério da Cultura, Ministério da Educação, e Ministério da Ciência e Tecnologia.

1 Museóloga, mestre e doutora em Educação. Diretora do Departamento de Processos Museais do Instituto Brasileiro de Museus. Endereço eletrônico: carolina.gelmini@museus.gov.br

2 Arquiteto. Chefe de Divisão de Fiscalização Museal do Instituto Brasileiro de Museus. Endereço eletrônico: fabio.rolim@museus.gov.br

3 Museólogo. Chefe de Divisão de Preservação e Segurança do Instituto Brasileiro de Museus. Endereço eletrônico: leonardo.batista@museus.gov.br

4 Museólogo. Coordenador de Acervos do Instituto Brasileiro de Museus. Endereço eletrônico: ricardo.rosa@museus.gov.br

5 Arquiteta. Coordenadora de Gestão de Riscos e Fiscalização Museal do Instituto Brasileiro de Museus. Endereço eletrônico: simone.mitsumori@museus.gov.br

Figura 1 - Marcos do diálogo entre profissionais de coleções e museus universitários com o Ibram



Fonte: Dos autores, 2025.

Durante o 8º Fórum Nacional de Museus, na reunião autogestionada da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários, em novembro de 2024, representantes da Rede e do Instituto Brasileiro de Museus realizaram um diálogo sobre o tema Fiscalização Museal, motivados pela previsão da realização de um encontro do Instituto Brasileiro de Museus com os museus universitários federais como meta do planejamento anual de ações de Fiscalização para o ano seguinte (2025). Dentro das atribuições legais do Instituto Brasileiro de Museus, a atividade de fiscalização museal tem caráter obrigatório, sendo estabelecida primariamente no Estatuto de Museus (Lei nº 11.904/2009) e na lei de criação do Instituto (Lei nº 11.906/2009). A fiscalização museal tem como objetivo a proteção e a preservação do museu, do bem musealizado e do bem declarado de interesse público. Além disso, ela tem caráter educativo e preventivo, ressalvada a atuação coercitiva e punitiva nos casos previstos na Resolução. Compete ao Instituto a fiscalização de museus públicos federais, portanto, a partir de seu escopo de atuação identifica-se que os museus universitários vinculados às universidades federais e institutos de educação são o recorte majoritário de atuação da Fiscalização Museal gerida pelo Instituto.

Com as articulações entre a Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários e o Instituto Brasileiro de Museus ao longo do primeiro semestre de 2025 definiu-se a programação do 8º Fórum Permanente de Museus Universitários com um dia reservado para a realização de um Seminário de Fiscalização Museal. Assim, o Instituto promoveu, também com o apoio da Rede, a "Pesquisa de Gestão de Riscos para os Museus Universitários", que teve por objetivo identificar os riscos mais frequentes nos museus universitários federais. Vale lembrar que a "Carta de Intenções da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários ao Ibram", de 4 de fevereiro de 2025, já havia colocado a importância da ampliação de pesquisas para o conhecimento do setor. A coleta de dados visou subsidiar as ações implementadas pelos programas do Instituto, além de produzir conhecimento sobre o setor, a ser compartilhado com pesquisadores e utilizados na produção de indicadores para o aperfeiçoamento dos museus universitários federais. A pesquisa foi realizada entre os dias 23 de maio e 11 de julho de 2025. O questionário foi dividido em quatro blocos temáticos, com questões objetivas (Figura 2).

- Assinale os riscos associadas às mudanças climáticas que podem afetar a sua instituição;
- Existe alguma "memória institucional" em que registrou-se os eventos que geraram danos/ameaças aos acervos?
- Quais são os meios utilizados para registrar os eventos que geraram danos/ameaças aos acervos?

BLOCO 4: Recursos e infraestrutura para gestão de riscos

- O museu/núcleo museológico possui equipamentos ou instalações de segurança? (Alarme, câmera de segurança, detector de incêndio, hidrante, entre outros);
- Especifique os tipos de planos, equipamentos ou instalações de segurança, em funcionamento, que a instituição possui;
- Qual o tipo de sistema de ventilação que o museu/núcleo museológico dispõe?
- Qual o tipo de sistema de iluminação que o museu/núcleo museológico dispõe?
- Qual o tipo de sistemas de vigilância que o museu/núcleo museológico dispõe?
- O museu/núcleo museológico possui certificação do Corpo de Bombeiros (Ex.: Auto de Vistoria do Corpo de Bombeiros - AVCB, Certificado de Conformidade, Habite-se etc.) ou documento equivalente vigente?
- O museu/núcleo museológico possui alvará de funcionamento emitido pela autoridade competente? (Ex.: Prefeitura)
- O museu/núcleo museológico possui alvará de funcionamento emitido pela autoridade competente? (Ex.: Prefeitura)
- Os funcionários do museu/núcleo museológico recebem algum tipo de treinamento na área de segurança em museus?
- Quais os tipos de treinamento foram realizados pela equipe do museu/núcleo museológico para atuação em emergências?
- Esses treinamentos foram disponibilizados para as equipes de quais áreas da instituição?
- O museu/núcleo museológico conta com serviço de manutenção predial?
- Caso o museu/núcleo museológico não conte com serviço de manutenção predial, especifique o(s) motivo(s) da ausência de serviço de manutenção predial;
- Que tipos de manutenções prediais são normalmente executadas na instituição?
- Quais áreas ou sistemas estão incluídos nessas manutenções?
- Especifique o tipo de equipe responsável pela manutenção predial;
- Especifique o(s) motivo(s) da ausência de serviço de manutenção predial;
- A instituição possui orçamento específico para as questões de gerenciamento de risco?
- Além da coleção museológica, quais outros tipos de coleções a instituição possui?
- O museu/núcleo museológico possui inventário de suas coleções?
- Indique a predominância das tipologias do acervo da sua instituição;
- Indique a predominância de materiais que compõem a coleção do Museu/Núcleo Museológico;
- O Museu/Núcleo Museológico possui política de aquisição e descarte para o acervo?
- A documentação do acervo está acessível em meio;
- Existe algum tipo de cópia de segurança (backup) da documentação em meio digital?
- O museu/núcleo museológico possui reserva técnica?

- A reserva técnica encontra-se no mesmo edifício do museu/núcleo museológico?
- Especifique os tipos de equipamentos ou instalações de segurança da reserva técnica que o museu/núcleo museológico possui;
- Indique quais tipos de acidentes já ocorreram no museu/núcleo museológico.

O Seminário de Fiscalização Museal, ocorrido no dia 27 de agosto de 2025, pode ser acessado no Canal do Youtube do Fórum Permanente de Museus Universitários, no endereço eletrônico <https://www.youtube.com/@forumpermanentedemuseus>. A apresentação dos resultados da pesquisa encontra-se disponibilizado no endereço eletrônico <https://www.gov.br/museus/pt-br/assuntos/noticias/ibram-realiza-pesquisa-sobre-gestao-de-riscos-nos-museus-universitarios>. Esperamos que os dados coletados possibilitem reflexões sobre a gestão preventiva e educativa dos museus universitários.

Participar da pesquisa propiciou aos respondentes colaborarem no diagnóstico do segmento, mas também, realizarem uma autoavaliação da temática gestão de riscos nos museus que atuam. Nessa perspectiva destacamos, ainda, o lançamento do curso à distância de Gestão de Riscos para Acervos Museológicos do Programa Saber Museu, pois aliado à autoavaliação torna-se um poderoso recurso de capacitação. Disponível em <https://www.escolavirtual.gov.br/curso/964>, é um convite ao estudo de identificação de agentes de risco, valoração de acervos, classificação de eventos, além de conhecimento de planos de tratamento de riscos.

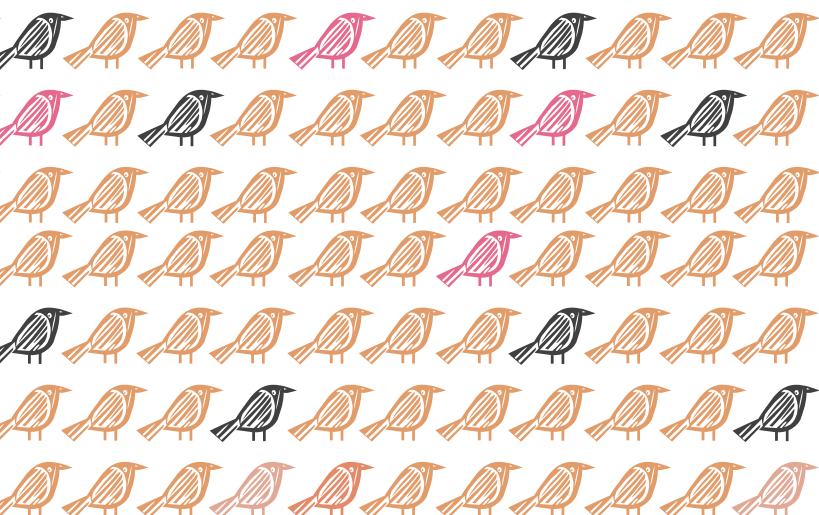
A relação entre os profissionais de acervos e museus universitários e o Instituto Brasileiro de Museus se fortalece no compromisso de todos os agentes envolvidos em defesa do campo. Conscientes de que os museus universitários são um segmento de potência, seguiremos em atuação conjunta, pois o maior beneficiário dessa articulação é a sociedade.



Mesa de Abertura do I Seminário de Fiscalização Museal. Fotógrafo: Flávio Almeida



Maurício Cândido, Ana Carolina Gelmini, Ricardo Rosa, Vera Mangas, Leonardo Neves, Simone Mitsumori e Fábio Rolim. Fotógrafo: Flávio Almeida

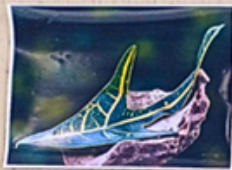


DEPOIMENTO

“

O 8ºFPMU foi enriquecedor para minha formação e fazer museológico e de grande relevância no contexto dos museus universitários com acolhimento e ricos debates. A valorização das pessoas e de seus trabalhos foi carinhosa e me senti honrada com o Prêmio Edna Taveira, reforçando a potência do Museu de Anatomia da UFRJ. Agradeço a oportunidade de usufruir do convívio agradável, das instalações do alojamento e do restaurante universitário e da beleza da cidade de Fortaleza.

Ludmila Ribeiro
Coordenadora do Museu de Anatomia "Por dentro do Corpo"



Apice



Capomato subótico



Tronco lateral



Lâmina later



Tronco medial



Setor de copa



Por dentro do corpo



Respira



Respiração transpiratória



Tronco lateral



Fuções laterais

ORGÂNICA
 @ JULIANA THEBERGE

Orgânica é uma exposição de fotografias artísticas de autoria de Juliana Theberge e idealização de Ludmila Ribeiro, coordenadora do Museu de Anatomia "Por dentro do Corpo", realizada como estratégia didática para agregar Arte às visitas realizadas ao Museu de Anatomia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, Brasil).

A exposição intenciona revelar a percepção e registro das texturas e formas encontradas na anatomia humana, e vegetal de exemplares da flora da ilha do fundão - RJ.

“ Ao trazer o limite entre as estruturas anatômicas humanas e vegetal, "Orgânica" revela a continuidade do ciclo biológico da vida, unificando as interfaces artística e científica por meio do diálogo prático de integração, diálogo e construção entre o corpo, que a nós pertencem, e os organismos vegetais, que nos circundam. ”

Assista na íntegra o documentário de criação da exposição Orgânica

#PORDENTRODOCORPO

8 FPMU FÓRUM PERMANENTE DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS

Prêmio EDNA TAVEIRA

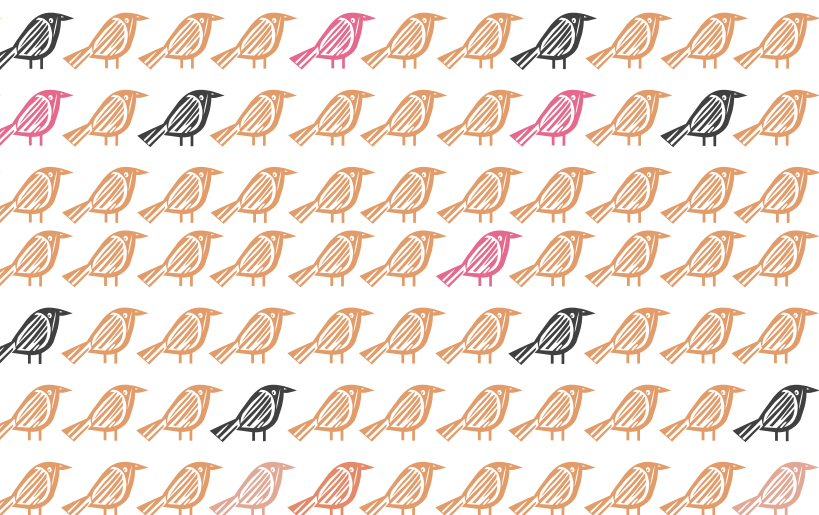
Juliana Theberge

8 FPMU EDNA TAVEIRA

Comunicamos que o prêmio intitulado "Orgânica: A Interface Arte e Ciência no Museu de Anatomia UFRJ", desenvolvido por Juliana Theberge dos Santos de Oliveira e Ludmila Ribeiro de Carvalho, foi selecionado como o melhor trabalho no categoria Museu de Anatomia no 8º Fórum Permanente de Museus Universitários, realizado em Fortaleza, no Ceará, no dia 20 de agosto de 2023. Este trabalho é resultado do acionamento e realização, organização e curadoria orgânica sobre o campo dos prêmios museológicos.

8 FPMU EDNA TAVEIRA

CorFEUC UFRJ FCPC MAUC



MOÇÕES

No 8ºFPMU, as moções funcionaram como instrumento de expressão coletiva, registrando publicamente posicionamentos, reconhecimentos e recomendações sobre temas centrais aos museus universitários. Ao reunir diferentes perspectivas em um texto curto e assertivo, esse mecanismo deu visibilidade a consensos construídos em debate e reforçou princípios de defesa do patrimônio, das comunidades e das instituições de ensino e pesquisa.

A prática teve valor político direto: transformou discussões em encaminhamentos, convertendo demandas em agenda comum. Foram admitidos quatro formatos: apoio, aplauso, recomendação e repúdio, capazes de sustentar causas, celebrar trajetórias, sugerir caminhos e confrontar retrocessos. Com isso, ampliou-se a capacidade de incidência sobre políticas públicas, fortalecendo articulações interinstitucionais e a responsabilidade compartilhada.

As proposições foram apresentadas por participantes inscritos, em até 500 caracteres, com identificação completa. As submissões ocorreram até 28/08, às 17h, na recepção do evento ou pelo e-mail oficial. A Comissão Organizadora analisou pertinência, linguagem e adequação, assegurando clareza, respeito e coerência com os objetivos do encontro.

Tipo: Recomendação

Nome: Moari Castro Ramos de Oliveira Alfredo

Instituição: Memorial da Medicina Brasileira - UFBA

Desde 2010, o sistema universitário de museus da UFBA foi concebido institucionalmente como órgão estruturante, mas até o devido momento segue sem qualquer regulamentação, estrutura ou plano. Entendo que o Sistema seja a ferramenta institucional para impulsionar o avanço profissional que os museus da UFBA precisam, por isto, solicito apoio ao 8º FPMU para encaminhar à UFBA uma recomendação da criação de um GT visando a institucionalização e normatização do sistema.

Tipo: Recomendação

Nome: Lílian de Souza Leitão

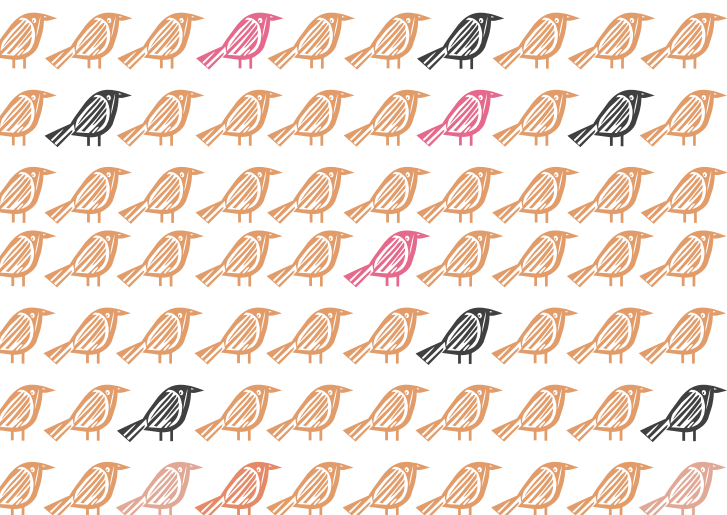
Instituição: Universidade Federal do Ceará - UFC

De 25 a 28 de agosto de 2025 a UFC está sediando o Fórum Permanente de Museus Universitários, mostrando em suas visitas técnicas algumas das diversas coleções e acervos localizados na cidade de Fortaleza. Como a Museologia serve para gerir, preservar, interpretar e promover o patrimônio público e zelar pela democratização do acesso à memória cultural, nos reunimos para pedir a criação do Curso de Museologia na Universidade Federal do Ceará.

Ambas as moções foram aprovadas e seguiram para apreciação na Plenária Final e passaram a integrar os anais, com posterior divulgação nos canais do Fórum. Ao consolidar compromissos e orientar ações futuras, esse processo converteu a participação em pactos públicos, reforçando a capacidade da rede de influenciar agendas, garantir direitos e sustentar práticas museológicas mais justas, colaborativas e transparentes.



Votação das moções - Fotografia: Flávio Almeida



PROPOSTA PARA REGIMENTO INTERNO DO FPMU

A Comissão Organizadora do 8ºFPMU decidiu elaborar uma Proposta de Regimento Interno do Fórum Permanente de Museus Universitários. O documento consolida princípios, objetivos, instâncias de deliberação e formas de participação, definindo papéis, competências e fluxos. Também organiza processos como rodízio de sedes, eleição de coordenações, criação de grupos de trabalho, tramitação de moções, premiação e comunicação pública, assegurando continuidade entre edições, memória institucional e transparência.

Os benefícios são diretos: regras claras reduzem conflitos, dão previsibilidade a calendários e responsabilidades, qualificam critérios de submissão e avaliação, e fortalecem a prestação de contas. O regimento favorece inclusão, acessibilidade e escuta social, amplia parcerias, facilita captação de recursos e oferece segurança jurídica ao alinhar práticas às normas de universidades e políticas de museus. Ao prever registro e disponibilização de documentos em repositório aberto, garante rastreabilidade e acesso para toda a rede.

Esperamos que os próximos Fóruns possam se beneficiar deste documento.

PROPOSTA PARA REGIMENTO INTERNO DO FÓRUM PERMANENTE DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS

DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º O Fórum Permanente de Museus Universitários foi criado em 1992 e teve sua primeira edição realizada na Universidade Federal de Goiás, sob o tema “O Museu Universitário Hoje”. São objetivos permanentes do Fórum:

- I - Promover o diálogo entre a comunidade acadêmica, museológica e a sociedade, incentivando a difusão do conhecimento e a valorização do patrimônio universitário;
- II - Estimular a inovação, a pesquisa, o ensino e a extensão no campo dos museus e das coleções universitárias; e
- III - Fortalecer práticas museológicas que integrem ciência, cultura e comunidade, contribuindo para o desenvolvimento social.

Art. 2º Este regimento tem por finalidade estabelecer normas, diretrizes e atividades permanentes que garantirão a continuidade, a excelência e a identidade do Fórum Permanente de Museus Universitários em todas as suas edições. Todas as disposições aqui contidas deverão ser observadas por organizadores, comissões, colaboradores e participantes do evento.

DA COMPOSIÇÃO

Art. 3º O FPMU é composto por membros voluntários que variam a cada edição. É integrado por órgãos públicos, privados, autarquias, entidades e movimentos sociais representativos dos segmentos das coleções e museus universitários e dos setores da sociedade, com atuação amplamente reconhecida na preservação e gestão do patrimônio universitário.

Art. 4º A estrutura organizacional do evento é composta por diversas comissões, sendo as permanentes:

- I - Comissão Organizadora local: Responsável pela coordenação local, logística, programação, divulgação e execução do evento.
- II - Comissão Organizadora Nacional: Responsável pela coordenação ampliada, programação, divulgação e execução do evento.
- III - Comissão Científica: Responsável pela avaliação dos trabalhos submetidos, definição dos critérios de seleção e premiação, e supervisão das atividades acadêmicas e museológicas.
- IV - Comissão Reuniões Temáticas: Responsável pela coordenação da chamada pública, análise, seleção e execução das reuniões temáticas a cada edição.

Art. 5º Fica instituído que as Comissões deverão ser compostas por membros provenientes das cinco regiões do Brasil, assegurando ainda a representatividade e o equilíbrio entre docentes e técnicos, de modo a enriquecer o debate e promover a diversidade de perspectivas no evento.

DAS ATIVIDADES PERMANENTES

Art. 6º Em todas as edições do Fórum deverão constar as seguintes atividades:

I - Sessões Plenárias: Palestras magnas que abordem temas atuais e relevantes para o campo dos museus universitários.

II - Mesas-redondas e Painéis de Discussão: Espaços destinados ao intercâmbio de experiências e à reflexão sobre práticas inovadoras e desafios contemporâneos.

III - Comunicações de Trabalhos: Inclusão de sessões para apresentações em diversas modalidades, como comunicação oral (pesquisa e relato de experiência), pôster, ensaio fotográfico e apresentação artística, entre outros.

IV - Reuniões Temáticas (RTs) e Grupos de Trabalho (GTs): Iniciativas que promovam a formação de redes colaborativas e a implementação de boas práticas museológicas.

V - Premiação: Espaço para reconhecimento dos melhores projetos, com premiações simbólicas que valorizem a excelência e a inovação, independentemente do vínculo dos autores com a universidade (discente, técnico ou docente), assim como a homenagem às figuras em destaque para o avanço do campo.

VI - Publicação de Memórias: Divulgação dos trabalhos apresentados e, quando possível, de artigos completos em dossiês, anais ou e-book do evento.

Art. 7º A promoção da acessibilidade universal é um princípio fundamental que deve permear todas as etapas e atividades dos eventos realizados pelo Fórum. Assegurar o acesso e a participação plena de todas as pessoas, independentemente de suas limitações físicas, sensoriais, cognitivas ou de qualquer outra natureza, é um compromisso ético e social que fortalece a inclusão e o valor cultural do evento. Para tanto, é necessário adotar medidas que garantam ambientes acessíveis, desde a comunicação visual e sonora até a disposição dos espaços físicos e a utilização de tecnologias assistivas. Isso inclui, mas não se limita a:

I - Comunicação e Informação: As divulgações, materiais gráficos, sites e apresentações devem estar em formatos acessíveis, com opções de legendas, audiodescrição e tradução em Libras, quando possível. A linguagem utilizada deve ser clara e objetiva, facilitando a compreensão de todos os públicos.

II - Espaços Físicos: Os locais de realização do evento precisam ser adaptados para garantir a mobilidade e segurança de pessoas com deficiência. Isso envolve a disponibilidade de rampas, elevadores, banheiros adaptados e sinalização adequada, além de áreas de descanso acessíveis.

III - Tecnologia e Recursos Digitais: Ferramentas e plataformas digitais utilizadas para inscrições, transmissões e interações devem estar em conformidade com os padrões de acessibilidade, permitindo que pessoas com diferentes necessidades possam participar integralmente.

IV - Capacitação e Sensibilização: Organizadores, colaboradores e palestrantes devem ser orientados sobre a importância da acessibilidade, recebendo treinamento específico para promover um ambiente inclusivo. A sensibilização contínua é crucial para identificar e superar barreiras que possam prejudicar a participação de qualquer indivíduo.

V - Avaliação e Monitoramento: Durante o planejamento e execução do evento, é indispensável realizar avaliações periódicas da acessibilidade, identificando áreas de melhoria e implementando ajustes que atendam às normas e às necessidades do público. O feedback dos participantes deve ser considerado para aprimorar as práticas em edições futuras.

DO PROCESSO DE SELEÇÃO E AVALIAÇÃO

Art. 8º Todos os trabalhos submetidos deverão seguir as diretrizes de formatação e serem avaliados com base em critérios de originalidade, relevância temática, rigor metodológico, clareza na exposição e contribuição para o conhecimento a serem atribuídos pela comissão científica.

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 9º Este regimento será revisado periodicamente para incorporar melhorias e atualizações que assegurem a evolução do Fórum.

Art. 10º Alterações neste regimento deverão ser aprovadas em conjunto pela Comissão Organizadora e pela Comissão Científica durante a edição do Fórum.

Art. 11º Os casos omissos serão resolvidos pela Comissão Organizadora, sempre com foco na manutenção dos objetivos e na integridade do evento.

Art. 12º Este regimento entra em vigor a partir de sua aprovação e servirá como base normativa para todas as edições futuras do Fórum Permanente de Museus Universitários.



AGRADECIMENTOS

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS E CRÉDITOS

Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes)

Casa de José de Alencar (CJA/UFC)

Coleção Mineralógica/Departamento de Mineralogia - UFC

Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus (ICOM Brasil)

Conselho Regional de Museologia - 1ª Região (COREM 1R)

Conselho Regional de Museologia - 3ª Região (COREM 3R)

Conselho Federal de Museologia (COFEM)

Departamento de Biologia - UFC

Divisão de Equidade, Diversidade e Inclusão (EDI/UFC)

Espaço Cultural Unifor

Faculdade de Direito da UFC (Fadir/UFC)

Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP)

Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura (FCPC)

Governo Federal

Herbário Prisco Bezerra - UFC

Horto de Plantas Medicinais - UFC

Imprensa Universitária / Pró-Reitoria de Planejamento e Administração (IU/PROPLAD)

Instituto Brasileiro de Museus (Ibram)

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)

Instituto Cultural Vale

Lei de Incentivo à Cultura - Lei Rouanet (MinC)

Memorial da Agronomia - UFC

Memorial da UFC

Memorial do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE

Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI)

Ministério da Cultura (MinC)

Ministério da Educação (MEC)

Museu da UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Museu de Anatomia Veterinária da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da
Universidade de São Paulo (USP)

Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Museu de Arqueologia e Paleontologia da Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Museu de Arte da UFC (Mauc)

Museu de História Natural da Bahia da Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Museu de Paleontologia Plácido Cidade Nuvens da Universidade Regional do Cariri (URCA)

Museu do Vale do Arinos da Universidade do Estado de Mato (UNEMAT)

Museu Itinerante de Paleontologia e Arqueologia - UFC

Museu Universitário da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC Campinas)

Núcleo de Documentação e Laboratório de Pesquisa Histórica (NUDOC) da UFC

Núcleo Regional de Ofiologia da UFC (NUROF)

Oficina Digital / Instituto de Arquitetura, Urbanismo e Design (IAUD)

Petrobrás Cultural

Pró-Reitoria de Cultura da UFC (ProCult)

Rádio Universitária FM 107,9 (RUFM 107,9)

Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários (RBCMU)

Rede de Coleções & Museus da Universidade Federal do Pará (UFPA)

Rede de Educadores de Museus do Brasil (REM/BR)

Restaurante Universitário / Pró-Reitoria de Assistência Estudantil (RU/PRAE)

Seara da Ciência (UFC)

Secretaria de Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento Social (SEDES/MCTI)

Secretaria de Comunicação da UFC (UFC Informa)

Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (SESU/MEC)

Secretaria de Esportes da UFC

Secretaria de Comunicação da UFC (UFC Informa)

Superintendência de Infraestrutura (UFC Infra)

Tribunal de Contas da União (TCU)

TV Câmara de Jataí

TV Câmara de Fortaleza

Universidade Federal do Ceará (UFC)



Plenária Final do 8º Fórum Permanente de Museus Universitários - Fotógrafo: Flávio Almeida



Agradecemos especialmente a presença de todos e todas, às instituições apoiadoras, palestrantes, homenageados e voluntários que tornam este evento possível.



ANEXOS

ANEXO 1 - INSTITUIÇÕES DOS INSCRITOS

COFEM	UFBA - 24
COREM 3R	UFC - 71
MCTI	UFCSPA - 10
MEC - 4	UFDFPar -12
MPEG	UFES - 4
MPF	UFF
Museu Arqu. da Lapinha - 4	UFG - 6
Museu da Memória e Diversidade Sexual do Cariri	UFJF - 4
Museu Paraense Emílio Goeldi	UFMG - 48
FINEP- 2	UFMT
IPHAN	UFOP - 7
STJ	UFPA - 50
TCU	UFPB - 10
SECULT CE - 6	UFPE - 8
SECULT-BA	UFPeI - 7
SECULT-PE	UFPI - 6
SETI-PR - 2	UFPR - 5
FIEP PR	UFRB
FAVENI	UFRGS - 11
Fiocruz -2	UFRJ - 12
FUNDAJ - 1	UFRN - 8
IBRAM - 7	UFSJ -4
ICMBio	UFSM
IFCE - 6	UFT - 2
IFPB - 4	UFTM - 2
IFPI	UFU - 2
IFRJ	UMA
IFSul - 3	UNA-Costa Rica
MAST - 4	UnB - 10
PUC Campinas - 2	UNEMAT - 6
PUC-Rio - 2	UNESP - 2
UDESC	UNESPAR - 3
UECE - 10	UNIBAVE
UEFS - 4	UNIFAL - 2
UEMA	UNIFOR
UEPA	UNILA - 2
UEPG - 4	UNILAB
UERJ	UNIRIO - 12
UERN - 10	UNISATC - 4
UESB	UNIVASF - 3
UFAC	URCA
UFAL - 4	USP - 13
UFAM - 3	UTFPR - 3

ANEXO 2 - MUSEUS PARTICIPANTES

UNIRIO - Superintendência de Museus (SUPMU)	
ESPAÇO DO CONHECIMENTO UFMG	2
Museu Virtual Surrupira de Encantarias Amazônicas – UFPA	2
Museu de Cultura Sertaneja UERN	3
Memorial IFCE	3
Museu de Arte da UFC	3
Museu do Seridó UFRN	4
Museu da Patologia- IOC/Fiocruz	2
Museu Arqueológico da Lapinha	2
Museu de Astronomia e Ciências Afins	3
Casa da Cultura da América Latina-CUC-UnB	
Cememor-Vet UFMG	
Centro de Memória da Fazenda	
Museu de Cultura Popular UFJF	
Museu Arte Sacra/UFBA	2
MAC_BAHIA	
MIPA - UFC	
Seara da Ciência	
Casa José de Alencar	
Centro Cultural UFMG	
Museu Amazônico da UFAM	
Museu do Observatório Astronômico da UFRGS	
Museu Campos Gerais UEPG	
Museu Casa do Sertão UEFS	
Espaço Acervo Artístico UFMG	
Museu de História Natural do Ceará Prof. Dias da Rocha UECE	13
Núcleo de Ofiologia e Animais Peçonhentos da Bahia UFBA	
Museu da Memória e Diversidade Sexual do Cariri Ceará	
Fundação Cultural de Curitiba	
Fundação Joaquim Nabuco	
Coleção Zoológica Delta do Parnaíba UFDP	
Memorial UFC	
Museu de Arqueologia e Etnologia - MAE-UFPR	
MAC USP	
Museu da UFPA	
Museu de Anatomia UFCSPA	10
Museu Casa Padre Toledo	
Museu de Arqueologia e Etnologia USP	
Museu Théo Brandão - UFAL	
Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas/UFOP	
Museu Campos Gerais-UEPG	2

Museu da Boneca de Pano
Museu de Anatomia Veterinária da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia/USP
Museu de Arte Murilo Mendes (UFJF)
Museu de Paleontologia Plácido Cidade Nuvens - URCA
Museu do Ceará
Museu Paraense Emílio Goeldi
Museu Universitário PUC Campinas
Pinacoteca da UFAL
Museu da Geodiversidade - IGEO | UFRJ
Museu do Vale do Arinos UNEMAT
Rede de Museus Universitários Paraná - SETI
Ecomuseu Ilha Grande UERJ
Fórum de Ciência e Cultura UFRJ
Herbário Prisco Bezerra (EAC) UFC
Museu de Ciências Morfológicas da UFRN
SIMAP/ UFRJ
REDE DE MUSEUS DA UFMG
Museu da UFRGS 4
Museu Paraense Emílio Goeldi
Coleção Científica de Megafauna Marinha
Galeria de arte da UFPA 2
Pinacoteca Barão de Santo Ângelo UFRGS
Memorial Carlos Chagas Filho UFRJ
Museu de Fauna da Caatinga UNIVASF
Casas Universitárias de Cultura UNB
Museu de Arte Sacra UFBA
Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo UFPEl
Museu de Ciências Naturais UFRGS
Museu de Arte Sacra UFBA
MAE UFPR
Museu do Doce UFPEi
MAE UFPR
Museu Antropológico UFG
Museu da Geodiversidade UFRJ
MAE USP
Museu Amazônico UFAM

ANEXO 3 - RESULTADO PESQUISA DE SATISFAÇÃO

1. Participação geral

- Total de respondentes: 219 participantes.
- O número expressivo de respostas indica alto engajamento e interesse do público em contribuir com a avaliação.

2. Satisfação geral

O evento atendeu às expectativas:

Totalmente: **181 (82,6%)**

Parcialmente: **30 (13,7%)**

Em branco: **8 (3,7%)**

Análise: A grande maioria considerou que o evento correspondeu plenamente às expectativas, revelando alta satisfação geral.

3. Avaliação de aspectos organizacionais

Critério	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Em branco
Divulgação do evento	181	28	3	0	7
Processo de inscrição	179	31	3	1	5
Comunicação com organizadores	180	25	5	0	9
Canais e plataformas utilizadas	178	31	3	1	6
Cumprimento da programação	145	57	12	1	4
Acessibilidade e inclusão	149	48	14	3	5
Qualidade das palestras	174	39	1	0	5
Pertinência dos temas	182	30	1	0	6
Diversidade dos temas	161	45	7	1	5
Aplicabilidade para atuação	156	46	9	0	8
Interação com o público	167	38	5	0	9
Qualidade da transmissão	174	32	1	0	12
Facilidade de acesso à plataforma	157	45	6	2	9
Suporte técnico	168	33	4	1	13

Análise:

Os índices de “Ótimo” e “Bom” predominam em todos os quesitos, especialmente em qualidade e pertinência das palestras, divulgação e comunicação com a organização.

Os pontos com avaliações ligeiramente mais baixas foram cumprimento da programação e acessibilidade/inclusão, indicando aspectos a aprimorar em futuras edições.

4. Expectativa de continuidade

- **Participaria de futuras edições:**

- **Sim: 193 (88,1%)**
- **Não: 1 (0,4%)**
- **Talvez: 18 (8,2%)**
- **Em branco: 7 (3,2%)**

Análise: O altíssimo índice de intenção de retorno evidencia fidelização e reconhecimento da qualidade do evento.

5. Canais de divulgação

Canal	Nº de respostas
Indicação de colegas	74
Redes sociais	66
Site	33
E-mail	18
Outros	21
Em branco	7

Análise: As redes sociais e indicações pessoais foram os meios mais eficazes de divulgação. Isso reforça a importância de estratégias de comunicação colaborativas e presença digital ativa.

6. Perfil institucional

- Participantes de mais de 60 instituições de ensino, pesquisa e cultura.
- Maior representação: UFC (40 participantes), seguida por UFBA (12), UFMG (18), UFPA (14) e UFG (6).
- Diversidade institucional reforça o alcance nacional do evento.

7. Perfis profissionais e funções

Grande variedade de **funções e cargos**, destacando-se:

- Professores (29)
- Museólogos (20+)
- Bolsistas (13)
- Técnicos administrativos e educacionais
- Curadores, coordenadores e diretores
- Estudantes (26)

Análise: A pluralidade de funções e níveis de formação mostra que o evento atraiu tanto profissionais experientes quanto estudantes e pesquisadores, o que favorece a troca de saberes interinstitucional e intergeracional.

8. Síntese conclusiva

O levantamento evidencia altíssimo índice de satisfação geral (mais de 80%), forte engajamento do público e amplo alcance nacional. Os dados apontam que o evento:

- Cumpriu seus objetivos de difusão e formação.
- Conquistou reconhecimento pela qualidade e pertinência dos conteúdos.
- Deve, nas próximas edições, reforçar ações de acessibilidade e cumprimento rigoroso da programação.

Conclusão: Trata-se de um evento bem-sucedido, consolidado e com potencial de crescimento contínuo e ampliação de impacto na comunidade museológica e acadêmica.

ANEXO 4 - ALCANCE DE MÍDIA E CLIPPING

Número de postagens em redes sociais (Instagram) Durante e após o evento	90 (posts e reels)
Alcance de público no Instagram	443,1 mil contas alcançadas
Matérias veiculadas sobre o evento	30

Repercussão na mídia (matérias)

1. Mauc fecha na segunda, 25, para o 8º Fórum Permanente de Museus Universitários

<https://mauc.ufc.br/pt/mauc-fecha-na-segunda-25-para-o-8o-forum-permanente-de-museus-universitarios/>

2. Fortaleza sedia 8º Fórum Permanente de Museus Universitários (8FPMU)

<https://corem1r.org.br/fortaleza-sedia-8o-forum-permanente-de-museus-universitarios-8fpmu/>

3. Fórum da Cultura da UFJF participa do 8º Fórum Permanente de Museus Universitários no Ceará

<https://www2.ufjf.br/forumdacultura/2025/08/28/forum-da-cultura-da-ufjf-participa-do-8o-forum-permanente-de-museus-universitario-no-ceara/>

4. Docentes da UNIFAL-MG participam do 8º Fórum Permanente de Museus Universitários, defendendo o fortalecimento de redes e a promoção da equidade na alocação de recursos de fomento ao patrimônio museal universitário

<https://jornal.unifal-mg.edu.br/docentes-da-unifal-mg-participam-do-8o-forum-permanente-de-museus-universitarios-defendendo-o-fortalecimento-de-redes-e-a-promocao-da-equidade-na-alocacao-de-recursos-de-fomento-ao-patrimonio-museal/>

5. Museu Universitário da PUC-Campinas participa de Fórum Nacional de Museus Universitários em Fortaleza

<https://www.puc-campinas.edu.br/museu-universitario-da-puc-campinas-participa-de-forum-nacional-de-museus-universitarios-em-fortaleza/>

6. Cemafauna e EACC marcam presença no 8º Fórum Nacional de Museus Universitários

<https://portais.univasf.edu.br/noticias/cemafauna-e-eacc-marcam-presenca-no-8o-forum-nacional-de-museus-universitarios>

7. MEC debate interação entre museus universitários e sociedade

<https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2025/agosto/mec-debate-interacao-entre-museus-universitarios-e-sociedade>

8. Trabalho de representante da UFJF é premiado em evento nacional

<https://www2.ufjf.br/noticias/2025/08/28/trabalho-de-representante-da-ufjf-e-premiado-em-evento-nacional/>

9. Prêmio nacional reconhece originalidade de pesquisa com uso de IA em acervos museológicos do Paraná

<https://paranafazciencia.uvpr.pr.gov.br/premio-nacional-reconhece-originalidade-de-pesquisa-com-uso-de-ia-em-acervos-museologicos-do-parana/>

10. Projeto do Paraná que aplica IA em museus universitários é finalista em prêmio nacional

<https://www.inova.pr.gov.br/Noticia/Projeto-do-Parana-que-aplica-IA-em-museus-universitarios-e-finalista-em-premio-nacional>

11. Paraná é campeão nacional em pesquisa museológica com uso de Inteligência Artificial

<https://www.parana.pr.gov.br/aen/Noticia/Parana-e-campeao-nacional-em-pesquisa-museologica-com-uso-de-Inteligencia-Artificial>

12. Unemat conquista dois prêmios nacionais em fórum de museus universitários

<https://www.ciadenoticias.com.br/noticia/unemat-conquista-dois-premios-nacionais-em-forum-de-museus-universitarios>

13. Museu do Seridó tem trabalhos aprovados para exposição em Fortaleza

<https://www.ufrn.br/imprensa/noticias/92564/museu-do-serido-tem-trabalhos-aprovados-para-exposicao-em-fortaleza>

14. Educadora de Campinas é homenageada por sua contribuição à cultura

<https://horacampinas.com.br/educadora-de-campinas-e-homenageada-por-sua-contribuicao-a-cultura/>

15. Museu Campos Gerais recebe prêmio no 8º Fórum Permanente de Museus Universitários

<https://www.jornalpontagrossa.com.br/noticia/155603/museu-campos-gerais-recebe-premio-no-8o-forum-permanente-de-museus-universitarios>

16. Projeto do Paraná que aplica IA em museus universitários é finalista em prêmio nacional

<https://www.parana.pr.gov.br/Audio/Projeto-do-Parana-que-aplica-IA-em-museus-universitarios-e-finalista-em-premio-nacional>

17. Paraná é campeão nacional em pesquisa museológica com uso de inteligência artificial

<https://www.seti.pr.gov.br/Noticia/Parana-e-campeao-nacional-em-pesquisa-museologica-com-uso-de-inteligencia-artificial>

18. Ibram divulga resultados de Pesquisa sobre Gestão de Riscos para Museus Universitários

<https://brasilianoticias.com.br/brasil/cultura-br/ibram-divulga-resultados-de-pesquisa-sobre-gestao-de-riscos-para-museus-universitarios/>

19. Projeto do Paraná que aplica IA em museus universitários é finalista em prêmio nacional

https://www.sgsd.pr.gov.br/noticias/casa_civil/5df97f0e-80cc-4c41-a60d-0dda62b456b4

20. Projeto paranaense que aplica IA em museus universitários é finalista em prêmio nacional

<https://dpontanews.com.br/educacao/projeto-paranaense-que-aplica-ia-em-museus-universitarios-e-finalista-em-premio-nacional>

21. Ibram divulga resultados de Pesquisa sobre Gestão de Riscos para Museus Universitários

<https://plantaonews.com.br/ibram-divulga-resultados-de-pesquisa-sobre-gestao-de-riscos-para-museus-universitarios/>

22. MEC debate interação entre museus universitários e sociedade

<https://noticias.r7.com/mato-grosso/momento-mt/mec-debate-interacao-entre-museus-universitarios-e-sociedade-30082025/>

23. Ibram divulga resultados de Pesquisa sobre Gestão de Riscos para Museus Universitários

<https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/noticias/ibram-divulga-resultados-de-pesquisa-sobre-gestao-de-riscos-para-museus-universitarios>

24. Ibram marca presença no 8º FPMU com seminário sobre fiscalização museal

<https://www.gov.br/museus/pt-br/assuntos/noticias/ibram-marca-presenca-no-8o-fpmu-com-seminario-sobre-fiscalizacao-museal>

25. UFC sedia 8º Fórum Permanente de Museus Universitários, evento nacional que reunirá profissionais da área

<https://www.ufc.br/noticias/19642-ufc-sedia-8-forum-permanente-de-museus-universitarios-evento-nacional-que-reunira-profissionais-da-area>

26. Projeto do Paraná que aplica IA em museus universitários é finalista em prêmio nacional

<https://www.fappr.pr.gov.br/Noticia/Projeto-do-Parana-que-aplica-IA-em-museus-universitarios-e-finalista-em-premio-nacional>

27. Exposição na Casa Padre Toledo, em Tiradentes, é premiada em fórum de museus universitários

<https://ufmg.br/comunicacao/noticias/exposicao-na-casa-padre-toledo-em-tiradentes-e-premiada-em-forum-de-museus-universitarios>

28. Estudo sobre exposição dos museus da USP é premiado em fórum nacional de museus universitários

<https://jornal.usp.br/institucional/estudo-sobre-a-exposicao-usp-90-anos-uma-jornada-imersiva-pelos-nossos-museus-e-premiado-em-forum-nacional-de-museus-universitarios/>

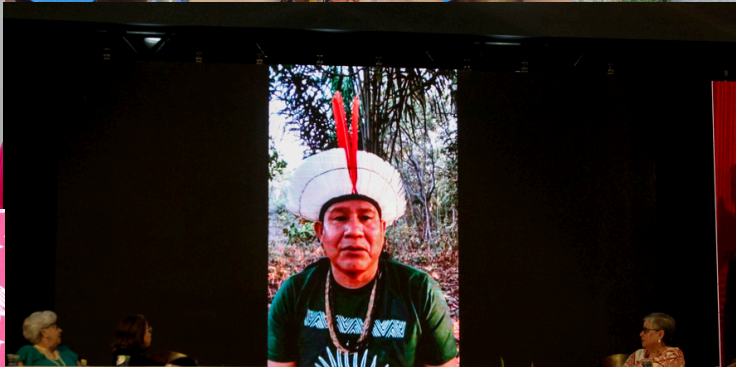
29. UFC será palco do 8º Fórum Permanente de Museus Universitários, de 25 a 29 de agosto

<https://www.ufc.br/noticias/19421-ufc-sera-palco-do-8-forum-permanente-de-museus-universitarios-de-25-a-29-de-agosto>

30. Prêmio nacional reconhece originalidade de pesquisa com uso de IA em acervos museológicos do Paraná

<https://www.fappr.pr.gov.br/Noticia/Premio-nacional-reconhece-originalidade-de-pesquisa-com-uso-de-IA-em-acervos-museologicos>









**NOS VEMOS EM BREVE
EM BELÉM- PARÁ**

PATROCÍNIO



REALIZAÇÃO



APOIO



ORGANIZAÇÃO

